

**CASA DE OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ**  
**Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde**

VANDERLEI SEBASTIÃO DE SOUZA

**A POLÍTICA BIOLÓGICA COMO PROJETO: A “EUGENIA NEGATIVA” E A  
CONSTRUÇÃO DA NACIONALIDADE NA TRAJETÓRIA  
DE RENATO KEHL (1917-1932)**

Rio de Janeiro  
2006

VANDERLEI SEBASTIÃO DE SOUZA

**A POLÍTICA BIOLÓGICA COMO PROJETO: A “EUGENIA NEGATIVA” E A  
CONSTRUÇÃO DA NACIONALIDADE NA TRAJETÓRIA  
DE RENATO KEHL (1917-1932)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientador: Prof. Dr. ROBERT WEGNER

Rio de Janeiro  
2006

S729

SOUZA, Vanderlei Sebastião de

A Política Biológica como Projeto: a “Eugenia Negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932) / Vanderlei Sebastião de Souza. – Rio de Janeiro: 2006.

220f. ; il.

Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, 2006.

Bibliografia: f. 204-216.

1. Eugenia. 2. Saúde pública. 3. História. 4. Brasil. 5. Kehl, Renato Ferraz.  
I. Título.

CDD 363.92

VANDERLEI SEBASTIÃO DE SOUZA

**A POLÍTICA BIOLÓGICA COMO PROJETO: A “EUGENIA NEGATIVA” E A  
CONSTRUÇÃO DA NACIONALIDADE NA TRAJETÓRIA  
DE RENATO KEHL (1917-1932)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Robert Wegner (Orientador)  
Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz

---

Prof. Dr. Marcos Chor Maio (Membro)  
Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz

---

Prof. Dr. Ricardo Ventura Santos (Membro)  
Museu Nacional/UFRJ

---

Prof. Dra. Nísia Trindade Lima (Suplente)  
Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz

---

Prof. Dr. Ricardo Benzaquem de Araújo (Suplente)  
IUPERJ e PUC/RJ

Rio de Janeiro  
2006

## AGRADECIMENTOS

O trabalho que desenvolvi ao longo dos dois últimos anos contou com a colaboração de várias pessoas e instituições. Mencioná-las aqui é, neste momento, a melhor forma que encontro para exprimir meu carinho e gratidão.

Primeiramente, gostaria de agradecer ao meu orientador Prof. Dr. Robert Wegner, que com atenção e serenidade conduziu esta pesquisa. Obrigado pela amizade, força e incentivo com que administrou meus entusiasmos, decepções e inseguranças, proporcionando-me condições para concluir este percurso. Agradeço o rigor pelo qual analisou as várias versões deste trabalho, lapidando meu texto e organizando meu raciocínio. Os méritos que este trabalho possa vir a receber devem ser inteiramente compartilhados com você.

Aos professores e pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Casa de Oswaldo Cruz, pelo apoio e estímulo, especialmente aqueles com os quais travei contato em sala de aula, como Flávio Coelho Edler, Gilberto Hochman, Lorelai Kury, Luiz Antônio Teixeira, Luiz Otávio Ferreira, Marcos Chor Maio, Nara Azevedo e Robert Wegner.

Agradeço aos funcionários do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz (DAD-COC), que possibilitaram minha pesquisa no Fundo Pessoal Renato Kehl, à Ana Luce Girão Soares de Lima, chefe do DAD-COC, Ricardo Augusto dos Santos, pesquisador e colega com quem tive oportunidade de dialogar em vários momentos, Francisco dos Santos Lourenço, Roberto Jesus Oscar e Cecília. Ao pessoal da Biblioteca da Casa de Oswaldo Cruz, especialmente a Wanda Weltman, que atenciosamente atenderam-me ao longo destes dois anos. Aos funcionários da Biblioteca de Manguinhos, da Biblioteca Nacional e da Biblioteca Geral do Museu Nacional/UFRJ.

Aos professores Marcos Chor Maio e Ricardo Ventura Santos, membros da banca de qualificação, pelas contribuições e seriedade apresentadas naquele momento.

Aos colegas do mestrado e doutorado da Casa de Oswaldo Cruz, dos quais guardarei lembranças agradáveis dos momentos em que juntos passamos, Alex, Andréa,

Antonio, Ana Luce, Fernando, Fernando Pires, Luciana, Luiz, Maria Regina, Mauro, Paula, Renato, Rodrigo, Vanessa, Vicente e Wanda. Agradeço de maneira especial a André Felipe, amigo mais próximo com quem mantive um estreito diálogo pessoal e intelectual e com quem compartilhei incertezas e entusiasmos em relação a este trabalho.

Não poderia deixar de agradecer à Juliana Manzoni, colega de pós-graduação que atenciosamente traduziu parte da documentação utilizada neste trabalho que se encontrava em alemão. À Josiane, Paula e Leonardo, amigos do grupo de estudos sobre pensamento social brasileiro, pela leitura deste trabalho e sugestões apresentadas.

Aos amigos do CEFET-PR, agora Universidade Federal Tecnológica do Paraná, pelo carinho e apoio de longos anos, em especial à Neide Kleinubing Larcher. Ao historiador Rafael Augustus Sêga, colega que incentivou-me desde a primeira hora para cursar o mestrado na Casa de Oswaldo Cruz.

Aos meus professores do curso de graduação em História, que de uma forma ou de outra contribuíram para a o percurso que segui até aqui, especialmente a Johnni Langer, Jacira Schäfer, Adilson Mendes, Joel Paese e José Ronaldo.

Gostaria de agradecer à minha família, sobretudo à minha mãe, Wally, pela preocupação constante, pela torcida e pelo apoio incondicional.

À Fernanda e Wellington, amigos maravilhosos que (re)encontrei no Rio de Janeiro e com quem tenho compartilhado momentos muito agradáveis. Ao amigo Gustavo e sua família, que me receberam em sua casa com carinho especial quando de minha chegada no Rio de Janeiro, em março de 2004. A Claiton e Maria, colegas recentes, mas de uma amizade promissora.

Agradeço de maneira especial às amigas Cléia, Marga e Su pela amizade que se iniciou ainda durante o curso de graduação, o verdadeiro mundo dos sonhos. Obrigado pelo carinho e pela estreita relação que nos une. Apesar da distância, vocês são presenças constantes em minha vida.

Por último, agradeço à CAPES pelo financiamento desta pesquisa, sem a qual dificilmente poderia ser realizada.

“Não há solução para os males sociais fora das leis da biologia. Não há política racional, independente dos princípios biológicos, capaz de trazer paz e felicidade aos povos. Política econômica, conservadora, democrática, socialista, fascista, comunista, todas essas políticas e formas de governo *falham* se não se inspirarem nos ditames da ciência da vida. Eis, por que, a política por excelência, é a política biológica, a política com base na eugenia”.

Renato Kehl, “Sexo e Civilização – Aparas eugênicas”, 1933.

“Em geral, tem-se o hábito de considerar degenerados, mestiços que são apenas doentes ou disgênicos. Não é o cruzamento; é a doença o aspecto débil de muitos deles”.

Edgar Roquette-Pinto, “Atas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia”, vol. I, 1929.

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b>	<b>3</b>
<b>RESUMO</b>	<b>7</b>
<b>ABSTRACT</b>	<b>8</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I – EUGENIZAR É PRECISO: “A QUESTÃO SOCIAL” E A ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO EUGENISTA BRASILEIRO (1917-1927)</b>	<b>19</b>
1. O cenário nacional e a “questão social” no início do século XX	21
2. O Movimento Eugenista Brasileiro nos anos 1910 e 1920	28
3. Eugenia, saneamento e neolamarckismo	42
4. Eugenia, raça e identidade nacional nos anos 1920	55
<b>CAPÍTULO II – “SEJAMOS PELA EUGENIA”: A TRAJETÓRIA INTELECTUAL E O PENSAMENTO EUGÊNICO DE RENATO KEHL NOS ANOS 1910 E 1920</b>	<b>65</b>
1. O encontro de Renato Kehl com as idéias eugênicas	67
2. “Cremos na vitória da eugenia”	74
3. Ampliando a rede para formar “uma organização continental”	87
4. Sanear corresponde a eugenizar	94
5. A educação higiênica e os pressupostos da “eugenia preventiva”	104
<b>CAPÍTULO III – A HORA DA VIRADA: A INFLUÊNCIA DA EUGENIA RADICAL NO PROGRAMA DE RENATO KEHL</b>	<b>120</b>
1. Com os pés no Brasil e os olhos na Europa	122
2. As “Lições de Eugenia” e a influência da “higiene racial” alemã	137
<b>CAPÍTULO IV – “QUEM É BOM JÁ NASCE FEITO”: AS CONSEQUÊNCIAS DA “EUGENIA NEGATIVA” NO PENSAMENTO DE RENATO KEHL (1928-1932)</b>	<b>153</b>
1. Eugenia não é “eugenismo”	155
2. Raça, miscigenação e imigração em debate	176
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>195</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>204</b>
1. Referências bibliográficas	204
2. Fontes primárias	209
<b>ANEXOS</b>	<b>217</b>



## RESUMO

Esta dissertação trata das idéias eugênicas no Brasil. Seu objetivo consiste em investigar a trajetória intelectual e o pensamento do médico e eugenista Renato Ferraz Kehl, entre 1917 a 1932. Analisa a um só tempo o papel desempenhado por este autor na organização do movimento eugênico brasileiro e as idéias e concepções com as quais ele e outros eugenistas nacionais se envolveram ao longo deste período. Introduzida no Brasil durante os anos 1910, a eugenia foi rapidamente difundida como símbolo de modernidade cultural, vista como uma ferramenta fundamental para auxiliar o processo de reforma da saúde pública e de regeneração racial da população. Como principal propagandista da ciência eugênica, Renato Kehl produziu uma vasta obra diretamente relacionada aos temas da eugenia, como as discussões sobre higiene, raça, imigração, controle matrimonial, esterilização, hereditariedade e reprodução humana. Apesar de ter participado do movimento sanitário e defendido por vários anos um programa eugênico mais “suave”, ao estilo da “eugenia preventiva”, no final dos anos 1920 suas idéias foram profundamente reconfiguradas, o que o aproximou dos pressupostos mais radicais oriundos da “eugenia negativa” alemã, norte-americana e inglesa. Neste sentido, o interesse central desta pesquisa consiste em analisar as questões sociais, políticas e científicas relacionadas ao processo de ruptura no pensamento de Renato Kehl e, mesmo, em compreender o modo pelo qual suas mudanças de concepções foram recebidas por outros intelectuais e cientistas, tornando-o um personagem controverso da história intelectual brasileira.

## ABSTRACT

This dissertation deals with eugenics in Brazil. The objective is to investigate the intellectual course and the thought of Renato Ferraz Kehl, physician and eugenicist, from 1917 to 1932. Both the role played by this author in the organization of the Brazilian eugenic movement and the ideas and conceptions to which he and other Brazilian eugenicists were engaged during this period are analyzed. Introduced in Brazil during the 1910s', eugenics turned to be a symbol of cultural modernity and an essential tool to support the processes of public health reform and of the population's racial regeneration. As the main promoter of the eugenic science, Renato Kehl produced a great scientific work directly related to eugenics, such as discussions about hygiene, race, immigration, matrimonial control, sterilization, heredity and human reproduction. Although having participated in the sanitarian movement and having defended for several years a "softer" eugenic program, similar to "preventive eugenics", his ideas were deeply restructured in the late 1920s', a fact that brought him nearer to the most radical assumptions derived from the German, American and British "negative eugenics". In this sense, the central concern of this research is to analyze the social, political and scientific issues related to the rupture process in Renato Kehl's thought and as well as to understand how his conceptual changes have been received by other intellectuals and scientists, turning him into a controversial character in Brazilian intellectual history.

## INTRODUÇÃO

Em 1865, poucos anos depois da leitura do livro “A Origem das Espécies”, escrito por seu primo Charles Darwin, o cientista britânico Francis Galton publicou dois artigos na *Macmillan’s Magazine* em que pretendia provar que a inteligência e as habilidades humanas não eram funções da educação e do meio, mas sim da hereditariedade. Quatro anos depois, estes artigos foram expandidos e transformados no livro “Hereditary Genius” (O Gênio Hereditário), dando origem às discussões sobre o controle da reprodução humana e o papel da seleção social na preservação das “boas gerações”. Com esta obra, Galton introduziu um conjunto de idéias que, em 1883, ele denominou de eugenia, “a ciência da hereditariedade humana”. Suas concepções eugênicas sobre o melhoramento racial se associaram intimamente às discussões sobre evolução, seleção natural e social, progresso e degeneração, conceitos fundamentais que constituíram as idéias científicas e sociais no final do século XIX.<sup>1</sup>

No início do século XX já existia a convicção de que tanto as doenças comuns, como a tuberculose, a sífilis e as doenças mentais, quanto o alcoolismo, a criminalidade e os comportamentos sociais como um todo, eram determinados fundamentalmente pela hereditariedade. Após a divulgação dos trabalhos de August Weismann e a redescoberta das idéias de Gregor Mendel – que de maneira geral confirmavam as noções galtonianas sobre hereditariedade - os pressupostos eugênicos de Francis Galton foram

---

<sup>1</sup> O historiador Daniel Kevles apresenta uma interessante análise sobre a trajetória intelectual de Francis Galton e o contexto científico e social em que emergiram as idéias eugênicas no final do século XIX (KEVLES, Daniel. Francis Galton, Founder of the Faith. In: \_\_\_\_\_. *In the Name of Eugenics: genetic and the uses of human heredity*. New York: Kopf, 1995, pp. 03-19).

progressivamente sendo difundidos. Ainda na primeira década do século XX começaram a surgir na Europa e nos Estados Unidos as primeiras sociedades eugênicas, como a Sociedade Alemã para a Higiene da Raça, fundada em 1905, em Berlin; a *Eugenics Education Society*, de Londres, organizada em 1907; a *Eugenics Record Office*, criada em Nova York, em 1910; além da *Société Eugénique Française*, fundada em 1912, em Paris. Estas organizações visavam, por um lado, realizar pesquisas genéticas de forma acadêmica e científica e, por outro, discutir e promover projetos de engenharia social, políticas e leis que incentivassem a implantação das idéias eugênicas.<sup>2</sup>

O Primeiro Congresso Internacional de Eugenia ocorreu em 1912, ainda antes da Primeira Guerra Mundial. Organizado pela *Eugenics Education Society*, de Londres, o evento reuniu mais de 750 cientistas e intelectuais de diferentes nacionalidades, inclusive com representantes da América Latina, como o eugenista Victor Delfino, da Argentina. Nos anos que se seguiram, a doutrina de Galton havia se popularizado em várias partes do mundo, possibilitando que os argumentos eugênicos se traduzissem em ação efetiva no meio social. No período entre guerras, conforme explica Nancy Stepan, a “eugenia positiva” imaginada por Francis Galton, que privilegiava incentivos a reprodução dos indivíduos de “boa estirpe”, perdia espaço mediante a expansão dos programas de “eugenia negativa”, que tinham como objetivo controlar, a partir de medidas radicais, a reprodução dos “inadequados”.<sup>3</sup> Além dos métodos de controle matrimonial, segregação dos inadequados e a seleção eugênica dos imigrantes, muitos eugenistas passaram a defender a prática da eutanásia e as leis de esterilização involuntária, principalmente no norte da Europa e nos Estados Unidos.<sup>4</sup>

No entanto, a eugenia não foi um movimento homogêneo e singular, cujas idéias e objetivos se definiram a partir de interesses comuns. Até poucos anos, conforme explica o historiador Mark Adams, nossa percepção quanto a eugenia tinha sido dominada por

---

<sup>2</sup> STEPAN, Nancy. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005 [1991], p. 36.

<sup>3</sup> Idem, p. 37.

<sup>4</sup> As primeiras leis de esterilização surgiram nos Estados Unidos em 1907, muitos anos antes da eugenia nazista entrar em vigor na Alemanha, a partir de 1933. No final dos anos 1920, a esterilização involuntária já havia sido aprovada em pelo menos 24 Estados norte-americanos, sendo que a maioria das esterilizações foi aplicada em indivíduos pobres, negros e doentes mentais. No total, mais de 70 mil indivíduos foram involuntariamente esterilizados nos Estados Unidos até os anos 1940. Na Europa, esta medida foi introduzida no final da década de 1920, sobretudo nos países nórdicos como a Suécia, Dinamarca e Alemanha (idem, p. 37-38).

esteriótipos que persistiam desde a Segunda Guerra Mundial. Recentes estudos sobre a história da eugenia realizados em diversos países, como na Alemanha, Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, Rússia e Brasil, apontam para uma notável diversidade de idéias eugênicas que surgiram em diferentes países do mundo.<sup>5</sup> Nas palavras de Mark Adams, a eugenia deve ser vista como um complexo de idéias que se reconfigurou em razão dos diferentes contextos sociais, políticos, científicos e institucionais a que esteve relacionada.<sup>6</sup>

Segundo Mark Adams, a eugenia foi considerada até recentemente, de forma equivocada, como uma “pseudociência”, um conhecimento baseado numa visão tendenciosa e não-objetiva. Tal concepção mascarava, portanto, o endosso generalizado que proeminentes cientistas, médicos e ativistas sociais haviam conferido a questões emblemáticas sobre a natureza política e ideológica que envolvia os pressupostos das ciências biológicas.<sup>7</sup> Do mesmo modo, este autor ressalta que as idéias eugênicas não devem ser tomadas como um discurso que foi essencialmente defendido por políticos e intelectuais ideologicamente de direita, conservadores e reacionários. Tanto na Europa quanto na América, a eugenia foi assumida por líderes de diversas orientações políticas, inclusive por eugenistas progressistas, liberais, comunistas e socialistas.<sup>8</sup> Como alertou Zigmunt Bauman, os projetos de “engenharia social” como a eugenia, por exemplo, não foram produtos alheios à nova ordem racional da civilização ocidental, nem o preço pago por utopias políticas alheias ao espírito da modernidade.<sup>9</sup> Ao contrário, argumenta este sociólogo, “foram produto legítimo do espírito moderno, daquela ânsia de auxiliar e apressar o progresso da humanidade rumo à perfeição que foi por toda parte a mais eminente marca da era moderna”, daquela crença de que os problemas sociais poderiam ser finalmente resolvidos.<sup>10</sup>

Ao longo das décadas de 1910 a 1940, a ciência eugênica não apenas encorajou a administração científica e “racional” da composição hereditária humana, como introduziu

---

<sup>5</sup> ADAMS, Mark B.. Toward a Comparative History of Eugenics. In: \_\_\_\_\_ (org) *The Welborn Science: Eugenics in Germany, France, Brazil, and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, p. 218.

<sup>6</sup> Idem, p. 222-224.

<sup>7</sup> Idem, p. 219.

<sup>8</sup> Idem, p. 220.

<sup>9</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1999, p. 38.

<sup>10</sup> Idem.

também novas idéias sociais e políticas potencialmente explosivas.<sup>11</sup> Além das discussões sobre raça, gênero, matrimônio, imigração e a formação das identidades nacionais, a eugenia apresentou noções “cientificamente fundamentadas” que procuravam justificar as diferenças entre os indivíduos biologicamente superiores e inferiores, entre os “aptos” e os “inaptos”. Assim, segundo Nancy Stepan, como movimento social e científico que foi, a eugenia possibilita compreender a maneira pela qual esta ciência produziu percepções e técnicas que conformaram interpretações culturais e levaram ao desenvolvimento de estratégias políticas e sociais. Em outras palavras, a história da eugenia permite ver a ciência como um instrumento de imensa autoridade social no mundo moderno, “como uma força produtiva que gera conhecimento e práticas que conformam o mundo em que vivemos”.<sup>12</sup>

Apropriada como símbolo de modernidade, os intelectuais latino-americanos também se encantaram com o fascínio que a ciência da hereditariedade despertava como instrumento de reforma social. Todavia, ao contrário da eugenia “dura” que se desenvolvia nos Estados Unidos e no norte da Europa, a ciência eugênica da América Latina se caracterizou, como demonstrou Nancy Stepan, por um discurso mais “suave”, muito mais preocupado com as questões sociais e ambientais do que com os aspectos eminentemente biológicos.<sup>13</sup> No Brasil, assim como em outros países da região, o movimento eugenista começou a ser organizado logo após a Primeira Guerra Mundial. Formado por médicos, higienistas, advogados e educadores, o campo eugênico brasileiro concentrou suas atenções nos graves problemas sociais, como o saneamento, a higiene, a saúde pública e a educação. Por outro lado, as ideologias raciais e as discussões sobre a formação da nacionalidade também motivaram sobremaneira as idéias eugênicas no Brasil, já que o país era considerado como uma das nações mais miscigenadas do mundo. De maneira geral, o programa eugênico brasileiro se definiu pela divulgação de medidas oriundas da “eugenia preventiva”, cujo interesse visava ampliar as reformas do ambiente social. Fortemente influenciado pelas noções da hereditariedade neolamarckiana, e matizado por expectativas

---

<sup>11</sup> STEPAN, Nancy. op. cit., 2005, p. 09.

<sup>12</sup> Idem, p. 17.

<sup>13</sup> Idem, pp. 76-78.

otimistas, a grande maioria dos eugenistas acreditavam que as mudanças do meio resultariam no melhoramento permanente das futuras gerações.<sup>14</sup>

Contudo, a despeito do predomínio da tradição médico-sanitarista, alguns eugenistas brasileiros, liderados por Renato Kehl, passaram a defender no final dos anos 1920 concepções eugênicas mais radicais, como as medidas sugeridas pela “eugenia negativa”. Neste período, além das discussões sobre a restrição da imigração, da obrigatoriedade do exame médico pré-nupcial e do controle dos matrimônios, parte dos eugenistas incluía em seu cardápio eugênico a esterilização dos “inaptos” e a segregação racial. O declarado determinismo biológico que muitas destas idéias anunciavam não foram recebidas, no entanto, sem polêmicas e críticas por parte dos próprios integrantes do movimento eugenista.

Assim, é precisamente neste contexto que a presente pesquisa de mestrado se insere. Este trabalho pretende investigar a trajetória intelectual e o pensamento do médico e eugenista Renato Ferraz Kehl (1889-1974), o principal representante do movimento eugenista brasileiro e latino-americano entre o final dos anos 1910 e os primeiros anos da década de 1930. Buscarei compreender os debates científicos, políticos e sociais com os quais este autor se envolveu ao longo deste período, além dos significados que suas idéias eugênicas apresentaram para as discussões sobre aquilo que os intelectuais brasileiros consideravam como sendo os principais problemas nacionais, como as questões relacionadas à saúde pública, a falta de higiene, ao analfabetismo e a formação racial da nação. Trata-se de analisar também as próprias idéias, concepções e conceitos que guiaram o pensamento eugênico brasileiro em geral, bem como o papel desempenhado por Renato Kehl na organização deste movimento científico e intelectual.

Como principal propagandista do movimento eugenista, Renato Kehl esteve no centro das discussões que constituíram o campo eugênico nacional, tanto nos anos 1920 - quando assumiu o ideário sanitarista - quanto no início dos anos 1930 - período de radicalização de suas concepções eugênicas. Suas atividades intelectuais entre as décadas de 1910 a 1930 foram exaustivamente dedicadas à divulgação das idéias eugênicas e à organização do movimento eugenista brasileiro, tendo criado, em 1918, a primeira

---

<sup>14</sup> STEPAN, Nancy. A Eugenia no Brasil – 1917 a 1940. In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (orgs). *Cuidar, Controlar, Curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio: Editora Fiocruz, 2004 [1985], pp. 331-391.

sociedade eugênica da América Latina. Ao longo de sua trajetória, Renato Kehl procurou manter contato permanente não somente com eugenistas nacionais e estrangeiros, mas também com instituições científicas de várias partes do mundo, procurando formar uma ampla rede de interesses em torno das propostas eugênicas. De maneira geral, a extensa obra deste autor se destacou pela obsessão em torno da idéia da regeneração eugênica da “raça nacional”, voltando sua atenção para um amplo debate sobre o futuro racial do homem brasileiro e a formação da nacionalidade.

O objetivo central desta dissertação de mestrado consiste em analisar os fatores que motivaram, no final dos anos 1920, as mudanças de concepções que orientavam o pensamento de Renato Kehl, aquilo que considero como uma ruptura que possibilitou a radicalização de seu projeto eugênico. Neste período, ao mesmo tempo em que se distanciava do movimento sanitaria brasileiro e dos pressupostos da “eugenia preventiva”, Renato Kehl aumentava sua aproximação em relação às medidas eugênicas mais “duras”, como as da “eugenia negativa”, que desde o início do século XX vinham se desenvolvendo em alguns países do norte da Europa e nos Estados Unidos. Sua viagem de cinco meses à Alemanha, realizada em abril de 1928, um ano após o seu desligamento do Departamento Nacional de Saúde Pública, o colocou em contato com um conjunto de novas idéias que despertaram sua simpatia por um programa mais radical de eugenia, ao estilo da “higiene racial” alemã. A partir de então, seu contato com eugenistas alemães, suecos, noruegueses e norte-americanos aumentaria significativamente, possibilitando que este autor se inserisse naquilo que chamo de uma rede internacional de eugenistas.

A passagem dos anos 1920 para os 1930 foi marcada, em várias partes do mundo, não somente pela efervescência da ciência eugênica como pelo “endurecimento” de seus pressupostos, o que reforçou o racismo biológico e a implantação de medidas segregacionistas, autoritárias e restritivas.<sup>15</sup> No Brasil, este período se caracterizou pela ampliação das discussões eugênicas entre os intelectuais e cientistas brasileiros, culminando com uma série de polêmicas científicas que vieram à tona durante o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado na Capital Federal, em 1929. Tal contexto possibilitou uma nova reconfiguração do movimento eugenista nacional, das idéias e da posição que Renato Kehl ocupava no interior deste campo científico.

---

<sup>15</sup> STEPAN, Nancy. op. cit., 2005; KEVLES, Daniel. op. cit., 1995



Fruto da iniciativa de médicos, higienistas, antropólogos, jornalistas e educadores, o movimento eugênico se constituiu no Brasil como um campo científico complexo e fragmentado, cuja principal característica se definiu pelo seu caráter polimorfo e multifacetado. Empregarei neste trabalho a idéia de campo científico conforme as análises apresentadas por Pierre Bourdieu. Contudo, não se trata aqui da noção clássica de “campo autônomo”, visto como um microcosmo que possuiu leis próprias e cuja lógica mediatiza o seu funcionamento. Ao contrário, trata-se de um “campo científico heterônomo”, em que as demandas sociais externas macrocosmicas atuam fortemente na definição das relações de força.<sup>16</sup> A reconstrução deste campo conjuntural, as disputas científicas, os interesses dos agentes envolvidos, as estratégias e a luta por prestígio e reconhecimento - aquilo que Bourdieu chama de “capital simbólico” - serão questões abordadas neste trabalho. Procurarei analisar as idéias em torno das quais se estruturaram as principais polêmicas científicas, como as apaixonadas discussões sobre os estatutos científicos que deveriam formar a ciência eugênica, além, é claro, das concepções sobre raça, imigração, controle matrimonial e esterilização. Meu objetivo consistirá, ainda, em observar a posição que Renato Kehl ocupou no interior deste campo, suas estratégias para acumular crédito científico e impor um modelo dominante de ciência.

O presente trabalho é o resultado de um extenso levantamento de fontes escritas realizado em arquivos e bibliotecas da cidade do Rio de Janeiro. O *Fundo Pessoal Renato Kehl*, que está sendo organizado pelo Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz (DAD-COC), foi imprescindível para o desenvolvimento desta dissertação, tendo em vista a riqueza documental e a facilidade de acesso ao acervo. O material contido neste Fundo, desde correspondências pessoais até recortes de jornais e revistas, foi reunido e minuciosamente organizado pelo próprio Renato Kehl ao longo de sua trajetória intelectual.

Vale ressaltar, que este trabalho de organizar os registros dos acontecimentos vividos e de preservar uma certa “memória de si”, conforme explica Angela de Castro Gomes, deve ser visto como um “ato biográfico” pelo qual os indivíduos procuram dar significados especiais ao mundo que os rodeia. Por outro lado, pode-se dizer que o ato de

---

<sup>16</sup> Sobre as diferenças e as problematizações em torno dos conceitos de “campo científico autônomo” e “heterônomo” ver BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

conservar registros é, também, um esforço empregado para materializar a própria história individual e a do grupo ao qual pertence.<sup>17</sup> Deste modo, como forma de fugir do perigoso “feitiço” que estas fontes podem apresentar, já que se trata de uma “memória selecionada”, procurei analisar e ouvir a voz de outros personagens, como as polêmicas discussões levantadas durante o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, o que proporcionou uma concepção menos linear e homogênea sobre o meu objeto de pesquisa.

O *corpus* documental analisado para a conclusão deste trabalho é constituído por livros, teses, atas e anais de congressos, artigos de jornais e revistas científicas, folhetos, suplementos, avisos, correspondências, documentos pessoais, entre outros. Vários livros publicados por Renato Kehl foram utilizados como fontes primordiais para a conclusão deste trabalho, dos quais destaco “Lições de Eugenia”. Lançado em 1929, esta obra marcou um momento fundamental na trajetória do seu autor, contribuindo para definir os novos rumos que suas idéias eugênicas seguiriam a partir de então. Destaco ainda os “Anais de Eugenia”, organizados pela Sociedade Eugênica de São Paulo, em 1919, e o volume I das “Atas e Trabalhos” com as conferências apresentadas no Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado em 1929.<sup>18</sup> Juntamente com o *Boletim de Eugenia*, editado por Renato Kehl entre 1929 a 1933, estas fontes constituíram um conjunto de referência que em muito contribuíram para compreender as idéias e as polêmicas científicas com as quais se envolveram os eugenistas brasileiros.

As correspondências pessoais e institucionais localizadas no Fundo Pessoal Renato Kehl tiveram um papel central no andamento desta pesquisa. De maneira geral, estas fontes possibilitaram perceber os significados e interesses envolvidos nas redes de relações que Renato Kehl manteve tanto com intelectuais e autoridades nacionais quanto com eugenistas estrangeiros, sobretudo da América Latina, do norte da Europa e dos Estados Unidos. É preciso destacar que, como prática eminentemente relacional, a escrita epistolar é uma forma privilegiada para se analisar as sociabilidades e o estreitamento de relações, vínculos e interesses entre indivíduos, grupos e instituições.<sup>19</sup> Por outro lado, destaco

---

<sup>17</sup> GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: \_\_\_\_\_ (org). Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 11.

<sup>18</sup> Vale destacar que o volume I das “Atas e Trabalhos” deste congresso apresenta apenas uma parte das conferências, já que os volumes II e III não foram publicados.

<sup>19</sup> Idem, p. 19.

também a importância da documentação avulsa que encontrei no Fundo Pessoal Renato Kehl, principalmente os recortes de jornais e revistas com artigos publicados por este personagem ao longo de sua trajetória.

O recorte temporal definido neste trabalho, compreendido entre 1917 a 1932, atravessa quase três décadas que foram expressivas não apenas para a história da eugenia, como da própria história intelectual e científica do Brasil. A escolha deste recorte histórico está diretamente relacionada à própria trajetória de Renato Kehl neste período. Vale lembrar que 1917 é o ano em que este autor realizou sua primeira conferência sobre eugenia, o que o estimulou a iniciar sua propaganda em defesa das idéias eugênicas. Por outro lado, o recorte final definido em 1932 se justifica por dois motivos principais. Primeiro, porque considero que o período entre 1928 a 1932 é marcado por um intenso processo de ruptura no pensamento de Renato Kehl, que o aproximou das discussões mais extremadas sobre as medidas eugênicas. Em segundo lugar, 1932 é o ano em que este eugenista realizou sua segunda viagem à Europa, onde esteve por seis meses. Possivelmente, tal acontecimento marcou um outro momento em sua trajetória intelectual, o que exigiria um fôlego maior ou uma nova pesquisa.

Esta dissertação está dividida em quatro capítulos. No primeiro, trato a um só tempo da organização do movimento eugênico e das idéias com quais se envolveram ou eugenistas na passagem da década de 1910 para a década de 1920. Procuro analisar o cenário nacional no início do século XX, sobretudo em relação aquilo que os intelectuais e as autoridades públicas brasileiras denominaram como sendo a “questão social”, para compreender as questões políticas, sociais e intelectuais que motivaram o aparecimento da ciência eugênica no Brasil. Como argumentarei, as idéias eugênicas foram apropriadas como símbolo de modernidade cultural, sendo assumidas por diferentes intelectuais como uma importante ferramenta capaz de auxiliar efetivamente no processo de regeneração física e mental da nacionalidade.

No segundo capítulo apresento a trajetória intelectual de Renato Kehl e os seus primeiros anos de vida pública, especialmente a partir de 1917, quando iniciou sua campanha em prol da eugenia. Enfatizo suas redes de relações intelectuais com eugenistas e instituições nacionais e latino-americanas, destacando seu empenho na organização e divulgação do movimento eugenista. Após a fundação da Sociedade Eugênica de São

Paulo, idealizada por Kehl em 1918, seu nome passara a ser estreitamente identificado com as idéias eugênicas, o que lhe proporcionou prestígio e reconhecimento não apenas no campo eugênico, como na própria arena pública. Por outro lado, analiso as idéias e a atuação deste personagem junto ao movimento sanitarista, sobretudo no período em que foi funcionário do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), entre 1920 a 1927. Como argumentarei, este período foi marcado pelas campanhas que Renato Kehl desenvolveu em defesa de um programa eugênico mais “suave”, associado à medicina social, ao estilo da “eugenia preventiva” e “positiva”.

O terceiro capítulo apresenta a virada radical que ocorreu no final nos anos 1920 no projeto eugênico divulgado por Renato Kehl. Demonstro que o contato deste autor com os pressupostos da “higiene racial” alemã, aliado a ampliação das discussões eugênicas no cenário nacional e internacional, foram fundamentais para aproximá-lo da “eugenia negativa”. Sua viagem à Alemanha em 1928 o colocou a par de um amplo conjunto de idéias radicais que circulava naquele momento nos movimentos eugênicos do norte da Europa e nos Estados Unidos, o que o distanciou sobremaneira das concepções eugênicas predominantes no Brasil e na América Latina. Neste mesmo contexto, analiso a influência da “higiene racial” alemã na obra “Lições de Eugenia”, publicada por Renato Kehl em 1929, bem como a sua recepção entre cientistas e intelectuais brasileiros e estrangeiros.

No último capítulo demonstrarei como as idéias radicais efetivamente se manifestaram no programa eugênico de Renato Kehl. Trato da distinção que o autor passou a fazer entre eugenia e “eugenismo”, demonstrando como isso estava associado a reconfiguração de suas idéias. Em sua concepção, a eugenia não poderia mais ser confundida com outras ciências, ao contrário, como ele mesmo frisava, era uma ciência com fronteiras bem delimitadas. Como argumentarei, Kehl procurou determinar um conceito menos amplo para a ciência eugênica, o que lhe possibilitaria definir um espaço de exclusividade para a eugenia, e para si mesmo, no cenário científico nacional. Em segundo lugar, trato das discussões sobre raça, miscigenação e imigração eugênica, temas que polemizaram o campo eugênico a partir do final dos anos 1920, sobretudo após a realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Com as atenções voltadas para este contexto, demonstro como, apesar do prestígio que Renato Kehl havia adquirido, suas concepções mais extremadas passaram a ser fortemente contestadas por integrantes do próprio campo eugênico.

## **CAPÍTULO I – EUGENIZAR É PRECISO: “A QUESTÃO SOCIAL” E A ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO EUGENISTA BRASILEIRO (1917-1927)**

Quando as discussões sobre a eugenia foram introduzidas no Brasil nas primeiras décadas do século XX, suas idéias e pressupostos tornaram-se recorrentes no meio intelectual e científico, especialmente entre médicos, higienistas, juristas e educadores. Na literatura nacional, o termo “eugenia” aparecia sempre como símbolo de modernidade cultural, assimilada como um conhecimento científico que expressava muito do que havia de mais “atualizado” na ciência moderna. Falar sobre a eugenia significava automaticamente pensar em evolução, progresso e civilização, termos que constituíam o imaginário nacionalista das elites brasileiras. Em muitos casos, a eugenia era interpretada como a “nova religião da humanidade”, tamanho a admiração e a crença que os “homens de ciência” depositavam neste saber científico.<sup>20</sup>

Fascinados pelos encantos desta “nova ciência”, os intelectuais brasileiros entendiam que a eugenia poderia desempenhar um papel importante no processo de construção de uma “outra” realidade nacional, o que os possibilitaria agir no sentido de retirar o país do apregoadado atraso civilizacional. No Brasil, assim como em muitos países da América Latina, a eugenia foi incorporada aos projetos políticos e científicos que

---

<sup>20</sup> Várias expressões foram empregadas pelos eugenistas brasileiros para definir a eugenia, freqüentemente nomeada como “a nova religião da humanidade”, “a religião do futuro”, “a ciência de Galton”, “a ciência da hereditariedade humana”, “a ciência do corpo e do espírito”, “a ciência da boa geração”, entre outros termos que expressam o ufanismo cientificista que existia em torno das idéias eugênicas no Brasil. De acordo com Nancy Stepan, a própria história da eugenia no Brasil e na América Latina deve ser vista como parte de um “endosso generalizado à ciência”, que havia se tornado “palavra de ordem para a elite moderna e secular”. Como destaca esta autora, nas primeiras décadas do século XX os intelectuais brasileiros abraçaram a ciência, sobretudo a medicina e a própria eugenia, como uma forma de conhecimento progressista que possibilitava pensar numa alternativa para o “atraso” cultural (STEPAN, Nancy. op.cit., 2005, p. 49-50).

almejavam produzir uma ampla reforma social, nos quais a eugenia teria como função melhorar o aspecto físico, moral e mental da “raça nacional”.<sup>21</sup>

Ao longo deste capítulo, analisarei o surgimento das idéias eugênicas no Brasil durante as décadas de 1910 e 1920, procurando mapear e discutir as questões que influenciaram ou contribuíram para o aparecimento desta ciência no debate intelectual que envolvia o campo científico brasileiro. Meu interesse será o de compreender o significado das discussões científicas e sociais em torno dos principais problemas nacionais, denominados no início do século XX como a “questão social”.<sup>22</sup> Procurarei demonstrar que a eugenia foi introduzida no Brasil em resposta à preocupação das elites políticas e intelectuais com o péssimo estado de saúde da população, com as condições sanitárias e a composição racial do país, além da própria preocupação intrínseca quanto ao reposicionamento do Brasil no cenário internacional.

Neste capítulo, buscarei analisar o processo de desenvolvimento e a institucionalização do movimento eugenista brasileiro durante as décadas de 1910 e 1920, destacando as idéias, os pressupostos e os debates com os quais se envolveram os eugenistas nacionais. Procurarei enfatizar o papel do eugenista Renato Ferraz Kehl como o principal propagandista deste movimento, tanto em São Paulo, com a fundação da Sociedade Eugênica, em 1918, quanto no Rio de Janeiro, a partir do movimento sanitarista e da Liga Brasileira de Higiene Mental.

Meu objetivo consistirá, ainda, em investigar a relação do pensamento eugenista brasileiro com a tradição médico-sanitarista, bem como sua associação às idéias ambientalistas oriundas das concepções neolamarckistas. Por outro lado, meu esforço será empregado no sentido de analisar os caminhos e questões que ligavam a eugenia às discussões sobre raça e identidade nacional. Pretendo demonstrar que a eugenia brasileira foi influenciada também pela situação racial do país, num contexto em que a própria

---

<sup>21</sup> Idem, p. 15.

<sup>22</sup> A expressão “a questão social”, utilizadas pelos intelectuais brasileiros no início do século XX, foi empregada para definir os problemas nacionais que mais preocupavam as elites brasileiras: como a pobreza, a subnutrição, a mortalidade infantil, o analfabetismo, as péssimas condições de saúde e do estado sanitário em que se encontrava a grande maioria da população, além da própria composição racial, predominantemente miscigenada. Segundo Nancy Stepan, essa expressão foi empregada, por exemplo, por Rui Barbosa, em 1919, em uma de suas palestras, intitulada *A questão social e política no Brasil*. No entanto, como ressalta esta autora, a expressão aparecia com muita frequência não somente no Brasil como em todos os países da América Latina (idem, p. 68, nota 05).

identidade racial da nação foi motivo de grandes discussões entre os eugenistas, médicos, cientistas e a intelectualidade brasileira em geral.

## 1. O cenário nacional e a “questão social” no início do século XX

A partir da metade do século XIX, muitos cientistas, viajantes e intelectuais estrangeiros, apoiados nas teorias científicas e nos (pre)conceitos raciais, haviam pronunciado diversos veredictos extremamente desfavoráveis ao futuro do Brasil. Escritores como Arthur de Gobineau, Louis Couty e Louis Agassis - que estiveram no Brasil durante a década de 1860 - além do inglês Thomas Buckle, consideravam o Brasil como um “território vazio” e “pernicioso à saúde”, enquanto os brasileiros eram vistos como “seres assustadoramente feios” e “degenerados”.<sup>23</sup> Para estes viajantes, uma conjunção de fatores climáticos e raciais, sobretudo a “larga miscigenação”, era mobilizada para explicar a suposta inferioridade do homem brasileiro e a impossibilidade do Brasil acessar os valores do “mundo civilizado”.<sup>24</sup>

Essas representações negativas sobre a realidade nacional, quando não influenciaram a opinião dos brasileiros sobre o seu próprio país, ao menos colocaram em dúvida a viabilidade do Brasil no cenário internacional.<sup>25</sup> Mesmo após a implantação do Regime Republicano - quando algumas vozes já se levantavam na luta contra as teorias deterministas<sup>26</sup> - muitos cientistas estrangeiros, ou mesmo parte da elite política e

---

<sup>23</sup> Sobre as discussões raciais e a condenação que estes autores estrangeiros faziam ao Brasil e a população nacional, bem como a dissonância destas idéias entre os intelectuais locais, consultar SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco: Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976; SKIDMORE, Thomas. *Racial ideas and social policy in Brazil – 1870-1940*. In: GRAHAM, R. (org). *The Idea of race in Latin América – 1870-1940*. Austin: University of Texas Press, 1990; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; AZEVEDO, Célia Marinho de. *Onda negra, medo branco*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987; VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

<sup>24</sup> CARRARA, Sérgio. *Estratégias Anticoloniais: sífilis, raça e identidade nacional no Brasil do entre-guerras*. In: Hochman, Gilberto e Armus, Diego (orgs). *Cuidar, Controlar, Curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio: Editora Fiocruz, 2004, p. 433.

<sup>25</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. op. cit., 2001, p. 240.

<sup>26</sup> SKIDMORE, Thomas. op. cit., 1976, p. 95.

intelectual brasileira, continuavam acreditando na teoria degeneracionista do clima tropical e nos malefícios causados pela miscigenação racial.<sup>27</sup>

No início do século XX, o Brasil era visto como uma nação ainda em formação, cuja sociedade era composta por uma grande população negra e miscigenada, muitos, inclusive, recém saídos do sistema escravista, abolido oficialmente em 1888.<sup>28</sup> Estes grupos sociais, juntamente com a população indígena e sertaneja que habitavam o interior do Brasil, conviviam, em sua maioria, num estado de extrema pobreza e sob péssimas condições sanitárias e higiênicas. Totalmente desamparados pelo Estado, cujo sistema governamental era constituído por um federalismo republicano ineficiente, os brasileiros que habitavam as regiões para além do litoral não possuíam o direito a qualquer forma de cidadania.<sup>29</sup> Para aumentar o dilema do país, de norte a sul do Brasil um grande número de doenças flagelava boa parte da população, principalmente às endemias rurais e as grandes epidemias que contribuía sobremaneira para a definição de um quadro acentuadamente pessimista. Do mesmo modo, a expansão da imigração, o crescimento dos centros urbanos e a introdução da indústria e da mão de obra operária, em especial nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, colaboravam para aumentar os problemas sanitários e o temor de novas epidemias, como a febre amarela, a peste bubônica, a tuberculose e a varíola.<sup>30</sup>

Devido a estes e outros problemas sociais e políticos, o Brasil continuava a ser interpretado, principalmente aos “olhos do mundo civilizado”, como uma nação incivilizada e cuja população se encontrava em franco estado de degeneração. Para muitos intelectuais brasileiros deste período, clima e raça eram acionados não apenas para explicar os dilemas raciais e os problemas sanitários, mas também para compreender a

---

<sup>27</sup> CARRARA, Sérgio. op. cit., 2004, p. 433-434.

<sup>28</sup> STEPAN, Nancy. op. cit., 2005, p. 47.

<sup>29</sup> Neste período, o sistema republicano brasileiro estava dominado por amplas oligarquias regionais que administravam o Estado a partir de relações políticas corruptas, como o coronelismo, o mandonismo e o clientelismo. De acordo com José Murilo de Carvalho, pelo menos até o final da Primeira Guerra Mundial, o sistema republicano brasileiro não fez nenhum esforço para incorporar a grande maioria da população, em especial os negros, mestiços e sertanejos. Para esse autor, a própria idéia de povo era puramente abstrata e, devido a falta de direitos que garantissem a cidadania, o próprio povo era, em sua grande maioria, hostil ou totalmente indiferente ao sistema republicano (CARVALHO, José Murilo de. *Brasil 1870-1914: A força da tradição*. In: \_\_\_\_\_. *Pontos e Bordados*. escritos de história e política. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998, p. 120).

<sup>30</sup> Sobre as questões sanitárias e os problemas epidêmicos na passagem do século XIX para o XX, consultar BENCHIMOL, Jaime Larry. *Dos micróbios aos mosquitos: febre amarela e a revolução Pasteuriana no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Editora UFRJ, 1999.



incapacidade do Brasil em organizar-se como uma nação moderna. A própria condição de ser brasileiro, de acordo com Renato Ortiz, era interpretada em termos deterministas, tendo em vista que clima e raça transformavam-se em mecanismos capazes de elucidar tanto a “natureza indolente do brasileiro” e “as manifestações túbias e inseguras da elite intelectual”, quanto para explicar “o lirismo quente dos poetas da terra, o nervosismo e a sexualidade desenfreada do mulato”.<sup>31</sup>

Estes discursos, no entanto, não se apresentavam de maneira homogênea ou unilateral, manifestando-se muitas vezes de forma bastante ambígua e imprecisa. De acordo com Lília M. Schwarcz, a situação dos cientistas e intelectuais brasileiros era incômoda, tendo que oscilarem sempre “entre a adoção dos modelos deterministas e a reflexão sobre suas implicações; entre a exaltação de uma ‘modernidade nacional’ e a verificação de que o país, como tal era inviável”.<sup>32</sup> Deste modo, acabavam por fazer um uso inusitado das teorias deterministas, assimilando a existência das diferenças e hierarquias raciais e, ao mesmo tempo, adaptando-as com o objetivo de criarem um caminho viável a uma nação mestiça nos trópicos.<sup>33</sup>

Apesar das divergências e incertezas quanto ao futuro da nação, alguns intelectuais brasileiros procuravam construir um pensamento independente, denunciando as idéias deterministas que condenavam o Brasil ao eterno fracasso. A partir dos anos 1910, com a emergência de um espírito nacionalista que brotava entre um grupo de importantes intelectuais e cientistas, as teorias raciais e climáticas foram aos poucos sendo substituídas por explicações de caráter históricos e sociológicos sobre a realidade nacional e as condições de vida da população.<sup>34</sup>

Escritores como Manoel Bonfim e Alberto Torres, podem ser vistos como os principais representantes deste movimento nacionalista, cujo objetivo consistia em construir uma nova imagem sobre o Brasil e os brasileiros. Manoel Bonfim, por exemplo,

---

<sup>31</sup> ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003, p. 16.

<sup>32</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. op. cit., 2001, p. 240.

<sup>33</sup> Em sua obra “Estilo Tropical”, Roberto Ventura demonstra como, na passagem do século XIX para o XX, às discussões intelectuais sobre a construção de uma ideologia que visava representar a idéia de uma nação mestiça foi bastante recorrente nas discussões científicas, na literatura, na historiografia e no ensaísmo brasileiro (VENTURA, Roberto. op. cit., 1991).

<sup>34</sup> SKIDMORE, Thomas. op. cit., 1976, p. 130.

identificava os males nacionais - tanto do Brasil quanto da própria da América Latina - como estando diretamente associados ao legado ibérico e à exploração econômica que estes países sofreram ao longo da história.<sup>35</sup> De maneira semelhante, Alberto Torres entendia que a verdadeira raiz do “problema nacional brasileiro” residia na alienação política da elite brasileira e na falta de “consciência nacional” sobre a realidade que constituía a nação.<sup>36</sup> Para estes autores, a “evolução social” brasileira dependia, em suma, das condições econômicas, da vontade política das classes dirigentes, de um meio ambiente favorável, de educação e habitação.<sup>37</sup>

O desejo de retirar o Brasil do tão propalado atraso civilizacional contribuiu para que os intelectuais locais desenvolvessem um intenso debate sobre as condições raciais e de saúde da população, o que possibilitou formular algumas das mais originais e bem estabelecidas idéias sobre o Brasil e a identidade nacional. Neste período, segundo Sérgio Carrara, “os cientistas brasileiros tentavam tornar possível, ou pelo menos concebível, o reposicionamento de seu país e deles próprios no então chamado ‘concerto das nações’”.<sup>38</sup> No entanto, fazia-se necessário não apenas repensar a imagem do Brasil e da condição de ser brasileiro, mas, antes, em encontrar soluções viáveis que efetivamente pudessem regenerar e civilizar o país como um todo, colocando-o no trilho do progresso e da modernidade.

Em sintonia com este novo “retrato do Brasil” que começava a ser desenhado, os intelectuais brasileiros ligados ao movimento sanitarista tornar-se-iam personagens centrais. Ao descreverem as condições de vida e o cotidiano dos homens do sertão, os sanitaristas revelariam as “verdadeiras” mazelas responsáveis pelos problemas étnicos, sociais e econômicos do país.<sup>39</sup> As expedições científicas realizadas por pesquisadores

---

<sup>35</sup> BONFIM, Manoel. *América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Editora H. Garnier, Livreiro-editor, 1938 [1905].

<sup>36</sup> TORRES, Alberto. *O problema Nacional: introdução a um programa de organização nacional*. São Paulo: Editora Nacional, 1982 [1913].

<sup>37</sup> Um resumo sobre o pensamento intelectual destes autores e do próprio pensamento intelectual brasileiro deste período pode ser encontrado na obra do brasilianista SKIDMORE, Thomas. op. cit., 1976.

<sup>38</sup> CARRARA, Sérgio. Op. cit., 2004, p. 430.

<sup>39</sup> LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. *Condenado pela Raça, Absolvido pela Medicina: o Brasil Descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República*. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. *Raça Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996, pp. 23-40.

do Instituto Oswaldo Cruz a diferentes regiões do interior do Brasil,<sup>40</sup> apresentaram uma nação cujos problemas não se definiam simplesmente pelas questões relacionadas ao clima ou a raça, mas antes ao abandono, ao isolamento e às inúmeras doenças.<sup>41</sup> De acordo com Nísia Trindade Lima e Gilberto Hochman, o novo Brasil descoberto pelo movimento sanitarista “teve um papel central e prolongado na reconstrução da identidade nacional a partir da identificação da doença como o elemento distintivo da condição de ser brasileiro”.<sup>42</sup>

Os relatórios científicos destas viagens, principalmente da expedição realizada por Belisario Penna e Arthur Neiva, em 1912, foram amplamente divulgados pela imprensa paulista e carioca, revelando o abandono e a precariedade sanitária de muitos Estados brasileiros.<sup>43</sup> Belisário Penna, um dos principais líderes do movimento sanitarista e fundador da Liga Pró-Saneamento do Brasil, denunciava, através de uma série de artigos publicados nos jornais da época, o descaso político com que o Estado brasileiro tratava a saúde da população sertaneja.<sup>44</sup> Para este sanitarista, os problemas brasileiros não seriam resolvidos enquanto as autoridades públicas continuassem alheias

---

<sup>40</sup> Sobre as expedições científicas realizadas nas duas primeiras décadas do século XX ao interior do Brasil, especialmente as comissões organizadas pelo Instituto Oswaldo Cruz, ver LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil: Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro. Editora Revan, 1999.

<sup>41</sup> CASTRO SANTOS, Luiz Antonio de. O pensamento sanitarista na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade. Rio de Janeiro: *Dados – Revista de Estudos Sociais*, vol. 28, nº 2, 1985; LIMA, Nísia T.; HOCHMAN, Gilberto. op. cit., 1996; HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. São Paulo: Editora Hucitec/Anpocs, 1998. LIMA, Nísia T.; HOCHMAN, Gilberto. Pouca saúde e muita saúde: sanitarismo, interpretações do país e ciências sociais. In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (org). op. cit., 2004.

<sup>42</sup> LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. op. cit., 1996, p. 23.

<sup>43</sup> PENNA, Belisário; NEIVA, Arthur. Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 30, pp 74-224, 1916 [1912].

<sup>44</sup> Belisário Augusto de Oliveira Penna, formado em medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia, iniciou sua trajetória como médico-sanitarista em 1904, ano em que assumiu o cargo de Inspetor Sanitário da cidade do Rio de Janeiro. Nos anos seguintes, realizou várias expedições médicas e sanitárias ao interior do Brasil, quando passou a desempenhar, juntamente com Oswaldo Cruz, Carlos Chagas e Arthur Neiva, um importante papel no discurso médico-sanitarista. Em 1916, assumiu o primeiro posto de profilaxia rural criado no Brasil, instalado no Rio de Janeiro. Neste mesmo ano, passou a fazer várias campanhas em defesa das políticas sanitárias, sobretudo em artigos publicados no *Correio da Manhã*, que dois anos depois seriam editados no livro “Saneamento do Brasil”. Em 1918, no mesmo ano em que fundou a Liga Pró-Saneamento do Brasil, Belisário assumiu a direção dos Serviços de Profilaxia Rural, recém criado pelo presidente Wenceslau Brás (THIELEN, Eduardo V.; SANTOS, Ricardo A. dos. Belisário Penna: notas fotobiográficas. *Revista História, Ciência, Saúde: Manguinhos*. Rio de Janeiro, maio/ago. 2002, vol. 9, nº.2, p.387-404).

às péssimas condições sanitárias do país, sobretudo em relação às endemias e epidemias que assolavam a grande maioria da população.<sup>45</sup>

O discurso das elites brasileiras sobre o habitante do sertão, visto até então como um “tipo inferior” e “inapto” para desenvolver a civilização, passava agora, como ressalta Tânia Regina de Luca, “a condição de vítima, injustamente caluniado e criminosamente abandonado à própria sorte, sem saúde, justiça ou educação”.<sup>46</sup> Ao revelarem essa nova imagem sobre o “homem sertanejo”, os cientistas de manguinhos acabariam por causar um grande impacto sobre a representação que os intelectuais brasileiros tinham em relação ao seu próprio país. De acordo com Gilberto Hochman, as expedições científicas e as campanhas realizadas em prol do saneamento tiveram uma ampla repercussão no meio médico, político e intelectual brasileiro, o que teria possibilitado a conversão de importantes intelectuais ao credo médico-sanitarista, como o escritor Monteiro Lobato.<sup>47</sup>

O avanço das pesquisas bacteriológicas e os estudos sobre a patologia das moléstias tropicais contribuiriam também para reforçar a percepção dos sanitaristas, e da própria sociedade brasileira, quanto às possibilidades que o conhecimento científico apresentava enquanto ferramenta para regenerar a população nacional. Se, até então, a mestiçagem e o clima eram vistos como as principais causas da degeneração racial, a ciência demonstrava, agora, que o atraso do país estaria relacionado às doenças e a falta de saneamento. De uma interpretação determinista sobre os problemas sociais, a ciência abriria caminho para uma interpretação médico-sanitarista.<sup>48</sup>

O exemplo de maior recorrência para ilustrar esse movimento de mudança de concepção sobre os problemas nacionais pode ser encontrado através da reconversão que Monteiro Lobato operou no final dos anos 1910. Em 1914, ao escrever o conto

---

<sup>45</sup> A obra “A Era do Saneamento”, de Gilberto Hochman, apresenta uma boa análise sobre o movimento sanitarista e a atuação da Liga Pró-Saneamento do Brasil, especialmente em relação às campanhas realizadas por Belisário Penna através da imprensa nacional. Para Hochman, a Liga “pretendia alertar as elites políticas e intelectuais para a precariedade das condições sanitárias e obter apoio para uma ação pública efetiva de saneamento no interior do país ou, como ficou consagrado, para o saneamento do sertão” (HOCHMAN, Gilberto. op. cit., 1998, p. 63).

<sup>46</sup> LUCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, p. 214.

<sup>47</sup> HOCHMAN, Gilberto. op. cit., 1998, p. 72.

<sup>48</sup> LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. op. cit., 1996.

*Urupês*, publicado na imprensa paulista a partir de uma série de artigos, este intelectual havia descrito o homem sertanejo, denominado por ele de “Jeca Tatu”, como um ser “fraco”, “indolente” e “incapaz de evoluir”, alheio ao trabalho e a idéia de progresso.<sup>49</sup> No entanto, em 1918, quando a ciência e o laboratório o permitiam respirar com mais desafogo, Monteiro Lobato ressuscitaria o seu personagem ao afirmar que “o Jeca não é assim; está assim”.<sup>50</sup> Iluminado pela ciência que agora proclamava a doença e a falta de higiene como os grandes inimigos do sertanejo, Lobato concluiria:

A nossa gente rural possui ótimas qualidades de resistência e adaptação. É boa por índole, meiga e dócil. O pobre caipira é positivamente um homem como o italiano, o português, o espanhol. Mas é um homem em estado latente. Possui dentro de si grande riqueza em forças. Mas força em estado de possibilidade. E é assim porque está amarrado pela ignorância e falta de assistência às terríveis endemias que lhe depauperam o sangue, caquetizam o corpo e atrofiam o espírito. O caipira não é assim. Está assim. Curado, recuperará o lugar a que faz jus no concerto etnológico.<sup>51</sup>

A guinada teórica assumida por Monteiro Lobato transformou-se em símbolo de um amplo movimento nacionalista que ganhava força junto à elite intelectual e política brasileira. No final dos anos 1910, o discurso sanitário e a crença nesse poder salvacionista do laboratório, reforçariam a convicção na capacidade da ciência em resolver os grandes problemas nacionais. Neste contexto em que a confiança profética no poder dos “homens de ciência” se afirmava, em que o pensamento sanitário se transformava numa ideologia da construção da nacionalidade,<sup>52</sup> os eugenistas encontrariam um solo fértil para propagarem suas idéias e se estabeleceram no campo científico brasileiro, assumindo um importante lugar no discurso regenerador da nação. Disposta a promover a higiene e o saneamento “como panacéia universal”, a *intelligentsia* brasileira se viu encantada pela eugenia ao visualizar em seus enunciados

---

<sup>49</sup> LOBATO, Monteiro. *Urupês*. *Obras completas de Monteiro Lobato - 1º série*, literatura geral. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957 [1914].

<sup>50</sup> LOBATO, Monteiro. O problema vital. In: \_\_\_\_\_. *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1964 [1918].

<sup>51</sup> Idem, p. 285.

<sup>52</sup> CASTRO-SANTOS. Luiz Antonio de. op. cit.. 1985.

“um tipo de extensão e modernização científica do trabalho de figuras heróicas como Oswaldo Cruz e Carlos Chagas”.<sup>53</sup>

Amplamente assimilada pelo discurso médico-sanitarista, as idéias eugênicas surgiram na década de 1910 como “uma metáfora para a própria saúde pública”,<sup>54</sup> prometendo eugenizar e sanear tanto o sertão quanto os espaços urbanos do litoral brasileiro. Além de refutar a inevitabilidade da degeneração e da saúde racial da população, a eugenia oferecia soluções científicas práticas para combater os problemas nacionais, denominados na época como a “questão social”. Por outro lado, a eugenia garantia a um grupo de intelectuais brasileiros, sobretudo aqueles ligados à medicina social, um espaço de autoridade onde pudessem dar continuidade à implementação de políticas de saúde públicas.

Acalentados por esses ideais que o discurso eugenista proporcionava, os intelectuais e cientistas das mais diversas matizes desejavam ver as idéias eugênicas amplamente divulgadas entre o público brasileiro. As teses acadêmicas, livros, artigos de jornais e revistas não seriam, contudo, suficientes para “vulgarizar” este discurso, seria necessário uma rede bem estabelecida e institucionalizada, capaz de mobilizar interesses e angariar a legitimidade social e política. A partir do final dos anos 1910, foi nesta direção que eugenistas, médicos, higienistas, sanitaristas, educadores, juristas e jornalistas procuraram se organizar no Brasil.

## **2. O movimento eugenista brasileiro nos anos 1910 e 1920**

Os primeiros trabalhos sobre eugenia foram apresentados no Brasil ainda no início da década de 1910, através de pequenos artigos de Erasmo Braga, João Ribeiro e Horácio de Carvalho. Em seu artigo, o filólogo João Ribeiro, membro da Academia Brasileira de Letras, empregou pela primeira vez a palavra “eugenia”, ao invés de “eugênica”, como

---

<sup>53</sup> STEPAN, Nancy. op. cit., 2005, p. 98.

<sup>54</sup> Idem, p. 99.

pretendiam alguns gramáticos brasileiros.<sup>55</sup> Por outro lado, o artigo de Horacio de Carvalho, publicado em 1912 no jornal *O Estado de São Paulo*, trazia para o público nacional considerações gerais sobre a organização e as idéias do movimento eugênico na Inglaterra.<sup>56</sup>

O interesse dos intelectuais brasileiros em divulgar os preceitos eugênicos não se restringiu apenas aos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Em 1913, na cidade de Salvador, na Bahia, o Dr. Alfredo Ferreira de Magalhães, professor da Faculdade de Medicina da Bahia e Diretor do Instituto de Proteção e Assistência à Infância, proferiu a primeira conferência sobre eugenia até então realizada no Brasil. Intitulada de “Pró Eugenismo”, o trabalho do Dr. Ferreira de Magalhães chamava a atenção da platéia, em sua maioria formada por estudantes de medicina, quanto à importância eugênica da educação familiar. Em sua opinião, a educação seria um meio de impedir a propagação de diversos “males sociais”, como o alcoolismo e as doenças venéreas, responsável pela degeneração física e moral da raça.<sup>57</sup>

Apesar da discussão sobre eugenia ainda não ter atingido um público mais amplo, em 1914 surgiria à primeira tese acadêmica diretamente relacionada a “ciência de Galton”. Sob a orientação do Professor Miguel Couto, conhecido na época como um dos principais médicos brasileiros, Alexandre Tepedinho defendeu, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a tese intitulada *Eugenia*.<sup>58</sup> Além de apresentar um panorama amplo sobre o significado da eugenia para o futuro da raça, a preocupação do jovem médico consistiu também em demonstrar a relação entre o direito e a formulação das leis eugênicas. De acordo com suas palavras:

---

<sup>55</sup> Como explicava João Ribeiro anos mais tarde, em artigo publicado no *Boletim de Eugenia*, “o termo - Eugenia - é o mesmo que adotam os italianos que preferem pronunciar - Eugénia - e que há muitos anos sugeri como sendo o mais conforme com a índole da nossa língua. O designativo - Eugenia - é mais eufônico e mais característico que - eugenética - como querem alguns que nesse ponto seguem a lição inglesa desde Galton” (RIBEIRO, João. Questúnculas. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano 1, nº 2, fev. 1929, p. 3).

<sup>56</sup> KEHL, Renato. *Sexo e Civilização - aparas eugênicas*. Rio de Janeiro: Editora Livraria Francisco Alves, 1933, p. 24.

<sup>57</sup> MAGALHÃES, Alfredo Ferreira. *Pró Eugenismo*. Bahia: Tipografia de São Francisco, 1913.

<sup>58</sup> TEPEDINO, Alexandre. *Eugenia*. Rio de Janeiro. Tese, Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. 1914. Segundo Renato Kehl, a tese de Alexandre Tepedino “constitui precioso e raro opúsculo de cento e poucas páginas, no qual o autor condensou com muita habilidade os principais pontos da doutrina de Galton” (KEHL, Renato. *Sexo e Civilização - aparas eugênicas*, Op. cit., 1933, p. 24).

É crime contra a civilização, o descuido da geração de amanhã! Os governos têm moralmente a obrigação de zelar pelo futuro da raça, pela qualidade dos homens, pela saúde da população. O legislador de hoje não pode ignorar os fenômenos biológicos da hereditariedade. E a eugenia é a religião nova que dirige os destinos da raça humana, de modo a torná-la mais bela, mais moralizada, mais inteligente.<sup>59</sup>

Dois anos depois, o eugenista inglês Charles W. Arminstrong, já residindo no Brasil há alguns anos, publicou um opúsculo de 30 páginas intitulado “Melhoremos a nossa raça”,<sup>60</sup> em que procurava apresentar “uma breve exposição dos preceitos da nova ciência eugênica e um apelo para a sua imediata aplicação no Brasil”.<sup>61</sup> Associando a eugenia aos estudos de Darwin sobre a seleção natural e as leis mendelianas sobre a hereditariedade, Arminstrong entendia que a eugenia deveria estender a seleção natural também a “seleção do homem”, com o intuito de cuidar de sua “própria regeneração, do seu próprio progresso”. Para este eugenista, a função da eugenia seria, portanto, apressar a lenta seleção natural:

O mesmo trabalho feito pela Natureza ao correr de milhares de anos, pela seleção natural, nos reinos animal e vegetal, o Homem tem-no conseguido em meio século, pela Seleção Artificial. A eugênica propõe-se aproveitar deste fato, tão cheio de significação e de novas esperanças, para os fins do progresso humano, para o melhoramento da nossa própria raça, para apressar os processos infinitamente vagarosos da Evolução!

A eugênica define-se como a ciência que trata das influências que possam melhorar as qualidades natas de uma raça, ou que as possam desenvolver com maior vantagem. Trata efetivamente da aplicação prática das leis de hereditariedade ao rápido melhoramento da Raça Humana.<sup>62</sup>

Em sua concepção, devido ao grande número de “moléstias hereditárias” e por ser o Brasil umas das nações “mais mestiçadas que existem”, o estudo e a aplicação da eugenia deveria ser tomada como uma das questões mais urgentes que o estado deveria assumir. Além de sugerir o estabelecimento de uma “Repartição Federal Eugênica”, Arminstrong

---

<sup>59</sup> TEPEDINO, Alexandre, apud KEHL, Renato. Conferência de Propaganda eugênica. In: *Annaes de Eugenia*. São Paulo: Editora da Revista do Brasil, 1919, p. 76.

<sup>60</sup> ARMINSTRONG, Charles W. *Melhoremos a nossa raça*. Rio de Janeiro: Editora Imprensa Inglesa, 1916.

<sup>61</sup> O autor empregou o termo “eugenica”, como era utilizada na época por alguns intelectuais brasileiros, cuja tradução era feita a partir de sua origem inglesa. O termo “eugenia”, cunhada por João Ribeiro, como já destacamos, viria a se fixar anos mais tarde.

<sup>62</sup> *Idem*, p. 8.



indicou ao público brasileiro as dez medidas que ele considerava fundamentais para a implantação da eugenia em território nacional. Entre estas, sugeria a propaganda eugênica, “afim de que os povos se convençam da grande vantagem que há em seguir os seus preceitos”; a fundação de sociedades locais; a criação de um ministério “encarregado da classificação eugênica do povo”; um amplo controle matrimonial, especialmente entre “os indivíduos das classes mais baixas”; a segregação de “loucos”, “idiotas” e portadores de “males hereditários”; a fundação de “Colônias Eugênicas” que, de acordo com sua concepção, se constituiria como a medida mais eficaz para “aprimorar a população”.<sup>63</sup> Para que a eugenia pudesse se tornar uma realidade, e o Brasil uma nação forte, concluía o eugenista inglês, “convém pois a propaganda, e nesta tomará parte todo o brasileiro que desejar ver o Brasil, mais tarde, uma potência mundial e não uma nação vencida, - nação de escravos”.<sup>64</sup>

A obra de Charles Arminstrong, que em grande medida se distanciava das concepções eugênicas compartilhadas pelos intelectuais brasileiros, não teve grande repercussão entre o público leitor local. As referências científicas empregadas por este eugenista inglês estavam diretamente em diálogo com os programas eugênicos que começavam a ganhar fôlego em alguns países europeus, como na própria Inglaterra, por exemplo, onde o movimento eugênico era bastante prestigiado.

Outros trabalhos sobre eugenia seriam ainda publicados em meados da década de 1910, como o livro “Do conceito eugênico do habitat brasileiro”, escrito pelo médico João Henrique. Ressaltando a importância da eugenia para o futuro da nacionalidade, este eugenista lamentava que, no Brasil, pouco se tenha feito pela eugenia, com exceção da cadeira de Patologia Geral, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde o professor Pinheiro Guimarães já vinha ministrando aulas relacionadas com a defesa eugênica e higiênica da raça.<sup>65</sup>

Contudo, a hora e a vez da eugenia no Brasil chegou somente no final da década de 1910, quando o médico e eugenista Renato Kehl iniciou uma grande campanha de

---

<sup>63</sup> Idem, p. 20-21.

<sup>64</sup> Idem, p. 23.

<sup>65</sup> HENRIQUE, João. *Do conceito eugênico do Habitat Brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Tipografia Besnard Frères, 1917, p. 10.

divulgação da eugenia no meio médico e intelectual brasileiro. Seu primeiro trabalho foi apresentado numa conferência realizada na cidade de São Paulo, em 1917, a convite de dois empresários norte-americanos que dirigiam a Associação Cristã de Moços. Intitulada “Eugenia”, a conferência recebeu uma publicação na íntegra pelas páginas do *Jornal do Comércio*, o que possibilitou maior repercussão no meio intelectual paulista.<sup>66</sup>

Renato Kehl procurou destacar nesta conferência os principais fundamentos da eugenia, principalmente o estudo da hereditariedade, a educação eugênica, a “seleção conjugal”, o “direito relativo à eugenia”, a higiene e o saneamento. Comentando sobre a importância da eugenia para o “aperfeiçoamento da raça humana”, o jovem eugenista argumentava em favor da “seleção conjugal efetuada com critério, regra e inteligência”, lembrando a necessidade de “educar o povo e criar leis restritivas, que impeçam os casamentos entre inaptos, para boa geração”.<sup>67</sup> Renato Kehl encerrou sua conferência fazendo um apelo à imprensa, as autoridades políticas, aos intelectuais e cientistas em prol da eugenia e da “melhoria progressiva da nacionalidade brasileira”.

Esta conferência, conforme o próprio Renato Kehl declarava anos depois, o arrastou à idéia de fundar uma associação eugênica na qual fosse congregados médicos, advogados, jornalistas e “outros interessados no estudo e difusão das questões biológicas e sociais em benefício da nacionalidade”.<sup>68</sup> Meses depois, no dia 15 de janeiro de 1918, após uma insistente campanha realizada por Renato Kehl junto à intelectualidade e a imprensa paulista, mais de uma centena de médicos e autoridades locais se encontraram para a sessão inaugural que fundaria a Sociedade Eugênica de São Paulo, a primeira sociedade de eugenia da América Latina.

Contando com 140 membros, em sua maioria médicos da capital paulista, a Sociedade teve como Presidente o médico Arnaldo Vieira de Carvalho, diretor da Faculdade de Medicina de São Paulo, cujo nome parece ter contribuído fundamentalmente

---

<sup>66</sup> A conferência realizada por Renato Kehl foi reproduzida também, em 1919, nos “Annaes de Eugenia” organizado pela Sociedade Eugênica de São Paulo. Para este trabalho, utilizaremos esta edição, tendo em vista que o texto foi publicado na íntegra (KEHL, Renato. Conferência de Propaganda Eugênica. op. cit., 1919 [1917]).

<sup>67</sup> Idem, p. 69.

<sup>68</sup> KEHL, Renato. A Eugenia no Brasil: esboço histórico e bibliográfico. In: *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, vol. I, 1929, p. 53.

para angariar o interesse da elite médica em torno desta instituição.<sup>69</sup> O cargo de Secretário Geral foi ocupado pelo próprio Renato Kehl, enquanto para a vice-presidência foram eleitos os nomes dos médicos Olegário de Moura, Bernardo Magalhães e Luis Perreira Barreto.<sup>70</sup>

A Sociedade Eugênica de São Paulo se proclamava como uma “organização científica” de estudos e aplicação da eugenia no Brasil, tendo como finalidade às “questões da hereditariedade, descendência e evolução para a conservação e aperfeiçoamento da espécie humana”.<sup>71</sup> Os estatutos da Sociedade definiam ainda como seus fins o estudo da legislação, dos costumes e das influências do meio sobre as “aptidões físicas, morais e intelectuais das gerações futuras”; divulgação da eugenia entre o público; estudo da regulamentação matrimonial e da campanha pela obrigatoriedade do exame pré-nupcial.<sup>72</sup>

Através da imprensa nacional, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, notas foram publicadas favoráveis e elogiosas a este empreendimento.<sup>73</sup> Através das páginas da *Revista do Brasil*, Coelho-Neto ressaltava a importância da propaganda que as autoridades médicas de São Paulo vinham fazendo em torno da Sociedade Eugênica de São Paulo: “realizando conferências, espalhando Boletins, pregando, demonstrando, vai conseguindo realizar, ainda que lentamente, a obra filantrópica da regeneração do homem, para cuidar, em seguida, do aperfeiçoamento da espécie”.<sup>74</sup> Do mesmo modo,

---

<sup>69</sup> Arnaldo Vieira de Carvalho, formado em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1889, fundou o Instituto Vacinogênico de São Paulo que, em 1925, foi incorporado ao Instituto Butantã. Em 1913, fundou também a Faculdade de Medicina de São Paulo, sendo seu diretor até 1920, quando veio a falecer (MELO, Luis Correia. *Dicionário de autores Paulistas*. São Paulo: Editora Gráfica Irmãos Andrioli, 1954, p. 287-288).

<sup>70</sup> *Annaes de Eugenia*. op. cit., 1919.

<sup>71</sup> Idem.

<sup>72</sup> Os estatutos da Sociedade Eugênica de São Paulo foram publicados nos Anais editados em 1919 pela própria Sociedade (Estatutos da Sociedade Eugênica de São Paulo. In: *Annaes de Eugenia*. Op. cit., 1919).

<sup>73</sup> Jornais como *O Estado de São Paulo*, *Correio Paulistano*, *Jornal do Comércio*, além da *Revista Brazil-Médico* e da *Revista do Brasil* publicaram anúncios, comentários e notas sobre a fundação da Sociedade eugênica, divulgando a eugenia entre o público e informando sobre suas atividades. O jornal *O Estado de São Paulo* deu cobertura ampla ao movimento eugenista em São Paulo, principalmente para os membros da Sociedade Eugênica, tendo em vista que Julio de Mesquita, diretor e proprietário do referido jornal, era genro de Arnaldo Vieira de Carvalho, presidente da Sociedade, o que teria possibilitado o estreito contato entre estas instituições (DIWAN, Pietra. *O Espetáculo do Feio: práticas discursivas e redes de poder no eugenismo de Renato Kehl*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História, 2003, p. 39).

<sup>74</sup> COELHO NETO, H. M. Aviso. *Revista do Brasil*. vol. 12, nº 48, dez. 1918, p. 376.

importantes intelectuais brasileiros enviaram correspondências congratulando a criação da sociedade.

Os esforços e a mobilização em torno da Sociedade não se restringiram apenas às elites política e intelectual paulistas. Alguns intelectuais cariocas também aderiram aos ideais desta organização, tornando-se membros e participando das discussões relacionadas à eugenia, saneamento e higiene. Belisario Penna, já reconhecido por sua campanha nacionalista em defesa do saneamento, foi nomeado, ao lado de Amâncio de Carvalho e Agostinho de Souza Lima, Presidentes Honorários da Sociedade Eugênica de São Paulo. Souza Lima, assim como o próprio Belisario Penna, viriam a ter uma participação efetiva na divulgação da eugenia na sociedade carioca, principalmente através de artigos publicados em jornais e revistas, mas também através de suas obras e de suas atuações como autoridades no seio da elite carioca.<sup>75</sup>

Afrânio Peixoto, Juliano Moreira e Antonio Austregésilo, cujos trabalhos estavam ligados aos estudos da psiquiatria e da medicina legal em prestigiadas instituições da cidade do Rio de Janeiro, já vinham manifestando interesse nos estudos sobre higiene mental e eugenia, tornando-se importantes personalidades cariocas a se transformarem também em membros da Sociedade Eugênica de São Paulo.

Além destes intelectuais, figuras como Arthur Neiva, destacado por seus trabalhos científicos desenvolvidos no Instituto Oswaldo Cruz e que, a partir de 1917, seria nomeado para chefiar o serviço de saneamento público do estado de São Paulo, também aparece relacionado entre os membros. Neiva, assim como Rubião Meira e Franco da Rocha, receberam a indicação para compor a Comissão Consultiva da Sociedade. Outro integrante foi o médico e escritor Luis Pereira Barreto, um dos principais representantes da ciência paulista que, em correspondência endereçada a seu amigo Arnaldo Vieira de Carvalho, enfatizou o seu interesse pelos estudos relacionados à eugenia. Pereira Barreto destacava seus esforços “há trinta anos, por aperfeiçoar as

---

<sup>75</sup> Souza Lima, como destacava Renato Kehl, foi um dos primeiros intelectuais brasileiros a empregar esforços pela defesa eugênica da nacionalidade. Em 1897, como deputado federal, o médico Agostinho de Souza Lima se dirigiu à Academia Nacional de Medicina para pedir o apoio desta instituição para o estabelecimento de uma lei que tornasse obrigatório o exame médico pré-nupcial, estabelecendo o impedimento legal do matrimônio aos indivíduos tuberculosos, sífilíticos e portadores de outros males infecciosos. Segundo Kehl, “a eugenia não tinha tomado coros de ciência quando Souza Lima apresentou novos trabalhos sobre um dos pontos de importância capital para a eugeniização, que é o exame pré-nupcial” (KEHL, Renato. Sexo e Civilização – apara eugênicas. op. cit., 1933, p. 23).

raças de animais por meio da seleção”, não podendo “senão correr pressuroso a bater palmas para saudar esse nobre movimento científico em prol do aperfeiçoamento da nossa raça”.<sup>76</sup>

Entre os membros desta instituição encontravam-se, ainda, o nome do Senador da República, Alfredo Ellis, um influente representante da elite política e econômica de São Paulo; o médico Vital Brazil, cientista e diretor do Instituto Butantã de São Paulo; o jovem advogado e professor Fernando de Azevedo, que se transformaria num grande propagandista da educação eugênica neste período;<sup>77</sup> o médico Olegário de Moura, que teve uma atuação importante na organização de diversas conferências sobre eugenia e saneamento, além de ter participado ativamente na criação e divulgação da Sociedade Eugênica de São Paulo.<sup>78</sup>

O trabalho de propaganda eugênica desta “organização científica” conseguiu atrair também a atenção de eugenistas estrangeiros, como Henrique de Paz Soldan, destacado eugenista peruano que já há muitos anos vinha publicando trabalhos sobre higiene, medicina social e eugenia, além do médico e eugenista Victor Delfino, de Buenos Aires, que juntos seriam nomeados membros correspondentes da Sociedade. Da Faculdade de Medicina de Paris e da Sociedade de Eugenia da França, o médico e cientista Charles Richet enviou correspondência a Renato Kehl parabenizando os esforços dos eugenistas brasileiros em prol do “melhoramento racial”.<sup>79</sup>

A Sociedade Eugênica nasceu juntamente com um amplo movimento nacionalista que vinha se formando no Brasil ao longo dos anos 1910. Neste período, devido a degradante realidade social constituída pelos acontecimentos da Primeira-Guerra Mundial,

---

<sup>76</sup> Correspondência de Luis Parreira Barreto a Arnaldo Vieira de Carvalho. São Paulo, s/d (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>77</sup> Fernando de Azevedo, que era formado em direito pela Faculdade de Direito de São Paulo, dedicou boa parte de sua carreira intelectual à educação e ao movimento pela reforma sanitária, tanto no Distrito Federal quanto no Estado de São Paulo. Entre 1926 a 1930 foi nomeado Diretor Geral de Instrução Pública pela cidade do Rio de Janeiro; em 1933 assumiu este mesmo cargo em São Paulo. Foi também professor de Sociologia da Escola Normal de São Paulo. Entre seus principais livros encontram-se “Educação Física” (1920), “A reforma do Ensino no Distrito Federal” (1929) e “Evolução do esporte no Brasil” (1930) (COUTINHO, Afrânio. *Brasil e Brasileiros de hoje*. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1961, p. 114-115).

<sup>78</sup> Os nomes dos 140 membros da Sociedade Eugênica de São Paulo podem ser encontrados nos Anais publicados pela Sociedade em 1919 (*Annaes de Eugenia*, op. cit, 1919).

<sup>79</sup> As correspondências de Renato Kehl com estes intelectuais podem ser consultadas no Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC.

grande parte da elite intelectual brasileira passou a direcionar seu olhar para dentro do seu próprio país, já que o modelo de sociedade civilizada representada pela Europa desmoralizava-se em meio à barbárie.<sup>80</sup> As fortes tonalidades nacionalistas deste período enfatizavam a necessidade de construção de um “olhar” capaz de visualizar o país de modo distinto do Velho Mundo. Calcado numa “força nativa”, os intelectuais visavam reconfigurar a consciência nacional como meio de “redescobrir” as especificidades que formavam a nação brasileira”.<sup>81</sup>

Para Nancy Stepan, em muitos países da América Latina, especialmente no Brasil, o desenvolvimento da eugenia coincidiu, no período que se seguiu à Primeira Guerra Mundial, “com uma reavaliação do possível papel da região na economia mundial, e com uma busca por identidades nacionais que se baseassem nas realidades da região”.<sup>82</sup> Considerando que a nação e a própria compreensão sobre a nacionalidade eram vistas como um projeto ainda por ser construído, a ciência eugênica se oferecia como um instrumento para motivar a construção de uma população mais saudável, forte e homogênea, animando os desejos das autoridades nacionalistas. Em conferência realizada em 1918, logo após a criação da Sociedade Eugênica de São Paulo, o médico e eugenista Rubião Meira enfatizava entusiasticamente em defesa da nacionalidade:

O máximo objetivo, senhores, que nos reúne sob o teto auspicioso desta agremiação, que hoje lança o seu primeiro brado do comando e inicia a arregimentação de suas forças, é o aperfeiçoamento de nossa raça, a cultura física aprimorada de nossa gente, o levantamento de nossas energias futuras, a constituição de um povo forte e valentemente argamassado na sua organização plástica, de um povo sadio, esbelto, sacudido, liberto de sobrecargas hereditárias, imune de taras malsãs (...).

---

<sup>80</sup> Para o historiador Eric Hobsbawm, o período entre-guerras foi no mundo todo marcado pela ascensão de um novo nacionalismo que estimulou a formação das identidades nacionais e o fortalecimento dos Estados. Para Hobsbawm este contexto se formou, sobretudo, pela existência de “minorias oprimidas” que buscavam preservar suas identidades culturais, étnicas e políticas dentro de territórios que eram politicamente multinacionais (HOBSBAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1998). No Brasil, como destacou Nancy Stepan, esse período foi marcado por um nacionalismo mais realista, formado pela “ascensão de novos grupos profissionais de classe média que ansiavam por reformar a política tradicional da república e lançar o Brasil como potência mundial” (STEPAN, Nancy. op. cit., 2004, p. 356).

<sup>81</sup> HERSCHMANN, M.; PEREIRA, Carlos A. M. O imaginário moderno no Brasil. In \_\_\_\_\_ (orgs). *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20 – 30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 29.

<sup>82</sup> STEPAN, Nancy, idem.

Foi preciso que no velho continente, essa malfadada guerra, que é vergonha do século da civilização e da luz, inundasse de torpezas, de barbárie e de crueldades, e ensangüentasse de lodo as terras, com o opróbrio de vilanias nunca vistas, para que nós nos convencêssemos da necessidade de nos congregarmos todos em torno desse ideal sublime, que é a nacionalização do nosso povo (...), fortalecendo e elevando o vigor de nossa raça.<sup>83</sup>

Do mesmo modo, Olegário de Moura entendia que o cuidado com a raça nacional é a tarefa maior a que os brasileiros, sobretudo os governantes e os homens letrados, precisariam ater-se, destacando que o verdadeiro nacionalismo deveria consistir na eugeniização do Brasil.<sup>84</sup> Em sua concepção, a eugenia devia ser compreendida como sendo o “estudo de um assunto que vai ser, estou certo, o grande e poderoso eixo em torno do qual tem que se mover, não há negar, o palpitante problema nacional brasileiro”.<sup>85</sup>

Associando-se a estes ideais nacionalistas, os eugenistas proclamavam a eugenia, e a si próprios, como os portadores do discurso capaz de “elevar o vigor da raça”, de integrar o Brasil e conduzi-lo rumo ao progresso e à civilização. Imbuída destes desejos, a Sociedade Eugênica de São Paulo realizou várias reuniões no salão nobre da Santa Casa de Misericórdia com o objetivo de discutir assuntos que, segundo estes eugenistas, seriam de interesse nacional. Além destas reuniões, muitos trabalhos foram publicados através da imprensa, principalmente nos jornais paulistas, na *Revista Brasil-Médico* e na *Revista do Brasil*.

Em 1919, a Sociedade reuniu seus trabalhos num volume denominado “*Annaes de Eugenia*”, organizada por Renato Kehl e publicada pela editora da *Revista do Brasil*, de propriedade de Monteiro Lobato. Nesta obra constam mais de uma dezena de artigos, muitos deles reproduzidos na imprensa paulista, além de pronunciamentos e conferências realizadas pelos membros da Sociedade em várias instituições, escolas e

---

<sup>83</sup> MEIRA, Rubião. Fatores de degeneração de nossa raça: meios de combatê-los. In: *Annaes de Eugenia*. op. cit., 1919, p. 49-50.

<sup>84</sup> MOURA, Olegário de. Saneamento-Eugenia-Civilização. In: *Annaes de Eugenia*. op. cit., 1919, p. 84.

<sup>85</sup> MOURA, Olegário de. Discurso de inauguração da Sociedade Eugênica de São Paulo. In: *Annaes de Eugenia*. op. cit., 1919, p. 07.

associações.<sup>86</sup> Como é possível perceber através dos anais, a eugenia foi recebida pelos membros da sociedade como a “nova ciência” médica que, juntamente com a higiene e o saneamento, contribuiria para fortalecer o vigor físico, intelectual e moral da população brasileira.

As discussões e as idéias divulgadas pelos eugenistas da Sociedade Eugênica de São Paulo consistiam numa grande variedade de assuntos: saneamento, higiene, educação física, hereditariedade, degeneração racial, imigração, discussões sobre os males causados por doenças e “vícios sociais” como a sífilis, a tuberculose e o alcoolismo, controle matrimonial e o exame médico pré-nupcial. No entanto, o que mais mobilizou os eugenistas, sendo inclusive acompanhado com curiosidade pela imprensa paulista, foram os debates sobre matrimônio e consangüinidade.<sup>87</sup> Para os eugenistas, tendo em vista a maior possibilidade de transmissão de doenças hereditárias, mas também devido aos valores morais que acionava, a consangüinidade era considerada como inconcebível à luz das orientações eugênicas. Em 1919, após amplo debate entre os membros da Sociedade, a entidade aprovou moção, que foi enviada ao Congresso Federal, condenando a reforma do artigo 183-IV do código civil brasileiro que pretendia eliminar a proibição, então vigente, do casamento consangüíneo.<sup>88</sup>

No final de 1919, mesmo após o entusiasmo criado entre médicos, educadores, jornalistas e autoridades políticas, a Sociedade Eugênica de São Paulo deixou oficialmente de existir. Dois acontecimentos principais teriam desmobilizado totalmente seus associados: a mudança de Renato Kehl para o Rio de Janeiro ainda em 1919, e a morte de

---

<sup>86</sup> Entre estes trabalhos destacamos alguns que tiveram maior repercussão: “Saneamento do Brasil – Eugeniação do Brasil” e “Saneamento – Eugenia – Civilização”, ambos de Olegário de Moura; “Fatores de Degeneração da nossa Raça: meios de combatê-los”, de Rubião Meira; “Darwinismo Social e Eugenia” e “Que é Eugenia”, ambos de Renato Kehl; “Eugenia (seus fins – fatores disgênicos a combater)”, de Bernardo de Magalhães; “Sífilis e o Casamento”, de Moreira Machado; “Meninas Feias e Meninas Bonitas (Eugenia e Estética)”, de Luis Perreira Barreto; “O Segredo da Maratona (Conferencia sobre Atlética e Eugenia)”, de Fernando de Azevedo; “Moral e Eugenia”, de Noé de Azevedo; entre outros trabalhos relacionados a temas similares (In: *Annaes de Eugenia*. op. cit., 1919).

<sup>87</sup> O jornal *O Estado de São Paulo*, por exemplo, publicou comentários elogiosos às discussões sobre o debate da Sociedade Eugênica de São Paulo: “É digno de nota o que se passou ontem na Sociedade Eugênica de São Paulo. Devia entrar em discussão uma das questões mais apaixonadas e mais debatidas de que temos noticias em São Paulo, nestes últimos tempos: a consangüinidade e o casamento. (...) Uns e outros sustentando os respectivos pontos de vista, discutiram o assunto sem paixão e sem intolerâncias, mas com calma, com serenidade, com vontade de acertar. Para os cientistas paulistas foi uma noite memorável a de ontem” (*O Estado de São Paulo*, apud DIWAN, Pietra. op. cit., 2003, p. 38).

<sup>88</sup> KEHL, Renato. O casamento Consangüíneo em face da Eugenia. São Paulo: *Revista do Brasil*, v.11, nº 42, jun. 1919, p. 189-190.



Arnaldo Vieira de Carvalho no ano seguinte. Em correspondência enviada à Renato Kehl em outubro de 1919, Fernando de Azevedo lamentava: “depois que daqui saíste, fez-se silêncio sobre a Sociedade Eugênica! Nada de conferências, nada de reuniões!...”<sup>89</sup>

No entanto, apesar da Sociedade ter encerrado suas atividades dois anos após a sua fundação, ao longo dos anos 1920 as discussões sobre eugenia ainda encontraram espaços de debates em São Paulo, como é possível perceber através da *Revista do Brasil* que, editada na capital paulista, continuou publicando artigos, resenhas e comentários relacionados a eugenia.<sup>90</sup> As teses acadêmicas defendidas pela Faculdade de Medicina de São Paulo também continuaram aparecendo neste período, principalmente através da vinculação da eugenia com a educação, imigração e higiene.<sup>91</sup> Durante os anos 1920, os eugenistas e as autoridades públicas do estado de São Paulo realizaram ainda dois concursos de eugenia para escolher o “bebê eugênico” que melhor representasse a “estirpe paulista”.<sup>92</sup>

Como já comentamos, na Capital Federal, apesar de não existir um movimento eugenista organizado, intelectuais como Belisário Penna, Afrânio Peixoto, Souza Lima, Juliano Moreira, Antonio Austregésilo, entre outros, já cultivavam uma grande admiração pelas idéias eugênicas. O próprio movimento sanitaria, institucionalmente representado pela Liga Pró-Saneamento do Brasil e pelos Congressos de Higiene realizados anualmente em todo Brasil, vinham também incorporando as idéias eugênicas em seus discursos em defesa da saúde pública.

Esse contexto possibilitaria, portanto, que Renato Kehl viesse encontrar, também no Rio de Janeiro, junto aos sanitaristas, higienistas, médicos, jornalistas e literatos, um terreno fértil para continuar sua propaganda pela eugenia, sobretudo através da publicação

---

<sup>89</sup> Correspondência de Fernando de Azevedo a Renato Kehl. São Paulo, 20 out 1919 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>90</sup> A historiadora Tânia R. de Luca demonstra, especialmente no capítulo 4 (“Ciência: solução do problema nacional”), que as discussões sobre eugenia, higiene e saneamento apareciam com frequência nas páginas da *Revista do Brasil*, impressos como símbolos importantes para o progresso e a regeneração do Brasil (LUCA, Tânia Regina de. Op. cit., 1999).

<sup>91</sup> Sobre as discussões em torno do pensamento eugênico em São Paulo, especialmente durante os anos 1920, consultar MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A Medicalização da raça: médicos, educadores e discurso Eugênico*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994; ROMERO, Mariza. *Medicalização da saúde e exclusão social: São Paulo – 1889-1930*. Bauru, SP: Editora Edusc, 2002.

<sup>92</sup> KEHL, Renato. Pelo aperfeiçoamento da nacionalidade. Rio de Janeiro: *Boletim de Eugenia*, vol.1, nº 5, maio de 1929, p. 01.

de seus livros e da imprensa que, a cada dia mais, observava com interesse e simpatia os propósitos desta “nova ciência”.

A partir de 1923, com a fundação da Liga Brasileira de Higiene Mental, organizada por iniciativa do médico e psiquiatra Gustavo Riedel,<sup>93</sup> as discussões sobre eugenia encontrariam novamente abrigo institucional. Renato Kehl, que até então não havia conseguido fundar uma nova sociedade eugênica, saldou irradiante a fundação desta organização, tornando-se membro efetivo e participando ativamente das discussões junto aos médicos-psiquiatras da Capital Federal.

Subvencionada por recursos públicos municipais e federais, ainda que não regulares, a Liga se consolidou entre classe médica carioca reunindo mais de 120 membros, entre eles figuras intelectuais destacadas no cenário nacional, como Miguel Couto, Fernando Magalhães, Carlos Chagas, Henrique Roxo, Antonio Austregésilo, Afrânio Peixoto, Edgar Roquette-Pinto, Ernani Lopes, Julio Porto-Carrero, entre outros.<sup>94</sup> Os objetivos da Liga consistiam em ampliar o debate nacional sobre assuntos relacionados à higiene mental e eugenia, como o saneamento e a higiene, controle da imigração, combate ao alcoolismo e as doenças venéreas - que segundo os psiquiatras, eram os principais responsáveis por uma série de “perturbações mentais” -, controle matrimonial, estudos sobre a esterilização dos “grandes degenerados” e criminosos, entre outras medidas que visavam produzir uma “sociedade normalizada”.<sup>95</sup> Além dos comitês permanentes que se reuniam mensalmente para discutir assuntos do interesse da instituição, a Liga criou em 1925 a sua própria revista, os *Archivos Brasileiros de Higiene Mental*.<sup>96</sup>

Como podemos perceber, os fins para os quais a Liga fora criada se adequavam perfeitamente aos desejos dos eugenistas brasileiros, principalmente o de transformar o

---

<sup>93</sup> A intenção de Gustavo Riedel em criar a LBHM surgiu após seu retorno do Congresso Médico Latino-Americano realizado em Havana, em 1922. Segundo Reis, o interesse inicial deste médico-psiquiatra era fundar uma “instituição de medicina social” com o intuito de aprofundar as discussões sobre profilaxia mental que já vinha sendo debatida através do Instituto de Profilaxia Mental do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro (REIS, José Roberto Franco. *Higiene Mental e Eugenia*. O projeto de regeneração nacional da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-30). Dissertação (Mestrado em História) – Unicamp, Campinas, 1994.

<sup>94</sup> Para maiores informações sobre a Liga Brasileira de Higiene Mental ver os trabalhos de REIS, José Roberto Franco. op. cit., 1994; COSTA, Jurandir Freire. *História da Psiquiatria no Brasil*. Um corte ideológico. Rio de Janeiro: Editora Xenon, 1989.

<sup>95</sup> REIS, José R. F. op. cit., 1994, p. 67.

<sup>96</sup> Idem.

discurso eugênico no porta-voz da regeneração nacional. Em seu trabalho sobre a Liga Brasileira de Higiene Mental, José R. Franco Reis destaca que desde o final da década de 1910, os intelectuais cariocas ligados à psiquiatria já ambicionavam criar um “Instituto Eugênico” destinado à profilaxia das doenças mentais e nervosas.<sup>97</sup> Deste modo, assim que a Liga foi fundada, a eugenia recebeu ótima recepção entre os higienistas mentais que, fascinados pelas medidas científicas que esse saber oferecia ao campo da psiquiatria, passaram a divulgar com grande interesse as idéias eugênicas e suas possibilidades regeneradoras, inserindo-a efetivamente em seus discursos e projetos institucionais.<sup>98</sup>

No final da década de 1920, a Liga Brasileira de Higiene Mental intensificou sua ênfase nos estudos eugênicos sobre higiene mental, sobretudo a partir de 1929, quando o psiquiatra e eugenista Ernani Lopes assumiu a presidência da organização. Liderando uma nova geração de médicos-psiquiatras, Ernani Lopes objetiva ampliar o campo de intervenção da Liga no meio social, com ênfase no controle da higiene mental de crianças em fase escolar, de operários e pacientes internados em hospitais, asilos, hospícios e prisões. Neste período, como forma de consolidar a relação entre a higiene mental e a eugenia, e ao mesmo tempo criar um novo campo científico, os psiquiatras cunharam um novo termo, a “eufrenia”, significando o “aprimoramento mental da raça”.<sup>99</sup>

A eugenia ainda encontraria abrigo durante os anos 1920 através dos médicos e cientistas ligados à medicina legal. Escritores como Souza Lima, Afrânio Peixoto e Leonídio Ribeiro tinham grandes interesse em criar uma interface profícua entre a antropologia física, a medicina legal, a biometria e os temas eugênicos, reproduzindo-os inclusive em seus trabalhos científicos e nos métodos de identificação criminal.<sup>100</sup> De acordo com Nancy Stepan, a medicina legal poderia ser caracterizada como uma

---

<sup>97</sup> Idem, p. 42.

<sup>98</sup> Nas palavras de Nancy Stepan, os estreitos contatos entre a psiquiatria e a eugenia derivavam do interesse da psiquiatria brasileira pela hereditariedade e de sua preocupação com os perigos que a doença mental, a pobreza, a criminalidade, a delinqüência e a prostituição representavam para a sociedade e para a própria nação (STEPAN, Nancy. op. cit., 2004, p. 343).

<sup>99</sup> STEPAN, Nancy. op. cit., 2005, p. 59.

<sup>100</sup> Sobre a relação entre eugenia, antropologia e medicina legal consultar CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Óleo e Água. In: \_\_\_\_\_. *Intenção e Gesto: Pessoa, cor e a produção cotidiana da (in)diferença no Rio de Janeiro, 1927-1942*. Rio de Janeiro. Editora do Arquivo Nacional, 1999, pp. 237-377.

terceira variante da eugenia no Brasil, tendo em vista que “os problemas de crime e responsabilidade ficaram intimamente ligados, na mente dos médicos, às questões racial e eugênica”.<sup>101</sup>

No entanto, apesar das concepções eugênicas terem conquistado o interesse de vários setores da elite intelectual brasileira - como os médicos ligados a psiquiatria e a medicina legal -, foi juntamente com os médicos-sanitaristas que o movimento eugenista iria preferencialmente se associar. Esta ligação formava, durante os anos 1910 e 1920, o que poderíamos denominar de a primeira e a mais forte variante ideológica do movimento eugenista brasileiro.

### **3. Eugenia, saneamento e neolamarckismo**

No início do século XX, o Brasil era definido como um “país doente”, “um imenso hospital” como definia o médico Miguel Pereira.<sup>102</sup> Para muitos intelectuais brasileiros, a solução destes problemas dependeria de amplas reformas sociais, morais e sanitárias, capazes de restabelecer a saúde e o vigor da nacionalidade. Quando as idéias eugênicas foram apresentadas no Brasil durante os anos 1910, acreditava-se que suas propostas regeneradoras poderiam contribuir para melhorar as condições físicas, mentais e hereditárias da população, higienizando e saneando o país como um todo.

Os primeiros passos do movimento eugenista brasileiro emergiram, portanto, em estreita consonância com as idéias e práticas divulgada pelos sanitaristas. As campanhas pelo saneamento iniciadas na Capital Federal pelos cientistas de Manguinhos e, posteriormente, através da Liga Pró-Saneamento, fundada por Belisário Penna, em 1918, abriram espaços para que as idéias eugênicas fossem inseridas no contexto

---

<sup>101</sup> STEPAN, Nancy. op. cit., 2005, p. 60.

<sup>102</sup> De acordo com Nísia Trindade Lima e Gilberto Hochman, a denúncia feita por Miguel Pereira, ao afirmar em 1916 que “o Brasil é um imenso Hospital”, “tornou-se um emblema das posições críticas à ordem social e política da Primeira República. Esta frase é apontada como marco de origem da campanha do saneamento rural (...)” (op. cit., 1996, p. 24).

intelectual brasileiro.<sup>103</sup> No entanto, mais do que possibilitar a introdução do pensamento eugenista, os sanitaristas se entusiasmaram com as novas idéias e com o símbolo de modernidade que a eugenia trazia em seus pressupostos.

A associação entre estas duas formas de saber foi tão intensa que os primeiros trabalhos sobre eugenia se confundiram com o próprio ideário ambientalista, sobretudo aquele elaborado por médicos, sanitaristas e higienistas. Além dos trabalhos publicados em 1919 pela Sociedade Eugênica de São Paulo, vários outros livros sobre eugenia e saneamento foram publicados neste período a partir de uma mesma linguagem, parecendo derivar de um mesmo conhecimento científico. O próprio livro de Belisario Penna, “O Exército e o Saneamento”, publicado em 1920, apresentava as idéias eugênicas como pertencentes ao mesmo campo científico do qual a higiene e o saneamento faziam parte.<sup>104</sup> Segundo a análise da historiadora Nancy Stepan, o deteriorado estado de saneamento do Brasil era apresentado por Belisário Penna como um problema que exigia uma solução eugênica, já que poderia degenerar hereditariamente a população nacional.<sup>105</sup>

De modo semelhante, a obra *O Problema Vital*, escrito por Monteiro Lobato em 1918, foi publicado em colaboração entre a Sociedade Eugênica de São Paulo e a Liga Pró-Saneamento do Brasil, trazendo como prefácio um artigo do eugenista Renato Kehl.<sup>106</sup> O livro de Lobato, organizado a partir de vários artigos publicados no jornal *O Estado de São Paulo*, ficou conhecido por apresentar um ajuste de contas do autor com o seu antigo personagem, o “injustiçado Jeca Tatu”, que, agora, salvo pela ciência e pelo rigoroso trabalho do laboratório, era apresentado como um “Jeca Bravo”, conforme destacava o próprio Renato Kehl no prefácio desta obra.

Para o médico e eugenista Olegário de Moura, vice-presidente da Sociedade Eugênica de São Paulo, saneamento e eugenia deveriam ser compreendidos como sendo a

---

<sup>103</sup> Vale a pena destacar que a Liga Pró-Saneamento do Brasil foi fundada em 11 de fevereiro de 1918, um mês depois, portanto, de ter sido criada a Sociedade Eugênica de São Paulo. Do mesmo modo, muitos dos sanitaristas e eugenistas, como Renato Kehl e Belisário Penna, eram importantes membros e lideranças nas duas organizações. Tais fatos ajudam a explicar a proximidade e a filiação que estes movimentos intelectuais e políticos exerceram no Brasil a partir do final da década de 1910.

<sup>104</sup> PENNA, Belisário. *Saneamento do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora dos Tribunais, 1918.

<sup>105</sup> STEPAN, Nancy. op. cit., 2004, p. 340.

<sup>106</sup> LOBATO, Monteiro. op. cit..1964 [1918].

mesma coisa, “sanear é eugenzar”, frisava o autor. Moura argumentava ainda que independente do nome ser eugenia ou saneamento, “ao Brasil o que interessa é que a questão caminhe, é que a questão se apresente a todos, é que a questão se vá derramando sobre a coletividade brasileira e se vá infiltrando na consciência nacional”.<sup>107</sup> Estrutural e cientificamente, portanto, como destacou Nancy Stepan, “a eugenia brasileira era congruente, em termos gerais, com as ciências sanitárias, e alguns simplesmente a interpretavam como um novo ramo da higiene”.<sup>108</sup>

Essa união entre a eugenia e as idéias sanitaristas, quando não a sua inconfundível associação, foi possibilitada pela influência que os estudos neolamarckistas e sua convicção na transmissão dos caracteres adquiridos exerceram sobre a intelectualidade brasileira, principalmente entre a classe médica.<sup>109</sup> Para Nancy Stepan, a proximidade do Brasil com a tradição cultural e intelectual francesa possibilitou que os eugenistas se identificassem inicialmente com o movimento eugenista francês, amplamente influenciado pelas concepções ambientalista de origem neolamarckista.<sup>110</sup> A própria Sociedade Eugênica de São Paulo, como destacou Renato Kehl, teria sido organizada nos mesmos moldes da congênere francesa, utilizando-se inclusive de estatutos similares.<sup>111</sup>

---

<sup>107</sup> MOURA, Olegário. Saneamento-Eugenia-Civilização. op. cit., 1919, p. 83.

<sup>108</sup> Nancy Stepan. Op. cit. 2004, p. 348

<sup>109</sup> Em linhas gerais, como explica Nancy Stepan, o lamarckismo propunha uma evolução impulsionada por uma lenta e intencional adaptação ao meio ambiente, ao contrário do ferrenho mundo da luta evolucionista darwiniana. “Para um neolamarckiano, a seleção natural poderia provocar uma eliminação das variantes inadequadas, mas a herança das características adquiridas seria responsável pela origem das mais aptas. Politicamente, as noções lamarckianas justificavam a crença de que o esforço humano tinha sentido que os melhoramentos adquiridos ao longo da vida de um indivíduo poderiam ser transmitidos geneticamente, que o progresso seria possível” (STEPAN, Nancy. op. cit., 2005, p. 83). Assim, o que era de início uma teoria geral sobre evolução, transformou-se, ele mesmo, num “neolamarckismo”, passando a significar uma teoria particular sobre o funcionamento da hereditariedade dos caracteres adquiridos, adaptando-se às discussões contemporâneas relacionadas à herança genética (idem, p. 79).

<sup>110</sup> Segundo William H. Schneider, o movimento eugenista francês foi predominantemente marcado pela influência neolamarckista e pela preocupação com as questões relacionadas a puericultura, a higiene e saúde pública como um todo, sobretudo entre 1910 a 1930. Durante o Primeiro Congresso Internacional de Eugenia, realizado em Londres, vários eugenistas franceses, como Adolphe Pinard e Lucien March, defenderam as concepções sobre hereditariedade dos caracteres adquiridos e a influência do meio como forma de melhoramento da raça humana. Schneider destaca que apesar da influência neolamarckista, alguns eugenistas defenderam programas eugênicos “negativos”, principalmente durante os anos 1930. O eugenista Charles Richet, por exemplo, vice-presidente da Sociedade Eugênica da França e cientista premiado com o Nobel em 1913, foi um dos principais defensores das medidas eugênicas mais radicais, como a restrição da imigração, a esterilização e o controle matrimonial. Contudo, mesmo nos anos 1930, os pressupostos neolamarckistas continuaram atuando no pensamento eugênico francês, muitas vezes como discurso científico de oposição as medidas mais extremas (SCHNEIDER, William H. The eugenics movement in France 1890-1940. In: ADAMS, Mark, B. (org). op. cit., 1990, pp. 69-109).

<sup>111</sup> KEHL, Renato. Estatutos. *Annaes de Eugenia*. op. cit., 1919, p. 257.

De modo semelhante, os eugenistas valeram-se também da tradição ambientalista neo-hipocrática, que desde o século XIX contagiava o pensamento social e científico nacional.<sup>112</sup> Para Marcos Chor Maio, o ideário sanitarista da Primeira República manteve estreitas afinidades com o pensamento médico ambientalista do século XIX, sobretudo no que diz respeito a uma perspectiva neo-hipocrático e a-racialista.<sup>113</sup> Além disso, as próprias preocupações com os problemas sanitários e sociais eram fatores com os quais os médicos, higienistas e eugenistas mais se interessavam durante os anos 1910 e 1920. Deste modo, acreditavam que combater os “ambientes disgênicos”, propagar os hábitos de higiene e empregar a profilaxia sanitária seriam os modos mais rápidos e eficientes para regenerar a população.

Esta especificidade da eugenia brasileira pode ser confirmada através da impressão que o eugenista britânico K. E. Trounson, teve ao ler, em 1931, alguns artigos de eugenistas brasileiros. Conforme comentou na *Revista Eugenics Review*, editada pela *Eugenics Society de Londres*, os eugenistas brasileiros interpretavam a palavra “eugenia” de maneira menos restritiva:

Conflitos familiares, educação sexual e exames e atestados pré-nupciais parecem ser os assuntos que mais interessam aos eugenistas brasileiros, enquanto a genética e a seleção natural e social são bastante negligenciadas. *A abordagem é mais sociológica que biológica*<sup>114</sup> [sem grifo no original].

No entanto, como ressaltou Nancy Stepan, do ponto de vista dos eugenistas brasileiros, Trounson deixaria de perceber a lógica que permeava os pressupostos eugênicos nacionais.<sup>115</sup> Ao invés dos modelos deterministas que privilegiavam as reformas biológicas de caráter seletivo e segregacionista, como acontecia na Inglaterra através dos modelos de eugenia weismaniana e mendeliana, os eugenistas brasileiros preferiram uma

---

<sup>112</sup> Sobre a ligação entre as idéias sanitaristas e a tradição intelectual brasileira de cunho ambientalista fundada no século XIX, boa parte constituída pela influência do pensamento neohipocrático, ver MAIO, Marcos Chor. Raça, doença e Saúde Pública no Brasil: um debate sobre o pensamento higienista do século XIX. In: MONTEIRO Simone.; SANSONE, Livio (Orgs.). *Etnicidade na América: um debate sobre raça, saúde e direitos reprodutivos*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004. pp.15-44.

<sup>113</sup> Idem, p. 35.

<sup>114</sup> K. E. Trounson, apud STEPAN, Nancy. op. cit., 2004, p. 345.

<sup>115</sup> STEPAN, Nancy, idem, p. 345.

eugenia mais “suave”, ao estilo da “eugenia preventiva”, que entrasse em consonância com as propostas ambientalistas e possibilitassem reformar social e moralmente a sociedade.<sup>116</sup>

Estas concepções neolamarckistas possibilitaram que os eugenistas percebessem as reformas de cunho sanitário como um meio imediato e eficiente para aperfeiçoar a composição hereditária da nacionalidade. De maneira geral, o movimento eugenista brasileiro entendia que o ponto de partida de seus estudos deveria iniciar com as reformas sociais mais amplas, combatendo as doenças consideradas hereditárias, higienizando e saneando, mas também moralizando os hábitos e a vida da população. Eugenizar é preciso, acreditavam os eugenistas.

O pensamento neolamarckista permitia, portanto, que os eugenistas investissem sobre a vida social de maneira efetiva, propondo políticas públicas de caráter intervencionista e estabelecendo uma “ordem social e moral” em nome da “ciência da hereditariedade”. Além das reformas higiênicas e sanitárias, os eugenistas propunham, ainda, várias discussões sobre a legislação matrimonial, exame médico pré-nupcial, educação sexual, aborto e controle da natalidade, tendo como objetivo tanto o aperfeiçoamento social quanto biológico das futuras gerações. Neste sentido, a eugenia se constituía também como um importante mecanismo civilizador, capaz de reeducar os hábitos sociais e os comportamentos morais, investindo, por exemplo, sobre as regras de higiene individual e familiar, a educação sexual, a regulamentação sobre o uso do álcool e do tabaco, além do controle da prostituição e da criminalidade.

Para Nancy Stepan, essa tradição neolamarckista que constituía o pensamento eugenista brasileiro aparecia frequentemente “matizada de expectativas otimistas de que reformas do ambiente social resultassem em melhoramento permanente”, tendo em vista que seus pressupostos permitiam pensar na transmissão genética de caracteres adquiridos

---

<sup>116</sup> Pelo menos até o final dos anos 1920, as idéias neolamarckistas prevaleceriam entre os eugenistas brasileiros, conformando-se perfeitamente aos seus interesses ideológicos e reformistas. Contudo, a partir do final da década de 1920, os pressupostos de August Weismann sobre a continuidade do plasma germinativo e as leis de Mendel passariam também a compor o ideário do movimento eugenista nacional. Vale destacar que essa tendência weismann-mendeliana era diametralmente oposta às concepções ambientalistas, concebendo a hereditariedade como uma função inata, uma condição fixa e inerente aos caracteres biológicos dos indivíduos. Para os eugenistas que compartilhavam desta perspectiva nenhuma alteração operada no meio poderia alterar o “estoque genético” ou a hereditariedade (sobre esta discussão ver STEPAN, Nancy, op. cit., 2005; KEVLES, Daniel. *In the name of eugenics*. Genetic and the uses of human heredity. Nova York: Knopf, 1995; ADAMS, Mark B (org). *The Wellborn Science*. Eugenics in Germany, France, Brazil e Russia. New York: Oxford University Press, 1990).



ao longo da vida.<sup>117</sup> A maioria destes eugenistas, portanto, não faziam distinção entre hereditariedade e meio ambiente, o que os autorizava ligar diretamente o ambiente sanitário à saúde racial.<sup>118</sup> Ideológica e cientificamente, portanto, o discurso ambientalista da eugenia reforçava antigas reivindicações de médicos, sanitaristas, higienistas e educadores sociais.

As idéias neolamarckistas eram tão presentes no ideário médico e eugenista que alguns, como o eugenista João Henrique, chegavam a considerar o meio como “a pedra angular de toda biologia”.<sup>119</sup> Em sua obra, intitulada “Do conceito eugênico do habitat brasileiro”, este eugenista enfatizava que o meio diferenciaria os indivíduos formando a “sua compleição física, o gênio e o caráter dos povos”. As vicissitudes do meio, independente da “estrutura plasmática” criaria uma “raça nova”, tendo em vista que “o caldo de cultura” ajuntar-se-ia ao “soro sangüíneo” dos indivíduos.<sup>120</sup> O autor ressaltava, ainda, que as péssimas condições do “habitat brasileiro” e as inúmeras doenças que inferiorizavam a “condição biológica” do homem nacional seriam os principais entraves para a “eugenização da nossa raça”.<sup>121</sup>

Para os eugenistas brasileiros, os pressupostos neolamarckistas autorizavam, inclusive, a investirem no aprimoramento do estado hígido e da robustez física da população. Através das diferentes formas de terapêuticas, a “ciência eugênica” poderia tanto contribuir para a purificação higiênica e o melhoramento rigoroso dos progenitores como para o aperfeiçoamento físico, a saúde e o embelezamento da sociedade. A eugenia se constituía, deste modo, também como um movimento que visava à estetização da identidade nacional. A idéia de progresso e civilização exigia, sobretudo, a saúde, a força e a beleza física.

Implicitamente, este modelo de conhecimento científico admitia pensar a associação direta entre a eugenia e o lema central da República positivista brasileira: ordem e progresso. O médico e eugenista Olegário de Moura, por exemplo, dizia-se

---

<sup>117</sup> STEPAN, Nancy. op. cit., 2005, p. 82-83.

<sup>118</sup> Idem, p. 92.

<sup>119</sup> HENRIQUE, João. *Do conceito eugênico do Habitat Brasileiro*. op. cit., 1917, p. 13.

<sup>120</sup> Idem, p. 34.

<sup>121</sup> Idem, p. 65.

otimista com o futuro do Brasil, lembrando que os problemas nacionais “são de natureza, em absoluto removíveis”. Os principais males que nos afligem, enfatizava ele, serão debelados pelo trabalho da ciência, através da eugenia e do saneamento, auxiliando para elevar o Brasil ao progresso e a civilização.<sup>122</sup> Para este autor, como definia em uma de suas conferências realizadas através da Sociedade Eugênica de São Paulo, saneamento e eugenia devem ser vistos como sinônimos de civilização:

Eis a grande bandeira desfraldada aos ventos... O símbolo da nossa nacionalidade é representada pelas palavras “Ordem e Progresso”. *Saneamento-Eugenia é Ordem e Progresso*. E, afirmamos com convicção e consciência inabaláveis que só a Eugenia e o Saneamento serão os únicos fatores capazes de consolidar definitivamente o emblema do nosso pavilhão: Ordem e Progresso, símbolo... da nossa soberania no mundo. Eugenia, é ordem e Progresso. Saneamento é Ordem e Progresso<sup>123</sup> [sem grifo no original].

Inspirados nas orientações neolamarckistas, os eugenistas brasileiros acreditavam que os problemas nacionais não eram de caráter fixo. A solução estaria tão somente no empenho das autoridades públicas e no emprego racional da ciência eugênica e do saneamento. Encaradas como sinônimos, a eugenia e o saneamento deveriam debelar as pestilências, combater as doenças infecto-contagiosas, implantar hábitos higiênicos e intervir no futuro da reprodução humana, gerando uma prole saudável, física e moralmente aptas para tornar o Brasil uma nação ordeira e progressista. Seguindo estas diretrizes, acreditavam os eugenistas, dentro em breve o Brasil poderia estar inserido no tão sonhado “concerto das nações” civilizadas.

As principais campanhas dos eugenistas durante os anos 1910 e 1920 concentrou-se, portanto, no combate aos “ambientes disgênicos” e as doenças como a sífilis, tuberculose, ancilostomíase, malária e a lepra. O combate aos “vícios sociais”, considerados altamente prejudiciais a hereditariedade, como o uso dos chamados “tóxicos eufóricos” (o alcoolismo, o tabaco, a morfina e a cocaína), também faziam parte das preocupações eugênicas. Segundo o médico Rubião Meira, da comissão consultiva da Sociedade Eugênica de São Paulo, se estes fatores patológicos “que concorrem, entre nós, para a corrupção da raça nacional” não forem combatidos com severidade, “teremos em

---

<sup>122</sup> MOURA, Olegário. Saneamento-Eugenia-Civilização. In: *Annaes de Eugenia*. op. cit., 1919, p. 89

<sup>123</sup> Idem.

breve uma gente destituída de valor, incapaz para os magnos esforços, fraco para as grandezas de nossa vida, fadada a desaparecer ao sopro de um vendaval (...).<sup>124</sup>

Considerado pelos eugenistas como o grande “inimigo da raça”, o alcoolismo era visto por Afrânio Peixoto como uma das principais causas da degeneração racial e do futuro da nacionalidade, sendo responsável, inclusive, pelo grande número de doentes, loucos e criminosos que existiam no meio social.<sup>125</sup> Para Belisário Penna, ninguém escaparia dos males causados pelo alcoolismo, já que ele não produziria apenas “degenerados inferiores”, mas “igualmente degenerados superiores, nas altas camadas sociais”.<sup>126</sup> Na concepção deste sanitarista, além de “preparar o leito” para outras doenças mais graves, o alcoolismo era responsável pelo grande aumento da mortalidade, diminuição da natalidade e pela produção de “indivíduos anormais”.<sup>127</sup> Do mesmo modo, o médico Franco da Rocha, também da Sociedade Eugênica de São Paulo, destacava que a “embriaguez” seria uma das principais fontes de degeneração e da produção da loucura. Para esse autor, “poucos médicos haverá que não tenham visto epiléticos nascidos de pais alcoólatras. O fato é tão comum que nos dispensa de trazer provas”.<sup>128</sup>

Ao lado do alcoolismo, os eugenistas entendiam que a sífilis e a tuberculose constituiriam os “venenos raciais” responsáveis pela ampla degeneração física e mental da população nacional. O médico e psiquiatra Henrique Roxo, membro da Liga Brasileira de Higiene Mental, chamava a atenção das autoridades públicas ao afirmar que, apesar de não ser possível obter uma “perfeita eugenia”, “se não houvesse sífilis e alcoolismo, 80% das doenças mentais não existiriam”.<sup>129</sup> Por outro lado, o médico Amadeu Amaral lamentava, através das páginas da *Revista do Brasil*, pelo grande número de “criancinhas” mal geradas que vinham ao mundo com “toda uma sementeira de atrocidade: cegueira, surdez, chagas, ataques, paralisia, alucinações, angústias, vícios, maldades”.<sup>130</sup> Esses “graves danos

---

<sup>124</sup> MEIRA, Rubião. op. cit., 1919, p. 59.

<sup>125</sup> PEIXOTO, Afrânio. As doenças evitáveis. *Revista Brazil-Médico*. Rio de Janeiro, ano XXXVIII, vol. I, nº 1, 05 jan. 1924, p. 3.

<sup>126</sup> PENNA, Belisário. A Luta contra o alcoolismo. *Revista Brazil-Médico*. Rio de Janeiro, ano XXXVI, vol. 11, out. 1922, p. 212.

<sup>127</sup> Idem.

<sup>128</sup> ROCHA, Franco da. Alcoolismo e Loucura. *Revista do Brasil*. São Paulo, vol. 8, nº 32, ago. 1918, p. 495.

<sup>129</sup> ROXO, Henrique. Higiene Mental. *Archivos Brasileiro de Higiene Mental*. Rio de Janeiro, ano 1, nº 2, dez. 1925, p. 2.

<sup>130</sup> AMARAL, Amadeu. Cuidar da Infância. *Revista do Brasil*. São Paulo, vol. 16, nº 162, fev. 1921, p. 140.

sociais” que atingiam milhares de crianças brasileiras, na concepção deste autor, eram devidos as péssimas condições sanitárias e hereditárias “do pai avariado ou alcoólatra, da mãe nevrospata ou tuberculosa”.<sup>131</sup>

Álcool, tuberculose, sífilis, histeria e a loucura seriam, na explicação destes médicos e eugenistas, as causas principais das “atrocidades” que acometiam as “pequenas criaturinhas inocentes”, além de desmoralizarem a vida da família, da sua descendência e da sociedade. Para Amadeu Amaral, esses “desgraçadinhos”, referindo-se às milhares de crianças brasileiras doentes,

vivem muitas vezes, como se fossem perfeitas: nenhuma prevenção, nenhum cuidado, nenhum zelo especial, nenhum corretivo oportuno. E cresce, e arrasta a sua tragédia lancinante, e deixa descendentes que continuam a desenrolar a cadeia infundável dos condenados sem culpa! E continuam a altear-se de mais a mais os muros das prisões, assumem vulto de cidades os manicômios, mais se reproduzem as enfermarias, mais longas e barulhentas se tornam as alfurjas do vício em pleno coração das cidades, e essas geenas refervem de angústias, de desesperos, de lentas agonias.<sup>132</sup>

O futuro da geração nacional poderia estar, portanto, condenado por um patrimônio hereditário “contaminado” pelas “condições disgênicas” dos genitores. Esta degenerescência da prole seria responsável, como enfatizava Amaral, pelo aumento das prisões, dos manicômios e dos hospitais, desencadeando a “desordem social” urbana, a criminalidade, a loucura e a prostituição. Para alguns médicos e eugenistas, o futuro do Brasil estaria condenado à imoralidade, a desordem e a delinqüência caso não se eugenizasse e saneasse a infância. Na concepção do médico Castro Barreto, por exemplo, seria exatamente na infância que os médicos poderiam “prestar os melhores serviços à raça”, tanto nos conselhos sobre nutrição e higiene, quanto na “correção das taras e heranças mórbidas”.<sup>133</sup>

De maneira geral, o pensamento eugenista brasileiro, ao menos durante os anos 1920, foi profundamente marcado por um estilo de “eugenia preventiva”, muito associada às campanhas médicas e sanitaristas de caráter reformista. Como já salientamos, o interesse

---

<sup>131</sup> Idem.

<sup>132</sup> Idem.

<sup>133</sup> BARRETO, Castro. O médico e o culto da raça. *Revista Brasil Médico*, Rio de Janeiro, ano XXXVI, vol. 11, 2 out. 1922, p. 208.

central do movimento eugenista consistia em elaborar um amplo programa de propaganda e conselhos higiênicos, de combate as doenças e outros “males sociais”, com vistas ao melhoramento da saúde pública e do futuro da nacionalidade. Contudo, os eugenistas também incentivaram medidas que visavam racionalizar a natalidade e orientar a reprodução humana. O objetivo era regulamentar o matrimônio e impedir a união conjugal entre os indivíduos considerados “inadequados”, portadores de “taras hereditárias”, “criminosos” e “delinqüentes”.

Neste sentido, preocupados que estavam com o futuro da prole nacional, os eugenistas voltaram suas atenções também para uma ampla discussão sobre educação sexual e orientação matrimonial. Através de campanhas em defesa do exame pré-nupcial e do controle racional da natalidade, os eugenistas procuravam instruir as famílias sobre a importância da “reprodução eugênica”. Já em 1918, os eugenistas da Sociedade Eugênica de São Paulo pretendiam introduzir no Código Civil Brasileiro um dispositivo que obrigasse os nubentes a apresentarem, antes do matrimônio, o atestado médico que comprovasse suas capacidades físicas e mentais. Quem não aplaude “esta disposição proibitiva em defesa das nossas futuras proles?”, perguntava o propagandista Renato Kehl em artigo publicado, em 1918, na *Revista do Brasil*.<sup>134</sup>

No início dos anos 1920, o médico João Prudêncio de Souza, da Faculdade de Medicina da Bahia, enfatizava que não haveria nada mais indigno, “descuido mais lamentável na vida social de um indivíduo”, que levar consigo doenças, vícios e taras para um lar que se vai construir.<sup>135</sup> Este eugenista alertava que o exame pré-nupcial deveria ser atestado por médicos de valor reconhecido, por um especialista capaz de decidir sobre a conveniência ou não da união matrimonial. De posse dos conhecimentos médicos e eugênicos atuais, João Prudêncio destacava que:

Já não pode o médico temer a falta de bases seguras para atestar sobre o estado de sanidade dos cônjuges, impedindo os casamentos (...). Ficará em seu encargo, assim, o dever de zelar por uma seleção tão evidentemente necessária na sociedade.

---

<sup>134</sup> KEHL, Renato. O que é eugenia. *Revista do Brasil*. São Paulo, vol. 9, nº 35, nov. de 1918, p. 304.

<sup>135</sup> SOUZA, João Prudêncio de. *Syphilis e Eugenia*. Tese de medicina defendida na Faculdade de Medicina da Bahia. Bahia, 1923, p. 19.

Os nossos juristas já não poderão alegar insuficiência de conhecimentos profissionais para os bons diagnósticos, sendo apenas necessário que legalizada a questão do atestado de sanidade pré-nupcial, ponha o governo ao alcance dos médicos encarregados de tal perícia, os meios mais modernos de pesquisa fornecidos pelo laboratório.<sup>136</sup>

Considerando a existências destes métodos eugênicos precisos, construídos em laboratório, os eugenistas enfatizavam que o exame matrimonial deveria constar como obrigatório, sendo possível ao especialista, um médico-eugenista, intervir nos casos em que os indivíduos apresentassem “estigmas degenerativos”. Dentre os motivos para o impedimento matrimonial constavam doenças como a tuberculose, doenças venéreas, principalmente a sífilis, além das “taras” consideradas incuráveis, o alcoolismo, deficiências físicas e demais males de caráter hereditário.

Para João Prudêncio, a “sífilis hereditária” deveria ser observada como o principal motivo para a proibição do matrimônio, tendo em vista ser essa doença responsável pelo grande número de abortamentos, partos prematuros, mortalidade, nascimento de “crianças deformes, cegas, idiotas e paralíticas”. Segundo este autor, a herança da sífilis criaria “indivíduos incapacitados” para a vida na sociedade. Em sua maioria, argumentava ele, esses indivíduos “são psicologicamente anormais, inadaptáveis ao meio em que vivem, são tarados incuráveis que levam uma vida inteira improdutiva, são inconscientes ou meio conscientes que representam um prejuízo e um perigo social”.<sup>137</sup>

Segundo Afrânio Peixoto, a preocupação com as questões relacionadas a higiene, a eugenia e a herança não se alarmavam somente entre os médicos e eugenistas, mas também entre os leigos. Hoje, afirmava Afrânio, “a eugenia é assunto literário”, e “se os códigos não exigem ainda uma folha corrida sanitária para permitir o novo lar, vai entrando nos costumes a suspeição mórbida e, espontaneamente, busca-se, inocentemente, a saúde, como outrora se escondia, hipocritamente a doença”. Com um pouco mais de esforço, acreditava ele, seria possível que a eugenia indicasse o caminho para o pleno combate das “taras”, das degenerações e da “má herança”.<sup>138</sup>

---

<sup>136</sup> Idem, p. 26.

<sup>137</sup> Idem, p. 21.

<sup>138</sup> PEIXOTO Afrânio. As doenças evitáveis. op. cit., 1924, p. 03.

Muitos eugenistas brasileiros acreditavam, ainda, que o incentivo a prática da educação física seria um mecanismo fundamental para auxiliar no processo de aperfeiçoamento da hereditariamente nacional, principalmente com a obrigatoriedade das práticas esportivas nas escolas e no seio das famílias. O esporte era muitas vezes tratado tanto para disciplinar e subordinar a vida dos indivíduos, tornando-os mais fortes, resistentes e produtivos, quanto para pensar no embelezamento físico e genético da população como um todo.

Para Fernando de Azevedo, por exemplo, o papel da eugenia deveria consistir, em sua função primordial, na “reforma plástica” e integral da beleza física feminina, impedindo que “criaturinhas doentias” e “franzinas” continuassem “proliferando gerações de indivíduos fracos e degenerados”. A eugenia deveria se incumbir, destacava este eugenista, em “corrigir toda essa atrofia somática (...) que torna a mulher imprópria às altas funções da maternidade”.<sup>139</sup> Na educação física feminina, ressaltava Fernando de Azevedo, estaria à regeneração integral e definitiva da nacionalidade:

A eugenia brasileira – pedra angular da sociedade, teria na solução nacionalista deste problema uma grande vitória para a regeneração físico-moral deste país, em cujos colégios parecem ainda desconhecer-se por completo a influencia visceral e definitiva, que sobre a geração de amanhã exerceria a aplicação às meninas de uma cuidada educação física, não de processos anódinos, mas eficazes, de exercícios adequados, constantes e sistematizados. A regeneração física da mulher brasileira é certamente o meio mais lógico, mais seguro e mais direto de obter-se de futuro uma geração sadia e robusta, em substituição a esta de hoje, que, em geral, se anquilosa em atitudes *scohóticas* e enfezadas, estiolando-se nos rebentos de uma prole franzina, que surge muitas vezes sobre as ruínas da saúde das mães, quando não seja sobre o sacrifício de uma pobre vida... Que podemos

---

<sup>139</sup> AZEVEDO, Fernando de. Meninas feias e meninas bonitas: eugenia e plástica. In: *Annaes de Eugenia*. op. cit., 1919, p. 150.

de fato esperar de meninas fracas, para quem a maternidade seria uma catástrofe, senão uma floração cada vez mais raquítica e doentia?<sup>140</sup>

A educação física era pensada, portanto, também em termos neolamarckistas, possibilitando que os eugenistas interpretassem a saúde e o “vigor físico” como elementos passíveis de transmissão hereditária. Como é possível perceber, a mulher brasileira era representada por Fernando de Azevedo como tendo uma função essencial no processo de reprodução, de conservação e aperfeiçoamento das gerações futuras. A elas caberia o cuidado com a saúde, o vigor, a higidez física e a beleza, o que as prepararia para uma maternidade “eugenicamente adequada”. No caso do Brasil, uma sociedade tradicionalmente patriarcal, os eugenistas entendiam que o “futuro da raça” dependia, acima de tudo, da constituição física e biológica da mulher. Nas palavras de Nancy Stepan, as políticas eugênicas concentraram suas atenções na mulher, foi sobre ela que se exerceu uma rigorosa educação e um intenso controle sobre o seu corpo e a sua sexualidade, já que o seu “papel social” era visto como sendo primordialmente destinado ao processo reprodutivo e maternal.<sup>141</sup>

Neste sentido, um dos objetivos implícitos do incentivo eugênico à prática esportiva feminina, à educação sexual, o controle reprodutivo e matrimonial, além das práticas higiênicas e sanitárias em geral, consistiria em moldar os aspectos estéticos e hereditários da população local. Concentrando a atenção no “embelezamento da parte que nos toca da raça latina”, conforme destacava o médico paulista Luis Pereira Barreto, os eugenistas acreditavam poder mudar as próprias características estéticas da identidade nacional.<sup>142</sup> De maneira geral, gênero e raça tornaram-se um elemento central do discurso eugenista brasileiro, já que estes temas possibilitavam pensar não somente na conformação hereditária das gerações futuras, mas acima de tudo na própria construção da nação.

---

<sup>140</sup> Idem, p. 150-151.

<sup>141</sup> STEPAN, Nancy. Op. cit., 2005, p. 116.

<sup>142</sup> Nas palavras de Luis Perreira Barreto, o homem já havia feito muito “no sentido da criação de belas galinhas, de homéricos porcos, de aqui-rápidos cavalos de corrida; estamos de posse de uma arte primorosa na obtenção de novilhos de uma suprema beleza; já é uma plena realidade a existência ativa da sociedade Herd-book Caracu; está feita a nossa eugenia bovina. É mais que tempo de cogitarmos do embelezamento da parte que nos toca da raça latina” (BARRETO, Luis Pereira. Eugenia. *Revista do Brasil*. São Paulo, vol. 07, nº 28, abr. 1918, p. 415).



Contudo, apesar de estar afinada com os modelos de eugenia “preventiva” e “positiva”,<sup>143</sup> que reafirmava a pobreza, a doença, a imoralidade e os “ambientes disgênicos” como os grandes problemas nacionais, os eugenistas brasileiros também se preocuparam com as discussões sobre a composição racial do país. Como procuraremos demonstrar em seguida, o pensamento eugenista reintroduzia no cenário nacional a associação entre raça e identidade nacional. Porém, argumentaremos que, mesmo acionando um projeto de regeneração racial, os eugenistas procuraram criar um modelo de eugenia pelo qual fosse possível pensar as diferenças entre as raças sem que isso excluísse o “valor eugênico” da mestiçagem nacional e, ao mesmo tempo, a viabilidade do Brasil como uma nação moderna e civilizada.

#### **4. Eugenia, raça e identidade nacional nos anos 1920**

No Brasil, as questões raciais sempre constituíram um quadro controvertido sobre a formação da identidade nacional, especialmente a partir da metade do século XIX, quando as teorias raciais, disciplinas e instituições científicas formadas no mundo europeu procuravam apontar a existência de diferenças e hierarquias entre os diversos grupos humanos.<sup>144</sup> No início do século XX, por ser uma nação amplamente miscigenada, cuja população era em sua maioria pobre, doente e analfabeta, os brasileiros foram considerados

---

<sup>143</sup> Os eugenistas classificavam as medidas eugênicas como “preventiva”, “positiva” e negativa”. Conforme a definição de Renato Kehl, a “eugenia preventiva” consistia em combater os “venenos raciais” responsáveis pela degeneração humana, como o álcool e o tabaco; “fazer a profilaxia das moléstias epidêmicas e endêmicas”, bem como praticar a higiene e o saneamento em todos os seus aspectos. A “eugenia positiva” “cuida, por excelência, da boa geração; é favorável á educação dos jovens no que diz respeito á sua educação sexual (...); se incumbe também da educação física, do avigoroamento pelas regras da boa higiene, dos exercícios bem compreendidos e praticados”. Por outro lado, a “eugenia negativa” propunha um rigoroso controle sobre os meios de reprodução humana, proibindo o matrimônio de indivíduos considerados “inaptos” ou “anormais”; é responsável, ainda, pela formulação de leis que restrinjam a imigração e que apliquem a esterilização (KEHL, Renato. Sociedade Eugênica de São Paulo. op. cit, 1919).

<sup>144</sup> Steven Jay Gould apresenta em “A falsa medida do homem” um excelente panorama sobre as diversas teorias e disciplinas científicas criadas durante o século XIX na Europa, como a craniometria, a biometria, a antropologia física e a própria eugenia, que fundamentaram as discussões sobre o pensamento racial e o racismo científico do ocidente. Como demonstra o autor, estes campos da ciência criaram durante o século XIX uma variedade de medidas, fórmulas, graduações, testes e quantificações que visavam medir e legitimar, a partir da “prova científica”, os diferentes “níveis de evolução humana”, as hierarquias raciais e o grau de inteligência de cada grupo humano (GOULD, Steven Jay. A falsa medida do homem. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999).

pelos discursos científicos, sociais e políticos produzidos no “mundo civilizado”, como uma população que apresentava tudo do que havia de mais imoral, incivilizado e “disgênico”.<sup>145</sup>

Durante o período entre-guerras, essas imagens produzidas sobre o Brasil começaram a ser paulatinamente rejeitadas pelas elites locais, que, impulsionadas por um ufanismo nacionalista, procuravam encontrar soluções próprias para seus problemas. Com o fim da Primeira Guerra Mundial, a Europa deixou de ser o “espelho do mundo” e o modelo de sociedade através do qual os países “periféricos” almejavam serem refletidos. Voltando suas atenções para o seu próprio país, e interessados em discutir os problemas nacionais em seus próprios termos, uma nova geração de intelectuais emergiu rejeitando as tradicionais interpretações sobre o Brasil, principalmente em relação à composição racial e ao futuro da nação.

Contudo, ao procurarem uma interpretação que os possibilitasse vislumbrar uma nova identidade nacional, os intelectuais brasileiros continuaram, em certa medida, dependentes das teorias, dos estilos e das idéias científicas hegemônicas elaboradas no “velho mundo”. Como explica Sérgio Carrara, devido a sua posição subalterna no cenário internacional, os intelectuais brasileiros “tinham que se opor a certas idéias e teorias produzidas pelas elites metropolitanas, das quais, entretanto, não podiam discordar, pois delas emanava em larga medida seu prestígio”.<sup>146</sup>

Presos a esta “condição subalterna”, os eugenistas brasileiros expressavam exatamente este dilema de estarem, por um lado, envolvidos pelos ideais e explicações científicas de uma ciência que indicava a própria decadência do seu país e, por outro, de terem que encontrar uma alternativa que pudesse livrá-los da acusação da suposta inferioridade racial. Parte da solução para esse dilema, como sugere Nancy Stepan, foi encontrada através da identificação da eugenia com a higiene pública e com as ciências do saneamento. Ainda mais essencial, continua Stepan, foram os esforços dos cientistas brasileiros em demonstrarem “que seria por meio da miscigenação racial que o Brasil realizaria o seu próprio futuro eugênico”.<sup>147</sup>

---

<sup>145</sup> STEPAN, Nancy. op. cit., 2004, p. 335.

<sup>146</sup> CARRARA, Sérgio. Op. cit., 2004, p. 431.

<sup>147</sup> STEPAN, Nancy. Op. cit., 2004, p. 357.

Durante os anos 1920, ainda que o racismo não tivesse no todo sido excluído das relações sociais, não havia também um modelo de eugenia racista e segregacionista. Opondo-se sempre às idéias mais radicais e ao modelo de relações raciais norte-americano, os eugenistas brasileiros acreditavam que através da miscigenação o Brasil conseguiria homogeneizar a raça nacional e integrar a nação de maneira passiva. Essa crença otimista quanto o futuro do Brasil estava vinculada, de acordo com o argumento de Nancy Stepan, à tese sobre o branqueamento da população brasileira.<sup>148</sup> Devido a intensa “mistura racial” que desde o período colonial vinha se processando entre brancos, negros e índios, a maioria dos intelectuais brasileiros acreditavam que a nacionalidade embranqueceria num curto espaço de tempo.<sup>149</sup>

Em 1918, em conferência realizada na cidade de São Paulo, o médico e eugenista Rubião Meira criticava a forma como se desenrolou o fim da escravidão no Brasil e a maneira como a população negra foi destituída de assistência. O negro, antes tido como um “povo forte e saudável”, encontrava-se agora, como destacava este autor, “atirado à todos os vícios e paixões”, contaminando-se com o alcoolismo, a sífilis e a tuberculose, “entupindo” hospitais e hospícios.<sup>150</sup> A própria maneira pela qual os negros foram postos em liberdade teria sido, em suas palavras, “a causa da decadência, da ruína, do esfacelamento dessa raça, até então laboriosa, operosa e forte”.<sup>151</sup> Na compreensão deste eugenista, portanto, os próprios ideais libertários da civilização brasileira, motivo de orgulho para boa parte da sociedade nacional, teriam sido a causa principal da degradação da “raça negra”.<sup>152</sup>

---

<sup>148</sup> Idem, p. 358.

<sup>149</sup> A tese sobre o branqueamento racial estava muito ligada a uma certa tradição intelectual brasileira que, desde o final do século XIX até as primeiras décadas do XX, defendia o argumento de que num período de 100 anos a população nacional seria em sua maioria branca. Alguns intelectuais brasileiros chegaram, inclusive, a defender essa idéia em congressos realizados fora do Brasil, como João Batista Lacerda fez, em 1911, durante o Primeiro Congresso Universal de Raças, realizado em Londres. Para Ricardo Ventura Santos, a tese *Sur Lês Métis au Brésil*, defendida por Batista Lacerda neste congresso, deve ser vista como um exercício de conciliação que este intelectual realizou entre a realidade de uma sociedade brasileira amplamente miscigenada e as teorias científicas que desqualificavam o mestiço (SANTOS, Ricardo Ventura. *Mestiçagem, Degeneração e a Viabilidade de uma Nação: Debates em Antropologia Física no Brasil (1870-1930)*. In: PENNA, Sérgio D. J. (org.). *Homo Brasilis: Aspectos genéticos, lingüísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro*. São Paulo: Funpec, 2002, p. 117-118).

<sup>150</sup> MEIRA, Rubião, op. cit., 1919, p. 50-51.

<sup>151</sup> Idem, p. 51.

<sup>152</sup> Idem.

De acordo com Rubião Meira, o desastre que acarretava a degeneração de uma parcela significativa do “nosso povo” derivava, em grande medida, das péssimas condições de saúde em que se encontrava a “massa de negros libertos”, entregues que estavam a sua própria sorte. Ao mesmo tempo em que atribuía o atraso às inúmeras doenças que contaminavam o vigor da população, ele apontava também a miscigenação como uma alternativa redentora para os problemas nacionais. Citando Agassiz, o eugenista enfatizava que se a mestiçagem é de “qualidade degenerativa”, “felizmente, os elementos com os quais nos cruzamos agora vem de população valorosa e sadia”.<sup>153</sup> Por outro lado, se de fato os antigos mestiços constituíam, na frase de Agassiz, “um tipo indescritível cuja energia física e mental se enfraquece”, explicava Rubião Meira, “a raça que está saindo dos cruzamentos que se operam no momento tem tendência a ser fortalecida com o correr das gerações, com a evolução do tempo”.<sup>154</sup>

Apesar de destacar a morbidez de grande parte da população nacional, devido ao abandono e as inúmeras doenças, Meira demonstrava-se otimista com o futuro da nacionalidade, pois acreditava no vigor dos imigrantes que aos poucos ocupariam o território brasileiro. Para ele, a “raça negra” tenderia a desaparecer,

(...) rareando em seus originais, extinguindo-se, e hoje cidades do nosso país existem, onde os pretos são dificilmente encontrados, substituídos que são pela imigração de estrangeiros, sedentos de ambições pecuniárias, que, para aqui tem sido trazidos e nos têm vindo dar todas as energias de sua vida, trabalhando com afinco, labutando com fervor extraordinário, engrandecendo o nosso torrão, modificando mesmo a nossa índole, concorrendo, sem dúvida para o nosso progresso, criando alma nova em nosso povo, nos mostrando com a pertinácia do seu exemplo e de sua operosidade que as nossas terras são, com efeito veios fecundos indicativos de nação forte e poderosa”<sup>155</sup>.

Portanto, otimista com a miscigenação eugênica que se processava no Brasil, Rubião Meira profetizava a consolidação, em poucos anos, de uma população nacional que criaria uma “nova alma”, estabeleceria uma “nova índole” e, fortalecida pela saúde eugênica dos imigrantes, ascenderia no contexto internacional como uma “nação forte e poderosa”.

---

<sup>153</sup> Idem, p. 60.

<sup>154</sup> Idem.

<sup>155</sup> Idem, p. 51.

Ancorados pela idéia de uma mistura racial integracionista, as possíveis dúvidas que os eugenistas brasileiros tinham quanto a situação racial do Brasil davam lugar à interpretações raciais cautelosamente otimistas. Em 1921, em entrevista ao jornal *Gazeta do Povo*, da cidade de Curitiba, Renato Kehl acionaria a tese do branqueamento para explicar a questão racial brasileira. Para ele, o Brasil representava “um grande laboratório de elementos etnologicamente diversos”, no qual estava se operando “um metabolismo racial” que tenderia a assimilar algumas raças e desassimilar outras, como os negros e índios que, em sua interpretação, eram “raças inferiores” e com “sangue depurado.”<sup>156</sup>. “Dessa química complexa e morosa”, concluía o autor:

(...) há de resultar, daqui alguns séculos, uma nacionalidade melhormente caracterizada, um povo forte e varonil, que se emparelhará dignamente neste continente setentrional. (...) Ninguém poderá negar, tal evidência dos fatos, que no correr dos anos vem desaparecendo os negros, os índios das plagas e com eles os produtos provenientes desta mestiçagem.

Com o contínuo processar desta mestiçagem é de se esperar que o Brasil se realize, de acordo com a opinião de Roosevelt, quando esteve entre nós, de que estamos resolvendo, pela fusão de sangues, o problema das raças negra e índia, de um modo simples e eficaz, enquanto que nos Estados Unidos, com a segregação dessas raças, o problema está se tornando dia a dia mais sério, dada a multiplicação dos seus representantes em sua pureza de origem.<sup>157</sup>

Na compreensão do principal “prosélito” da eugenia brasileira, a mistura racial não degeneraria a população nacional, ao contrário, seria ela responsável pela construção de uma nova identidade. A miscigenação seria, para Renato Kehl, responsável, inclusive, pela assimilação do sangue das “raças negra e índia”, que tendiam a desaparecer do território nacional devido a sua inferioridade. Apesar do otimismo que este autor deixava impresso em sua interpretação sobre o futuro racial brasileiro, a partir do final dos anos 1920, como pretendemos demonstrar nos dois últimos capítulos deste trabalho, suas concepções sobre a miscigenação racial e as questões eugênicas sofreriam mudanças radicais.

O médico e eugenista João Henrique destacava que, mesmo sendo “o povo mais mesclado do mundo, num país ainda por povoar”, o homem brasileiro estava longe de possuir “taras hereditárias”. Ao contrário, frisava ele de modo otimista, “devemos nele

---

<sup>156</sup> KEHL, Renato. As questões de raça. *Gazeta do Povo*, Curitiba, out. 1921, s/p (recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>157</sup> Idem.

reconhecer as aproveitáveis qualidades da boa semente”.<sup>158</sup> Opondo-se aos “vaticínios maus” de cientistas como Thomas Buckle, que “postulou a pequenez do homem”, de James Bryce, “que pôs em dúvida se seríamos dignos desse tesouro da terra”, de Gobineau, Schemann, Vacher de Lapouge, Le Bon, que “julgaram-nos etnicamente inaptos para adquirir e manter uma situação política social e estável”, João Henrique lembrava que o povo brasileiro era forte, pois havia feito a sua independência, triunfado nas guerras de Rosas e do Paraguai, implantado a abolição, proclamado a República e, certamente, seria capaz de obter também o advento da democracia.<sup>159</sup>

Para esse autor, portanto, o problema nacional não estaria diretamente relacionado à questão racial. A miscigenação do povo brasileiro, que estava sendo realizada através do contato com um novo povoamento, somado também ao avanço das técnicas de aperfeiçoamento humano, gerariam em poucos anos uma nacionalidade saudável. O entrave para a eugeniação do Brasil, continuava argumentando o médico João Henrique, estaria relacionada ao meio. É sobre ele que os eugenistas, higienistas, médicos e os estadistas deveriam voltar suas atenções, sobretudo para o combate as doenças tropicais e infecciosas.<sup>160</sup>

Semelhante posição pode ser observada através de um artigo publicado em 1919 por Fernando de Azevedo, que integrava na época a direção da Sociedade Eugênica de São Paulo. Em sua concepção, não era a raça e nem a composição racial brasileira um fator preocupante, mas antes as questões sociais e higiênicas. Neste sentido, a eugenia deveria, por um lado, concentrar sua atenção no combate às doenças e aos “venenos raciais” que castigavam o vigor e a beleza da raça nacional e, por outro, incentivar a educação e a prática dos esportes que, para ele, era uma medida regenerativa fundamental. Fernando de Azevedo referia-se ainda ao personagem de Monteiro Lobato, o “Jeca Tatu”, argumentado que sua grandeza e sua capacidade física só não era igual a do bandeirante paulista devido às péssimas condições sanitárias e o abandono em que se encontrava.<sup>161</sup>

---

<sup>158</sup> HENRIQUE, João. *Do conceito eugênico do Habitat Brasileiro* op. cit., 1917, p.11-12.

<sup>159</sup> Idem, p. 12.

<sup>160</sup> Idem, p. 65-66.

<sup>161</sup> AZEVEDO, Fernando de. O segredo de Marathona. In. *Annaes de Eugenia*. op. cit., 1919, pp. 115-135.

Fernando de Magalhães, vice-presidente da Sociedade Eugênica de São Paulo, acreditava que o tipo de miscigenação que vinha se processando no Brasil não poderia ser considerado degenerativo. Em suas palavras, “os cruzamentos entre indivíduos de diferentes nacionalidades, mas dentro de uma mesma raça, tais como os brasileiros, espanhóis, italianos e portugueses, fornecem magníficos resultados”.<sup>162</sup> Como exemplo de sucesso da miscigenação que vinha ocorrendo no território nacional, ele lembrava a população de São Paulo que, antes vista como feia, “é hoje bonita após o cruzamento com o italiano”.<sup>163</sup> Magalhães ressaltava, ainda, que o “cruzamento” de brasileiros com ingleses e alemães poderiam gerar “belos tipos” se a eugenia fosse empregada corretamente sobre “nossas leis e costumes”.<sup>164</sup> Contudo, “esse movimento de eugeneses” da população, como afirmava Magalhães, precisava ser regulado através de medidas eugênicas de restrição à entrada de imigrantes que viessem para “influenciar tristemente” as condições do tipo brasileiro, como os japoneses, por exemplo, cujas características raciais em nada contribuiriam para a formação da nacionalidade.<sup>165</sup>

Para que a “raça brasileira” se tornasse forte e bela, este eugenista destacava a necessidade de estabelecer outras medidas eugênicas, como o controle matrimonial e o impedindo aos casamentos consangüíneos, o incentivo a educação moral, ao esporte, a higiene e a boa alimentação, além do cuidado eugênico dirigido às crianças, em especial ao aleitamento materno. Assim, sob os cuidados da “ciência eugênica”, Fernando de Magalhães concluía que “o brasileiro virá a ser ainda um belo povo, capaz de grandes esforços físicos e intelectuais”.<sup>166</sup>

O controle da imigração como uma medida eugênica e eficaz para melhorar as condições raciais da nacionalidade também foi frequentemente requisitado pelos psiquiatras e eugenistas da Liga Brasileira de Higiene Mental.<sup>167</sup> Em 1925, em artigo

---

<sup>162</sup> MAGALHÃES, Bernardo de. Eugenia: seus fins – fatores disgênicos à combater. In: *Annaes de Eugenia*. op. cit., 1919, p. 162.

<sup>163</sup> Idem.

<sup>164</sup> Idem.

<sup>165</sup> Idem.

<sup>166</sup> Idem, p. 172.

<sup>167</sup> Um bom trabalho de síntese sobre o pensamento da Liga Brasileira de Higiene Mental em relação às discussões sobre raça e imigração ver REIS, José Roberto Franco. Raça, imigração e eugenia: o projeto de “regeneração nacional” da Liga Brasileira de Higiene Mental. *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, nº 36, dez. 1999, pp. 29-55.

publicado no primeiro volume dos *Archivos Brasileiro de Higiene Mental*, revista editada pela própria Liga, Juliano Moreira alertava sobre o grande número de imigrantes indesejáveis que diariamente entravam no Brasil sem nenhum mecanismo de controle e fiscalização. “De nada nos servirá envidar esforços no sentido de melhorar as condições de saúde física e mental de nossa gente”, afirmava ele, se novas levas de “indesejáveis” continuarem a chegar ao território brasileiro.<sup>168</sup>

De acordo com Juliano Moreira, o governo brasileiro deveria, a exemplo do que já vinha ocorrendo nos Estados Unidos e na Inglaterra, rever a “soma dos males” provenientes da imprevidente liberalidade com que os imigrantes são recebidos.<sup>169</sup> Em seu ponto de vista, grande parte dos problemas sociais como a delinquência, a criminalidade, o alcoolismo e a loucura estariam diretamente relacionados à entrada destes imigrantes indesejáveis no país.<sup>170</sup>

Semelhante posição tinha o médico Pacheco e Silva, também da Liga Brasileira de Higiene Mental, que apesar de compreender a necessidade que Brasil tinha em conquistar “novos braços para o trabalho”, ressaltava que “essa gente”, os imigrantes, deveria ser selecionada com o objetivo de contribuir como “fator eugenético” para o aperfeiçoamento da “raça brasileira”.<sup>171</sup> Medidas rigorosas de controle da imigração, acreditava ele, seriam positivas tanto para melhorar a condição racial da população, quanto para diminuir os problemas sociais:

(...) desnecessário se torna assinalar o alcance de providencias nesse sentido, cujos efeitos se fariam sentir imediatamente, não só em relação a criminalidade que entre nós tem aumentado extraordinariamente, como também contribuiria para a seleção de nossa raça, afastando elementos

---

<sup>168</sup> MOREIRA, Juliano. A seleção individual de imigrantes no programa da hygiene mental. *Archivos Brasileiros de Higiene Mental*, Rio de Janeiro, ano 1, nº 1, mar. 1925, pp. 109-115.

<sup>169</sup> Idem.

<sup>170</sup> No entanto, Juliano Moreira entendia que os problemas relativos à imigração no Brasil não diziam respeito às questões raciais, mas antes aos aspectos sociais, como o nível de educação e de saúde dos imigrantes que aqui aportavam. Refutando o pessimismo advindo do racismo biológico, a atenção de Juliano Moreira deslocava-se para um amplo debate sobre doenças mentais, higiene, saneamento e educação (VENANCIO, Ana Teresa; FACCHINETTI, Cristiana. “Gentes provindas de outras terras” – ciência psiquiátrica, imigração e nação brasileira. *Revista LatinoAmericana de Psicopatologia Fundamental*. Rio de Janeiro, ano VIII, nº 2, jun. 2005, pp. 356-363).

<sup>171</sup> PACHECO E SILVA, A. C. Imigração e Criminalidade. *Archivos Brasileiro de Higiene Mental*. Rio de Janeiro, ano 1, nº 2, dez. 1925, pp. 27-35.



nocivos que só servem para influir maleficamente na constituição das futuras gerações brasileiras.

A época é das mais propícias para que o assunto seja convenientemente ventilado, e, os que andam preocupados com os problemas da defesa social devem refletir sobre as conseqüências nefastas da intromissão de tarados de toda a sorte que dia a dia se infiltram no seio da nossa coletividade.<sup>172</sup>

Neste sentido, se a imigração se apresentava aos eugenistas e as elites políticas nacionais como uma medida otimista para aprimorar física e intelectualmente a miscigenação brasileira, ela poderia também se transformar num sério problema racial e sociológico ao mesmo tempo, caso uma seleção eugênica não fosse estabelecida pelas autoridades competentes. Tanto Juliano Moreira quanto Pacheco e Silva, alertavam, portanto para o risco da “desordem social” que os imigrantes não selecionados poderiam causar à nação.

Conscientes de que era “com esse povo” que o Brasil teria que seguir, e confiantes na força da miscigenação como destino, os eugenistas promoveram durante os anos 1920 uma ampla associação entre a eugenia, o saneamento, a medicina social, a puericultura e a psiquiatria. O resultado foi uma ciência sutilmente conformada pelo cenário científico, social e político local, o que possibilitou que os eugenistas refutassem as teorias científicas que viam com preconceitos o futuro do Brasil, e passassem a pensar nas reformas sociais como a alternativa mais viável para elevar o valor da “raça nacional”.

As discussões sobre a composição racial brasileira, ao menos neste período, ficou diluída, portanto, em várias tendências explicativas que se aproximaram com o objetivo de reconstruir a identidade nacional e, ao mesmo tempo, demonstrar que os problemas do Brasil não seriam eternos ou irremovíveis. Por um lado, os eugenistas acionaram o discurso médico e sanitarista para explicar que a suposta inferioridade do homem brasileiro era devido às péssimas condições sociais e do meio, cuja regeneração poderia ser estabelecida com eficiência pela ação saneadora da eugenia. Por outro, os eugenistas entendiam que o “cruzamento racial” que estava se processando no território brasileiro não apresentava características degenerativas. Ao contrário, argumentavam eles, a “mescla racial” entre brasileiros e imigrantes bem selecionados produziria uma “miscigenação eugênica”, tendo como resultado a definição de uma “nacionalidade forte e varonil”.

---

<sup>172</sup> Idem, p. 27.

Contudo, no final dos anos 1920, parte dos eugenistas parecia não estar mais tão otimista em relação ao futuro racial do Brasil. O movimento iria se dividir entre uma tendência mais radical e autoritária - que já não acreditava na força regeneradora das reformas de cunho social e ambiental - e, outra, que continuaria em consonância com um modelo de eugenia mais “suave”, que confiava no poder do saneamento, da educação e da “miscigenação eugênica” como meio para estabilizar o vigor racial do homem brasileiro.

Como personagem central do movimento eugenista, Renato Kehl transitou ao longo de sua trajetória intelectual entre estes dois modelos de eugenia. Inicialmente, sobretudo entre 1917 a 1927, devido a sua proximidade intelectual e a uma certa dependência intelectual e profissional com os sanitaristas, higienistas e adeptos da medicina social, Kehl se destacou como um grande defensor das reformas sanitaristas e dos princípios médicos ambientalistas. Do mesmo modo, ele continuava também otimista em relação a miscigenação racial brasileira, acreditando que tal processo levaria a homogeneização e ao branqueamento da nacionalidade. Porém, no final da década de 1920, este autor assumiria um discurso eugênico mais radical e racista, distanciando-se dos pressupostos sanitaristas e ambientalistas e estabelecendo uma aproximação com o modelo de “eugenia negativa”, que já há alguns anos vinha se desenvolvendo na Alemanha, nos Estados Unidos, na Suécia e na Inglaterra.

Nos próximos capítulos, minha preocupação consistirá exatamente em analisar estes dois momentos históricos que constituíram a trajetória intelectual e profissional de Renato Kehl. Procurarei compreender as discussões médicas e científicas, os discursos e as relações sociais, políticas e institucionais que emolduraram suas idéias eugênicas e seu imaginário político e ideológico.

## CAPÍTULO II – “SEJAMOS PELA EUGENIA”: A TRAJETÓRIA INTELECTUAL E AS IDÉIAS EUGÊNICAS DE RENATO KEHL ENTRE 1917 A 1927

Renato Ferraz Kehl não é um personagem totalmente desconhecido na história intelectual brasileira. Referências aos seus trabalhos aparecem com frequência na historiografia nacional, sobretudo nas discussões sobre medicina social, raça, imigração, controle matrimonial, higiene mental e eugenia.<sup>173</sup> Seu nome ficou mais intimamente associado a um grupo de médicos, cientistas e intelectuais da geração de 1920, que, ao lado de Oliveira Vianna e Azevedo Amaral, representava uma tendência autoritária e racista do pensamento social brasileiro, visto muitas vezes como defensor da tese sobre a inferioridade da população indígena, negra e mestiça.

A atividade intelectual exercida por Renato Kehl entre 1917 a 1937 foi exaustivamente dedicada à divulgação da eugenia no cenário nacional. Neste período, assumiu a propaganda eugênica como uma missão política, o que lhe rendeu o título de “pai da eugenia no Brasil”, conforme se referia o escritor Monteiro Lobato.<sup>174</sup> Ao longo de

---

<sup>173</sup> A historiografia a qual me refiro diz respeito, principalmente, às pesquisas produzidas no campo da história das ciências e da medicina. Entre estas podemos citar STEPAN, Nancy, op. cit., 2004 [1985]; ibidem; 2005 [1991]; MARQUES, Vera R. Beltrão, op. cit., 1994; SCHWARCZ, Lília Moritz, op. cit., 2001[1993]; REIS, José R. Franco, op. cit., 1994; CARRARA, SÉRGIO, op. cit., 1996; LUCA, Tânia R. de, op. cit., 1999; ANTUNES, José L. Ferreira. *Medicina, leis e moral: Pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Editora Unesp, 1999; BOARINI, Maria Lucia (org). *Higiene e Raça como projetos: higienismo e eugenismo no Brasil*. Maringá: Eduem, 2003; CASTAÑEDA, Luiza Aurélia. Apontamentos historiográficos sobre a fundamentação biológica da eugenia. *Revista Episteme*, Porto Alegre, vol. 3, nº 5, pp. 23-48, 1998; entre outros trabalhos em que é possível encontrar referências ao movimento eugenista brasileiro e ao pensamento do eugenista Renato Kehl.

<sup>174</sup> Correspondência de Monteiro Lobato a Renato Kehl. São Paulo, s/d (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

sua trajetória, Renato Kehl publicou mais de duas dezenas de livros diretamente relacionados aos estudos sobre eugenia, além de inúmeros artigos e entrevistas editadas através da imprensa e em revistas especializadas, tanto no Brasil quanto no exterior. Foi editor de revistas e periódicos nacionais, entre eles o *Boletim de Eugenia*, que circulou no período de 1929 a 1933.<sup>175</sup> Em 1918, com a colaboração do médico Arnaldo Vieira de Carvalho, fundou a Sociedade Eugênica de São Paulo e, em 1931, a Comissão Central Brasileira de Eugenia.

Além de sua participação como membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, da Sociedade Brasileira de Dermatologia e Sifilografia e da Liga Brasileira de Higiene Mental, Renato Kehl foi membro titular da Academia Nacional de Medicina, eleito em 1933 para ocupar a cadeira de número 48. Seu nome consta, também, na relação de membro correspondente de várias Associações Científicas estrangeiras, como da Academia Nacional de Medicina do Peru, Sociedade Mexicana de Eugenia, *Société Française d'Eugénique*, Sociedade de Antropologia-Etnologia do Porto, *Eugenics Education Society* de Londres, Instituto de Eugenia de Berlin, Instituto de Eugenia e Biologia Racial de Uppsala e da *Eugenics Record Office* de Nova York.<sup>176</sup>

Apesar de ter sido autor de uma vasta produção intelectual, cuja obra esteve estreitamente relacionada às discussões polêmicas e controvertidas do pensamento científico e social brasileiros, sua biografia é praticamente desconhecida até mesmo na historiografia nacional.<sup>177</sup> Desta maneira, pretendo investigar neste capítulo a trajetória deste autor, sua formação intelectual e profissional, bem como os seus primeiros anos de

---

<sup>175</sup> Além do *Boletim de Eugenia*, Renato Kehl dirigiu durante as décadas de 1920 a 1940 a *Revista Terapêutica*, *Vida Rural* e *O Farmacêutico Brasileiro*, editadas e financiadas pela Casa Bayer do Brasil, da qual Kehl foi seu diretor entre 1927 a 1944 (Dados biográficos do Dr. Renato Ferraz Kehl. *Revista Terapêutica*, Rio de Janeiro, nº 4, 1959 - recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>176</sup> MELO, Luis Correia (org.). *Dicionário de autores Paulistas*. São Paulo: Editora Gráfica Irmãos Andrioli, 1954, pp. 287-288.

<sup>177</sup> No entanto, é preciso ressaltar duas dissertações de mestrado que foram defendidas recentemente e que são referências importantes para quem deseja conhecer a obra e as idéias deste eugenista: Marcos Nalli procurou analisar o projeto de educação e a antropologia eugênica contida na obra *Lições de Eugenia*, escrita por Kehl em 1929 (NALLI, Marcos Alexandre Gomes. *O gene educado: a antropologia eugênica de Renato Kehl e a Educação*. Dissertação (Mestrado em Educação). Maringá: UEM, 2000); Pietra Diwan investigou em sua pesquisa de mestrado “as práticas discursivas e as redes de poder no eugenismo de Renato Kehl”, com o objetivo de perceber a maneira pela qual o corpo imperfeito, a fealdade e a anormalidade foram desumanizadas através do discurso eugenista (DIWAN, Pietra. op. cit., 2003).

vida pública, especialmente entre 1917 a 1927, período em que iniciou sua campanha pela divulgação da eugenia.

Meu objetivo consistirá, ainda, em compreender quando e de que maneira as idéias e as concepções eugênicas passaram a fazer parte do pensamento científico, intelectual e político de Renato Kehl. Procurarei analisar as idéias e a propaganda eugênica desenvolvidas por este autor até 1927, período em que, conforme pretendo explicitar, teria ocorrido uma ruptura com o modelo de eugenia por ele adotado, discussão que será tratada no terceiro e no quarto capítulo desta dissertação.

No entanto, este capítulo não tratará apenas de uma análise biográfica desse personagem. Será também um esforço para compreender a rede de relações intelectuais e institucionais estabelecidas por Renato Kehl como meio de divulgar e consolidar as idéias eugênicas e, ao mesmo tempo, de definir o seu espaço de autoridade dentro do “campo científico” brasileiro. Neste contexto, procurarei analisar de que maneira Renato Kehl acionou estratégias políticas e intelectuais com o objetivo de estabelecer uma estreita identidade entre o seu nome e as idéias e discussões relacionadas à eugenia. Como enfatizarei ao longo deste capítulo, a visibilidade do seu nome e a sua liderança enquanto o principal eugenista brasileiro possibilitou-lhe acumular importante “capital simbólico”, pelo qual almejava alcançar reconhecimento, prestígio e ascensão social e intelectual entre seus pares e o público mais amplo.

## **1. O encontro de Renato Kehl com as idéias eugênicas**

Renato Ferraz Kehl nasceu em 22 de agosto de 1889, ano marcado por um processo de transição política e social da história do Brasil, especialmente devido ao fim da escravidão, às discussões em torno da implantação do sistema republicano e da modernização do Estado brasileiro. Viveu toda a sua infância e parte da juventude na pequena cidade de Limeira, no interior do estado de São Paulo. Nesta mesma cidade completou os primeiros anos de sua educação escolar, concluindo a formação colegial em

1904, na Escola Nogueira Gama, da cidade de Jacareí.<sup>178</sup> Filho de Joaquin Maynert Kehl e Rita Cássia Ferraz Kehl, Renato foi educado numa família de formação católica, cujos valores sociais foram definidos, em grande medida, pelo seu pertencimento a emergente classe média paulista deste período.

Seu pai, Joaquin Maynert Kehl (1860-1931), filho de imigrantes alemães que chegaram ao Brasil na primeira metade do século XIX, havia se diplomado em medicina em 1883, pela Escola de Medicina de São Paulo.<sup>179</sup> No entanto, devido ao seu interesse pelos estudos sobre química, botânica e farmácia, acabou seguindo a carreira de farmacêutico e empresário do ramo.<sup>180</sup> Além de ter contribuído para a elaboração da *Farmacopéia Paulista* (um grande compêndio sobre medicamentos e receitas médicas), Joaquin Maynert Kehl foi, também, um influente empresário junto à classe farmacêutica paulista e brasileira, sendo eleito, durante a década de 1920, presidente da Sociedade União Farmacêutica de São Paulo.<sup>181</sup>

Em 1905, seguindo a carreira do pai, Renato Kehl ingressou no curso de Farmácia da antiga Faculdade de Farmácia de São Paulo, completando sua graduação em 1909. Conforme ele mesmo declarava alguns anos depois, a conclusão deste curso teria obedecido a um conselho especial de seu pai, que lhe recomendava: “estude medicina, mas antes seja farmacêutico”.<sup>182</sup> Renato Kehl chegou mesmo a assumir, por alguns meses, a direção da farmácia que seu pai mantinha há vários anos na cidade de Limeira<sup>183</sup>. Contudo, apesar da formação farmacêutica ser uma profissão bastante prestigiada no início do século XX, Kehl decidiu que havia chegado a hora de realizar seu sonho: estudar medicina.

Em 1910, juntamente com seu irmão mais jovem, Vladimir Ferraz Kehl, mudou-se para a Capital Federal, onde ambos iniciaram a faculdade de medicina, na então

---

<sup>178</sup> Who's Important in Medicine. Institute for Research in Biography. Nova York, s/d, (recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC); MELO, Luís Correa, op. cit., 1954; Dados biográficos do Dr. Renato Ferraz Kehl. op. cit, 1959.

<sup>179</sup> Nota divulgada na *Revista O Farmacêutico Brasileiro*. Rio de Janeiro, set 1931 (recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC)

<sup>180</sup> KEHL, Renato. *Posse do Novo Acadêmico*. Rio de Janeiro: Tipografia América, 1933, p. 13-14.

<sup>181</sup> Homenagem à memória de J. M. Kehl. *Diário da Noite*. São Paulo, 26 jun. 1931 (recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>182</sup> KEHL, Renato. *Posse do Novo Acadêmico*. op. cit., p. 14.

<sup>183</sup> KEHL, Renato. Discurso na Associação Brasileira de Farmacêutico. *Revista Mundo Novo*. Rio de Janeiro, janeiro de 1929 (recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC)

tradicional Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nesta cidade, entrou em contato com as idéias e discussões que durante os anos 1910 moldavam o pensamento intelectual e a própria realidade nacional. Conheceu intelectuais como Belisário Penna, Afrânio Peixoto, Miguel Pereira, Miguel Couto, Eduardo Rabelo, Agostinho de Souza Lima, entre outros que, como seus professores e colegas, exerceriam grande influência não somente em sua vida intelectual e científica como em suas futuras atividades profissionais.

Após defender uma tese sobre medicina dermatológica, intitulada “Blastomicose”,<sup>184</sup> Renato Kehl encerrou a faculdade de medicina em 1915, assim como ocorreu com seu irmão mais jovem. Ambos retornaram para São Paulo neste mesmo ano, agora como “doutores”, cuja formação era bastante almejada tanto pelos jovens da classe média, quanto pelas elites nacionais. De maneira geral, o título de graduação em medicina era visto no Brasil como um importante símbolo de prestígio e garantia de ascensão social e política. No ano seguinte, em 1916, Renato Kehl iniciou sua carreira profissional como médico, na cidade de São Paulo, tendo como especialidade a clínica cirúrgica e a geriatria (esta última, conhecida na época como “doenças de idosos”).<sup>185</sup>

Durante os seis anos em que permaneceu na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Renato Kehl travou contato com as obras e as idéias de cientistas como Lamarck, Darwin, Spencer, Broca, Lapouge, Agassiz, Dechambre, Galton e Weismann. De maneira geral, estes autores foram influências importantes no pensamento médico e social brasileiro do período entre o final do século XIX e início do XX. Segundo o próprio Renato Kehl, estes pensadores teriam orientado suas concepções intelectuais, sendo inclusive citados em seus primeiros trabalhos científicos.<sup>186</sup> O estreito contato com as diferentes concepções extraídas destes autores teria despertado seu interesse pelas discussões sobre raça, hereditariedade, evolução, degeneração e, sobretudo, para as idéias eugênicas.

Dentre estes autores, o cientista britânico Francis Galton, o fundador da “ciência eugênica”, foi quem exerceu maior fascínio sobre as idéias do jovem aluno de medicina. As concepções galtonianas sobre hereditariedade e a formação dos “tipos eugênicos”

---

<sup>184</sup> KEHL, Renato. *Blastomicose*. Rio de Janeiro. Tipografia do Jornal do Comércio, 1915.

<sup>185</sup> Who's Important in Medicine. Institute for Research in Biography. Nova York, s/d, (recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>186</sup> Entre estes trabalhos podemos citar sua conferência pronunciada em 1917, intitulada “Eugenia”, e seu artigo “Darwinismo Social e Eugenia”, publicado em 1918.

tornaram-se presença constante nas obras publicadas por Renato Kehl ao longo de sua trajetória intelectual. Em homenagem a esse cientista, considerado por ele como um “verdadeiro humanista”, Renato Kehl escreveu vários artigos, memórias, notas e comentários biográficos durante as décadas de 1920 a 1930, muitos, inclusive, publicados em jornais e revistas de grande circulação nacional. Nas palavras deste autor, a “inteligência rara” e o “idealismo construtor” de Francis Galton tinham origens na própria formação hereditária de sua família. Bisneto de Erasmo Darwin e primo de Charles Darwin, Kehl acreditava que a “ilustre estirpe” da qual Galton tinha nascido não o permitiu fugir “dos bons desígnios que o fizeram o patrono de uma das mais belas estirpes destes últimos séculos”. Kehl destacava que o “grande pai da eugenia” era “um tipo perfeito e equilibrado de homem: fisicamente, robusto; psiquicamente, um superior; moralmente, um tipo exemplar”, o que teria possibilitado que suas obras se destacassem no cenário científico mundial.<sup>187</sup>

Segundo Renato Kehl, “os ecos” do Primeiro Congresso Internacional de Eugenia, realizado em 1912, pela *Eugenics Society*, na cidade de Londres, o teriam impelido também para o estudo da eugenia e dos problemas relacionados à hereditariedade e a regeneração humana.<sup>188</sup> Neste período, segundo ele, sua preocupação já se dirigia a “certos pontos da complexa e debatida questão da hereditariedade”, que haviam sido tratados por vários eugenistas durante o referido evento, e que ele acompanhou com entusiasmo através da publicação dos Anais do Congresso.<sup>189</sup>

Um ano após a realização do Primeiro Congresso Internacional de Eugenia - do qual participaram médicos, biólogos e eugenistas como Leonard Darwin, Karl Pearson, Charles Davenport, August Weismann e mais de 750 cientistas de vários países, sobretudo da Europa e dos Estados Unidos<sup>190</sup> -, Renato Kehl teria escrito seu primeiro trabalho sobre eugenia, “anexo a um estudo sobre as teorias de August Weismann”, que, como era o seu

---

<sup>187</sup> KEHL, Renato. Galton: sábio construtor. *Jornal Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 07 fev. 1930 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>188</sup> KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. op. cit., 1929, p. 15.

<sup>189</sup> Idem.

<sup>190</sup> Devido à participação de importantes médicos, cientistas e autoridades políticas, o programa científico eugênico idealizado por Francis Galton desde o final do século XIX, transformar-se-ia num amplo movimento mundial, sobretudo devido à criação de sociedades, organizações e congressos que viriam a ser realizados tanto na Europa e nos Estados Unidos quanto na América Latina (sobre o Primeiro Congresso Internacional de Eugenia ver KEVLES, Daniel. op. cit., 1995).



intuito, deveria ter sido apresentado como tese para sua conclusão no curso de medicina. Contudo, como ele mesmo ressaltava anos mais tarde, devido à dificuldade de se lidar com um assunto tão complexo e ainda pouco conhecido entre os intelectuais brasileiros, o trabalho não teria sido publicado naquele momento, conservando-se inédito.<sup>191</sup>

O interesse em publicar um estudo sobre eugenia e hereditariedade continuou presente mesmo após o término do curso de medicina. Em 1916, em correspondência encaminhada ao médico Lessa Neto, seu antigo colega da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Kehl parecia entusiasmado ao destacar os elogiosos comentários recebidos do Professor Gougenot, da Faculdade de Medicina de Paris, que ao ler sua tese sobre medicina dermatológica teria lhe enviado correspondência para parabenizá-lo. “Fiquei contentíssimo”, explicava Kehl a Lessa Neto, “pois é mais um atestado, e isso me encoraja para terminar o meu livrinho sobre Hereditariedade Normal”.<sup>192</sup>

Em conferência realizada no final dos anos 1930, na cidade de Limeira, interior do estado de São Paulo, Renato Kehl comentava, ao elaborar um histórico sobre sua trajetória intelectual, que desde muito jovem dois fatos o tinham impressionado quanto aos aspectos da hereditariedade humana, possibilitando formular cogitações que nunca mais o abandonaram e que teriam contribuído fundamentalmente para aproximá-lo dos estudos sobre eugenia e hereditariedade:

(...) um refere-se à espantosa profusão de degenerados; outro à grande dessemelhança morfológica existente entre os homens, ao contrário do que se observa, correntemente, com os animais da mesma raça e criação. Assim, pois, foi o espetáculo das deformidades e (...) também a estranha diversidade de tipos humanos que me levaram a estudar os problemas biológicos da hereditariedade e os da influência do meio sobre a espécie humana.<sup>193</sup>

---

<sup>191</sup> KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. op. cit., p. 15. Como este trabalho não foi publicado, não conseguimos localizar vestígios que o levassem a ele. De qualquer modo, é preciso enfatizar que referências a August Weismann aparecem com muita frequência nos trabalhos publicados por Renato Kehl ao longo de sua trajetória. Em 1919, por exemplo, em artigo publicado na imprensa carioca, Kehl enfatizava que “dentre as muitas teorias sobre a hereditariedade nenhuma é mais completa, e se concilia mais com a lógica que a teoria de Weismann”. Segundo ele, “essa é a opinião geral dos cientistas que se dedicam a esta transcendente questão biológica” (KEHL, Renato. Sociedade Eugênica de São Paulo. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 4 abr. 1919 - recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>192</sup> Correspondência de Renato Kehl a Lessa Neto. São Paulo, 28 de fevereiro de 1916 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>193</sup> KEHL, Renato. *O médico da coletividade*. Conferência realizada na cidade de Limeira, 1939 (texto avulso datilografado, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

Deste modo, refletindo sobre os pontos principais que o conduziram aos estudos sobre a constituição da hereditariedade humana, ele afirmava que o seu interesse por essas questões surgiu quando cursava a faculdade de medicina, e o teriam “levado ao estudo dos problemas da hereditariedade normal e patológica, estudo este que, por sua vez, me inclinou para o estudo da zootecnia e da eugenia”.<sup>194</sup>

Nesta mesma conferência, Renato Kehl se referia, ainda, aos pressupostos encontrados na obra de Dechambre, biólogo e cientista francês que, durante os anos 1910, o teria orientado sobre os segredos da ciência biológica, sobre a “variedade e a raça”, sobre os métodos de reprodução “e sobre todas as questões ligadas à hereditariedade, ao cruzamento e a escolha dos reprodutores”. Com Dechambre, recordava Kehl, teria aprendido, ainda como estudante de medicina, que “assim como a zootecnia é uma realidade prática para os animais, a eugenia é para os homens”.<sup>195</sup>

O encontro de Renato Kehl com a “ciência da boa geração”, que já estava sendo ensaiado há alguns anos, aconteceu definitivamente em abril de 1917, quando o seu primeiro trabalho sobre eugenia veio a lume. Tratou-se de uma conferência realizada em São Paulo, na sede da Associação Cristã dos Moços, intitulada “Eugenia”. A preocupação do conferencista consistiu numa rápida digressão sobre as principais questões que envolviam, em sua concepção, o conhecimento eugênico, sobretudo as discussões relacionadas à hereditariedade e aos “fatores disgênicos”.<sup>196</sup> Renato Kehl procurava ressaltar, ainda, a importância de se estudar a eugenia no Brasil - “até agora quase que completamente descuidada entre nós” -, num momento em que as idéias nacionalistas encontravam-se em pleno desenvolvimento, em que se “despertam as forças regeneradoras” em defesa da nacionalidade.<sup>197</sup> Destacando o “brado” de Miguel Pereira na luta contra as endemias e as epidemias que assolavam a população brasileira, Renato Kehl

---

<sup>194</sup> Idem.

<sup>195</sup> Idem.

<sup>196</sup> KEHL, Renato. Conferência de Propaganda eugênica. op. cit., 1919.

<sup>197</sup> Idem, p. 67.

ressaltava quão imperiosa era também a necessidade de se cuidar eugenicamente da “nossa raça”, a fim de “torná-la sã, forte e robusta”.<sup>198</sup>

Em suas palavras, era preciso proclamar os fins da eugenia por todo o território nacional, pois essa ciência, “esquecida infelizmente pela maioria dos homens de ciência do nosso país”, seria o único meio de “salvaguardar a descendência da degeneração”.<sup>199</sup> De acordo com suas convicções, havia chegado a hora dos intelectuais e das autoridades brasileiras ocuparem a sua atenção com as idéias eugênicas propostas por Galton desde o final do século XIX. Do mesmo modo que os eugenistas norte-americanos já faziam em relação à sua população, destacava ele, seria preciso fazer também no Brasil: “estudar as condições mais favoráveis para o levantamento da raça humana e fixar as regras para as boas reproduções”.<sup>200</sup> Na concepção deste autor, a campanha eugênica brasileira deveria ser uma das preocupações máximas da imprensa nacional:

Cumpra-lhe fazer ecoar por este grandioso Brasil as vozes que na Europa e América já foram ouvidas; cumpra-lhe, como disse Roosevelt, ‘dar combate ao assassinato da raça’. Saneiem-se os focos epidêmicos, debalem-se as endemias que assolam a nossa pátria de norte a sul, façamos repercutir as idéias eugênicas de Galton, multipliquem-se os cultores da ciência do bem geral, dessa grandiosa edificação protetora das raças do futuro. Sirva-nos de incentivo a propaganda eugênica dos Estados Unidos, façamos conhecidos os trabalhos dos ilustres cientistas alemães, Plotz e Gruber; elevemos os méritos da eugenia; pratiquemos as suas regras para o revigoramento da população brasileira. (...) Prossigamos, pois, na cruzada encetada, divulguemos os princípios eugênicos, e os veremos triunfar.<sup>201</sup>

Essa conferência recebeu, inclusive, uma publicação na íntegra através das páginas do *Jornal do Comércio*, sendo bem recebida entre seus leitores. O artigo teria empolgado até mesmo o escritor Monteiro Lobato - um dos principais intelectuais brasileiros da época e um entusiasta do movimento sanitarista - que ao lê-la, através do jornal paulista, escreveu a Renato Kehl dizendo sentir-se “envergonhado por só agora travar conhecimento com um espírito tão brilhante como o teu, untado para tão nobres

---

<sup>198</sup> Idem, p. 68.

<sup>199</sup> Idem, p. 69.

<sup>200</sup> Idem, p. 68.

<sup>201</sup> Idem, p. 78-79.

ideais e servido, na expressão do pensamento, para um estilo verdadeiramente ‘eugênico’ pela clareza, equilíbrio e rigor vernacular’.<sup>202</sup>

Conforme ressaltava o próprio Renato Kehl, foi esta conferência que o teria mobilizado no sentido de iniciar a divulgação da eugenia entre o público brasileiro.<sup>203</sup> Seu interesse em transformar os pressupostos eugênicos conhecidos e familiarizados entre o público nacional começava objetivamente a ganhar consistência no final dos anos 1910. Em sua compreensão, a inserção da eugenia nos debates científicos, políticos e institucionais brasileiros, dependeria, sobretudo, do sucesso da propaganda eugênica e da adesão de um bom número de jornalistas, da classe médica, das autoridades políticas e do público “letrado” em geral.

## **2. “Cremos na vitória da eugenia”**

No final dos anos 1910, devido à apreensão social causado pelas grandes epidemias e pelas péssimas condições sanitárias, o governo do estado de São Paulo passou a investir suas preocupações políticas na implantação de serviços higiênicos e sanitários. Sob o comando do cientista Artur Neiva (1880-1943) - nomeado a partir de 1917 para dirigir os serviços sanitários do estado -, as políticas de saúde pública entraram numa “era” de grandes reformas, especialmente em relação aos serviços de profilaxia e combate as endemias rurais, como a malária e a ancilostomíase, além dos serviços de melhoramento sanitário das áreas urbanas.<sup>204</sup>

O otimismo criado em torno desse contexto - que propiciou ao estado de São Paulo a liderança nacional nos serviços de saúde pública - mobilizou parte da sociedade paulista, sobretudo a classe política e intelectual, em torno das idéias e dos debates

---

<sup>202</sup> Correspondência de Monteiro Lobato a Renato Kehl. São Paulo, 6 abr. 1918 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>203</sup> KEHL, Renato. A eugenia no Brasil: esboço histórico e bibliográfico. In: Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. op. cit., 1929, p. 53.

<sup>204</sup> Sobre a reforma sanitária em São Paulo ver HOCHMAN, Gilberto. op. cit., 1998, pp. 209-241.

médicos relacionados à higiene e ao saneamento.<sup>205</sup> As concepções científicas oriundas do campo médico, bem como as reformas propostas pelos sanitaristas, passaram a ser apropriadas como um mecanismo político que poderia estabelecer a ordem ao mundo de caos imposto pelas péssimas condições sanitárias e pelas inúmeras doenças que ameaçavam a sociedade como um todo. Na verdade, a crença no poder da ciência médica vinha se estabelecendo no cenário nacional desde o início do século XX, quando os estudos científicos sobre bacteriologia e medicina tropical, lideradas por figuras como Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, passaram a ser assimiladas como uma ferramenta civilizadora, salvacionista e regeneradora.<sup>206</sup>

Existia, portanto, nas primeiras décadas do século XX, todo um ambiente intelectual favorável para que as idéias eugênicas pudessem ser inseridas com sucesso entre o público letrado e as autoridades políticas da capital paulista. Neste sentido, Renato Kehl passou a intensificar sua propaganda em prol dos pressupostos eugênicos, acreditando que a “hora da eugenia” havia chegado. Seu empenho e entusiasmo pessoal conseguiu mobilizar um grupo importante da classe médica que, já familiarizada com as idéias científicas ligadas a higiene e ao saneamento, passou a visualizar nas propostas eugênicas uma importante aliada no processo de regeneração da população nacional.

Em dezembro de 1917, com o objetivo de discutir o código matrimonial civil brasileiro, Renato Kehl convidou, juntamente com Arnaldo Viera de Carvalho, um grupo de médicos da capital paulista para se reunirem no salão nobre da Santa Casa de Misericórdia. Ao final desta reunião, devido às calorosas discussões e a receptividade que as idéias eugênicas vinham recebendo entre os intelectuais paulistas, o jovem eugenista acreditava ser possível a fundação de uma sociedade eugênica na cidade de São Paulo, voltada para as discussões sobre higiene, hereditariedade e saúde racial.<sup>207</sup>

Um mês depois, no dia 10 de janeiro de 1918, Renato Kehl remeteu uma “carta circular” a dezenas de médicos da capital e do interior do estado de São Paulo,

---

<sup>205</sup> Idem.

<sup>206</sup> Sobre o estabelecimento das idéias científicas no Brasil, e da projeção que as ciências biomédicas ocuparam no cenário nacional de início do século XX, ver STEPAN, Nancy. *Gênese e Evolução da Ciência Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1976.

<sup>207</sup> KEHL, Renato. O primeiro movimento eugenista. *Jornal Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 10 maio 1921 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

convidando-os à comparecer na Sociedade de Medicina e Cirurgia com o objetivo de tratar da fundação de uma Sociedade Eugênica. Nesta correspondência, Kehl destacava a importância do conhecimento eugênico para o aperfeiçoamento moral e físico da espécie humana, as questões relacionadas à hereditariedade, descendência, evolução e a “todos os assuntos que se refere à ciência nova, que Galton denominou eugenia”.<sup>208</sup>

Além de se referir a Francis Galton como o fundador dessa “ciência nova”, Renato Kehl procurava, nessa mesma correspondência, dar legitimidade e coerência ao seu interesse em organizar um movimento eugenista no Brasil, enfatizando as conquistas do movimento eugenistas mundial. Segundo ele, “numerosas sociedades eugênicas fundadas na Europa e nos Estados Unidos para combater o álcool, a sífilis, a tuberculose e todos os demais fatores disgênicos, vão aí cooperando enormemente para o aperfeiçoamento das raças humanas”.<sup>209</sup>

A sessão inaugural da Sociedade Eugênica aconteceu no dia 15 de janeiro de 1918, no Salão Nobre da Santa Casa de Misericórdia, local que se transformou na sede oficial desta organização. A esta sessão compareceram mais de uma centena de médicos, jornalistas, juristas e autoridades políticas, curiosos por ouvir o que a “nova ciência de Galton” poderia lhes oferecer como mecanismo para melhorar o vigor físico e intelectual do “homem brasileiro”. A sessão foi aberta por Renato Kehl, nomeado secretário geral da Sociedade, que, ressaltando a importância da classe médica para a sociedade brasileira, convocava todos os presentes para auxiliarem na campanha de divulgação e na promoção das práticas eugênicas. Conforme destacava este eugenista, o estudo e a aplicação do conhecimento eugênico seria o meio mais rápido e eficiente para “moldar o plástico organismo humano”, protegendo, em suas palavras, “as gerações futuras da delinquência” e encurtando “as arestas da imperfeição”.<sup>210</sup>

Alguns meses após a sua fundação, quando a Sociedade já havia realizado sessões e organizado várias conferências na capital paulista, Renato Kehl comentava, nas páginas do jornal *Estado de São Paulo*, os “avanços da nossa agremiação”. Segundo ele, “amparada pela simpatia pública e consolidada nos seus alicerces pela adesão unânime de

---

<sup>208</sup> Essa circular enviada por Renato Kehl aparece transcrita nos “Annaes de Eugenia”, op. cit., 1919, p. 2.

<sup>209</sup> Idem.

<sup>210</sup> KEHL, Renato. *Annaes de Eugenia*, op. cit., 1919, p. 4.

todos que compreenderam os verdadeiros fins a que ela se destina”, a Sociedade Eugênica vai se consolidando e vencendo a incredulidade daqueles que consideravam o eugenismo como utopia.<sup>211</sup> Com a ampliação da propaganda e a simpatia de importantes intelectuais, das autoridades políticas e da população em geral, enfatizava Kehl de maneira efusiva, “cremos na vitória na Eugenia”.<sup>212</sup>

Em artigo publicado em 1919, no jornal *Diário Popular* de São Paulo, esse eugenista argumentava que, aos poucos, as idéias eugênicas começavam a ganhar a atenção pública e “penetrar nas mentes das pessoas”. Em suas palavras, quando a eugenia “entrar como o abc nas escolas, como o catecismo nas igrejas, como os romances nas mãos dos moços e das moças e a bíblia ou o manual culinário nas casas de família, saberão todos os princípios da higiene individual”. O dia em que a eugenia for compreendida por todos, concluía Kehl, a humanidade atingirá a felicidade plena e um “espírito equilibrado”, constituindo-se na “alavanca do progresso e da espécie”.<sup>213</sup>

Neste sentido, os pressupostos eugênicos assumidos por Renato Kehl ganhavam um caráter quase religioso e profético. Essa concepção ufanista sobre os significados da eugenia não era, contudo, uma exceção entre os intelectuais brasileiros deste período. A existência de uma tradição cientificista, especialmente no campo da medicina, permitia que o discurso da ciência fosse assimilado profeticamente como a salvação para os problemas nacionais, se não como uma religião, ao menos como panacéia. Renato Kehl, inspirado por esta crença redentora, chegava a ir ainda mais longe, afirmando, em artigo publicado em 1918, que a eugenia “é mais que ciência, é religião, religião da saúde, do corpo e do espírito – a verdadeira religião da humanidade”.<sup>214</sup>

De acordo com esse autor, para que a eugenia pudesse conquistar a merecida vitória e ser vista como a “religião do futuro”, fazia-se necessário ampliar o número de aliados para além das fronteiras do estado de São Paulo. Em sua concepção, a inserção

---

<sup>211</sup> KEHL, Renato. Movimento Associativo. *O Estado de São Paulo*: São Paulo, 07 set. 1918 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>212</sup> KEHL, Renato. Conferência de Propaganda Eugênica. op. cit., 1919, p. 79.

<sup>213</sup> KEHL, Renato. As Associações Eugênicas. *Diário Popular*: São Paulo, 5 abril 1919 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>214</sup> KEHL, Renato. Darwinismo Social e Eugenia. In: *Annaes de Eugenia*. op. cit., 1919, p. 183 [sem grifo no original].

definitiva da eugenia no campo científico brasileiro, dependeria da adesão e da legitimidade dada pelas principais autoridades intelectuais e políticas. Seu primeiro passo nesse sentido foi efetuar contatos e estimular a propaganda eugênica também no Rio de Janeiro, onde o pensamento médico e científico já havia conquistado a imprensa diária e parte da opinião pública, especialmente pelos trabalhos que o Instituto de Manguinhos vinha desenvolvendo no campo biomédico e da saúde pública.

O sanitarista Belisário Penna, diretor do recém criado Serviço de Profilaxia Rural e fundador da Liga Pró-Saneamento do Brasil - da qual Renato Kehl fazia parte como membro e representante da classe médica paulista - foi convidado pelo jovem eugenista de São Paulo para liderar a propaganda eugênica na Capital Federal. Renato Kehl acreditava que Belisário Penna poderia desempenhar um papel importante entre os intelectuais cariocas, não somente por ser uma autoridade intelectual e política reconhecida, mas especialmente pelas campanhas que ele vinha desenvolvendo em prol da higiene e do saneamento, cujos propósitos, segundo a concepção dos eugenistas brasileiros, em muito se aproximava dos ideais pregados pela eugenia.

Ao ser nomeado como presidente honorário da Sociedade Eugênica de São Paulo, Belisário Penna agradeceu, em correspondência remetida a Renato Kehl, em abril de 1918, pela indicação do seu nome e pelo “voto de louvor” que os eugenistas de São Paulo lhe haviam atribuído. Segundo Belisário,

[isso lhe] servirá como valioso incentivo para não esmorecer nessa cruzada árdua em prol do levantamento da nossa raça, mas de cuja vitória depende a solução de todos os problemas nacionais, para que o nosso querido Brasil tenha o direito de aspirar a um lugar distinto no convívio das nações cultas.<sup>215</sup>

Ainda da Capital Federal, o médico Juliano Moreira, Diretor do Hospital Nacional de Alienados e um dos principais representantes da psiquiatria brasileira, ao receber o convite de Renato Kehl para participar como membro da Sociedade Eugênica de São Paulo, enviou correspondência informando-lhe que também havia criado uma

---

<sup>215</sup> Correspondência de Belisário Penna a Renato Kehl. Rio de Janeiro, 15 abr. 1918 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).



Sociedade Eugênica anexa a Sociedade de Neurologia e Psiquiatria do Rio de Janeiro, com o objetivo de aplicar o conhecimento eugênico no campo da higiene mental.<sup>216</sup>

Afrânio Peixoto, médico e escritor já muito conhecido por seus trabalhos sobre higiene, medicina legal e higiene mental, escreveu também ao eugenista de São Paulo comentando sobre seus interesses científicos por esta “nova ciência”. Segundo Afrânio, seus estudos sobre eugenia vinham sendo desenvolvidos já há alguns anos, por meio dos quais desejava estimular a propaganda e o debate sobre as idéias eugênicas na cidade do Rio de Janeiro. Porém, conforme comunicava ele a Renato Kehl,

[diferentemente do que acontece na Sociedade Eugênica de São Paulo] nosso desejo aqui no Rio é mais modesto, porque apenas fazemos na Sociedade Brasileira de Psiquiatria e Medicina Legal uma seção de estudos eugênicos um pouco mais ampliados do que os que de alguns anos iniciei e venho acumulando para ulterior publicação.<sup>217</sup>

Nesta mesma correspondência, Afrânio Peixoto demonstrava-se interessado em conhecer os trabalhos de seu colega e antigo aluno da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Seu desejo era divulgar os trabalhos e as idéias de Renato Kehl entre os intelectuais da Sociedade Brasileira de Psiquiatria e Medicina Legal, o que contribuiria para motivar o debate sobre eugenia também no núcleo desta sociedade:

Soube também que o meu prezado colega publicou um trabalho sobre eugenia. Não o tenho encontrado nas livrarias daqui, muito lhe agradeceria um exemplar do qual darei notícias nos Arquivos Brasileiro de Psiquiatria, que também motivarão o início dos trabalhos de nossa sociedade de cuja prosperidade estou eu de antemão convicto.<sup>218</sup>

Essa estreita relação da eugenia com os pressupostos oriundos do pensamento psiquiátrico brasileiro iria se intensificar durante os anos 1920, sobretudo após a criação da Liga Brasileira de Higiene Mental, em 1923. Do mesmo modo, a partir dos anos 1930, com a criação da Comissão Central Brasileira de Eugenia, fundada por Renato Kehl em 1931,

---

<sup>216</sup> Correspondência de Juliano Moreira a Renato Kehl. Rio de Janeiro, 1918 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>217</sup> Correspondência de Afrânio Peixoto a Renato Kehl. Rio de Janeiro, 15/11/1918 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>218</sup> Idem.

alguns dos principais higienistas mentais filiaram-se a essa instituição com o objetivo de estreitar as relações entre estes saberes científicos.<sup>219</sup>

Como aliado importante para a divulgação das idéias eugênicas no Rio de Janeiro, Renato Kehl encontraria ainda o médico e eugenista Agostinho de Souza Lima, que além de sua liderança junto à classe médica carioca, era também um destacado personagem da elite política brasileira. Souza Lima, conforme é possível perceber através das suas correspondências remetidas a Renato Kehl, foi um grande incentivador não somente da fundação da Sociedade Eugênica de São Paulo, pela qual fora nomeado como presidente honorário, mas também das campanhas eugênicas que Kehl pretendia desenvolver na cidade do Rio de Janeiro.<sup>220</sup>

Mesmo recluso em Petrópolis, cidade para onde se retirou com o objetivo de cuidar do seu prejudicado estado de saúde,<sup>221</sup> Souza Lima manteve freqüente correspondência com Renato Kehl, pelas quais vinham discutindo um projeto para fundar no Rio de Janeiro um “centro de eugenia”, cujo objetivo consistiria em reunir os interessados na defesa eugênica da raça nacional.<sup>222</sup> No entanto, devido ao agravamento do seu estado de saúde, e de sua morte em 1921, o empreendimento científico tão almejado por estes eugenistas acabou não se concretizando.

Um ano após a fundação da Sociedade Eugênica de São Paulo, um grande número de médicos, jornalistas e literatos paulistas e cariocas já aderiu às propostas eugênicas, principalmente devido à estreita aproximação das idéias eugênicas com os pressupostos da higiene mental e do pensamento sanitarista. Aos poucos, como argumentava o próprio Renato Kehl através da imprensa paulista, “se vão arregimentando

---

<sup>219</sup> Entre os intelectuais que faziam parte da Comissão Central Brasileira de Eugenia, constam os nomes dos seguintes psiquiatras: Ernani Lopes, presidente da Liga Brasileira de Higiene Mental, Cunha Lopes e Porto Carrero (KEHL, Renato. Brazilian Central Committee for the study and propaganda of eugenics. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano III, nº 28, abr. 1931, p. 07).

<sup>220</sup> Algumas das correspondências trocadas entre Renato Kehl e Agostinho de Souza Lima encontram-se no Arquivo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC.

<sup>221</sup> Nas correspondências remetidas a Kehl no final dos anos 1910, Souza Lima costumava comentar sobre o seu estado de saúde, lamentando não poder estar presente às reuniões da Sociedade Eugênica de São Paulo e de atuar ativamente na campanha que os eugenistas de São Paulo vinham encetando.

<sup>222</sup> Correspondência de Souza Lima a Renato Kehl. Rio de Janeiro. 12 de março de 1918. (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

novos e valorosos companheiros para auxiliar a empreitada dos eugenizadores na sua propaganda”.<sup>223</sup>

Em sua opinião, ninguém “será capaz de negar, em boa mente, que o eugenismo<sup>224</sup> não esteja implantado definitivamente no Brasil”.<sup>225</sup> Contudo, reconhecia este eugenista, a campanha vitoriosa da eugenia não deveria ser avaliada pelos resultados já colhidos ou materializados em tão pouco tempo:

Consideramos vitoriosa a iniciativa porque conseguimos ampliar o campo visual de muita gente que, pela diafragmação miótica poucos alcançavam nestes assuntos; porque conseguimos demonstrar a outros a dificuldade em tornar conhecida uma doutrina quanto mais em tornar eficiente os seus fins; porque captamos a simpática paciência de alguns que, não duvidando dos passos certos e seguros da campanha, ambicionavam ver a melhoria da raça humana efetuar-se com a mesma presteza com que se selecionam as raças de animais.<sup>226</sup>

Deste modo, como as idéias eugênicas começavam a se fixar no imaginário intelectual brasileiro, especialmente entre os médicos, educadores e sanitaristas, o discurso de Renato Kehl sobre a sua própria propaganda ganhava agora um tom declaradamente otimista. Se a intervenção eugênica ainda não era efetivamente implantada, ao menos em termos de discursos suas propostas começavam a ser bem recebidas. Para ele, a eugenia deveria ser encarada como “a ciência do dia”, pois sua implantação significaria a elevação das “qualidades físicas da população nacional”, além de ensinar “os verdadeiros caminhos da regeneração racial”.<sup>227</sup> Convicto de que a eugenia iria ser transformada na “religião de todo bom brasileiro” e que, em breve, conquistaria a simpatia da classe política, Renato Kehl decidiu assumir definitivamente a eugenia como o seu “apostolado”, como a sua verdadeira “missão intelectual”.

---

<sup>223</sup> KEHL, Renato. Sociedade Eugênica de São Paulo. *Jornal do Comercio*. 04 abr. 1919 (Recorte Avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>224</sup> Vale ressaltar que, neste período, Renato Kehl utilizava o termo “eugenismo” de maneira indistinta. Como demonstrarei no capítulo IV, a partir do final dos anos 1920 o autor passou a distinguir entre o conceito de “eugenia” e de “eugenismo”.

<sup>225</sup> Idem.

<sup>226</sup> Idem.

<sup>227</sup> KEHL, Renato. Eugenia. *Diário de Barbacena*. Barbacena, 9 out. 1919 (Recorte Avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

Renato Kehl seguia, neste sentido, um comportamento intelectual que já havia se transformado numa tradição entre os “homens letrados” da Primeira República. Segundo o historiador Nicolau Sevcenko, no início do século XX, jornalistas, literatos, médicos e cientistas desenvolviam a sua atividade intelectual como uma missão política, ou como uma “ação pública”, voltada para a reforma e a transformação efetiva da realidade social e política da nação, como coordenadores do processo de mudança em curso.<sup>228</sup> Os intelectuais brasileiros repensavam o país, segundo Sevcenko, “como se seu olhar estivesse postado no próprio centro de decisões, calculando suas possibilidades, medindo seus limites reais”.<sup>229</sup>

O contato e a rede institucional formada por Renato Kehl junto com cientistas ligados às diferentes áreas intelectuais, como o pensamento social, sanitarista, psiquiátrico e da medicina legal brasileira, além de corroborarem para confirmar o estabelecimento do movimento eugênico no Brasil, demonstram também a maneira pela qual essas idéias estavam se conformando com os pressupostos relacionados ao campo médico e social como um todo. Assim, associando-se aos diversos saberes que formavam o campo científico nacional, a eugenia confundia-se, sobretudo durante os anos 1920, não apenas com a higiene e o saneamento, mas também com o próprio pensamento social, moral e político brasileiro. A eugenia pode ser definida, inclusive - especialmente no Brasil e na América Latina -, exatamente como uma ciência polimorfa. Ou seja, como uma forma de conhecimento cuja constituição se processou a partir da relação direta com outros ramos do pensamento científico e social, sem perder, no entanto, a sua natureza e seus objetivos. Como os próprios eugenistas a classificavam, a eugenia se caracterizava como uma “ciência bio-social”, orientada tanto pelo conhecimento biológico e pelas diferentes disciplinas médicas, quanto pelo conhecimento social e político, como a sociologia, a pedagogia, a demografia e a antropologia. Conforme o próprio Renato Kehl conceituava no início dos anos 1920, “a eugenia é uma ciência biológica e ao mesmo tempo social”, tendo por objeto de investigação

(...) a pesquisa e a aplicação dos conhecimentos úteis à reprodução, à conservação e ao aperfeiçoamento da espécie humana, cuidando,

---

<sup>228</sup> SEVCENKO, Nicolau. *A Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 232.

<sup>229</sup> Idem.

particularmente dos assuntos da hereditariedade e da seleção no que for aplicável à espécie; das questões relativas ao meio; da situação econômica; da legislação e dos costumes; sobre o valor das gerações sucessivas e sobre suas aptidões físicas, intelectuais e morais. (...) *É, pois, uma ciência vasta e que compreende problemas dos mais importantes, biológicos, sociais, políticos, higiênicos e médicos (...)*<sup>230</sup> [sem grifo no original].

Ao mesmo tempo em que a eugenia pretendia ser a direção que organizava as fontes e os recursos científicos para apressar a “evolução humana”, ela se nomeava também como um conhecimento que deveria servir de auxiliar no processo de construção de outras ciências. Renato Kehl imaginava que a “nova ciência de Galton” pudesse se transformar numa espécie de “rainha” das ciências “bio-sociais”, orientando tanto os estatutos científicos que formavam o saber médico e social, quanto às políticas públicas dirigidas pelas autoridades nacionais.

Desta maneira, conforme ressalta a historiadora Nancy Stepan, pode-se lembrar que a eugenia deve ser compreendida como um movimento científico - definido enquanto o conhecimento sobre os fundamentos da genética ou hereditariedade humana – mas também como um movimento social – uma vez que visava introduzir idéias sociais e políticas que definiriam formas de pensamento, tradições, práticas institucionais e projetos políticos.<sup>231</sup> Como movimento social e científico, a ciência eugênica apresentava uma grande capacidade para criar novos conceitos que se popularizaram nas primeiras décadas do século XX, como as concepções sobre higiene, genética, diferenças raciais, controle matrimonial, imigração, nacionalismo e gênero.<sup>232</sup> A eugenia foi, em suma, um movimento de idéias que promoveu uma ampla discussão sobre projetos de reforma social que mobilizou a sociedade e as autoridades políticas como um todo.<sup>233</sup>

Tendo em vista a própria característica de organização desse movimento, é possível afirmar que a eugenia se constituía como uma ciência pouco “autônoma” - para usar o conceito de Pierre Bourdieu - cuja heteronomia não a permitia escapar das “leis

---

<sup>230</sup> KEHL, Renato. O papel da Eugenia na restauração das raças. Rio de Janeiro: *Correio da Manhã*, 1921.

<sup>231</sup> STEPAN, Nancy. op. cit., 2005, p. 9-11.

<sup>232</sup> Idem.

<sup>233</sup> Para o historiador Mark Adams, a eugenia foi, em várias partes do mundo, um misto de ciência e política, um movimento social que criou uma interface entre as ciências biológicas e a sociedade como um todo, possibilitando o desenvolvimento de pesquisas científicas com sérias implicações éticas, políticas e sociais (ADAMS, Mark. *Eugenics in the history of science*. In: ADAMS, Mark. Op. cit., 1990, p. 03).

sociais e políticas” exteriores ao campo científico.<sup>234</sup> Em outras palavras, como explica o próprio Bourdieu, quanto mais heterônomo for o campo científico, “mais a concorrência é imperfeita e é mais lícito para os agentes intervir forças não-científicas nas lutas científicas”.<sup>235</sup> Pensando a partir desses conceitos, podemos dizer que os eugenistas buscavam converter o prestígio adquirido fora do campo em capital científico, a ser mobilizado como crédito entre os pares-concorrentes.<sup>236</sup>

A definição de “campo científico” desenvolvida por Bourdieu, visto como um espaço social de conflitos e de luta por poder e prestígio, permite, em nosso caso, compreender a forma pela qual os eugenistas e instituições científicas construíram uma série de estratégias políticas e científicas que visavam ampliar o “capital simbólico” dos agentes sociais envolvidos neste campo. Além disso, a noção de campo científico possibilita, ainda, localizar as posições diferenciadas, hegemônicas e não-hegemônicas, que os eugenistas, sanitaristas, médicos e educadores procuraram ocupar no interior do movimento eugênico brasileiro. De maneira geral, as lutas e os conflitos com vistas a ampliar o “capital científico” dos agentes sociais, tinham por objetivo, mesmo num campo pouco autônomo, impor uma definição de ciência e de um conjunto de problemas científicos.

O movimento operado por Renato Kehl no sentido de uma maior aproximação em relação aos intelectuais ligados à medicina social brasileira, aliado ao desejo de reconfigurar o debate sobre a nação a partir das idéias eugênicas, indicam o caminho que este intelectual seguiu para ampliar o seu “capital simbólico” (prestígio, reconhecimento, legitimidade, etc.) entre seus pares. Inserido neste “campo científico heterônomo”, era na associação com outros campos da ciência, bem como na própria arena da política nacional, que Renato Kehl encontraria “crédito científico” para afirmar sua autoridade e sua posição no interior do movimento eugênico brasileiro.

---

<sup>234</sup> BOURDIEU, Pierre. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora Unesp, 2004, p. 22.

<sup>235</sup> Idem, p. 32.

<sup>236</sup> Contudo, é preciso destacar que a noção de “campo pouco autônomo” ou “heterônomo”, conforme destacado por Bourdieu, não quer dizer que determinados campos científicos sejam “menos ou mais científicos” que outros, mas que eles são mais suscetíveis às pressões ou interesses externos; que as regras de organização interna destes campos não se constituem de forma tão rígidas como aquelas dos campos mais autônomos (Idem).

Esse jogo de disputas e de alianças que se forma em torno do campo científico, conforme lembra Pierre Bourdieu, é uma luta constante pelo monopólio da autoridade científica, “compreendida enquanto capacidade de falar e agir legitimamente”.<sup>237</sup> O objetivo de Kehl era, portanto, definir-se como liderança no interior do movimento eugênico, capaz de ser reconhecido e prestigiado como um importante cientista. E, talvez, numa interpretação mais arriscada, lembrando inclusive das próprias características da eugenia enquanto movimento social e científico, é possível afirmar que o objetivo de Renato Kehl consistia em operar um movimento mais ousado: sua militância “profética” em prol da eugenia indicava uma tentativa de reconfiguração não apenas do movimento eugênico, mas do próprio campo médico brasileiro. Renato Kehl acreditava que à medida que a eugenia fosse aceita por um maior número de intelectuais, tanto essa ciência quanto ele próprio poderiam “ocupar legitimamente a posição dominante” no pensamento médico brasileiro. Isso lhe permitiria não somente alcançar a “mais alta posição na hierarquia dos valores científicos”,<sup>238</sup> como também reorganizar os conhecimentos biológicos, médicos e sociais.

Neste sentido, Renato Kehl pensava a ciência eugênica do mesmo modo que os eugenistas norte-americanos associados à “Eugenics Office Record” haviam pensado a árvore genealógica da ciência. Para estes eugenistas, o conhecimento eugênico era concebido como o próprio tronco exuberante da árvore da ciência, enquanto as raízes se constituiriam de diversos ramos do saber científico, como a medicina, antropologia, biologia, estatística, psiquiatria, economia, sociologia, genealogia, etc.<sup>239</sup> Na concepção de Renato Kehl, a eugenia poderia não apenas se associar a estes saberes e se infiltrar entre eles, mas, acima de tudo, liderar e organizar o próprio campo científico como um todo. Deste modo, pensava “patrioticamente” Renato Kehl, seria possível empregar a eugenia tendo como objetivo a regeneração bio-social e o progresso da nação brasileira.

O caráter polimorfo que a eugenia brasileira adquiriu no final dos anos 1910 e durante os anos 1920, foi fundamental para apressar sua inserção entre as discussões que formavam esse campo científico brasileiro. Se por um lado a eugenia não tinha uma

---

<sup>237</sup> BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In: Ortiz, Renato (org.) *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983, pp. 122-123.

<sup>238</sup> Idem, p. 118.

<sup>239</sup> Ver figura na página 218, conforme anexo.

definição canônica sobre o seu espaço de ação exclusivo, o sucesso de sua recepção entre os intelectuais brasileiros dependeu, ao menos inicialmente, dessa sua capacidade camaleônica e maleável de se adaptar aos diferentes projetos e interesses científicos, institucionais, políticos e sociais.

Esse jogo de associações e interdependências científicas que Renato Kehl formulava entre a eugenia e os diversos ramos da ciência médica, biológica e social, juntamente com a intensa propaganda eugênica lançada por este autor no final dos anos 1910, consistia em construir a sua própria identidade intelectual como a liderança do movimento eugenista brasileiro. A percepção do seu nome como o “grande apóstolo” da “ciência eugênica” possibilitava-lhe conquistar reconhecimento, status social e maior visibilidade no meio científico e político nacional. Apropriando-se desse “capital simbólico” - definido por Pierre Bourdieu como uma forma de propriedade reconhecida pelos agentes sociais como carregada de valor e efeitos simbólicos<sup>240</sup> - Renato Kehl buscava afirmar o seu espaço de autoridade e a sua posição dominante dentro do campo científico brasileiro.

Por outro lado, além de buscar prestígio intelectual, Renato Kehl almejava angariar o maior número possível de aliados para formar uma rede de poder, se assim podemos chamar, em torno da divulgação da eugenia no cenário nacional. Como forma de legitimar suas concepções e de ampliar o círculo de discussões sobre a “ciência da boa geração”, Renato Kehl procurava inserir as idéias eugênicas não somente no interior das questões científicas nacionais, mas também num espaço de debate que incluísse os eugenistas latino-americanos. Este intelectual parecia compreender que o jogo de lutas e de concorrência para determinar a posição de um agente social no seio do campo científico, dependeria, acima de tudo, de crédito científico e de um grande número de aliados que pudessem legitimar e reconhecer sua autoridade.

Entusiasmado com a boa receptividade que a eugenia vinha recebendo no Brasil, e a exemplo do que vinha acontecendo com os movimentos eugenistas mundiais, Renato Kehl acreditava, juntamente com outros eugenistas latino-americanos, que seria possível estender ainda mais o horizonte das discussões científicas ligadas à eugenia. O objetivo

---

<sup>240</sup> BOURDIEU, Pierre. Campo de poder, campo intelectual e habitus de classe. In: \_\_\_\_\_. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001, pp. 183-202.



consistiria em ampliar a extensão dessa rede e angariar novos prosélitos para a campanha eugênica, formando o que os eugenistas desta região passaram a denominar de “uma organização continental”.

### **3. Ampliando a rede para formar “uma organização continental”**

No final dos anos 1910, o movimento eugenista latino-americano começava a se organizar em vários países da região. A fundação das primeiras sociedades eugênicas em 1918, como a Sociedade Eugênica de São Paulo, deu-se, como enfatiza Nancy Stepan, apenas 10 anos após o estabelecimento da primeira sociedade britânica e seis anos após a francesa, o que indicava que os cientistas da região estavam afinados com o desenvolvimento da eugenia na Europa. No entanto, estrutural e socialmente, explica Stepan, “as origens dos movimentos eugênicos tinham menos relação com os acontecimentos europeus do que com fatores latino-americanos”.<sup>241</sup>

Neste sentido, devido as preocupações intelectuais e políticas que aproximavam os países da América Latina, sobretudo os problemas relacionados à saúde pública e à composição racial, alguns eugenistas começaram a discutir a criação de um movimento eugênico que pudesse reunir o interesse de vários países. Na liderança desse movimento regional encontrava-se o eugenista brasileiro Renato Kehl, representado institucionalmente pela Sociedade Eugênica de São Paulo.

Na concepção de Kehl, apesar das inúmeras dificuldades em se ampliar os projetos eugênicos, “para a eugenia vicejar na América do Sul” precisava apenas ser controlada e desenvolvida por esforços de “homens competentes”, tal qual fizeram os eugenistas norte-americanos e europeus, como Davenport, Ploetz, March e Houssay.<sup>242</sup> Com o “auxílio de homens de valor”, com “constância e tempo”, acreditava o eugenista

---

<sup>241</sup> STEPAN, Nancy. Op. cit., 2005, p. 45.

<sup>242</sup> KEHL, Renato. As Associações Eugênicas. op. cit, 1919.

brasileiro, o movimento em prol das idéias eugênicas tenderia a se generalizar também entre os países latino-americanos.<sup>243</sup>

Sua primeira ação, neste sentido, foi manter estreita correspondência com os eugenistas Victor Delfino, da Argentina, e com peruano Carlos Henrique de Paz Soldan, ambos nomeados como membros honorários da Sociedade Eugênica de São Paulo e com os quais Kehl almejava formar uma frente para divulgar a eugenia na região. Renato Kehl procurou, ainda, manter contatos com intelectuais e cientistas de outros países da América Latina, como no Paraguai, Chile, Cuba, México, que também tinham interesses em participar de um movimento eugenista mais amplo.

O médico e eugenista Victor Delfino, diretor do Diário *La República*, de Buenos Aires, fazia sua propaganda eugênica desde 1912, quando participou do Primeiro Congresso Internacional de Eugenia, realizado em Londres. Assim como Renato Kehl, Victor Delfino dedicou sua atividade intelectual às discussões e à propaganda relacionada a eugenia e a medicina social. Seu objetivo era organizar, ao lado do higienista Alfredo Verano, o movimento eugenista em seu país, especialmente após a Primeira Guerra Mundial, quando a preocupação dos intelectuais argentinos voltava-se para as discussões sobre o progresso da nação argentina, a formação racial, imigração, reformas sociais e a constituição da identidade nacional.<sup>244</sup> A grande preocupação que emergia dos pronunciamentos de Delfino, cujas concepções refletiam idéias conservadoras e racistas, dizia respeito à necessidade de purificação nacional e, acima de tudo, de controle referente à entrada de imigrantes no país.<sup>245</sup>

Com o incentivo de Renato Kehl e da Sociedade Eugênica de São Paulo, Victor Delfino - que considerava o eugenista brasileiro como o “herói da grande jornada em prol do aperfeiçoamento físico e moral da nossa raça”<sup>246</sup> - fundou a Sociedade Eugênica Argentina, em março de 1918. O objetivo principal desta organização era o mesmo

---

<sup>243</sup> KEHL, Renato. Sociedade Eugênica de São Paulo. op. cit., 1919.

<sup>244</sup> Para uma compreensão mais completa sobre o movimento eugenista na Argentina consultar STEPAN, Nancy. op. cit., 2005; NARI, Marcela M. A. La Eugenesia em Argentina, 1890-1940. México. Revista Quipu, vol.12, nº 3, set./dez. de 1999.

<sup>245</sup> STEPAN, Nancy. op. cit., 2005, p. 65.

<sup>246</sup> Correspondência de Victor Delfino a Renato Kehl. Buenos Aires, 18 mar. 1918 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

estabelecido pela congênere brasileira, criada dois meses antes: divulgar os princípios da eugenia entre o público nacional e cooperar nos projetos de regeneração da população local. Em artigo publicado na Revista *La República*, e transcrito na Revista *La Semana Médica*, ambas de Buenos Aires, Renato Kehl saudava a “patriótica iniciativa” de Victor Delfino em prol da eugenia, desejando que a Sociedade Argentina se transformasse num “paradigma a ser imitado pelos países irmãos do continente sul-americano”.<sup>247</sup>

Na cidade de Lima, no Peru, o eugenista e sanitarista Paz Soldan, diretor dos serviços sanitários da capital peruana e editor da Revista *La Reforma Médica*, também vinha mobilizando não apenas os intelectuais do seu país, como da Venezuela e da Colômbia, para aderirem à causa da propaganda eugênica. Diante do “cataclisma” constituído pela guerra na Europa - referindo-se aos problemas sociais criados pela Primeira Guerra Mundial - Paz Soldan acreditava que a previsão mais elementar aconselhava “eugenizar a própria raça”, “o único capital saneado com que contamos” na América Latina. Segundo ele, os estudos da eugenia e a proteção racial seriam os meios mais eficientes e rápidos que as “democracias americanas” teriam para “realizar e prevenir” seus próprios destinos.<sup>248</sup>

Do mesmo modo, da cidade de Assunção, no Paraguai, o eugenista Luis Zanotti Cavaziani anunciava, em correspondência enviada a Renato Kehl em abril de 1919, que estava fomentando junto aos intelectuais da capital para fundar a Sociedade Eugênica do Paraguai e aumentar o número de prosélitos interessados em divulgar a “ciência da boa geração”. Para isso, solicitava que seu colega brasileiro lhe remetesse os estatutos da Sociedade Eugênica de São Paulo que, segundo ele, iriam lhe servir como modelo para a formulação do regimento da sociedade paraguaia.<sup>249</sup>

Na passagem dos anos 1910 para os anos 1920, portanto, o movimento eugenista latino-americano começava a ganhar forças, criando, inclusive, instituições que viriam dar legitimidade aos discursos eugênicos. De acordo com Souza Lima, conforme

---

<sup>247</sup> Este artigo foi publicado nas revistas argentinas acima indicadas, em abril de 1918, no entanto, como não tivemos acesso a publicação em espanhol, utilizaremos como referência a íntegra que foi publicada nos Anais da Sociedade Eugênica de São Paulo (*Annaes de Eugenia*. Op. cit., 1919 [1918], p. 183).

<sup>248</sup> Correspondência de Carlos Henrique de Paz Soldan a Renato Kehl. Lima, 09 ago. 1918 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC)

<sup>249</sup> Correspondência de Luis Zanotti Cavaziani a Renato Kehl. Assunção, 05 abr. 1919 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

correspondência remetida a Renato Kehl, o exemplo da Sociedade Eugênica de São Paulo estava sendo seguido e, com a propaganda lançada pelo jovem eugenista de São Paulo, conquistava novos prosélitos em várias outras repúblicas sul-americanas. “O futuro dirá”, comentava ele a Kehl, “sobre os resultados da depuração racial que as sociedades desta natureza virão”.<sup>250</sup>

Para Nancy Stepan, as atividades eugênicas criadas em outros países das nações latino-americanas, apesar das variações sociais e políticas, seguiram o padrão do movimento eugenista brasileiro. Na maioria dos casos, explica esta historiadora, as campanhas eugênicas eram lideradas por médicos obstetras, pediatras, sanitaristas e higienistas mentais, “e seus objetivos eram divulgar e aplicar a nova ciência da eugenia, mais do que realizar pesquisa sobre hereditariedade e saúde”.<sup>251</sup> A propaganda eugênica serviria, ao menos nos primeiros anos de divulgação, muito mais para inserir o discurso da eugenia no campo científico e intelectual de seus referidos países, e disso os eugenistas latino-americanos estavam conscientes, do que propriamente para aplicar suas concepções médicas, sociais e políticas. Era necessário tornar a eugenia uma doutrina popular para só depois vê-la transformada em projeto, leis e manuais escolares.

Neste período, os eugenista latino-americanos procuravam manter correspondência freqüente, especialmente entre Renato Kehl, Victor Delfino, Carlos Henrique de Paz Soldan e Alfredo Verano, através das quais dialogavam sobre suas produções científicas e sobre o desejo de ampliar o movimento eugenista na América Latina. Estes contatos possibilitavam que alguns trabalhos intelectuais de Renato Kehl sobre eugenia, como artigos, resenhas e entrevistas, fossem publicados na imprensa argentina e peruana. De maneira semelhante, os trabalhos dos eugenistas estrangeiros, sobretudo de Paz Soldan e Victor Delfino, também fossem divulgados em jornais e revistas científicas da imprensa brasileira.

A correspondência remetida pelo eugenista Victor Delfino a Renato Kehl, em março de 1919, nos oferece uma boa compreensão do teor dos contatos e da maneira como seus trabalhos científicos circulavam entre eles:

---

<sup>250</sup> Correspondência de Souza Lima a Renato Kehl. Petrópolis, 16 dez. 1918 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>251</sup> STEPAN, Nancy. Op. cit., 2005, p. 61-62.

Meu querido e ilustre amigo, com sua boa carta de 26 de fevereiro último, recebi sua notável réplica ao Prof. Forns, de Madrid. Bravo, muito bem. Muito obrigado pela gentil recordação que a mim dedicou. Como haja visto, como não era coisa de perder tempo, coloquei seu trabalho em espanhol e o dei para publicação em seguida, e a estas alturas, deve você, ter recebido dois exemplares da 'La Semana Médica', com o dito artigo.

Espero ser uma realidade a publicação dos 'Anais de Eugenia'<sup>252</sup> [da Sociedade Eugênica de São Paulo], os quais sem dúvida serão os primeiros na América Latina do Sul e você, será o herói desta jornada grande em prol do aperfeiçoamento físico e moral de nossa raça! (...) Eu estou aqui, com você, disposto a oferecer-lhe minha modestíssima, ainda que entusiasta, cooperação, que você se dignará aceitar no pouco que valha.

Do amigo Paz Soldan, de Lima, tenho notícias recentes, na ocasião em que me enviou uma publicação sua.

Haverei em breve de indicar-lhe um amigo chileno que está em condições de iniciar o movimento eugênico, e em seguida lhe comunicarei o nome e o seu endereço.<sup>253</sup>

Correspondências como estas possibilitam perceber que, além da frequente troca de trabalhos e das publicações que estes eugenistas proporcionavam uns aos outros, em revistas e jornais de seus países, seus contatos intelectuais nos permitem, ainda, decifrar a formação de uma rede articulada que visava estabelecer um espaço de discussões e divulgação da eugenia em vários países da América Latina. Através desta rede, estes eugenistas conseguiam reforçar e dar legitimidade a esse campo científico, pelo qual eles procuravam alcançar autoridade intelectual, prestígio e reconhecimento científico e social entre seus pares. Além disso, o diálogo entre eles possibilitava-lhes ampliar também seus laços de identidade, estimulando a produção científica e atribuindo sentido aos seus ideais, que eram tanto intelectuais quanto políticos. Como confidenciava Paz Soldan, em correspondência remetida a Renato Kehl, o crescimento da amizade e da relação intelectual entre eles transformava-se num estímulo que os unia ainda mais,

---

<sup>252</sup> Os Anais de Eugenia, publicados em 1919 pela Sociedade Eugênica de São Paulo, foram recebidos com muito entusiasmo pelos eugenista latino-americanos. Paz Soldan, por exemplo, saudou a publicação dos anais com as seguintes palavras: "bravo, admirável, sua revista Anais de Eugenia. Que seleta, quantas iniciativas generosas, quantas sugestões fecundas. Sem exagero lhe digo que é o primeiro monumento eugênico americano. Que páginas admiráveis. Tenho a profunda convicção de que é o mais clamoroso êxito que tenho acompanhado" (Correspondência de Paz Soldan a Renato Kehl. Lima, 11 nov. 1919 - Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>253</sup> Correspondência de Victor Delfino a Renato Kehl. Buenos Aires, Argentina, 18 mar. 1919 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC). Todas as correspondências, livros e artigos em língua estrangeira, citados nesta dissertação, são por mim traduzidas.

(...) como uma prova de identidade de propósitos, como a inevitável camaradagem que se produz entre homens e almas que vivem entregues ao mesmo ideal. *O nosso, o da redenção biosocial da raça, é daqueles que forçosamente exigem a união mais estreita possível entre seus divulgadores*<sup>254</sup> [sem grifo no original].

Para estes eugenistas, o futuro da eugenia na América Latina dependeria exatamente da ampliação desta estreita “identidade de propósitos” que estava sendo estabelecida entre os seus divulgadores. Conforme correspondência remetida a Renato Kehl em 1919, Carlos Henrique de Paz Soldan sugeria ao eugenista brasileiro que, juntamente com Victor Delfino, começassem a pensar na possibilidade de “*fundar uma organização continental sobre eugenia*”, que poderia partir da Sociedade Eugênica de São Paulo, e cujo objetivo consistiria em

(...) empreender uma propaganda harmônica e simultânea em todos os países da América do Sul, desabitado em grandes extensões e com problemas raciais de uma dificuldade e complexidade desconcertante. Se poderia fixar previamente como base de organização, a investigação e definição dos principais problemas eugênicos que tem por resolver os países do Sul da América, tratando depois de estudá-los em comum e divulgar as soluções correspondente em uma revista que se fundará com este objetivo, com base no apoio das instituições e poderes públicos.<sup>255</sup>

O eugenista peruano definia, assim, até mesmo as diretrizes que deveriam mobilizar o futuro movimento eugenista na América Latina. Além de “uma propaganda harmônica e simultânea”, os eugenistas deveriam colocar em curso a “redenção biosocial da raça”, investigar os problemas eugênicos em conjunto, estudar as soluções em comum e divulgá-las através de uma revista especializada que, então, seria fundada e distribuída entre todos os eugenistas latino-americanos. Na concepção de Paz Soldan, com a ampliação e a institucionalização desta rede, e com base no apoio dos poderes públicos, a “eugenização da América” poderia tornar-se uma realidade.

---

<sup>254</sup> Correspondência de Carlos Henrique de Paz Soldan a Renato Kehl. Lima, Peru, 11 abr. 1919 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>255</sup> Correspondência de Carlos Henrique de Paz Soldan a Renato Kehl. Lima, Peru, 02 mar. 1919 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

Semanas depois, a fim de propagar estas idéias, Paz Soldan comunicava a Renato Kehl que iria iniciar a sua campanha na Academia de Medicina de Caracas, na Venezuela, onde pretendia fazer uma palestra sobre a “Eugenização da América”. Através desta conferência, Paz Soldan almejava convocar novos prosélitos que quisessem “encabeçar um movimento americano sobre esta matéria” e, depois, continuava ele, “formulo um plano geral de trabalho (...) em favor da ciência que cultivamos”.<sup>256</sup> Nesta mesma correspondência, Paz Soldan informava ao eugenista brasileiro que,

(...) no número de abril da [revista] ‘La Reforma Médica’, me ocuparei do movimento eugênico atual na América e mandarei transcrever sua bela e contundente réplica a Forns, documento que está à altura de suas convicções e que é uma apologia sincera e convincente da Eugenia.<sup>257</sup>

Apesar do empenho realizado por estes eugenistas no final dos anos 1910, o movimento eugenista latino-americano não conseguiu, nesse período, fundar uma “sociedade continental de eugenia”, como era o objetivo de Renato Kehl, Paz Soldan e Victor Delfino. No entanto, durante os anos 1920 e 1930, agora com um número maior de eugenistas espalhados por vários países da região, especialmente no Brasil, Argentina, México, Peru e Cuba, as campanhas iniciadas no final dos anos 1910 se intensificaram no sentido de ver realizados tais objetivos. Esse novo fôlego que a eugenia recebeu, sobretudo no final dos anos 1920, conduziu à fundação de inúmeras associações científicas e o alargamento das discussões sobre a criação de um movimento eugenista mais amplo e integrado.<sup>258</sup>

No final da década de 1920, Renato Kehl já havia estendido sua rede de contatos tanto com os eugenistas latino-americanos, quanto com médicos, antropólogos e eugenistas europeus e norte-americanos. Na América Latina, ele manteve correspondências com eugenistas de diferentes nacionalidades, como Romero Del Prado, Artur León Lopes, Alfredo Fernandes Verano, da Argentina; Domingo Ramos, Heitor Carrillo, Israel Castellanos, Vidal Agostini, do México; Alfredo Saavedra, Heberto Alcazar, Vicente

---

<sup>256</sup> Correspondência de Carlos Henrique de Paz Soldan a Renato Kehl. Lima, 11 abr. 1919 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>257</sup> Idem.

<sup>258</sup> STEPAN, Nancy, op. cit., 2005, p. 197-203.

Lopes Gonzáles, de Cuba; entre outros nomes que podem ser encontrados entre as correspondências do eugenista brasileiro. Neste período, como veremos nos próximos capítulos, Renato Kehl retomaria com grande entusiasmo a sua propaganda eugênica, especialmente pelo fato das idéias eugênicas estarem ocupando um importante espaço no campo científico brasileiro.

A ampliação da campanha eugênica iniciada por Renato Kehl no final dos anos 1910 iria se consolidar somente no final dos anos 1920 e, sobretudo, durante a primeira metade da década de 1930. Em 1927 seria realizada a Primeira Conferência Pan-Americana de Eugenia, onde se discutiu a criação de um Código Pan-Americano de Eugenia. Anos depois, em 1934, a segunda conferência aconteceria em Buenos Aires, com um expressivo número de participantes.<sup>259</sup> No ano seguinte, o desejo de Kehl, Delfino e Paz Soldan de verem fundada uma “organização continental de eugenia” acabou tornando-se realidade, não exatamente com a criação de uma sociedade latino-americana, mas antes com a fundação da *Fédération Internationale Latine de Sociétés d'Éugénique* (Federação Internacional Latina de Sociedades de Eugenia).<sup>260</sup>

#### **4. Sanear corresponde a eugenizar**

A propaganda eugênica realizada por Renato Kehl possibilitou-lhe, como comentamos anteriormente, construir uma rede de contatos com importantes intelectuais brasileiros e latino-americanos, o que teria atribuído autoridade científica aos projetos e as idéias vindas da ciência eugênica. No final dos anos 1910, o prestígio intelectual e o reconhecimento de sua identidade como a principal liderança no movimento eugenista brasileiro lhe rendeu a nomeação, expedida pelo Ministro do Estado da Justiça e Negócios

---

<sup>259</sup> Idem, p. 67.

<sup>260</sup> De acordo com Nancy Stepan, essa organização internacional foi fundada com o objetivo de representar determinados “pontos de vistas comuns” que formavam o pensamento eugênico latino, sobretudo em oposição aos ideais eugênicos “anglo-saxônicos”. A sessão preliminar que oficialmente criou a Federação Latina de Eugenia aconteceu Cidade do México, em 1935, local onde se reuniram delegados da Argentina, Peru e México, com o apoio das sociedades eugênicas do Brasil, da Bélgica, da França e da Itália, além da participação de outros países que desejavam incentivar a propaganda eugênica. O primeiro congresso desta organização eugênica foi realizado em 1937, na cidade de Paris, presidida por Eugène Apert (STEPAN, Nancy. Idem, p. 203-206).



Interiores, do governo Epitácio Pessoa, para exercer as funções de médico auxiliar da Comissão Médica incumbida dos serviços de Profilaxia Rural do Distrito Federal.<sup>261</sup>

Apesar de não termos encontrado documentação que nos informasse sobre a sua nomeação para esse cargo, acreditamos que o próprio Belisário Penna, então Diretor do serviço de Profilaxia Rural, criado em 1918 pelo presidente Wenceslau Brás, teria sido o responsável direto pela indicação de seu nome. Neste período, Renato Kehl e Belisário Penna haviam estreitado suas relações intelectuais, sobretudo devido aos interesses que ambos compartilhavam em relação à Sociedade Eugênica de São Paulo e ao movimento nacionalista em defesa das reformas sanitaristas. Do mesmo modo, é preciso ressaltar que Renato Kehl fazia parte, como membro representante de uma comissão de médicos e intelectuais paulistas, junto a Liga Pró-Saneamento do Brasil, da qual Belisário Penna era o presidente e fundador, o que teria possibilitado um intenso contato com médicos, educadores, sanitaristas e higienistas da Capital Federal.

Desde 1918, quando o seu nome começava a se tornar conhecido no campo médico brasileiro, Renato Kehl se definiu por uma maior aproximação com os intelectuais ligados ao movimento sanitarista e higienista. Neste mesmo ano, passou a escrever periodicamente para a Revista *Chácaras e Quintais*, numa sessão intitulada “Higiene Rural”. Seus artigos, publicados mensalmente, eram em sua maioria orientações sanitárias e higiênicas voltadas para o homem do campo ou, então, comentários sobre os males causados pelas doenças e endemias, como a ancilostomíase, malária, tracoma, doença de Chagas, que freqüentemente acometiam os moradores das áreas rurais. Nesta mesma revista, Renato Kehl escrevia uma outra coluna, “O Médico Grátis”, em que respondia as dúvidas dos assinantes sobre os mais variados assuntos médicos relacionados à saúde da família, ao bem estar individual, à higiene e aos cuidados sanitários em geral.

Seu objetivo nestas colunas, segundo Kehl, era “despertar a consciência” dos lavradores, ainda “desleixados”, para o papel que estes poderiam exercer em prol da campanha pelo saneamento e pela sua própria saúde e vigor físico. Segundo ele, os colonos brasileiros são como “crianças grandes”, “ignorantes” que, por falta de instrução e “habituação que estão à vida da miséria e da sujeira”, desconhecem os princípios básicos

---

<sup>261</sup> Memorial do Dr. Renato Kehl. Academia Brasileira de Medicina. Rio de Janeiro, 1932 (Folheto avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

da higiene, o que justificaria o fato de “serem fracas presas dos micróbios”. Em suas concepção, do mesmo modo que os professores educam as crianças sobre os preceitos da higiene, deveriam os fazendeiros e seus administradores fazer com seus empregados rurais: “praticar o ensino inspirado nos códigos de saúde, formando em cada colono a consciência sanitária”.<sup>262</sup>

Um mês depois de sua entrada no Serviço de Profilaxia Rural, em agosto de 1919, Renato Kehl foi designado por Belisário Penna para exercer as funções de Chefe do posto de profilaxia de Merity e Raiz da Serra, na região da baixada fluminense. Neste posto, com o auxílio dos médicos José Augusto Rodrigues, Gastão Figueiredo, Nicanor Botafogo Gonçalves e Alberto M. Vaissié, do escriturário Alberto Waddigton Leal e de mais oito operários contratados para realizarem serviços braçais, Renato Kehl dirigiu, durante dez meses, trabalhos de atendimento médico, execução de obras sanitárias e campanhas de educação e combate às principais endemias rurais.<sup>263</sup>

Devido a sua preocupação com o valor eugênico dos moradores destas vilas, Renato Kehl e os médicos auxiliares fizeram um amplo trabalho de coleta de dados antropométricos, cujo relatório foi encaminhado para o governo do Estado com o objetivo de esclarecer as autoridades quanto às condições de saúde desta população.<sup>264</sup> Segundo Renato Kehl, “os dados colhidos demonstram claramente a fraqueza orgânica dessa gente, cuja indolência não tem outra explicação senão a anemia, a intoxicação e a miséria como conseqüência final”. Da situação eugênica e sanitária deste povo, continuava ele,

está perfeitamente informado o nosso governo, que em boa hora, vai iniciar a campanha intensa de saneamento, pois, *sanear corresponde praticar a eugenia denominada preventiva*, cujos fins são as defesas da raça contra todos os fatores de degeneração, sejam eles mórbidos (tuberculose, sífilis, impaludismo, verminoses, etc), sejam eles os venenos sociais. *É por isso que a eugenia preventiva corresponde à medicina social (...)*, e se esforça pelo saneamento rural e urbano, pela regulamentação do trabalho, pela proteção da infância; *consiste, enfim, na organização ativa de uma higiene profilática*

---

<sup>262</sup> KEHL, Renato. Saneamento Rural. *Revista Chácaras e Quintaes*, vol. 18, nº 03, set. 1918, p. 209.

<sup>263</sup> O relatório completo desses serviços encontram-se no Arquivo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC (relatório datilografado).

<sup>264</sup> Um resumo com comentários e dados sobre este relatório antropométrico, que foi realizado com mais de duas mil pessoas, pode ser encontrado em KEHL, Renato. *Povo são e povo doente*. Rio de Janeiro. Editora Revista do Brasil, 1920.

*acauteladora da saúde dos indivíduos e da coletividade*<sup>265</sup> [sem grifo no original].

O texto acima revela os pressupostos médicos que orientavam o pensamento eugênico de Renato Kehl no início dos anos 1920. Para ele, tal qual a compreensão da maioria dos eugenistas brasileiros, sanear, higienizar e eugenizar se confundiam em suas finalidades, tendo como origem o mesmo conhecimento: a medicina social. Neste período, as concepções sanitaristas e eugênicas foram conjugadas, no bojo de um projeto político de redenção da população nacional, a partir do conhecimento médico voltado para as reformas sociais mais amplas, que visavam organizar e ordenar os comportamentos e os hábitos de vida da sociedade brasileira.

Nos primeiros anos da década de 1920, Renato Kehl procurou consolidar essa aproximação em relação aos médicos, sanitaristas e higienistas associados aos serviços sanitários e a Liga Pró-Saneamento do Brasil. Em conferência realizada no Colégio Militar da cidade de Barbacena, interior do estado de Minas Gerais, Renato Kehl destacava que “o programa traçado pela Eugenia é, pois, racional e executável”, enfatizando que “o seu ponto de partida” deveria iniciar com o saneamento. Portanto, aconselhava Kehl, “os eugenistas para alcançarem os seus desígnios têm de se iniciar com Belisario Penna, (...) tem de com ele seguir a via-sacra da higienização”.<sup>266</sup>

Em certa medida, é possível dizer que o contato intelectual que Renato Kehl executou em direção aos sanitaristas, especialmente com Belisário Penna, relacionava-se aos seus interesses profissionais e políticos, funcionando como uma estratégia que visava acumular prestígio e crédito científico junto aos seus pares. Como o discurso em prol do saneamento e dos serviços sanitários da Capital Federal estavam bem estabelecidos entre as autoridades políticas - que há alguns anos vinham sendo subvencionando pelo poder público -, Renato Kehl buscava encontrar o seu espaço de legitimidade também no interior do movimento sanitarista. Por outro lado, tendo em vista sua mudança da cidade de São Paulo para o Rio de Janeiro, Renato Kehl pretendia conquistar a simpatia do movimento sanitarista em prol das idéias e da propaganda eugênica na cidade do Rio de Janeiro. Isso

---

<sup>265</sup> KEHL, Renato. Os problemas da Regeneração das Raças. *Jornal A Noite*. Rio de Janeiro, 03 jul. 1920 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>266</sup> KEHL, Renato. Eugenia. op. cit., 1919 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

lhe possibilitaria ampliar a rede de aliados que constituiriam o movimento eugênico brasileiro, especialmente a partir do início dos anos 1920, quando o estímulo em torno da Sociedade Eugênica de São Paulo vinha perdendo forças.<sup>267</sup>

Deste modo, é necessário pensar estas práticas sociais empregadas por Renato Kehl - que são ao mesmo tempo políticas e intelectuais - não como interesses deliberados ou intencionalidades voluntaristas. Ao contrário, devem ser compreendidas como práticas ou estratégias que constituem as relações de poder e de lutas concorrenciais num dado campo, pelas quais um cientista ou um intelectual, enquanto um agente social, busca legitimar suas concepções e seu espaço no interior do campo científico. Este conjunto de práticas, atitudes, comportamentos e pensamentos, que Pierre Bourdieu chama de *habitus*, deve ser visto, antes de tudo, como um sistema simbólico e de representações que organizam e estruturam o modo como os agentes de determinado campo agem e se comunicam com outros agentes sociais.<sup>268</sup>

Com o intuito de reafirmar essas relações e de alargar as discussões sobre eugenia, higiene e saneamento, Renato Kehl publicou, em 1920, o seu primeiro livro diretamente relacionado aos estudos eugênicos.<sup>269</sup> Intitulada “Eugenia e Medicina Social”, esta obra trazia como apresentação um prefácio escrito por Belisário Penna, que saudando os esforços do “jovem eugenista”, destacava a importância deste livro para “preencher uma lacuna sensível no nosso meio intelectual”, ainda “um pouco alheio” a essa ciência.<sup>270</sup> E completava o sanitarista, o autor dessa obra “presta relevantes serviços ao nosso país, que, novo ainda, pode e deve moldar a sua raça, ainda não definida, nos sábios e salutares princípios da ciência de Galton”.<sup>271</sup>

---

<sup>267</sup> Após a saída de Renato Kehl da capital paulista, e da morte de Arnaldo Vieira de Carvalho, a Sociedade não teria conseguido se organizar novamente, deixando oficialmente de atuar no trabalho de divulgação e implantação da eugenia no Brasil.

<sup>268</sup> BOURDIEU, Pierre. op. cit., 2001, pp. 183-202.

<sup>269</sup> KEHL, Renato. *Eugenia e Medicina Social*. Rio de Janeiro: Editora Livraria Francisco Alves, 1920. No entanto, é preciso ressaltar que essa não foi a primeira obra publicada pelo autor. Além de sua tese de medicina, publicada em 1915, Renato Kehl havia escrito em 1919, em parceria com o médico Eduardo Monteiro, um livro sobre “medicina de urgência”, com termos populares relacionado à medicina. (KEHL, Renato; MONTEIRO, Eduardo. *O Médico do lar*; dicionário popular de medicina de urgência. São Paulo: Editora Weiszflog Irmãos, 1919.

<sup>270</sup> PENNA, Belisário. Prefácio. In: KEHL, Renato. *Eugenia e Medicina Social*. op. cit., 1920, p. III.

<sup>271</sup> Idem, p. IV.

Belisário Penna era bastante simpático à idéia de uma eugenia orientada por reformas ambientalistas, ao estilo neolamarckista, capaz de contribuir para o aperfeiçoamento hereditário da população nacional. Em sua obra “Exército e Saneamento”,<sup>272</sup> publicado a partir de uma série de conferências realizadas no Clube Militar do Rio de Janeiro, já apareciam indicações de seu interesse pelos pressupostos eugênicos, expostos naquele momento através de suas concepções sanitárias.<sup>273</sup> A eugenia, em suas palavras, deveria ser vista como “uma ciência vasta, que abrange problemas sociais dos mais importantes”, sendo acompanhada de perto pela higiene, “sua precursora no aperfeiçoamento da humanidade”.<sup>274</sup>

O desejo de Renato Kehl, conforme explicitava logo na introdução de “Eugenia e Medicina Social”, era que seu livro pudesse, por um lado, “disseminar preceitos eugênicos e médicos-sociais” entre o público leitor e, por outro, que conseguisse “aliciar mais adeptos para as fileiras dos prosélitos da campanha nobilitante da regeneração das raças”.<sup>275</sup> Neste sentido, o próprio prefácio preparado por Belisário Penna, assim como a ênfase que o autor atribuía à associação entre a eugenia e a medicina social, serviram como “argumentos de força” para que o livro conquistasse a opinião favorável às idéias e aos projetos eugênicos. Parte da intelectualidade brasileira, sobretudo os médicos e higienistas do Rio de Janeiro, viam com bons olhos um modelo de eugenia que contemplava a intervenção médica nos assuntos relacionados às reformas de cunho ambientalista e social.

De acordo com Renato Kehl, a eugenia, o saneamento e a medicina social apresentavam-se como instrumentos fundamentais através dos quais se poderia salvar o futuro racial da nação. Para este eugenista, as grandes endemias que assolavam o país tornavam “a população brasileira mirrada, doentia, anêmica e feia”. Em artigo publicado no jornal *A Noite*, do Rio de Janeiro, Kehl argumentava:

---

<sup>272</sup> PENNA, Belisário. *Exército e Saneamento*. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunaes. 1920.

<sup>273</sup> Segundo Nancy Stepan, Belisário Penna apresentava neste livro o “desgraçado estado sanitário do Brasil” como um problema de degeneração hereditária que atingia a grande maioria da população nacional, alertando em favor “da necessidade de uma solução eugênica” para este problema que afligia o país com um todo (STEPAN, Nancy. Op. cit., 2005, p. 58).

<sup>274</sup> PENNA, Belisário. Prefácio. In: KEHL, Renato. *Eugenia e Medicina Social*. op. cit., 1920, p. IV.

<sup>275</sup> KEHL, Renato. *Eugenia e Medicina Social*. op. cit., 1920, p. VII.

Como está mais que provado a higidez no nosso país é quase um mito, para usar da expressão do inolvidável Oswaldo Cruz (...). Podemos dizer, sem medo de controvérsias, que o Brasil é constituído, na sua quase totalidade, de gente doente ou em franca degeneração. *Esse grito de alarme levantado pelo professor Miguel Pereira, Belisário Penna e outros em prol do saneamento do nosso 'hinterland' não significa o sertão de Goiás, nem o de Mato Grosso. É quase todo o Brasil, a começar pelos subúrbios dessa capital*<sup>276</sup> [sem grifo no original].

Fazendo coro com os principais médicos e sanitaristas brasileiros do início do século XX, Renato Kehl anunciava a doença e o abandono como os principais problemas nacionais. Em suas palavras, em comparação com a população argentina, americana, inglesa e alemã, o “nosso povo” “são como hastes ao sabor do vento”.<sup>277</sup> Felizmente, argumentava ele, com a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública e as campanhas pela higienização nacional, “começa-se pelo saneamento a praticar seriamente a eugeniização da nossa terra”.<sup>278</sup>

Após o surgimento do Departamento Nacional de Saúde Pública, fundado no início de 1920, durante o governo do Presidente Epitácio Pessoa,<sup>279</sup> as reformas sanitárias e os projetos de saúde pública passaram a conquistar uma visibilidade maior no cenário político nacional. Neste mesmo ano, Renato Kehl anunciava que o apoio do governo à causa eugênica e sanitária levaria ao imediato patrocínio do poder público à campanha eugênica que ele havia iniciado:

O benemérito Sr. Presidente da República [Epitácio Pessoa], prometeu em sua mensagem última tratar do assunto [eugenia], tendo sido assegurado um decreto de saneamento rural, cuja feliz oportunidade despertou o aplauso geral da nação. *A campanha eugênica começa a ser patrocinada pelos poderes públicos do Brasil*<sup>280</sup> [sem grifo no original].

---

<sup>276</sup> KEHL, Renato. Os problemas da Degeneração das Raças. op. cit., 1920.

<sup>277</sup> KEHL, Renato. Eugenia e Medicina Social. op. cit., p. 220.

<sup>278</sup> Idem, p. 121.

<sup>279</sup> De acordo com Gilberto Hochman, as manifestações por reforma sanitária e por inovações nos serviços sanitário, dirigidas especialmente pelos integrantes da Liga Pró-Saneamento do Brasil a partir de 1918, bem como as ameaças constantes de surtos epidêmicos, como a gripe espanhola e a febre amarela, possibilitaram o surgimento do Departamento Nacional de Saúde Pública, fundado em janeiro de 1920 (HOCHMAN, Gilberto. Op. cit., 1998, p. 137-138).

<sup>280</sup> KEHL, Renato. *Eugenia e medicina social*. Op. cit., 1920, p. 20.

No entanto, apesar do otimismo impresso nas palavras de Renato Kehl quanto a recepção das idéias eugênicas no interior do campo científico e político brasileiro, é preciso relativizar os argumentos ufanistas deste eugenista. Como lembrava o sanitarista Belisário Penna, a eugenia precisava ser divulgada com persistência, já que se constituía como uma ciência ainda pouco conhecida entre os intelectuais brasileiros.<sup>281</sup> Em 1921, a despeito dos pronunciamentos elogiosos que Renato Kehl dirigia ao governo nacional, o jornal *Correio da Manhã* destacava a falta de empenho do governo para financiar a viagem de pelo menos um cientista para representar o Brasil durante o Segundo Congresso Internacional de Eugenia, que seria realizado na cidade de Nova York. De acordo com a crítica levantada através das páginas deste jornal, todos os principais países ocidentais se farão representar, inclusive os vizinhos latino-americanos, enquanto o Brasil, “que foi chamado alhures o grande doente da América do Sul”, não se fará presente.<sup>282</sup>

De qualquer modo, no início dos anos 1920 os discursos e as políticas sanitaristas e eugênicas vinham recebendo gradativamente maior atenção junto às autoridades intelectuais e políticas do país, especialmente devido à crença no poder progressista e modernizante que estas idéias científicas traziam impressas. No ponto de vista de Renato Kehl, aquele parecia ser um momento oportuno para ampliar as discussões sobre a importância que as práticas eugênicas, enquanto projeto de engenharia social, poderiam apresentar como alternativas para melhorar o futuro “somático” e moral da nacionalidade.

Na onda de otimismo que os anos 1920 prometiam para as autoridades ligadas à saúde pública, Renato Kehl passou a sugerir e defender a idéia quanto a necessidade de se construir “um dispensário eugênico” na Capital Federal. O objetivo desta instituição consistiria em organizar “(...) uma propaganda intensiva no sentido de disseminar conhecimentos no tocante a sífilis, ao álcool, a tuberculose, a higiene em geral, em tudo que diz respeito à proteção sanitária do indivíduo”.<sup>283</sup> Segundo ele, seria imprescindível pensar definitivamente numa intervenção institucional efetiva sobre o processo de regeneração da população brasileira. Seria preciso, em sua concepção, “fazer a eugenia e não esperar pela seleção natural”.<sup>284</sup> Como acreditavam os eugenistas neste período, a

---

<sup>281</sup> PENNA, Belisário. Prefácio. op. cit., 1920, p. IV.

<sup>282</sup> KEHL, Renato. O papel da Eugenia na restauração das raças. op. cit., 1921.

<sup>283</sup> KEHL, Renato. *Eugenia e medicina social*. op. cit., 1920, p. 126.

<sup>284</sup> Idem, p. 147.

eugenia deveria se incumbir de racionalizar e, ao mesmo tempo, apressar o lento processo de seleção natural colocado em curso pelas forças da natureza. Era nesta direção que Kehl propunha a criação deste “dispensário eugênico”, onde deveria funcionar, segundo seu projeto, “um laboratório para exames microscópios”. Esta instituição teria como objetivo tratar os doentes acometidos por diversas enfermidades, especialmente aquelas de caráter hereditário, sendo possível proteger os indivíduos saudáveis e impedir as degenerações que, segundo as concepções dos médicos e higienistas brasileiros, em tão grande número se propagavam pelo território nacional.

Em sua obra “A Cura da Fealdade”, publicada em 1923 pela editora de propriedade de Monteiro Lobato, Renato Kehl chamava a atenção para o fato de que “parte respeitável da população rural e mesmo urbana, traz impressa, indelevelmente, evidentes sinais de degeneração”.<sup>285</sup> Em suas palavras, não deve ser visto como impatriotismo, nem mesmo como pessimismo demasiado

(...) pintar com cores vivas a situação lastimável de decadência dos habitantes de certas regiões do Brasil, desde que se afirme, convencido como sempre fiz, que essa situação é perfeitamente remediável. Despertar a atenção pública e governamental, para as causas de atraso e degeneração nacional, não é menosprezar a nossa gente, depreciar a nossa idoneidade física e moral, taxar-nos, como diz Alberto Torres, de povo degenerado e corrompido, em franco estado de abatimento corpóreo e mental.

Há muita gente que entende, com falso otimismo, e Alberto Torres era um deles, que ‘não há nada mais falso’ do que dizer-se que a população indígena está seriamente comprometida, pelas doenças endêmicas e epidêmicas. É bastante, porém, inteirar-se, com um pouco de atenção e cuidado, de pareceres de cientistas nacionais e estrangeiros, sobre esse assunto, para se convencer, que o povo brasileiro, principalmente o das zonas rurais, está em franca crise de saúde.

(...) Em consequência desse estado de morbidez, é que os nacionais são, na quase generalidade, feios, esqueléticos, fracos, minguados, não podendo competir com os estrangeiros que aportam em nossas plagas com saúde e robustez, cheios de vida e de ânimo para o trabalho. Não há quem ignore a derrota em que são levados os nossos patrícios em quase todas as empreitadas comerciais e industriais.<sup>286</sup>

---

<sup>285</sup> KEHL, Renato. *A Cura da Fealdade*. São Paulo: Editora Monteiro Lobato & Co. 1923, p 165.

<sup>286</sup> Idem, p. 166-167.



Contraopondo-se a visão de Alberto Torres - cujo otimismo nacionalismo, nas palavras de Kehl, o impedia de condenar o brasileiro à degeneração - Renato Kehl entendia que a população nacional degenerava, “minguava”, perante o péssimo estado de saúde e de saneamento em que se encontrava. Nessas “mórbidas” condições de saúde física, lembrava ele, “é natural que o povo brasileiro, na sua generalidade, seja fraco, inativo e esteja mergulhado na apatia, a braços com a preguiça”.<sup>287</sup> A própria tristeza que, segundo esse autor, caracterizava a personalidade do “povo brasileiro”, era consequência tanto da herança racial, sobretudo da “raça lusitana”, quanto da doença que afligia diariamente milhares de brasileiros.<sup>288</sup>

Fazendo coro com os discursos do movimento sanitarista, liderado por Belisário Penna, Renato Kehl entendia que o estado “disgênico” da população nacional devia-se, acima de tudo, a “crise no estado de saúde”. A “inferioridade física” do homem nacional em comparação com os “tipos estrangeiros” seria, em suas palavras, responsável pelo atraso econômica e pela “falta de iniciativa”, “constância” e “disciplina”, características primordiais para os empreendimentos que poderiam levar ao progresso econômico da nação, como a indústria, o comércio e a lavoura.<sup>289</sup>

No entanto, destacava esse eugenista, o “caboclo degenerado” - que na literatura brasileira havia sido nomeado de “Jeca Tatu” -, fora criado não pelo clima ou por outros fatores mesológicos, mas pela doença, pela falta de instrução e pelo abandono. De acordo os pressupostos eugênicos de Renato Kehl:

A solução para essa lamentável situação é a política eugênica com o saneamento, e com o combate ao descaramento dos dirigentes e a politicagem; é a criação de escolas de civismo para os que sabem ler e escolas do a.b.c. para os analfabetos; o ensino de preceitos elementares de higiene, em suma, a implantação no espírito público da consciência sanitária e da consciência cívica.<sup>290</sup>

---

<sup>287</sup> Idem, p. 168.

<sup>288</sup> KEHL, Renato. Eugenia e medicina social. op. cit., p. 107.

<sup>289</sup> KEHL, Renato. A cura da fealdade. op. cit., 167-168.

<sup>290</sup> Idem, p. 168.

Essa “caricatura grotesca do brasileiro cacogenizado”, ressaltava Renato Kehl, estaria fadada a desaparecer do cenário brasileiro, dando lugar a um tipo de “homem forte, robusto e perfeito”. Para isso, bastaria que as medidas eugênicas necessárias fossem urgentemente colocadas em práticas pelo governo, assumidas como prioridades nacionais. Esse autor acreditava que através das reformas sanitárias, da aplicação das concepções eugênicas e da instrução popular, poderia se operar no Brasil “o milagre da regeneração nacional” e da “evolução progressiva”.<sup>291</sup>

## **5. A educação higiênica e os pressupostos da “eugenia preventiva”**

Em dezembro de 1920, um mês após o seu casamento com Eunice Penna, filha de Belisário Penna, Renato Kehl recebeu o convite de Eduardo Rabello, então Diretor da Inspetoria da Lepre e das Doenças Venéreas, para organizar o serviço de propaganda e educação higiênica da referida inspetoria. Como destacava Eduardo Rabello no ofício em que expediu ao Diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), Renato Kehl era “notoriamente conhecido como especialista nestes assuntos”, referindo-se ao seu trabalho de propaganda e educação eugênica e sanitária, o que seria de importância fundamental para os serviços desse Departamento.<sup>292</sup>

Como acontecia com a maioria dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas do século XX, Renato Kehl procurou abrigo profissional junto ao serviço público federal. Com a fundação do DNSP, o governo de Epitácio Pessoa esforçou-se para acomodar no interior do sistema burocrático os interesses e os desejos intelectuais de muitos dos médicos, sanitaristas, higienistas e educadores, especialmente a camada de intelectuais que apresentavam maior poder de influência no cenário político e ideológico nacional. Em grande medida, independente da origem de classe ou de sua formação profissional e

---

<sup>291</sup> Idem, p. 166.

<sup>292</sup> No ofício em que Eduardo Rabello emitiu ao Diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública, em 10 de dezembro de 1920, consta os seguintes termos: “pretendo como me cumpre organizar esta campanha de propaganda e absorvido por outro lado com múltiplos deveres inerentes a organização de diversos serviços dessa inspetoria, peço a V. Exa., e que caso não veja nisso maiores inconvenientes, seja o Sr. Dr. Renato Kehl, Inspetor de Profilaxia Rural, designado para servir nessa inspetoria e auxiliar o inspetor naquela organização (Este texto encontra-se transcrito no *Memorial do Dr. Renato Kehl*. op. cit., 1932).

científica, os intelectuais brasileiros, principalmente durante a República Velha, procuravam pensar os problemas da nação e difundir suas propostas mediante aspirações nacionais e políticas governamentais.<sup>293</sup>

Durante sua passagem pelo Departamento Nacional de Saúde Pública, Renato Kehl foi responsável, sobretudo, pelos serviços de educação e propaganda higiênica e antivenérea, bem como das atividades educativas em prol do saneamento e da profilaxia rural. Além das campanhas realizadas através da imprensa, Kehl foi incumbido de organizar conferências públicas, elaborar boletins, folhetos e cartazes educativos que orientassem a população quanto aos preceitos da higiene e do saneamento. Em 1922, Renato Kehl foi indicado também para organizar o Museu de Higiene, apresentado pelo Departamento Nacional de Saúde Pública durante a Exposição Nacional realizada em comemoração ao centenário de independência.<sup>294</sup>

Apesar do seu desejo em criar um “dispensário eugênico” não ter recebido apoio necessário, parte do seu projeto pode ser colocado em prática através das funções que exerceu frente a essa inspetoria, principalmente em relação às campanhas de combate às doenças venéreas. Em suas atividades de propaganda e educação higiênica, Renato Kehl contou com a influência direta de Eduardo Rabello que, como médico e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, havia dedicado sua carreira aos estudos relacionados à dermatologia e a sifilografia.<sup>295</sup> A trajetória de Rabello sempre esteve ligada à educação higiênica preventiva, especialmente nas campanhas profiláticas empreendidas pelo Departamento Nacional de Saúde Pública para combater a sífilis e outras doenças venéreas.<sup>296</sup> Para esse médico, conforme explica Sérgio Carrara, a propaganda educativa e persuasiva teria como objetivo “promover a vigilância sanitária e a chamada ‘cura profilática’, ou seja, a neutralização, nos doentes, do poder contagiante da doença”.<sup>297</sup>

---

<sup>293</sup> OLIVEIRA, Lucia Lippi de. *A questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990; PÉCAULT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil*. Entre o povo e a nação. São Paulo: Editora Ática, 1990.

<sup>294</sup> *Memorial de Renato Kehl*. op. cit., 1932.

<sup>295</sup> Sobre a constituição do campo sifilográfico no Brasil e a atuação de Eduardo Rabello frente à Inspetoria de Profilaxia da Lepra e das Doenças Venéreas, ver CARRARA, Sérgio. op. cit., 1996; ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. op cit., 1999.

<sup>296</sup> CARRARA, Sérgio. Idem, p. 196.

<sup>297</sup> Idem.

Em 1921, em conferência realizada na Associação dos Empregados do Comércio do Rio de Janeiro, organizada pela Inspetoria da Lepra e das Doenças Venéreas, Renato Kehl alertava o público sobre o “perigo sombrio” que as doenças venéreas representavam para o futuro da raça.<sup>298</sup> Conforme destacava este eugenista, as doenças venéreas “matam sorrateiramente”, “dizimam”, “aterrorizam nossos semelhantes”. Em tom de alarde, Renato Kehl dizia que as doenças venéreas, sobretudo a sífilis, “não abrem mil sepulturas em um dia, mas abrem, digamos, vinte ou mais cada dia que passa, o que corresponde quase a uma morte por hora”.<sup>299</sup>

A sífilis constituiria, na expressão deste eugenista, “no grande perigo nacional”, já que sua ação não prejudicaria apenas as “pessoas contaminadas”, mas também as futuras gerações. Contudo, enfatizava Renato Kehl, não se poderia falar em “sífilis hereditária”, mas sim na “sífilis congênita”, cuja transmissão à “progênie” se daria através da placenta materna.<sup>300</sup> Como sua ação era “profundamente degeneradora”, a sífilis teria o poder de “destruir completamente uma família, ou degenerar uma raça”. Seus malefícios são tão grandes, continuava ele, “que o combate a essa terrível doença corresponde a uma necessidade de caráter nacional”.<sup>301</sup>

Segundo Renato Kehl, além de provocar outras doenças, a sífilis seria “o maior exterminador de vida”, responsável por 80 a 90% dos casos de aborto ou de “natimortos”, e de 20 a 30% dos casos de morte entre os adultos.<sup>302</sup> Em sua concepção, apesar da sífilis

---

<sup>298</sup> KEHL, Renato. *O perigo venéreo*. Rio de Janeiro: Editado pelo Departamento Nacional de Saúde Pública, 1924 [1921].

<sup>299</sup> Idem, p. 4.

<sup>300</sup> Suspeitando das teorias neolamarckistas, Renato Kehl argumentava que a sífilis não era um mal hereditário, como pensava a maioria das pessoas. Para que fosse hereditária, explicava ele, a sífilis “deveria ser transmitida através do anelo ou do espermatozóide. Mas isto, afirmam numerosos cientistas, nunca se demonstrou. Seria necessário que a *treponema* fosse levada pelo óvulo ou pelo espermatozóide ao ovo, que é o produto da reunião daqueles dois elementos. Hoje está unanimemente admitido que um pai sífilítico (...) não pode transmitir a sífilis ao filho, sem que primeiro infecte a esposa que, por via placentária, irá transmiti-la à criança. Mas, notai bem, um pai sífilítico pode em certos casos, sem infectar a esposa, transmitir ao filho, hereditariamente, as perturbações de ordem física e psíquica (...), embora não transmita a doença, transmitirá desordens causadas por ela” (idem, p. 24-25).

<sup>301</sup> Idem, p. 9.

<sup>302</sup> KEHL, Renato. *O perigo venéreo*. op. cit., 1921, p. 39. Nas palavras de Renato Kehl, mesmo as crianças que sobrevivem à infecção congênita da sífilis, crescem sempre “anêmicas, raquíticas, feias, nevropatas, ticosas, candidatas a morte precoce ou a se tornarem indivíduos cretinos, loucos, paranóicos, (a nossa terra é considerada o paraíso destes degenerados), cegos, paralíticos, enxaquecados, sujeitos a uma existência de tormentos, de martírios para as outras, e sobrecarga para o Estado” (KEHL, Renato. *Filhos de Luéticos*. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 17 out. 1923 - recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

contaminar principalmente os indivíduos negros, no Brasil, ela estaria “largamente difundida por todas as camadas sociais, penetrando abertamente em milhares de lares e aí implantando o aleijão, a desgraça e o luto”.<sup>303</sup>

De acordo com suas palavras, a sífilis estaria diretamente relacionada à imoralidade social que é “praticada contra as regras da natureza”, ou a tudo que se diz e se faça “com maus e condenáveis intuítos”.<sup>304</sup> A sífilis seria adquirida, em suas palavras, “nos contatos sexuais impuros”, no seio da prostituição, entre as costureiras, artistas e empregadas de lojas, onde residia a imoralidade.<sup>305</sup> Deste modo, dizia esse eugenista, o meio mais seguro de não apanhar a sífilis, entre outros “males venéreos”, “é fugir das prostitutas e, em geral, das relações sexuais extraconjugais”.<sup>306</sup>

Juntamente com a sífilis, considerada como “o cupim da raça”,<sup>307</sup> Renato Kehl entendia que o alcoolismo era o segundo principal fator de degeneração do homem brasileiro. Suas campanhas contra estas doenças, denominadas de “venenos raciais”, foram bastante intensas durante o período em que esteve à frente dos serviços de educação e propaganda sanitária do DNSP. Através das colunas que ele mantinha semanalmente nos jornais cariocas, especialmente no *Gazeta de Notícias*,<sup>308</sup> Renato Kehl frequentemente chamava a atenção dos leitores, esclarecendo sobre os prejuízos que o álcool e a sífilis poderiam causar às famílias e à sua descendência.

---

<sup>303</sup> Idem, p. 29.

<sup>304</sup> Idem, p. 06.

<sup>305</sup> Idem, p. 10.

<sup>306</sup> Idem, p. 31.

<sup>307</sup> Conforme explicava Renato Kehl, “o *treponema pallidum*, também conhecida como *Spirocheta pálida*, representa o cupim da raça. Ele nos é mais nocivo que o cupim à madeira ou aos livros. Incansável, pertinaz, mantém-se dia e noite na faina horrível de corroer o edifício humano, atacando, ora uma, ora outra, ou conjuntamente várias partes constitutivas, ossos, músculos, vasos, nervos. Não contente com o próprio estrago, convida outros comparsas, nossos inimigos, como o bacilo de Koch, o bacilo de Hansen, a participarem da demolição” (KEHL, Renato. O cupim da Raça. *Gazeta de Notícias*. 21 out. 1923 - recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>308</sup> Renato Kehl manteve, entre os anos de 1923 a 1924, um espaço permanente no jornal *Gazeta de Notícias*. Nesta coluna, intitulada de “Higiene Popular”, Kehl publicava dois artigos por semana, normalmente nas terças e sextas-feiras, cujo conteúdo estava diretamente relacionado à higiene, ao saneamento, à eugenia e às orientações médicas em geral. Renato Kehl foi, ainda, colaborador em vários jornais e revistas, como o *Jornal do Comércio* e da *Revista do Brasil*, ambos do estado de São Paulo; do *O Jornal*, do *Correio da Manhã*, do *Imparcial*, da *Revista da Semana*, do *Boletim do Sindicato Médico*, todos do Rio de Janeiro; tendo colaborado também com a *Semana Médica* e a *La República*, de Buenos Aires; e a *Crônica*, da cidade de Lima, no Peru. A grande maioria do espaço que possuía nestes jornais e revistas era dedicada à propaganda e às idéias eugênicas (*Memorial Renato Kehl*. op. cit., 1932).

É importante destacar, conforme demonstram Sérgio Carrara e José R. F. Reis, que durante as primeiras décadas do século XX, os intelectuais brasileiros compreendiam que a sífilis e o álcool competiam com a miscigenação racial como os principais fatores de degeneração da nacionalidade.<sup>309</sup> Neste período, como apresentei no capítulo anterior, médicos, eugenistas, higienistas mentais e sanitaristas, como Afrânio Peixoto, Belisário Penna, Antonio Austregésilo, Ernani Lopes, Souza Lima, Azevedo Amaral, entre outros, investiram suas atividades intelectuais em longas campanhas que objetivavam chamar a atenção da sociedade, especialmente das autoridades públicas, quanto ao caráter degenerativo do álcool e da sífilis.<sup>310</sup>

Aliás, considerado como um dos “vícios sociais” que mais degeneravam as raças, o alcoolismo sempre fora visto como uma das principais preocupações dos eugenistas no mundo todo, não somente entre os neolamarckistas.<sup>311</sup> Para Renato Kehl, o alcoolismo era mais que uma doença do corpo humano, “representava uma doença do corpo social”. Poderia ser considerado o verdadeiro “demônio da humanidade”, responsável pelo “horível flagelo” que manchava a sociedade e o futuro racial da espécie.<sup>312</sup> Segundo seus pressupostos científicos, o alcoolismo atuava diretamente sobre as células reprodutoras, o “germoplasma”, causando diversas “desordens blastofitóricas” nos descendentes, como a epilepsia, a loucura, a alienação, a criminalidade, a surdo-mudez e a paralisia.<sup>313</sup>

---

<sup>309</sup> CARRARA, Sérgio. Op. cit., 1996; REIS, José R. Franco Reis. op.cit., 1994

<sup>310</sup> idem.

<sup>311</sup> Essa era uma concepção corrente até mesmo para alguns eugenistas mendelianos, como o norte-americano Charles Davenport, por exemplo, para quem o alcoolismo teria grande influência degenerativa na composição das raças, inclusive para as futuras gerações (KEVELS, Daniel. Op. cit., 1995, p. 47-50).

<sup>312</sup> KEHL, Renato. Os efeitos do alcoolismo. *Gazeta de Notícias*. 12 mar. 1924 (recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>313</sup> Apoiado na teoria sobre a blastofitoria, desenvolvida por August Forel, que explicava a maneira pela qual o alcoolismo poderia degenerar a prole, Renato Kehl descrevia um histórico familiar nos seguintes termos: “o autor deste artigo conhece um casal que teve duas dúzias de filhos. O pai era um alcoolista inveterado e a mãe, uma senhora histérica, filha, por sua vez de pai ébrio. Apenas oito filhos sobreviveram; dezesseis morreram prematuramente, na primeira infância, ou nasceram mortos. Dos sobreviventes que se criaram, o mais velho, o menos sacrificado, ao atingir 30 e poucos anos, apresentou-se com graves perturbações cardíacas e renais; o segundo, já falecido, tinha um braço paralítico e curto; o terceiro tinha acessos nervosos e morreu tuberculoso; o quarto morreu em consequência de um acidente, o quinto é uma moça com desordens psíquicas atualmente internada numa casa de alienados; a sexta é uma degenerada psíquica com tendência para a alienação; o sétimo faleceu após uma crise epilética; finalmente, o oitavo é surdo e mudo. O filho mais velho casou-se tendo três filhos, um dos quais disforme e dois de débil constituição. Dos vinte e quatro filhos restam atualmente, apenas quatro, um doente, um alienado, outro em vias de alienação e outro surdo-mudo (...)” (idem).

A partir de 1923, com a fundação da Liga Brasileira de Higiene Mental, as campanhas de combates ao álcool e a outros males tóxicos, como o tabaco, a nicotina e o ópio, se intensificaram no cenário nacional. Como membro da Liga, Renato Kehl teve uma participação importante na organização das “campanhas antialcoólicas”, como as “semanas de combate ao álcool”, realizadas ao longo dos anos 1920 e 1930 por essa sociedade. Visto como um problema de cunho eugênico e moral, o álcool era considerado pelos higienistas mentais e eugenistas como o principal responsável pelas doenças do sistema nervoso, pela influência esterilizadora das massas, pelas causas das baixas taxas de reprodução e da alta “corrupção hereditária”, além daquilo que denominavam de “desordem social” generalizada. Neste sentido, o combate ao alcoolismo foi certamente a principal bandeira assumida pela Liga entre as décadas de 1920 a 1940, quando essa instituição médica lançou seu programa de educação e orientação pública sobre as formas de evitar estes e outros “vícios sociais”.<sup>314</sup>

Renato Kehl destacava, ainda, que ao lado da sífilis e do alcoolismo, a lepra, a tuberculose, a ancilostomíase, entre outras endemias, deveriam ser vistos como os principais problemas eugênicos que afligiam o vigor da população brasileira. Desta maneira, como destacava esse eugenista, “a preocupação máxima deve ser sanear e eugenizar”,<sup>315</sup> já que a grandeza de uma nação não deveria ser medida pelos bens materiais que a compõem, nem mesmo pelas províncias que possui, mas pela instrução e pelo valor eugênico dos homens que habitam seu território.<sup>316</sup> Conforme anunciava através da imprensa carioca, a “política salvadora” seria aquela que pudesse “conduzir o seu povo a regeneração física, intelectual, moral, isto é, será a política sanitária, nela compreendida a do combate ao analfabetismo, seguida depois da política eugênica”.<sup>317</sup>

Em artigo publicado em 1923, na *Revista Nacional*, Renato Kehl destacava, ainda, que além do saneamento e da eugeniização, a grandeza política, econômica e racial do Brasil dependeria também do combate ao analfabetismo. Um povo sem saúde e

---

<sup>314</sup> Sobre as “campanhas antialcoólicas” e os programas educativos organizados pela LBHM consultar REIS, José Roberto Franco. Op. cit., 1994.

<sup>315</sup> KEHL, Renato. Eugenia ou Eugênica: a luta contra as degenerações. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 06 fev 1920 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>316</sup> KEHL, Renato. O homem puro-sangue: a possibilidade de sua criação. *Jornal Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 abr. 1923 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>317</sup> Idem.

instrução seria “um povo abastardado”, sem consciência, que ignoraria os sentimentos cívicos e de nacionalidade.<sup>318</sup> Nas palavras deste eugenista,

(...) saúde e instrução são dois elos que se interdependem; com a primeira mais facilmente se adquire, como se conserva e se amplia a segunda. *Com isso chega-se a conclusão, pura e simples, que o grau de civilização de um povo mede-se pelo grau de saúde e da instrução popular*<sup>319</sup> [sem grifo no original].

Como argumentava durante a realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, realizado em 1922 no Rio de Janeiro, “instruir é eugenzar, sanear é eugenzar”.<sup>320</sup> Para Renato Kehl, a identidade do homem brasileiro, sua saúde e seu grau de civilidade dependeria da associação entre as idéias eugênicas, as práticas educacionais e as reformas sanitárias, sobretudo das populações do interior do país. Durante este período, Renato Kehl entendia que a educação se constituía como uma prática eugênica essencial para a regeneração dos corpos e das mentes dos indivíduos. O nível de instrução da população nacional, em especial a educação higiênica e eugênica, caracterizava-se, no modelo de eugenia por ele defendido no início dos anos 1920, como uma ferramenta política essencial não apenas para elevar o grau de civilização de um povo, mas também para aprimorar a saúde e “extinguir as doenças” do meio social, colaborando de maneira valiosa aos esforços médicos e sanitários.<sup>321</sup>

Segundo Renato Kehl, o fim da educação consistiria na preparação completa para a vida, especialmente “na cultura do espírito e do corpo, no robustecimento do caráter e na elevação do civismo”.<sup>322</sup> Em sua concepção, por ter um papel essencial no processo de formação e regeneração da nacionalidade, os conhecimentos higiênicos precisariam ser

---

<sup>318</sup> KEHL, Renato. Educação e Instrução. *Revista Nacional*. Rio de Janeiro, 1923, p. 716 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>319</sup> Idem.

<sup>320</sup> KEHL, Renato. Da eugenia e o futuro do Brasil. In: *Theses Oficiais, memórias e conclusões do Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica Editora, 1925[1922], p.876.

<sup>321</sup> KEHL, Renato. Higiene Rural. *Revista Saúde Pública*, ago. 1923 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>322</sup> Idem.



difundidos nos lares, nas escolas, entre os operários e trabalhadores rurais, “fazendo-os compreender a importância da higiene e tornando-os obedientes às leis sanitárias”.<sup>323</sup>

Contudo, conforme sugeria em sua coluna semanal publicada no jornal *Gazeta de Notícias*, para que a essa educação fosse eficaz e atingisse os “bons hábitos de saúde”, fazia-se necessário que ela se dirigisse ao “espírito” ainda dócil das crianças.<sup>324</sup> Para esse autor, a educação higiênica deveria iniciar-se desde a tenra idade, tanto pelas mães, através de conselhos diários, quanto pelos mestres do jardim da infância e das escolas primárias. Deste modo, conforme acreditava Renato Kehl, “(...) *pouco a pouco será criado nelas uma segunda natureza, como que um novo instinto, tornando-as automaticamente praticantes das regras de higiene*”.<sup>325</sup>

Neste período, Renato Kehl acreditava que as reformas sociais e do meio ambiente, como a educação, o saneamento e a higiene em geral, contribuiriam eficazmente para melhorar as qualidades físicas e intelectuais da população brasileira. Por outro lado, este autor previa, ainda, que as próprias mudanças que ocorriam nos hábitos sociais relacionados à higiene contribuiriam para reformar o comportamento moral da população e, em consequência, para elevar os valores da civilização nacional. Assim, conciliando os pressupostos eugênicos aos da higiene e do pensamento social como um todo, Renato Kehl continuou, sobretudo até o final dos anos 1920, a sua insistente “cruzada” pela divulgação de um modelo de eugenia que conciliasse a medicina social e a educação como um só projeto de reforma da nação.

Defendendo os princípios da “eugenia preventiva” – que, como já comentamos, agradava a grande maioria dos intelectuais brasileiros - por volta da metade da década de 1920, Renato Kehl já havia consolidado sua autoridade intelectual como o principal representante da eugenia nacional, ou mesmo do movimento eugênico latino-americano. Apesar de poucos intelectuais se automearem como eugenistas, as idéias e as concepções da “ciência de Galton” tornavam-se cada vez mais frequentes na literatura médica, jornalística e sociológica.

---

<sup>323</sup> Idem.

<sup>324</sup> KEHL, Renato. O ensino da higiene nas escolas primárias. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 14 jul. 1923 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>325</sup> Idem [sem grifo no original].

Tendo em vista a boa receptividade que a eugenia e as concepções sanitaristas continuavam recebendo entre o público, e pelo espaço de legitimidade e reputação intelectual que havia conquistado, Renato Kehl passou a editar seus trabalhos científicos com maior frequência. Entre 1922 a 1927, enquanto dividia o seu tempo entre as atividades clínicas e as funções que exercia na Inspetoria da Leprosia e das Doenças Venéreas, no DNSP, este eugenista publicou várias obras diretamente relacionadas aos estudos sobre eugenia, higiene e educação sanitária.<sup>326</sup> Até meados dos anos 1920, seus estudos definiam-se, cada vez mais, como manuais de propaganda e de preceitos eugênicos, com ênfase para as orientações morais, higiênicas e médico-sociais.

Em 1923, Renato Kehl publicou a obra “Fada Hygia”,<sup>327</sup> considerado o primeiro livro sobre educação higiênica e moral dirigido às crianças. Essa “cartilha de higiene”, como ficou conhecida posteriormente, foi adotada a partir de 1924 como material didático para o ensino de higiene em escolas públicas de vários estados brasileiros, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro.<sup>328</sup> Como argumentava o autor na introdução desta obra, a higiene deveria ser considerada a disciplina mais importante nas escolas primárias, pois ensinaria as crianças a preservar e defender a saúde, “melhorando e preparando a constituição física em evolução”.<sup>329</sup>

Segundo Belisário Penna, “Fada Hygia” representava “um atestado valioso da vitória da propaganda pelo saneamento do Brasil, da transcendente criação da consciência sanitária”. A educação higiênica, nas palavras desse sanitarista, “redimirá a nossa gente do opróbrio, da incapacidade, da preguiça e das doenças”.<sup>330</sup> Para outros intelectuais, como Carneiro Leão, Diretor Geral da Instrução Pública, o livro de Renato Kehl resumia-se num “belo serviço prestado ao Brasil”, cujo conteúdo seria indispensável para proteger a saúde

---

<sup>326</sup> As idéias e as propostas eugênicas apresentadas em seus livros foram sempre bem recebidas pela imprensa, por intelectuais e autoridades públicas que, frequentemente, publicavam resenhas, comentários e notas elogiosas a estes trabalhos. Dentre estas obras destacam-se: “A Cura da Fealdade” (1922), “Como Escolher um bom Marido” (1923), “Fada Hygia” (1923), “Como Escolher uma Boa Esposa” (1924), a “Bíblia da Saúde” (1926) e “Formulário de Beleza” (1927). A maioria destes livros, publicados pela Livraria Francisco Alves e pela editora Monteiro Lobato & Co., recebeu, inclusive, mais de uma edição entre as décadas de 1920 a 1940.

<sup>327</sup> KEHL, Renato. *Fada Hygia*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1923.

<sup>328</sup> Essas informações aparecem na reedição da obra, publicada em 1925.

<sup>329</sup> Idem.

<sup>330</sup> PENNA, Belisário. Apreciações de higienistas e educadores. In: KEHL, Renato. *Fada Hygia*. op. cit., 1923, p. 170.

e o vigor físico das crianças e do futuro da nação.<sup>331</sup> De maneira semelhante, Xavier Pinheiro argumentava, em resenha publicada na imprensa carioca, que o trabalho de Renato Kehl deveria ser visto como uma “missão salvadora”, tendo em vista que “o futuro da Família e da Pátria” residia no benefício realizado em prol da criança.<sup>332</sup>

Através da imprensa carioca, Renato Kehl argumentava, em 1923, que a lastimável situação educacional e de saúde de milhares de crianças brasileiras começava, finalmente, a receber a atenção das autoridades públicas.<sup>333</sup> Em suas palavras, após os clamores e os esforços da imprensa e de propagandistas, “parece que há intuito de iniciar no país a benemérita campanha em prol dos entesinhos que serão os futuros defensores da nossa soberania”.<sup>334</sup> Para que essas campanhas tivessem sucesso, destacava Kehl, todos os “brasileiros cultos” deveriam auxiliar nos serviços de assistência à infância:

Das autoridades oficiais são indispensáveis os trabalhos de saneamento rural e urbano, a proteção higiênica das populações contra as endemias. Dos médicos dependem os esforços para a assistência clínica aos pequeninos doentes, - mas da assistência segura, exata, adiantada, da pediatria moderna (...). Da mãe depende o cuidado inteligente aos filhos, muitos deles sacrificados pela ignorância materna dos comezinhos preceitos da higiene alimentar. Dos mestres os serviços de ministrar às crianças os conselhos de bem viver, de acordo com as exigências do organismo e do meio e sobretudo de fiscalizar-lhes a saúde, procurando surpreender os males antes que eles os dominem (...).<sup>335</sup>

Durante os anos 1920, portanto, a preocupação política e intelectual de Renato Kehl se dirigia também para os cuidados com a educação higiênica das crianças. Em sua concepção, caberia aos políticos, médicos, pais e mestres a responsabilidade de cuidar, controlar, vigiar e educar os hábitos alimentares e higiênicos dos filhos, a fim de torná-los saudáveis, robustos e belos. De maneira geral, os eugenistas entendiam que educação higiênica dirigida às crianças desde a tenra idade seria o meio mais eficaz de transformá-los nos futuros divulgadores da “ciência da boa geração”.

---

<sup>331</sup> LEÃO, A. Carneiro. Apreciações de higienistas e educadores. In: idem, p. 169.

<sup>332</sup> PINHEIRO, Xavier. A Fada Hygia. *Jornal O Malho*. Rio de Janeiro, 13 dez. 1924 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>333</sup> KEHL, Renato. A Infância. *Jornal Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. 08 jun 1923 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>334</sup> Idem.

<sup>335</sup> Idem.

Em 1926, ainda como funcionário público ligado ao Departamento Nacional de Saúde Pública, Renato Kehl publicou “Bíblia da Saúde”<sup>336</sup>, outra obra contendo “preceitos educativos” sobre higiene, eugenia e moral. Neste livro, Kehl reuniu os principais artigos publicados em sua coluna de “Higiene Popular”, mantida no jornal *Gazeta de Notícias*, entre 1923 e 1924. Como o próprio título sugeria, Renato Kehl desejava que sua obra se transformasse num livro sagrado sobre lições básicas de saúde e conhecimentos higiênicos. Por outro lado, explicava o autor no prefácio que preparou para essa obra, “Bíblia da Saúde” poderia se chamar “Pílulas da vida”, como doses de saúde cientificamente elaboradas, e não como charlatanismo.<sup>337</sup>

Renato Kehl destacava nesta obra, que era necessário propagar a afirmação "cartesiana" de que cumpria à medicina social a solução dos problemas que mais interessavam "a grandeza e a felicidade dos habitantes deste planeta".<sup>338</sup> Segundo ele, somente pela higiene se poderia promover o bem-estar social e moral, além da “evolução somática” e intelectual da humanidade. A higiene deveria ser concebida, conforme a sabedoria antiga, como a arte mais bem aprimorada, representando nas palavras desse eugenista,

(...) a aplicação de todos os conhecimentos com o objetivo coordenado de proteger a saúde, prolongando a vida dentro dos limites ótimos de sua duração normal. E é arte vitoriosa, conseguindo aos poucos expurgar o planeta das pestes, das infecções, sanear regiões insalubres, valorizar o solo e beneficiar a vida humana em todos os sentidos.<sup>339</sup>

Através da higiene, esta “arte vitoriosa”, e da proteção integral da saúde, acreditava Renato Kehl, a sociedade poderia conquistar, ainda, o ideal eugênico da beleza humana e da normalidade física. Em sua concepção, a cura da “anormalidade física”, ou da “fealdade”, não dependeriam de um “fruto espontâneo da natureza”, corresponderiam antes

---

<sup>336</sup> KEHL, Renato. *Bíblia de Saúde*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1926.

<sup>337</sup> Idem, p. 10-11.

<sup>338</sup> Idem, p. 11.

<sup>339</sup> Idem, p. 16.

ao estado de morbidez dos indivíduos, à ausência de saúde e dos conhecimentos da eugenia e da higiene.<sup>340</sup>

As obras de Renato Kehl publicadas até meados dos anos 1920, dirigiram-se também a um extenso programa de educação e a higiene sexual, à saúde materna e às orientações matrimoniais. Seus livros “Como escolher um bom marido” e “Como escolher uma boa esposa”, que tiveram uma grande circulação entre o público, eram recheados de conselhos morais direcionados aos jovens, especialmente em relação a educação e proteção eugênica matrimonial, a responsabilidade masculina como chefe do lar, ao papel reprodutivo da mulher, as orientações higiênicas e dicas de como melhorar a beleza feminina.<sup>341</sup>

Durante a Primeira Conferência Nacional de Educação, realizada na cidade de Curitiba, em 1927, Renato Kehl chamava a atenção para a importância da orientação sexual como meio de evitar consequências lamentáveis ao futuro moral e reprodutivo da sociedade.<sup>342</sup> Para esse eugenista, em relação à educação sexual, tornava-se indispensável que os pais analisassem e disciplinassem todos os hábitos e pensamento dos filhos. Competia a mãe responder, desde a tenra idade, as primeiras perguntas curiosas dos filhos. Ao pai caberia a responsabilidade pelas instruções complementares, prevenindo “os filhos mais crescidos sobre os perigos das más companhias e dos perigos resultantes das perversões sexuais”. Segundo Kehl, competia também ao pai “concitá-los ao respeito próprio e de seus companheiros, amedrontando-os, talvez, quanto as consequências nocivas das leituras, conversas e práticas obscenas”.<sup>343</sup> Aos educadores, continuava explicando ele, caberia a “importante missão” de esclarecer, “de modo didático e com certos detalhes”, sobre o problema da reprodução, dando exemplos através da reprodução animal e vegetal. O médico da família e o inspetor escolar teriam como responsabilidade

---

<sup>340</sup> KEHL, Renato. A cura da Fealdade. *Revista do Brasil*. São Paulo, vol. 20, nº 78, jun 1922, p. 179.

<sup>341</sup> Renato Kehl chegou a publicar, em 1927, um livro exclusivamente dedicado às mulheres, onde apareciam orientações gerais sobre como cuidar da beleza feminina, especialmente quanto ao uso dos cosméticos e a proteção higiênica e moral do corpo (KEHL, Renato. *Formulário de beleza – fórmulas escolhidas*. Rio de Janeiro: Editora Livraria Francisco Alves, 1927).

<sup>342</sup> KEHL, Renato. O problema da Educação Sexual (Tese apresentada na Primeira Conferência Nacional de Educação – 1927). *A Folha Médica*. Rio de Janeiro, 15 mar. 1928 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>343</sup> Idem, p. 56.

“chamar a atenção dos adolescentes para os deveres dos indivíduos em relação à vida matrimonial e a descendência”.<sup>344</sup>

Para Renato Kehl, a salvação eugênica da mocidade brasileira dependeria tanto da educação higiênica quanto da “vigilância sexual” dirigida sobre a moral recebida na infância e na adolescência.<sup>345</sup> A falta de orientação e conselhos sábios sobre a vida sexual neste período da vida, acreditava Kehl, seria responsável pelos “contatos ilícitos” e pelas “relações sexuais promiscuas”.<sup>346</sup> O resultado dessa ignorância, “da transgressão moral sexual” e do “desleixo imperdoável” levariam os jovens, conforme acreditava esse eugenista, a atingirem a idade matrimonial com os “corpos e o espírito impuros”, “violando o sagrado dever de respeito a esposa e aos descendentes”.<sup>347</sup>

Neste sentido, Renato Kehl enfatizava que para resolver este “caos moral”, a sociedade deveria romper com os preconceitos arcaicos que impediam “o ensino prudente da higiene sexual”. Em suas palavras, cumpriria aos educadores, pais e médicos “educar e civilizar o instinto de reprodução, obstando o caos moral, o tormento de saber o que se deve apreender com pureza e clarividência”.<sup>348</sup>

As campanhas eugênicas de orientação matrimonial desenvolvidas por Renato Kehl receberam grande estímulo vindo de vários setores da intelectualidade nacional, especialmente quanto à propaganda pela adoção do exame pré-nupcial. Para os eugenistas brasileiros, o “exame dos nubentes”, reivindicado desde a fundação da Sociedade Eugênica de São Paulo, consistiria numa medida fundamental para evitar as degenerações hereditárias, sobretudo àquelas oriundas do álcool, da sífilis e da tuberculose. Os “casamentos disgênicos”, segundo Kehl, seriam responsáveis pela grande maioria dos “natimortos”, das doenças e moléstias degenerativas que assolavam o caráter da população nacional. Nas mãos dos noivos, enfatizava ele, estariam as luzes ou as trevas da “prole futura”.<sup>349</sup> Para Renato Kehl, conforme explicava através das páginas da *Revista de*

---

<sup>344</sup> Idem.

<sup>345</sup> KEHL, Renato. A Bíblia da Saúde. Op. cit., p. 42.

<sup>346</sup> KEHL, Renato. A Sífilis e o Matrimônio. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 19 out. 1923 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>347</sup> Idem.

<sup>348</sup> KEHL, Renato. A Bíblia da Saúde. op. cit., p. 42.

<sup>349</sup> KEHL, Renato. O problema do casamento. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 10 abr. 1923.

*Higiene e Saúde Pública*, o exame médico pré-nupcial, “de valor inestimável para a profilaxia matrimonial” e para o controle dos “bem nascidos”, deveria ser incluída como uma das preocupações máximas da legislação responsável pela regulamentação matrimonial.<sup>350</sup>

Ao lado de Renato Kehl, os psiquiatras e eugenistas da Liga Brasileira de Higiene Mental fizeram, sobretudo a partir de 1925, grandes discussões e campanhas para transformar em lei o exame médico pré-nupcial. Em 1927, os integrantes da Liga, entre eles Renato Kehl, Juliano Moreira, Oscar de Souza, Ernani Lopes, Faustino Esposel, Francisco Sobral, o Deputado Amaury de Medeiros, entre outros, se reuniram na sede da Liga da Defesa Nacional, para discutirem os estudos do referido exame, tendo como objetivo preparar um projeto de lei para ser enviado a Câmara Federal, cuja apresentação seria feita pelo Deputado Amaury de Medeiros.<sup>351</sup>

Pelo menos até 1927, apesar de circunstancialmente ter defendido medidas eugênicas mais extremadas, como o controle da natalidade e até mesmo a “esterilização dos grandes criminosos”, as orientações sexuais e matrimoniais defendidas por Renato Kehl incluíam-se numa eugenia mais “suave”, de estilo preventivo. Na década de 1920, conforme explica a historiadora Nancy Stepan, “o interesse eugênico na educação sexual pouco tinha a ver com visões radicais sobre sexualidade ou papéis sexuais. Pelo contrário, a eugenia brasileira vinculava-se estreitamente a uma ideologia conservadora, familiar”.<sup>352</sup> De maneira geral, pode-se dizer que os pressupostos que informavam os eugenistas brasileiros estavam muito mais ligados às preocupações higiênicas, sociais e de cunho moral, do que propriamente com os problemas relacionados à seleção reprodutiva ou às visões racialistas.

Neste sentido, o modelo de eugenia que predominou no pensamento de Renato Kehl, especialmente entre 1917 a 1927, definiu-se a partir de idéias que se associaram estreitamente aos pressupostos higienistas e preventistas defendidos pela grande maioria da

---

<sup>350</sup> KEHL, Renato. A consangüinidade e a surdo-mudez. *Revista de Higiene e Saúde*. Rio de Janeiro, jun. 1925, p. 15.

<sup>351</sup> As Sessões da Liga Brasileira de Higiene Mental foram noticiadas através das páginas da imprensa carioca, como no *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 25 nov. 1927. Para maiores detalhes sobre as reuniões e as discussões realizadas durante as sessões da LBHM, consultar REIS, José Roberto Franco. op. cit., 1994.

<sup>352</sup> STEPAN, Nancy. Op. cit., 2004, p. 352.

classe médica brasileira. Por um lado, as concepções de Renato Kehl ligavam-se a um tipo de “eugenia preventiva”, responsável pela higiene e pela profilaxia das doenças e dos vícios sociais e, por outro, pela “eugenia positiva”, cujas medidas consistiam na orientação sanitária e na educação sexual e moral dirigida à população.

Durante os anos 1920, portanto, Renato Kehl procurou aproximar as concepções eugênicas de outras áreas do conhecimento médico e social, como a higiene, o saneamento, a psiquiatria e a educação. Como já ressaltamos, a associação entre os pressupostos da eugenia com os da medicina social caracterizou a ciência eugênica no Brasil como uma forma de saber polimorfo, capaz de se estender e servir como auxiliar de outros campos das ciências “bio-sociais”. Ao mesmo tempo em que a eugenia se submetia aos estatutos científicos oriundos de outros saberes, ela também se sobrepunha a estes, permitindo uma constante mutação de idéias e das práticas científicas que constituíam seus pressupostos. Esse aspecto do conhecimento eugênico foi essencial, acima de tudo, para que a eugenia fosse devidamente apropriada e divulgada no interior do campo científico brasileiro.

Assim, a apropriação desse modelo de “eugenia preventiva”, mais “suave” e ligado a diversas áreas do conhecimento médico, também recebeu maior reconhecimento no campo político nacional, sobretudo dos setores que almejavam reformar as práticas e os hábitos sociais de higiene e saneamento. Por esse motivo, como principal propagandista da “ciência de Galton”, Renato Kehl acabou angariando legitimidade intelectual, o que lhe possibilitou não somente liderar essa rede de interesses que se formou em torno das idéias eugênicas e sanitaristas, mas também para conquistar espaço profissional e prestígio intelectual e social tanto entre seus pares como na arena pública.

Contudo, a partir do final dos anos 1920, essa lógica de polimorfismo - a capacidade de adaptação que constituía o pensamento eugênico brasileiro - receberia por parte de Renato Kehl uma nova configuração científica. Distanciando-se dos pressupostos higienistas e ambientalistas que até então tinham moldado suas idéias eugênicas, e que o aproximavam da medicina social e da educação, Kehl começou a defender medidas eugênicas mais radicais, restritivas e autoritárias. Ao invés de uma eugenia ao estilo “preventivo” ou “positivo”, passou progressivamente a adotar as concepções da denominada “eugenia negativa”, aproximando-se, inclusive, das discussões que formavam o pensamento eugênico alemão e norte-americano.



Nos próximos capítulos, procuraremos compreender quais foram as circunstâncias sociais, políticas e científicas que teriam influenciado esse eugenista a assumir um projeto eugênico mais radical e racista, muito próximo das idéias divulgadas por eugenistas anglo-saxônicos. Do mesmo modo, nosso interesse consistirá, ainda, em analisar as idéias e os pressupostos defendidos por Renato Kehl neste período de transição do seu pensamento, principalmente entre 1928 a 1932.

### **CAPÍTULO III – A HORA DA VIRADA: A INFLUÊNCIA DA EUGENIA RADICAL NO PROGRAMA DE RENATO KEHL**

Devido a insistente propaganda lançada através da imprensa nacional, bem como pela rede de relações e interesses formados em torno do movimento eugenista, as idéias eugênicas chegaram ao final dos anos 1920 com fôlego suficiente para mobilizar um grande número de intelectuais, cientistas e autoridades políticas. Seus adeptos e simpatizantes espalhavam-se pelas principais instituições científicas do Brasil, exortando a capacidade reformadora que a “nova ciência de Galton” apresentava, por um lado, para auxiliar no processo de regeneração e formação da nacionalidade e, por outro, para apressar o processo de modernização da ciência brasileira.

Em junho de 1928, em consonância com a expansão do movimento eugenista, a Academia Nacional de Medicina havia anunciado, para o ano seguinte, a realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, conforme destacava o próprio presidente da Academia, o influente médico e eugenista Miguel Couto.<sup>353</sup> O evento foi amplamente

---

<sup>353</sup> O anúncio que Miguel Couto fez convocando o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia aconteceu durante as comemorações do 99º aniversário da Academia Nacional de Medicina. Em seu discurso, Miguel Couto destacou a importância dos estudos eugênicos para preservar as conquistas obtidas pela ciência “em prol da raça que habita o nosso solo”. Em suas palavras, os cientistas brasileiros “que cultivam estas coisas de alta biologia, não podem fugir com a sua lição no anseio senão na esperança de fazer a pátria mais forte, mais útil e mais bela” (Texto citado na página de abertura no volume das *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, 1929, p. 07). Vale destacar que Miguel Couto, médico formado pela Academia Imperial de Medicina, participou ativamente do movimento eugenista brasileiro, especialmente das discussões sobre saúde pública e imigração. Como deputado federal, eleito para votar a constituinte de 1934, defendeu persistentemente a criação de leis que restringissem a imigração de asiáticos e negros para o Brasil. Conforme destacava em sua obra “A seleção social”, o Brasil já havia prestado “um tão grande serviço à humanidade na mestiçagem do preto (...). A do amarelo, a outros deve competir” (COUTO, Miguel. *A seleção social*. Rio de Janeiro. Irmão Pongetti Editores, 1942, p. 42).

divulgado através da imprensa carioca como parte integrante das comemorações que marcariam o centenário desta instituição. Este congresso contribuiu tanto para reafirmar o interesse e a consolidação da eugenia como uma das principais discussões intelectuais do campo médico brasileiro, quanto para definir os novos rumos que o movimento eugênico seguiria durante a década de 1930.

Neste período entre o final dos anos 1920 e o início dos anos 1930, Renato Kehl intensificou ainda mais sua propaganda eugênica, tendo como intuito manter o reconhecimento do seu nome como a principal liderança intelectual do movimento eugenista. Por outro lado, este autor almejava concretizar o seu antigo desejo em definir o “espaço” da eugenia no discurso científico nacional. A partir deste lugar, Kehl ambicionava (re)afirmar a sua posição, seu prestígio e sua autoridade científica não somente entre seus pares-concorrentes, mas também entre as autoridades políticas e o público leitor em geral.

A opção por um modelo de eugenia mais “suave”, ao “estilo latino”, conforme a expressão empregada por Nancy Stepan,<sup>354</sup> perderia espaço no pensamento deste autor, sobretudo a partir de 1928. Se até este período ele compartilhava dos pressupostos sanitaristas e de um ponto de vista otimista sobre o futuro do Brasil, passava a ver com ressalvas as promessas reformadoras propostas pela medicina social. Seu distanciamento em relação ao pensamento médico-sanitarista - que associava diretamente a eugenia às reformas sociais e ambientais - sua crescente simpatia pelos conceitos mais “duros” e extremados da “eugenia negativa”, mudariam inclusive a própria rede de relações que seria estabelecida por Renato Kehl a partir daquele período. O diálogo intelectual e científico que seduzia o eugenista brasileiro parecia deslocar-se no sentido da periferia ao centro, atraído pela ascensão das idéias eugênicas nos Estados Unidos e na Europa, especialmente dos pressupostos originários da “higiene racial” alemã.

Meu objetivo neste capítulo, portanto, consistirá em compreender as motivações sociais, políticas e científicas que conduziram a essa ruptura no pensamento de Renato Kehl. Procurarei demonstrar que, a partir de 1928, este eugenista intensificou sua atenção às discussões eugênicas que vinham sendo desenvolvidas fora da América Latina.

---

<sup>354</sup> STEPAN, Nancy. op. cit., 2005.

Argumentarei que a viagem de cinco meses ao norte da Europa, realizada em 1928, sobretudo à Alemanha, teria influenciado fortemente a percepção deste autor sobre aquilo que ele considerava ser o “verdadeiro” significado das idéias eugênicas. Renato Kehl voltou ao Brasil fascinado pelas novas discussões com que havia entrado em contato em solo europeu. A partir de então, passou a se corresponder frequentemente com cientistas, intelectuais e instituições científicas, tanto da Alemanha, Suécia, Noruega, Inglaterra e Áustria, quanto dos Estados Unidos.

Neste mesmo contexto, analisarei a obra “Lições de Eugenia”,<sup>355</sup> publicada por Renato Kehl em 1929, poucos meses depois de sua passagem pela Europa. Nosso objetivo é explorar as discussões levantadas por este autor, procurando identificar as idéias e concepções que o aproximavam da “eugenia negativa” e que explicitavam a influência da eugenia européia e norte-americana, principalmente de eugenistas alemães. Nosso esforço se concentrará em analisar também a recepção desta obra entre alguns intelectuais e cientistas ligados ao pensamento eugenista.

## **1. Com os pés no Brasil e os olhos na Europa**

No capítulo anterior, procurei demonstrar como a trajetória de Renato Kehl entre 1917 a 1927 esteve estreitamente associada com o movimento sanitarista, chegando a ocupar importantes cargos públicos como médico e inspetor sanitário. Em 1927, no entanto, Kehl pediu demissão do Departamento Nacional de Saúde Pública para dedicar-se exclusivamente às funções de diretor médico e chefe de laboratório da Indústria Química e Farmacêutica Casa Bayer, no Brasil.<sup>356</sup> Acreditamos que o convite feito à Renato Kehl para dirigir essa empresa foi facilitada, por um lado, pela sua formação como médico e farmacêutico, além de ser um intelectual prestigiado no cenário nacional, e, por outro, pelo

---

<sup>355</sup> KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. op. cit., 1929.

<sup>356</sup> Renato Kehl prestava assistência técnica como farmacêutico à Casa Bayer desde 1923, contudo, a partir de 1927 viria dedicar-se exclusivamente como diretor desta empresa no Brasil. Kehl permaneceria neste cargo até 1944, quando a indústria alemã entrou em crise financeira devido ao caos econômico formado no continente europeu com o trágico desfecho da Segunda Guerra Mundial. (Dados Biográficos do Dr. Renato Ferraz Kehl. *Revista Terapêutica*. Rio de Janeiro, nº 4, abr 1954 - Recorte Avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

fato de falar fluentemente o alemão e o inglês, já que a *Casa Bayer-Meister Lucius* era uma multinacional com sede em vários países, cuja matriz se localizava na cidade de Leverkusen, na Alemanha. É possível, ainda, que a própria origem alemã de Renato Kehl tivesse contribuído para que ele recebesse tal convite.

Como demonstrarei ao longo deste capítulo, o seu afastamento do Departamento Nacional de Saúde Pública e sua nova função como diretor de uma indústria privada alemã, teria contribuído não apenas para um processo de mudança em sua carreira profissional, mas no seu próprio pensamento intelectual e em suas posições ideológicas. A partir deste período, como pretendemos apresentar no presente capítulo, Renato Kehl passou a manter, progressivamente, um menor contato com as idéias e os pressupostos reformistas lançado pelo movimento sanitarista, o qual ele mesmo havia ajudado a fundar no final dos anos 1910. Por outro lado, no entanto, aumentaria sua aproximação em relação a um modelo de pensamento eugênico mais radical que começava a ser gestado na Europa e nos Estados Unidos.

Um ano após ter assumido suas novas atividades profissionais na Casa Bayer, Renato Kehl foi convidado pela multinacional alemã para realizar uma viagem de cinco meses pelo norte da Europa, sobretudo para conhecer a Alemanha e a sede da empresa Bayer neste país. No dia 05 de abril de 1928, a bordo do vapor alemão *Madrid*, Renato Kehl, juntamente com sua esposa Eunice Penna Kehl, partia do porto da Capital Federal rumo à Europa. A imprensa carioca e alguns periódicos médicos destacaram com júbilo à viagem do eugenista brasileiro. Como anunciava a *Revista Mundo Médico*:

Embarcou, anteontem, com destino à Alemanha, o conhecido médico e publicista Dr. Renato Kehl. Espírito brilhante, forrado com um grande amor ao trabalho, o Dr. Renato Kehl tem sido um devotado divulgador da eugenia entre nós, não só em colaboração ativa entre os nossos mais importantes diários, como em profusos livros que tem publicado, com o mais extraordinário sucesso. *A sua viagem à Alemanha, como nos disse, é feita a título recreativo, mas estamos certos será mais uma viagem de estudos aos grandes centros da cultura germânica, sempre fonte de inesgotáveis ensinamentos científicos*<sup>357</sup> [sem grifo no original].

---

<sup>357</sup> Notícia veiculada na *Revista Mundo Médico*. Rio de Janeiro, 7 abr. 1928 (recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

Durante a viagem, Renato Kehl visitou várias Universidades e Institutos de Antropologia e Eugenia, tanto na Alemanha quanto em outros países do norte da Europa. Na Alemanha, visitou e realizou pesquisas no Instituto de Eugenia de Berlin, travando contato com seu diretor, o eugenista Hermann Muckermann e com o eugenista e antropólogo Hans Haustein; conheceu também o já renomado eugenista e antropólogo Eugen Fischer, diretor do Instituto de Antropologia, Genética Humana e Eugenia, da Universidade Kaiser Wilhelm de Berlin; visitou, ainda, outras universidades e museus de antropologia e eugenia, como o Museu de “Higiene Racial” da cidade de Dresden, dirigido pelo médico e eugenista Dr. Vogel Wissenschaftl.

Além destas instituições científicas, que abrigavam os principais biólogos, médicos, eugenistas e antropólogos europeus, na Alemanha publicavam-se também, conforme comentava Renato Kehl em seu livro “Lições de Eugenia”, um grande número de “importantes periódicos sobre a higiene da raça”.<sup>358</sup> Existia nesse país, segundo Kehl, institutos e associações de eugenia “que se destinam a ministrar conselhos e fazer propaganda eugênica, outros que se ocupam do exame pré-nupcial dos nubentes e outros, ainda, dedicados, exclusivamente, a estudos científicos relacionados com a defesa e melhoria da espécie”.<sup>359</sup>

Entre estas instituições científicas, conforme lembrava Renato Kehl em artigo publicado no Boletim de Eugenia, destaca-se o Instituto de Eugenia de Berlin. Segundo ele, as pesquisas científicas realizadas pelos eugenistas deste Instituto, tratavam de melhorar a saúde racial do “povo alemão”, “procurando conservar as raízes biológicas de sua força”.<sup>360</sup> Comentando sobre a fundação do referido Instituto, o eugenista brasileiro congratulava efusivamente os alemães:

Constitui, pois, um motivo de justa satisfação para os círculos culturais alemães a resolução tomada em 19 de junho de 1926, pelo Senado da Sociedade Imperador Guilherme, sob a direção do seu fundador e presidente, Exmo. Prof. Von Harnack, de fundar um Instituto para estudos de antropologia, teoria da hereditariedade e Eugenia. Esse Instituto foi inaugurado em 15 de setembro de 1927 durante o Congresso Internacional

---

<sup>358</sup> KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. op. cit, p. 14.

<sup>359</sup> Idem, p. 14-15.

<sup>360</sup> KEHL, Renato. O Instituto de Eugenia. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, vol. I, nº 6-7, jun-jul. 1929, p. 5.

para estudos de hereditariedade. Há esperanças que de que o novo Instituto central, sob a direção geral do Prof. Eugen Fischer, anatomista e antropologista, várias vezes citados nestas publicações, prosseguindo os estudos já feitos por uma série de pesquisadores, contribuirá poderosamente para esclarecimentos das questões biológicas e sociais que permitam à ciência entrar a marcha da degeneração e da seleção negativa, garantindo, assim, a conservação das qualidades do povo alemão, e aumentando o número dos sadios de corpo e espírito e dos capazes de trabalho.<sup>361</sup>

Nas palavras de Renato Kehl, empreendimentos científicos como estes foram capazes de levar adiante “o estudo experimental de biologia racial e antropológica em todo Reich”, o que poderiam contribuir significativamente para transpor a “marcha da degeneração” e conservar as “qualidades do povo alemão”. Em sua opinião, com a fundamentação científica de todas as questões que envolvem a eugenia, a antropologia e a biologia racial, seria possível criar no Brasil “condições preliminares mais necessárias à reconstrução da cultura presente, coisa que o bioplasma, ou a base hereditária do nosso povo precisa urgentemente”.<sup>362</sup>

Durante a sua estadia na Europa, Renato Kehl manteve contato também com eugenistas e instituições de outros países do norte europeu. Em suas correspondências particulares e institucionais é possível perceber uma relação intelectual freqüente com médicos, antropólogos e eugenistas, muitos deles diretores de institutos, associações, revistas e periódicos de eugenia. Da Áustria, por exemplo, Renato Kehl se correspondia com eugenistas do Instituto de Antropologia de Viena, sobretudo com seu diretor, o médico e antropólogo Alfred Hermann. Na Suécia, país com uma grande tradição nos estudos sobre eugenia e biologia racial, Renato Kehl mantinha estreito contato com o eugenista Hermann Lundborg, Diretor do Instituto de Biologia Racial de Uppsala. É necessário ressaltar que as obras de Lundborg se transformariam, inclusive, numa importante referência aos trabalhos que o eugenista brasileiro publicaria sobre eugenia, raça e hereditariedade, especialmente durante a década de 1930. Renato Kehl fazia, ainda,

---

<sup>361</sup> Idem.

<sup>362</sup> Idem.

constantes referências ao eugenista norueguês John Alfred Mjöen, diretor do *Winderen Laboratorium* e da conceituada Revista *Den Nordiske Race*.<sup>363</sup>

Quando retornou ao Brasil Renato Kehl procurou manter estreita correspondência com estes eugenistas e com as instituições as quais pertenciam. Além do diálogo e da troca constante de material bibliográfico e de estudos científicos sobre eugenia que estes intelectuais publicavam, esta rede internacional incentivaria o eugenista brasileiro a conduzir suas atenções em direção às idéias eugênicas que vinham sendo discutidas amplamente nos Estados Unidos, em especial as concepções de Charles Davenport e suas pesquisas realizadas na *Eugenics Record Office*.<sup>364</sup> Deste modo, vários artigos, resenhas e comentários de eugenistas europeus e norte-americanos apareciam com frequência traduzidos no *Boletim de Eugenia*, periódico fundado por Renato Kehl em 1929.

Em 18 de setembro de 1928, abordo do Navio *Werra*, Renato Kehl regressou ao Brasil após cinco meses de viagem. Assim como aconteceu no embarque, a imprensa carioca comentou com entusiasmo o retorno do eugenista brasileiro. O periódico carioca *O Jornal*, por exemplo, foi encontrar Renato Kehl ainda a bordo, com o objetivo de entrevistá-lo para colher as primeiras “impressões que trouxera do Velho Mundo, em relação, principalmente, ao problema que tanto o preocupa [a eugenia]”.<sup>365</sup> De acordo com

---

<sup>363</sup> Essas informações podem ser encontradas em fragmentos localizados tanto nas correspondências que Renato Kehl mantinha com outros intelectuais, quanto em livros, artigos e entrevistas publicados no *Boletim de Eugenia* e na imprensa brasileira (Além das correspondências de Renato Kehl com Alfred Herman, Herman Lundborg, Eugen Fischer, Herman Muckerman, entre outros, podemos citar: KEHL, Renato. Lições de Eugenia. op. cit., 1929, pp. 14-15; KEHL, Renato. O Instituto de Eugenia. op. cit., 1929, p. 5).

<sup>364</sup> Charles Davenport dedicou toda a sua carreira intelectual aos estudos sobre genética e eugenia, sendo reconhecido, sobretudo durante as décadas de 1910 a 1940, como um dos principais geneticistas deste período. Em 1910, Davenport criou em Nova York a *Eugenics Record Office*, com o objetivo de ampliar os estudos e as informações eugênicas sobre herança familiar, cujas pesquisas tornaram, inclusive, a grande obsessão deste eugenista. Um ano depois, publicou “*Heredity in relation to eugenics*”, obra na qual utilizou os dados extraídos de registros familiares que havia solicitado à médicos, professores, cientistas e instituições. Neste estudo, observou que o “pedigree familiar” parecia demonstrar uma ampla incidência de determinados caracteres, o que o levava a acreditar na existência de muitos traços familiares herdados, chamando a atenção para a hereditariedade conforme sugerida pelas leis mendelianas. A partir destas conclusões, Davenport dirigiu sua atenção à história familiar de vários grupos de imigrantes, além da análise de “cruzamentos raciais” e da hereditariedade em indivíduos considerados “anormais”. Para o historiador Daniel Kevles, Charles Davenport “combinou a teoria mendeliana com incautas especulações”, em grande parte fruto de sua visão racista sobre os diferentes grupos raciais e sociais. Davenport deplorava o fato do governo norte-americano gastar milhões de dólares com instituições para abrigar indivíduos portadores de “anormalidades”. Além da propaganda em defesa da esterilização compulsória, realizou campanhas favoráveis à segregação racial e a formulação de leis contra a imigração. (Sobre a trajetória e as idéias de Charles Davenport, consultar KEVLES, Daniel. op. cit., 1995, especialmente as páginas 45-55).

<sup>365</sup> KEHL, Renato. A Eugenia na Europa e no Brasil (entrevista com o eugenista Renato Kehl). *O Jornal*. Rio de Janeiro, 18 set. 1928, (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).



Kehl, o que mais o impressionou, sobretudo na Alemanha, foi a preocupação “com a capacidade racial” da população e com a produção de um maior número de “homens válidos”. Após o “abalo racial” causado pela guerra mundial, explicava ele referindo-se a Primeira Guerra Mundial, a “integridade somática das nacionalidades” ainda é uma preocupação constante dos eugenistas e das autoridades públicas.<sup>366</sup> Alguns países europeus, como ressaltava ele ao repórter do *O Jornal*,

(...) apelam para a nova arma, a que melhor garante a sobrevivência (...), isto é, a Eugenia, ciência do aperfeiçoamento somato-psíquico, por meio do qual poderão constituir, no seu seio, ‘elites’ como as helênicas dos tempos heróicos. (...) *Torna-se, pois, interessante, acompanhar o movimento eugênico europeu, sobretudo o alemão*, pelo qual se aquilata de profunda preocupação a reinante a propósito da salvação nacional pela higiene da raça<sup>367</sup> [sem grifo no original].

Ressaltando o desejo da cultura alemã em constituir novas “elites”, como nos heróicos tempos da sociedade grega, Renato Kehl apontava um dos aspectos que sintetizavam e animavam a eugenia na Alemanha: os valores arianistas. Segundo o eugenista brasileiro, a propaganda pela eugeniização aparecia com muita frequência em jornais, periódicos e revistas, tanto na Alemanha quanto na Áustria, na Noruega, na Suécia e na Dinamarca. Pregava-se, acima de tudo, comentava esse autor, “a necessidade de racionalizar a reprodução” e orientar os “casais fortes, com ótimos caracteres”, a ter um maior número possível de filhos, conforme estabelecia uma lei sugerida pelo eugenista alemão Alfred Grotjahn.<sup>368</sup> Renato Kehl concluiu a entrevista afirmando que o caminho da Europa para vencer a decadência é seguir o caminho da Alemanha, “onde o futuro da raça é a preocupação máxima”.<sup>369</sup>

O movimento eugenista alemão, de acordo com a historiadora Sheila Faith Weiss, se originou, entre 1890 a 1903, de três contextos particularmente importantes: os

---

<sup>366</sup> Idem.

<sup>367</sup> Idem.

<sup>368</sup> Conhecida como a “Lei de Grotjahn”, que até 1928 ainda não havia sido aprovada pelo parlamento alemão, sugeria que os casais que tivessem mais de três filhos fossem financiados pelo estado com efetivo auxílio material, especialmente aos casais que apresentassem uma “boa constituição hereditária”. Segundo Renato Kehl, Alfred Grotjahn sugeria, ainda, que os recursos destinados a estas famílias eugênicas deveriam ser oriundos de impostos que passariam a ser cobrados de indivíduos solteiros e de casais que ainda não tivessem uma prole (KEHL, Renato, idem).

<sup>369</sup> Idem.

problemas sociais causados pela rápida industrialização e urbanização no final do século XIX; pela existência de uma tradicional comunidade médica; e, principalmente, por uma corrente intelectual de biólogos que compartilhavam dos pressupostos selecionistas originário do darwinismo social.<sup>370</sup> Esse movimento de idéias ganhou força, a partir de 1904, com a criação do jornal *The Archiv für Rassen – und Gesellschafts-Biologie*, (o primeiro jornal dedicado à eugenia no mundo), e com a criação da *Gesellschaft für Rassenhygiene* (Sociedade para a Higiene Racial), fundada em 1905. Tanto o Jornal quanto esta sociedade foram idealizadas pelo eugenista Alfred Ploetz, um intelectual de classe média que estudou vários anos nos Estados Unidos e que se caracterizou como um dos grandes entusiastas do arianismo nórdico.<sup>371</sup>

Apesar de historicamente ser considerado um dos movimentos eugenistas em que as idéias racistas e autoritárias mais se evidenciaram, devido especialmente às ideologias arianistas, a eugenia alemã - ou “higiene racial” como era conceituada pelos eugenistas alemães<sup>372</sup> - foi um movimento muito mais heterogêneo em suas políticas e ideologias do que é geralmente assumido, estando dividido entre arianistas racistas e anti-racistas.<sup>373</sup> Mesmo assim, conforme destaca Sheila Faith Weiss, “todos os higienistas raciais alemães abraçaram a eugenia como um meio para criar um povo mais saudável, mais produtivo e uma nação muito mais poderosa”.<sup>374</sup> Segundo esta autora, os eugenistas alemães assimilaram “a idéia de que o poder era essencialmente um problema de gerenciamento racional da população”. Por esse motivo, entendiam que uma racional administração dos

---

<sup>370</sup> WEISS, Sheila Faith. *The Race Hygiene Movement In Germany 1904-1945*. In: ADAMS, Mark (org.). *The Wellborn Science. Eugenics in Germany, France, Brazil e Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, p. 11.

<sup>371</sup> Segundo a Sheila Faith Weiss, Alfred Ploetz foi, juntamente com Eugen Fischer e Fritz Lenz, um dos eugenistas alemães mais influentes sobre a geração de médicos e biólogos que formaram o movimento pela “higiene racial” alemã durante a República de Weimar. O termo “higiene racial” (*Rassenhygiene*), utilizado correntemente pelos eugenistas alemães, foi cunhado por Ploetz no final do século XIX como um conceito alternativo para o termo “Eugenia”. Sua vasta obra intelectual foi fundamental não somente para divulgar as idéias eugênicas entre médicos e biólogos alemães, mas sobretudo para reafirmar uma certa tradição do pensamento intelectual germânico que ressaltava a superioridade da “raça ariana”, mesmo não podendo ser considerado um anti-semita (Idem, pp. 14-18).

<sup>372</sup> O termo “higiene racial” (*Rassenhygiene*), segundo Sheila Weiss, tinha um sentido mais amplo do que a palavra inglesa “eugenia”, criada por Francis Galton na segunda metade do século XIX. O conceito alemão incluía não somente a idéia de melhoramento da qualidade hereditária de uma população, mas também de medidas dirigidas a um aumento absoluto da população nacional, como as medidas de incentivos à expansão da natalidade (Idem, nota de rodapé nº 1, p. 8).

<sup>373</sup> Idem, p. 9.

<sup>374</sup> Idem, p. 10.

recursos humanos, asseguraria um nível de hereditariedade mais saudável e, em consequência, manteria a sobrevivência da Alemanha e da alegada tradição da superioridade cultural por eles incorporada. Na interpretação dessa historiadora, apesar das diferentes posições intelectuais e ideológicas “essa lógica constituía o laço comum que unia todos os eugenistas alemães”.<sup>375</sup>

No final dos anos 1920, quando Renato Kehl esteve na Alemanha, coincidiu exatamente com um período de efervescência do movimento eugenista daquele país. Entre 1926 a 1930, jornais e revistas especializadas nas discussões sobre eugenia, genética e hereditariedade começaram a circular com maior intensidade, sobretudo em Berlin, Dresden e Munique. Em 1927, na cidade de Berlin, seria fundado o Instituto de Antropologia, Genética Humana e Eugenia, anexo ao *Kaiser Wilhelm Institute* (Instituto Imperador Guilherme), criado em 1924 com Recursos da Fundação Rockefeller. No ano seguinte, em 1928, os principais eugenistas da Alemanha se reuniram para criar a *Aliança Internacional de Organizações Eugênicas*, exatamente no momento em que vários eugenistas estrangeiros dirigiam-se para a Alemanha com o objetivo de estudar e conhecer as instituições científicas deste país.<sup>376</sup> De certo modo, é possível afirmar que o movimento pela “higiene racial” criado durante a República de Weimar (1918-1933), formou as bases ideológicas e institucionais que constituiriam parte do imaginário arianista e das idéias eugênicas que seriam desenvolvidas durante o III Reich (1933-1945).

Na percepção de Renato Kehl, do mesmo modo que vinha acontecendo em vários países da Europa, o movimento eugenista brasileiro passava a conquistar, a partir do final da década de 1920, um maior número de “prosélitos”, o que possibilitou que novos livros e artigos sobre eugenia fossem editados, que congressos, revistas, periódicos e organizações eugênicas passassem a ser organizadas com bastante entusiasmo. Em julho de 1928, Renato Kehl ainda se encontrava na cidade de Berlin, conforme ele mesmo comentava à imprensa carioca, quando recebeu a notícia, através de jornais brasileiros, de que o médico e eugenista Miguel Couto havia anunciado com solenidade a realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, marcado para acontecer em julho de 1929:

---

<sup>375</sup> Idem, p 11.

<sup>376</sup> Idem, pp. 35-37.

Exultei ao verificar que o meu sábio mestre e amigo, sob cuja orientação foi elaborada, em 1914, a primeira tese sobre eugenia, fazia seu voto de fé num programa salvador que consistia: na investigação eugênica, na legislação eugênica, na administração eugênica (...). Se a mim tanto alegrou observar, na Europa, o esforço em prol da doutrina pela qual me bato a cerca de 15 anos, é fácil avaliar quanto me satisfaz saber que o príncipe da classe médica brasileira havia tomado a si a esplendida tarefa de encaminhar, com seu alto saber e prestígio, a campanha lenta, iniciada há anos, em prol da eugeniização nacional.<sup>377</sup>

Se Renato Kehl havia encontrado, na Europa, motivação suficiente para continuar sua propaganda eugênica, receberia também do próprio movimento eugenista brasileiro uma dose a mais de entusiasmo. Conforme ele mesmo frisava, o anúncio para a realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, além de sua nomeação como secretário geral, viriam coroar o seu esforço em prol da campanha que ele havia iniciado a mais de 15 anos, quando fundou Sociedade Eugênica de São Paulo.<sup>378</sup> Seus comentários ressaltavam o desejo que ele nutria em continuar sendo reconhecido como o principal propagandista e o “pai espiritual”<sup>379</sup> da eugenia no Brasil, o que manteria a sua legitimidade no interior do campo científico brasileiro em relação a estes assuntos.

Considerado como “um Benfeitor da Humanidade”, conforme se referia o jornalista cearense Alcides Mendes,<sup>380</sup> seu nome era constantemente requisitado para falar ou escrever sobre a “ciência galtoniana”, especialmente pela imprensa carioca e paulista. Em março de 1929, em resposta à cobrança que o jornalista Mattos Pimenta, proprietário e

---

<sup>377</sup> KEHL, Renato. A Eugenia na Europa e no Brasil. op. cit., 1928.

<sup>378</sup> Idem.

<sup>379</sup> Para o eugenista Octávio Domingues, Renato Kehl não era apenas o “apóstolo” e pioneiro fundador da eugenia no Brasil, mas o “pai espiritual”, conforme se referiu durante a palestra que Kehl proferiu, em 1931, na Escola Agrícola Luiz de Queiroz, na cidade de Piracicaba (DOMINGUES, Octávio. Vamos receber o pioneiro da eugenia no Brasil. *Jornal O movimento*, Piracicaba, 20 jun. 1931 – recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>380</sup> MENDES, Alcides. Um Benfeitor da Humanidade. *Gazeta de Notícias*. Fortaleza, jan. 1929, s/p (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

diretor do Jornal *A Ordem*,<sup>381</sup> fazia pelo fato de Renato Kehl ainda não ter encaminhado o artigo que havia prometido para publicação, o eugenista responderia:

Não sei como desculpar-me da falta ao compromisso que assumi de lhe mandar um artigo para o seu jornal. Vocês jornalistas me matam. Pensam que eu sou fábrica de artigos. Já estou transformando o meu cérebro em bobina de jornal. As revistas médicas, então, não me dão folga. Não se esqueça que estou fazendo três revistas. Em todo o caso, na primeira oportunidade lhe enviarei um trabalho. A promessa continua de pé.<sup>382</sup>

Esta correspondência ajuda explicar o intenso trabalho intelectual que Renato Kehl vinha realizando nos últimos anos, principalmente em relação à divulgação das novas idéias eugênicas que havia encontrado na Europa. De maneira geral, podemos dizer que o encantamento com o modelo de eugenia praticado no “Velho Mundo”, aliado ao crescimento do movimento eugenista brasileiro e a crença generalizada de que a eugenia poderia desempenhar um importante papel no processo de regeneração nacional, constituíam os fatores principais que motivaram Renato Kehl a iniciar um novo período de divulgação da eugenia entre o público brasileiro.

Com seu entusiasmo “profético” e “missionário” acerca da ciência eugênica - essa “nova religião da humanidade” - Renato Kehl buscava formar a partir de 1929 um amplo movimento que fosse capaz de consolidar institucionalmente o discurso eugênico. Enquanto preparava um livro sobre eugenia, com anotações e leituras trazidas da Europa, sobretudo da Alemanha, Kehl resolveu iniciar o lançamento do que viria a ser o primeiro jornal de eugenia da América Latina, o *Boletim de Eugenia*. Financiado e editado com recursos do próprio Renato Kehl, o primeiro número do Boletim foi publicado em janeiro

---

<sup>381</sup> O jornal *A Ordem*, fundado durante a década de 1920, foi um importante canal de divulgação das idéias higiênicas e eugênicas na cidade do Rio de Janeiro. Seu proprietário, João Augusto de Mattos Pimenta, formado em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, residiu na Europa por vários anos, onde realizou especialização em psiquiatria, em 1913, na Alemanha. Participou ainda como médico do exército francês durante a Primeira Guerra Mundial, retornando ao Brasil em 1919. Foi considerado um dos primeiros médicos-sanitaristas a empreender, entre 1926-1927, uma ampla campanha junto à imprensa carioca e as autoridades públicas contra a formação das favelas no Distrito Federal. Segundo Mattos Pimenta, as favelas significavam um sério problema tanto do ponto de vista estético e urbanístico quanto médico e higiênico, visto por ele, e por muitos outros higienistas da época, como um espaço anti-higiênico, insalubre, local de concentração de “pobres perigosos”, uma “área sem lei”. Em 1931, o jornal *A Ordem*, pelo qual realizava a grande maioria de suas campanhas, foi fechado pelos revolucionários aliados do presidente Getúlio Vargas (VALLADARES, Licia. A gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 15, nº 44, out 2000, pp. 11-34).

<sup>382</sup> Correspondência de Renato Kehl a João Augusto de Mattos Pimenta. Rio de Janeiro, 06 mar 1929. (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC, Fiocruz).

de 1929, com um formato modesto, contendo apenas quatro páginas.<sup>383</sup> Constituído por pequenos artigos científicos, resenhas, notas e indicações de livros sobre eugenia, avisos e orientações sobre os movimentos eugênico no Brasil e no mundo, os textos eram escritos numa linguagem “simples e clara”, como ressaltava o próprio editor, visando alcançar o maior número possível de leitores.<sup>384</sup> Logo no primeiro artigo desse periódico, Kehl frisava que o Boletim “deseja, apenas, auxiliar a campanha em prol da Eugenia entre os elementos cultos e entre os elementos que, embora de mediana cultura, desejam, também, orientar-se sobre o momentoso assunto”.<sup>385</sup>

A institucionalização das discussões sobre as idéias eugênicas num periódico próprio, tinha um significado importante na organização do movimento eugênico brasileiro. Além de centralizar as atenções e os interesses dos intelectuais, médicos e eugenistas aliados de Renato Kehl, o *Boletim de Eugenia* ampliava a divulgação científica destas idéias com o objetivo de conquistar também o interesse entre o público leitor em geral.<sup>386</sup> Esse periódico possibilitava, deste modo, que grande parte dos eugenistas brasileiros encontrassem um instrumento que legitimasse suas concepções científicas junto às autoridades públicas e à própria sociedade como um todo. A ampla propaganda lançada por esse autor através da imprensa diária, como vinha ocorrendo desde o final dos anos 1910, ajuda a entender o motivo que o levou a publicar o *Boletim de Eugenia* numa linguagem “simples e clara”.

Tendo em vista que a eugenia se caracterizava como um campo científico heterônomo, cujas disputas pela autoridade científica ainda não haviam estabelecido um

---

<sup>383</sup> Com o passar dos anos, o *Boletim de Eugenia*, que inicialmente era uma publicação mensal com tiragem média de 1000 exemplares, foi sendo progressivamente ampliado, principalmente a partir do segundo semestre de 1929, quando se tornou suplemento da revista médica *Medicamenta*. Além da assinatura deste periódico ser gratuita a qualquer um dos leitores interessados, Renato Kehl enviava o Boletim mensalmente às principais instituições, órgãos do governo, autoridades públicas e intelectuais brasileiros e estrangeiros. A partir de 1932, período em que os eugenistas Octávio Domingues e Toledo de Pizza Júnior passaram a compor o conselho editorial, o Boletim ganhou uma cara nova, recebendo a partir de então uma publicação trimestral e um volume com um maior número de páginas. O Boletim foi publicado periodicamente entre 1929 a 1933, quando deixou de circular por falta de recursos, já que continuava sendo financiado pelo próprio Renato Kehl e por alguns assinantes que contribuíam esporadicamente.

<sup>384</sup> KEHL, Renato. O Nosso Boletim. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, jan. 1929, vol. 01, nº 01, p.01.

<sup>385</sup> idem.

<sup>386</sup> Sobre a importância dos periódicos médicos para a organização e divulgação das ciências médicas no Brasil, ver FERREIRA, Luis Otávio. *O Nascimento de uma Instituição Científica: o Periódico Médico Brasileiro da Metade do Século XIX*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1996.

discurso hegemônico, é preciso ressaltar que esse periódico acabou abrigando espaço às diferentes concepções que formavam a ciência eugênica naquele momento<sup>387</sup>. Apesar da predominância das idéias radicais oriundas da “eugenia negativa”, os discursos eugênicos mais “suaves”, ligados à higiene e a medicina social, também encontraram o seu lugar de divulgação nas páginas do Boletim. Por outro lado, considerando que a eugenia, como chama a atenção Nancy Stepan, se definia tanto como um movimento científico quanto social<sup>388</sup> – e que possuía um forte apelo de caráter político -, a divulgação de suas idéias fora dos quadros do campo científico era visto por Renato Kehl como primordial para o sucesso do movimento eugênico. O intuito deste eugenista ao fundar um periódico científico de circulação mais ampla não consistia, portanto, em especializar as discussões eugênicas ou dar maior autonomia para este campo. Ao contrário, seu interesse principal era chamar a atenção de outros intelectuais, da elite política e do público leitor em geral, formado em sua maioria por integrantes da classe média nacional, para a capacidade regeneradora e salvacionista das medidas eugênicas.

Diferentemente do que ocorria num campo científico mais autônomo, onde um cientista só poderia esperar o reconhecimento dos próprios pares-concorrentes, um campo heterônomo como da eugenia brasileira possibilitava que Renato Kehl buscasse reputação, autoridade e prestígio tanto entre seus pares quanto no imbricado mundo da arena pública. Neste sentido, a divulgação da eugenia através da imprensa de grande circulação, mas sobretudo no *Boletim de Eugenia*, transformava-se num importante mecanismo pelo qual Renato Kehl procurou ampliar seu capital social como forma de garantir uma posição dominante no interior do movimento eugênico nacional, mesmo que isso pudesse conquistar a antipatia entre alguns dos seus pares.

Acreditamos que tanto o formato quanto os princípios ideológicos e as concepções científicas que constituíam o *Boletim de Eugenia*, receberam inspiração de jornais e periódicos semelhantes que circulavam na Alemanha entre 1926 a 1930, com os quais Renato Kehl provavelmente entrou em contato durante sua viagem. Neste período, segundo a historiadora Sheila Fath Weiss, o eugenista alemão Artur Ostermann, um antigo prosélito da “higiene racial” alemã, dirigiu dois importantes jornais de eugenia destinados

---

<sup>387</sup> Vale ressaltar que esta discussão está calcada nos conceitos de Pierre Bourdieu, conforme apresentamos no capítulo anterior.

<sup>388</sup> STEPAN, Nancy. op. cit., 2005.

à propaganda dos preceitos eugênicos (*Zeitschrifte Volkssaufartung und Erbkunde*, entre 1926 a 1927, e *Volkssaufartung Erblehre, Eheberatung*, entre 1928 a 1930). Esses jornais se caracterizaram por apresentar uma linguagem “pouco técnica”, editados em um número reduzido de páginas e dirigidos a um público mais amplo,<sup>389</sup> do mesmo modo como se constituiu o periódico lançado no Brasil por Renato Kehl. Coincidência ou não, o *Boletim de Eugenia* começou a ser editado três meses após o retorno do eugenista brasileiro da Alemanha. Além do mais, o Boletim trazia logo no primeiro número, publicado em janeiro de 1929, um artigo escrito por Renato Kehl em alemão, comentando sobre as conquistas do movimento eugenista brasileiro e anunciando a divulgação do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia.<sup>390</sup> Na verdade, ao longo de sua existência, muitos artigos, comentários e indicações de livros de eugenistas estrangeiros, sobretudo da Alemanha e dos Estados Unidos, apareceriam freqüentemente nas páginas deste periódico.

De uma forma ou de outra, a influência do pensamento eugenista alemão passou a ser constante na vida intelectual de Renato Kehl. No segundo número do *Boletim de Eugenia*, por exemplo, Kehl destacava a necessidade de se fundar, no Brasil, um Instituto Brasileiro de Eugenia responsável pelos cuidados raciais das futuras gerações, citando como exemplo o trabalho realizado pelo Instituto de Eugenia de Berlin em prol da “higiene racial”.<sup>391</sup> Conforme ele próprio explicava:

O nosso intuito, pois, relativamente ao Instituto de Eugenia, se limitará a lançar apenas a semente, até que um milagre se faça, - surgindo, então, *o novo tempo onde se cuidará da nacionalidade brasileira, como faz o Instituto de Eugenia de Berlin, para a nacionalidade germânica.*

Já temos o Instituto Agrônômico e Instituto Veterinário, sendo bem possível que dentro de alguns anos, de muitos anos, depois que ficarem resolvidos os graves problemas da broca do café e da broca do gado, se cogite então de fundar um *Instituto de Eugenia destinado ao estudo dos meios de combater as brocas do gênero humano.*

Quando chegarmos a tal resultado poder-se-á, talvez, decorridos mais alguns anos, comemorar com toda solenidade o ‘dia da raça’<sup>392</sup> [sem grifo no original].

---

<sup>389</sup> WEISS, Sheila Fath. Op. cit., p. 36.

<sup>390</sup> KEHL, Renato. Kleine Nachtichten. *Boletim de Eugenia*, Rio de Janeiro, vol. 01, nº 01, jan 1929, p. 4.

<sup>391</sup> KEHL, Renato. Instituto Brasileiro de Eugenia. *Boletim de Eugenia*, Rio de Janeiro, fev. 1929, vol. 1 nº 02, p. 01.

<sup>392</sup> Idem.



De acordo com estas palavras, o Instituto Brasileiro de Eugenia que vinha sendo idealizado por Renato Kehl, surgiria não apenas para manter o “fogo sagrado” dos “entusiastas do galtonismo que existe entre nós”, mas, acima de tudo, para curar “as brocas” que vinham corroendo o vigor físico e mental do homem brasileiro. Em seu ponto de vista, a falta de “consciência eugênica”, de leis que pudessem controlar os matrimônios e os nascimentos, que restringissem a imigração, que combatessem a sífilis, a tuberculose, o álcool, a loucura e todas as “doenças mentais”, juntamente com a larga miscigenação praticada no Brasil, constituiriam aquilo que Renato Kehl considerava como sendo as “brocas” responsáveis pela degeneração da nacionalidade.

Semelhante ao modo como funcionava o Instituto de Eugenia de Berlin, o Instituto de Eugenia que deveria ser fundado em solo brasileiro, como destacava Kehl nas páginas do *Boletim de Eugenia*, apresentaria três seções distintas:

A primeira se incumbiria de organizar e de manter uma inteligente e constante propaganda de Educação eugênica pelas revistas e jornais profanos, de distribuir folhetos e cartazes com ensinamentos a popularizar; a segunda se encarregaria de promover a execução das medidas propostas para melhorar as condições das proles, esforçando-se junto as autoridades constituídas para o estabelecimento de medidas legais de combate aos fatores de degeneração; a terceira se incumbiria da organização de um arquivo genealógico e dos estudos compreendendo a hereditariedade, a genética, a biometria, a estatística, as pesquisas biológicas e sociais relativas aos problemas eugênicos.<sup>393</sup>

Se durante boa parte da década de 1920 as prioridades eugênicas que apareciam no discurso de Renato Kehl consistiam em ampliar as políticas de educação, de orientação higiênica e de reformas sanitárias, a partir do final dos anos 1920 sua atenção se deslocaria para medidas eugênicas mais específicas e radicais. Suas preocupações com a organização de um arquivo genealógico, estudos sobre hereditariedade, genética e biometria, supunha um permanente controle da reprodução humana e uma atenção mais extremada com uma identidade biológica que constituiria a população nacional. Apesar destas questões já terem aparecido em alguns momentos de sua trajetória, entendemos que somente após seu contato direto com um modelo de eugenia mais radical, como da “higiene racial” alemã, teriam adquirido maior consistência e clareza no pensamento deste eugenista.

---

<sup>393</sup> Idem.

De qualquer modo, referências constantes e elogiosas ao Instituto de Eugenia de Berlin, que para Renato Kehl constituía um modelo ideal de aplicação dos estudos eugênicos, somente apareceriam em suas obras após seu retorno da Europa. Em suas palavras, o referido Instituto alemão vinha alcançando um enorme sucesso para combater os “elementos disgenizantes” e o “desequilíbrio orgânico” que ameaçava a saúde racial e a organização social da população germânica, em especial dos indivíduos que ainda carregavam os efeitos da guerra mundial de 1914.<sup>394</sup>

Em Janeiro de 1929, o eugenista alemão Hermann Muckermann, diretor do Instituto de Eugenia daquele país, enviou correspondência a Renato Kehl comentando sobre o “belo artigo” que o eugenista brasileiro havia publicado na *Revista Terapêutica* sobre o instituto alemão. Muckermann ressaltava que era “motivo de grande alegria” conhecer os trabalhos científicos produzidos por Renato Kehl, conforme remessa de algumas obras e artigos que o autor brasileiro havia encaminhado ao Instituto de Eugenia daquele país. Todo esse material, segundo informava Muckermann, seria repassado também ao professor Eugen Fischer, Diretor do Instituto de Antropologia, Genética Humana e Eugenia de Berlin. Antes de encerrar a correspondência, o eugenista alemão informava, ainda, que prontamente iria utilizar os “valiosos trabalhos” de Renato Kehl, prometendo, “em breve”, encaminhar um trabalho de sua autoria que poderia interessar aos eugenistas brasileiros.<sup>395</sup>

Essa correspondência ajuda a elucidar a forma como os trabalhos desses eugenistas circulavam entre eles. Conforme é possível observar através da análise das correspondências particulares e institucionais trocadas por estes autores, além da mutua remessa de bibliografia, havia também um grande desejo de manter uma rede internacional de eugenistas. Se por um lado isso possibilitava o fortalecimento de suas identidades intelectuais e dos interesses em comuns, por outro, permitia imaginar o crescimento e a reafirmação de um movimento mundial em prol da eugenia.

---

<sup>394</sup> KEHL, Renato. Campanha da Raça. *Jornal A Pátria*. Rio de Janeiro, 12 jun. 1929 (Recorte Avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>395</sup> Correspondência de Hermann Muckermann a Renato Kehl. Traduzida e transcrita no Boletim de Eugenia, Rio de Janeiro, jan. 1929, ano 1, nº. 1, p. 3.

Neste sentido, a partir do final dos anos 1920, quando Renato Kehl passou a estreitar seus contatos intelectuais com eugenistas estrangeiros e com um grande número de recentes obras sobre eugenia, em especial aquelas publicadas em língua alemã e inglesa, ele deslocaria seu olhar com maior atenção para as idéias eugênicas que fervilhavam tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. Apesar de encontrar-se com os pés no Brasil e com as preocupações intelectuais e políticas voltadas aos problemas sociais brasileiros, Renato Kehl lançava seus olhares para além das fronteiras latino-americanas. Seus objetivos consistiam em aproximar o seu conhecimento eugênico da ciência e das ideologias “modernas” produzidas pelas nações mais “adiantadas”, como se referiam os intelectuais e cientistas brasileiros nas primeiras décadas do século XX.

## **2. As “Lições de Eugenia” e a influência da “higiene racial” alemã**

Logo após o retorno da viagem à Europa, Renato Kehl chegou ao Brasil com anotações, livros, artigos e um bando de novas idéias que animavam seu pensamento. Nove meses depois, em junho de 1929, Renato Kehl anunciava a publicação de “Lições de Eugenia”, livro que acabaria se constituindo como a sua principal e mais polêmica obra intelectual. Publicada pela prestigiada Editora Livraria Francisco Alves, essa obra foi propositalmente lançada dias antes da realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, sendo recebida com calorosos aplausos, mas também com severas críticas, tanto por parte dos seus pares que participavam do referido congresso, quanto por parte de jornalistas e da imprensa diária dirigida a um público mais amplo.

As polêmicas levantadas por Renato Kehl neste livro possibilitaram que a imprensa brasileira o divulgasse amplamente em jornais e revistas de circulação popular, bem como nos periódicos especializados -, publicando notas, comentários e resenhas elogiosas. O filólogo e literato João Ribeiro, por exemplo, aplaudia Renato Kehl através das páginas do *Jornal do Brasil* pela publicação do seu recente livro, que, em suas palavras, constituía

“uma exposição metódica” sobre os mais novos assuntos da ciência eugênica.<sup>396</sup> O livro de Kehl acabou recebendo, inclusive, uma resenha publicada no Jornal alemão *Deutsche Rio-Zeitung*, que circulava para a ampla comunidade alemã residente no Brasil.<sup>397</sup> “Lições de Eugenia” encantaria o público de tal maneira que em poucos meses os exemplares disponíveis já haviam se esgotado. Devido ao sucesso e as polêmicas que suscitou, a Editora Livraria Francisco Alves resolveu lançar, em 1935, uma nova edição para essa obra, agora ampliada e totalmente revisada.<sup>398</sup>

Em virtude da boa recepção que o livro vinha recebendo entre os intelectuais, médicos, educadores e cientistas brasileiros, Renato Kehl almejava, inclusive, publicá-lo nos Estados Unidos, conforme pedido feito ao seu amigo Monteiro Lobato, que neste período residia na cidade de Nova York. No entanto, conforme explicava Lobato através de correspondência encaminhada a Kehl, apesar dos livros do eugenista brasileiro se caracterizarem “por um admirável senso de oportunidade”, seria muito difícil publicar “Lições de Eugenia” num país como os Estados Unidos, onde existia uma longa tradição intelectual que mobilizava um grande número de cientistas em torno dos estudos eugênicos. Conforme argumentava Lobato:

(...) não pode haver país onde a eugenia esteja mais proclamada, estudada, praticada, ‘livrada’ do que este. O número de estudos especializados que sobre tal assunto aparecem é enorme, e manuais como o teu circulam aos centos e estão em todas as escolas. A idéia está tão adiantada que já começam a aparecer ‘filhos eugênicos’. (...) A força, a grandeza, a novidade do fenômeno americano no mundo só podem ser contadas em inglês e para alemães. Creio que no mundo só o alemão, cujo cérebro é o que você sabe, pode compreender a América.<sup>399</sup>

Contudo, apesar de “Lições de Eugenia” não ter recebido uma publicação em língua inglesa, como ambicionava Renato Kehl, esta obra acabaria sendo publicada dois anos depois em espanhol. Lançado pela Editora Javier Morata, de Madri, o livro do

---

<sup>396</sup> RIBEIRO, João. Resenha da obra *Lições de Eugenia* de Renato Kehl. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 17 jul 1929 (Recorte Avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>397</sup> Notícia veiculada no *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano 1, nº 8, ago. 1929, p. 10.

<sup>398</sup> Tendo em vista as implicações da dimensão histórica entre edição de 1929 e a de 1935, nossa análise em relação a esta obra se deterá somente na publicação da primeira edição.

<sup>399</sup> Correspondência de Monteiro Lobato a Renato Kehl. Nova York, 07 ago 1929 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

eugenista brasileiro recebeu uma elogiosa resenha escrita por Luis Huerta, o principal eugenista daquele país. Nas palavras deste autor, a obra de Renato Kehl era, “sem rodeios – a única em seu gênero”. Em sua concepção, “não se havia escrito até hoje em nenhum país culto do mundo nada parecido”.<sup>400</sup> Assim, além da boa recepção que “Lições de Eugenia” recebeu entre os eugenistas de Madri, a publicação em espanhol contribuiu para que essa obra se tornasse amplamente conhecida também entre os eugenistas pertencentes aos países latino-americanos, especialmente da Argentina, Peru, México e Cuba. Nestes países, o nome de Renato Kehl já havia adquirido prestígio intelectual desde o início da campanha eugênica que este fizera a partir do final da década de 1910.

Como já vinha ocorrendo com os últimos artigos publicados por Renato Kehl desde sua viagem à Europa, seu livro “Lições de Eugenia”, como pretendemos demonstrar, trazia impresso idéias e concepções que refletiam fortemente as influências que alguns eugenistas europeus e norte-americanos passaram a exercer sobre o seu pensamento. Ao longo das 12 lições que constituem essa obra, Renato Kehl não economizou referências a autores e instituições eugênicas com as quais passara a nutrir uma grande simpatia intelectual, sobretudo ao movimento eugenista alemão.<sup>401</sup>

Em 1930, através das correspondências enviadas ao eugenista Toledo de Piza Junior, professor da Escola de Agricultura Luiz de Queiroz, da cidade de Piracicaba, interior de São Paulo, Renato Kehl agradecia as “amáveis referências” que este eugenista havia feito ao seu recente livro, conforme artigo publicado na *Revista de Agricultura*, intitulado “Anotações a margem das Lições de Eugenia”.<sup>402</sup> Nesta mesma correspondência, Renato Kehl se desculpava pelos equívocos, ou mesmo por alguns erros, que seu livro

---

<sup>400</sup> HUERTA, Luis. Hombres Nuevos. In: *Jornal Adelante Madrid*. Madrid, 1932, s/p. (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>401</sup> Apesar da influência da “higiene racial” alemã, e a despeito do pensamento anti-semita que predominava no imaginário de muitos eugenistas germânicos, é preciso ressaltar que Renato Kehl não compartilhava dos argumentos condenatórios contra a população judaica. Para este eugenista, os “israelitas” se caracterizavam por ser um “povo admirável” que, devido a sua “capacidade vital superior”, mereceriam o “título de raça canon”. Conforme ressaltava no livro “Lições de Eugenia”, os judeus são “cautelosos e previdentes, sabem defender-se dos males; temperantes, não abusam ou mesmo não usam bebidas alcoólicas; castos e honestos, fogem das tentações, evitando, assim, os males venéreos; atilados, não se casam senão entre os da mesma seita; perseguidos, malquistos, por intolerantes e insociáveis, ou por motivos religiosos, são gregários por excelência, constituindo-se em esquiva sociedade, geralmente eugênica” (KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. op. cit., 1929, p. 29).

<sup>402</sup> Infelizmente não nos foi possível localizar esse artigo que, segundo Toledo de Piza Juniro, teria sido publicado na referida revista, em fevereiro de 1929.

porventura poderia apresentar, lembrando que ele tinha sido escrito as pressas, logo após a sua volta da Europa.<sup>403</sup> Meses depois, em agosto deste mesmo ano, Renato Kehl informava ao eugenista da Escola Agrícola de Piracicaba que suas sugestões para alterar algumas informações contidas nesta obra seriam levadas em consideração quando do lançamento da próxima edição. Justificando as ressalvas feitas por Piza Junior, Renato Kehl destacava, novamente, que havia escrito “este livro a ‘toque de caixa’, a fim de que fosse lançado, antes da abertura do Congresso de Eugenia. *Havia chegado da Europa e estava com a minha ciência ainda em desordem*”.<sup>404</sup>

As palavras de Renato Kehl deixam, portanto, um indício fundamental sobre a maneira como “Lições de Eugenia” foi preparado. Como acreditamos ter acontecido, esta obra foi um esforço do seu autor para “colocar em ordem” a “ciência eugênica” que ele havia encontrado em solo europeu. A afirmação de que suas idéias estavam em “desordem” possibilita perceber, ainda, o processo de ruptura que vinha ocorrendo no pensamento deste autor em relação às concepções eugênicas e médico-sanitaristas defendidas por ele até aquele período.

Por outro lado, a pressa de Renato Kehl em publicar o livro antes da abertura do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, permite-nos compreender o desejo deste autor em se apresentar aos participantes do congresso como uma autoridade legítima no interior do movimento eugenista brasileiro. Kehl acreditava que sua obra poderia ser o parâmetro científico que permearia as discussões do congresso, definindo com antecedência aquilo que considerava ser as questões centrais que os eugenistas deveriam realmente se preocupar. Conforme explicava no prefácio que preparou para a primeira edição desta obra, havia muita gente no Brasil, mesmo entre médicos e especialistas em “ciências afins”, que “não fazia juízo exato dos fundamentos e dos propósitos eugênicos”.<sup>405</sup> Seu objetivo ao publicar “Lições de Eugenia” consistiria, portanto, em tornar a eugenia “mais cultivada e praticada” entre os eugenistas, médicos, educadores e o público leitor em geral,

---

<sup>403</sup> Correspondência de Renato Kehl a Toledo de Piza Júnior. Rio de Janeiro. 24 mar 1930 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>404</sup> Correspondência de Renato Kehl a Toledo de Piza Junior. Rio de Janeiro. 19 de ago 1930 [sem grifo no original] (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>405</sup> KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. op. cit, 1929, p. 04

“como está acontecendo em muitos países, onde ela constitui séria cogitação, porque representa, indubitavelmente, a chave magna de transcendentos problemas vitais”.<sup>406</sup>

Como forma de reforçar a sua autoridade intelectual neste assunto, Renato Kehl se propunha a apresentar as “verdadeiras” “Lições de Eugenia”, sobretudo a quem ainda não possuía um “juízo exato” sobre os fundamentos dessa ciência. Em suas palavras, a eugenia deveria ser entendida conforme definiam os eugenistas alemães: ela é a “higiene da raça”, a “seleção racional”, “a aplicação total das ciências biológicas” para o aperfeiçoamento da humanidade.<sup>407</sup> O programa da eugenia traçado nesta obra visava, conforme explicava o próprio autor, “favorecer a estabilização de qualidades hereditárias ótimas e impedir a aquisição de caracteres degenerativos e transmissíveis hereditariamente”.<sup>408</sup> Para isso, em sua compreensão, seria necessário controlar os casamentos, “evitando o matrimônio entre tarados e degenerados, vulgarizando e aplicando os conhecimentos necessários à proteção individual e racial”.<sup>409</sup>

Renato Kehl sugeria explicitamente nesta obra as principais medidas eugênicas que norteavam os princípios da “eugenia negativa” alemã, ou seja, o controle deliberado da reprodução humana. Nas palavras deste autor, a “eugenia negativa apresenta vários recursos de ordem científica” para melhorar o equilíbrio entre os indivíduos “normais” e os “anormais”, entre a fecundidade dos “bem dotados” em contraposição a dos “mal dotados”.<sup>410</sup> Como forma de proteger a “boa descendência” e impedir o aumento dos “degenerados” e da “miserável prole”, Renato Kehl explicava sobre os principais recursos a que se propunha a “eugenia negativa”:

Em primeiro lugar, a eugenia negativa estipula a propaganda educativa, o apelo aos que, naturalmente, ‘tem consciência’, a fim de não propagarem suas taras e deformidades (...). Outros recursos preconizados pela eugenia negativa para evitar a paternidade indigna consistem em medidas legais que autorizem tornar os degenerados e criminosos em condições de não poderem reproduzir-se. Propõe o exame-médico pré-nupcial dos nubentes, proibindo o casamento entre os que se revelarem perigosos à descendência. (...) Outra medida proposta pela eugenia negativa é a esterilização dos grandes

---

<sup>406</sup> Idem.

<sup>407</sup> Idem, p. 06.

<sup>408</sup> Idem.

<sup>409</sup> Idem.

<sup>410</sup> Idem, p. 150.

degenerados e criminosos. A simples interdição legal ao casamento destes indivíduos constituiria um ‘meio atenuado’, passível de ser burlado, enquanto que a esterilização representa um ‘meio radical’, muitas vezes, necessário.<sup>411</sup>

Apesar de considerar que os ideais da “eugenia negativa” eram “compatíveis com os sentimentos da cristandade”, seus propósitos divergiam dos trabalhos assistenciais colocados em prática pelas instituições filantrópicas e de caridade. No ponto de vista de Renato Kehl, a consciência e os sentimentos religiosos que os “meios cultos” fazem em nome dos interesses da família e dos indivíduos, mesmo partindo de “sagrados intuitos”, apenas contribuem para ampliar “a faculdade procriadora, nos casos em que esta deve ser contra-indicada”.<sup>412</sup>

Em relação aos programas da “eugenia negativa”, a historiadora Nancy Stepan explica que em diversos países do mundo, os eugenistas justificavam medidas mais radicais - principalmente a segregação sexual e a esterilização compulsória - “como meios eficazes de eliminar as más características hereditárias das populações humanas para assegurar o contínuo progresso da sociedade dos homens. Definia-se, assim, uma eugenia negativa”.<sup>413</sup> Para essa autora, os eugenistas pensavam a reprodução humana não como uma atividade individual, conseqüência apenas da sexualidade, “mas como responsabilidade coletiva que levava à reprodução de boa ou má hereditariedade”.<sup>414</sup>

Contudo, na América Latina havia maior resistência à aplicação desse modelo de eugenia do que nos países do norte da Europa ou nos Estados Unidos. Nancy Stepan demonstra que devido aos valores religiosos originários de uma forte tradição católica conservadora, cuja noção de família, sexualidade e reprodução eram diametralmente regulados pelos discursos religiosos, os eugenistas latino-americanos se indagavam constantemente “se seria possível construir uma eugenia da reprodução e do matrimônio que, mesmo negativa, fosse compatível com as restrições bem reais”.<sup>415</sup> Nas palavras dessa historiadora, os eugenistas “responderam que sim, que seria possível um visão ‘cristã’ da

---

<sup>411</sup> Idem, p. 151-152.

<sup>412</sup> Idem, p. 151.

<sup>413</sup> STEPAN, Nancy. op. cit., 2005, p. 115.

<sup>414</sup> Idem.

<sup>415</sup> Idem, p. 116.



eugenia”, e de uma “eugenia negativa” adaptada às realidades locais.<sup>416</sup> Prova disso, por exemplo, são os pressupostos defendidos no Brasil a partir do final dos anos 1920, idéias que foram modeladas dentro dos limites impostos pela cultura nacional.

Todavia, entendemos que não é possível enquadrar o projeto eugênico de Renato Kehl neste modelo menos “duro” que caracterizou a eugenia negativa na América Latina. Para Renato Kehl, os pressupostos eugênicos se constituíam a partir de “ideais humanitários” que não contradiziam os valores cristãos. Conforme destacava em seu livro “Lições de Eugenia”, até mesmo as medidas defendidas pela “eugenia negativa” eram “compatíveis com os sentimentos da cristandade”.<sup>417</sup> No entanto, Kehl era consciente de que seria necessário iniciar um trabalho de esclarecimento entre os católicos brasileiros, já que parte destes não via com “bons olhos” algumas das medidas eugênicas mais radicais, como o controle matrimonial e a esterilização. Seu primeiro passo para convencer parte dos católicos sobre os princípios humanitários e cristãos da “ciência eugênica”, foi publicar alguns artigos no *Boletim de Eugenia* referentes a esta discussão. Nas edições de abril e maio de 1929, o *Boletim de Eugenia* publicou dois longos artigos do eugenista alemão Hermann Muckerman, intitulado “Eugenia e Catolicismo”.<sup>418</sup> Neste artigo, Muckerman destacava que a eugenia não feria os valores religiosos porque estava ancorada nos princípios do “bem comum”. Em suas palavras, o catolicismo deveria favorecer “todos os esforços que pareçam adequados para estancar as fontes da degeneração”, já que o “futuro do Estado e da Igreja repousa sobre os homens sadios do corpo e do espírito”.<sup>419</sup>

Assim como Renato Kehl, os eugenistas Alberto Farani e Octávio Domingues também entendiam que era possível abrir um diálogo com os intelectuais representantes do pensamento católico brasileiro. No início dos anos 1930, ambos publicaram artigos no *Boletim de Eugenia* comentando sobre a relação entre eugenia e os valores católicos. Em correspondência enviada a Kehl em janeiro de 1932, Octávio Domingues discutia sua

---

<sup>416</sup> Idem.

<sup>417</sup> KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. Op. cit., 1929, p. 150.

<sup>418</sup> MUCKERMAN, Hermann. Eugenia e Catolicismo. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, vol. 1, nº 4, abr. 1929, pp. 2-3.

<sup>419</sup> Vale ressaltar que Hermann Muckerman era padre jesuíta licenciado pelo vaticano desde o início dos anos 1920, e que representava uma voz respeitada entre os intelectuais católicos do mundo todo. Como eugenista, este intelectual exercia suas atividades científicas como diretor do Instituto de Eugenia de Berlin, criado em 1927 pelo eugenista Eugen Fischer (WEISS, Sheila Faith. op. cit., 1990, pp. 36-37).

preocupação em relação às críticas lançadas por intelectuais católicos contra as idéias eugênicas. Neste contato com Kehl, Domingues afirmava:

Estou interessado em demonstrar que a Eugenia não tem nenhum ponto que vá de encontro ao espírito cristão, havendo mesmo iniciado uma troca de idéias com o campeão do catolicismo brasileiro, Tristão de Athayde [Alceu Amoroso Lima], no qual pretendo ferir esse ponto, e descobrir em que ponto ele se coloca (...).

Acho que se trouxermos a essa causa a simpatia das figuras esclarecidas do catolicismo, teremos o caminho expurgado de um grande obstáculo. Creio ser contra-producente uma campanha aberta, ferindo os pontos de vistas católicos. Ao contrário precisamos envolvê-los e assimilá-los.<sup>420</sup>

De maneira semelhante às estratégias lançadas por Octávio Domingues, que propunha a conciliação e assimilação como forma de conquistar a opinião favorável dos católicos, o médico Alberto Farani, associado à Liga Brasileira de Higiene Mental, visava ponderar sobre as críticas formuladas pelo Vaticano contra as idéias eugênicas. O artigo deste eugenista foi escrito como resposta às objeções feitas pela Encíclica Papal *Casti-Connnubi* - publicada em 1930 pelo Papa Pio XI - contra a educação sexual e as medidas eugênicas mais radicais. Para Farani, as objeções da igreja e de seus cardeais eram formuladas a partir de uma compreensão equivocada sobre os verdadeiros objetivos da eugenia, sobretudo em relação à esterilização e ao controle matrimonial. Em seu ponto de vista, a eugenia não pregava a imoralidade nem incentivava medidas “anti-humanitárias”, ao contrário, procurava defender a “família cristã” dos fatores degeneradores que entristeciam a sociedade, como os “casamentos infelizes” e o nascimento de “proles degeneradas” e de “inadaptáveis”.<sup>421</sup>

De maneira geral, os eugenistas estavam conscientes quanto à força que os argumentos religiosos desempenhavam na sociedade brasileira. Para o movimento eugênico, seria imprescindível, portanto, lançar mão do diálogo político e intelectual, do convencimento e de mediações que amenizassem as críticas às idéias defendidas pela ciência eugênica. Por outro lado, o próprio contexto cultural brasileiro levava a grande

---

<sup>420</sup> Correspondência de Octávio Domingues a Renato Kehl. Piracicaba, 15 jan. 1932 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC)

<sup>421</sup> FARANI, Alberto. Como evitar as proles degeneradas? Resposta as objeções da Encíclica Casti-connnubi. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano 3, nº 34, out. 1931, pp. 3-7.

maioria dos eugenistas a adaptarem alguns princípios da “eugenia negativa” ao imaginário católico nacional. Mesmo Renato Kehl, um dos principais defensores dos programas eugênicos mais radicais, era contrário ao aborto ou a “liberdade matrimonial”, como ocorria nos Estados Unidos e em alguns países europeus, onde, segundo ele, se realizavam “matrimônios condicionais” ou “experimentais”.<sup>422</sup> Devido a sua própria formação católica, e talvez pela influência dos valores da cultura patriarcal brasileira, Renato Kehl entendia que essa “liberdade conjugal” poderia ameaçar o futuro matrimonial e a “moral” que constituía as “boas famílias”. Este autor era contrário, inclusive, a legalização do divórcio, lembrando que “do ponto de vista eugênico”, era recomendável como medida de “profilaxia social e racial”, “casar bem do que desquitar melhor”.<sup>423</sup>

A despeito do contexto social e das críticas formuladas por intelectuais e autoridades da igreja católica, alguns eugenistas brasileiros continuaram recorrendo aos princípios da “eugenia negativa”. Mesmo contrariando medidas como o aborto e o divórcio, Renato Kehl não abria mão da divulgação de alguns pressupostos mais polêmicos, como a esterilização e a segregação racial. Em sua concepção, a esterilização deveria ser indicada em indivíduos criminosos, em “anormais” constituídos por “degeneração psíquica”, como a “loucura”, “epilepsia”, “idiotia” e a “esquizofrenia”, em “surdos-mudos” e naqueles que apresentassem qualquer “estigma de degeneração”. Em seu ponto de vista, a esterilização dos indivíduos degenerados deveria ser considerada como uma importante medida de “profilaxia racial”. Comentando o resultado das seis mil intervenções cirúrgicas esterilizadoras realizadas na Califórnia entre 1909 a 1929, Kehl destacava a importância da esterilização eugênica como forma de anular a descendência dos “inferiorizados”<sup>424</sup>. Conforme explicava nas páginas do *Boletim de Eugenia*, mais de cinco milhões de indivíduos apresentavam menos de 70% da inteligência média, “constituindo em muitos casos antes um passivo que um ativo na balança da raça”. De acordo com sua opinião, esta situação poderia se agravar se não fossem tomadas medidas adequadas “para controlar a reprodução dos indivíduos com um handicap mental”.<sup>425</sup>

---

<sup>422</sup> KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. op. cit., p. 180-181.

<sup>423</sup> Idem, p. 179.

<sup>424</sup> KEHL, Renato. Esterilização para aperfeiçoamento humano. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano I, nº 12, dez. 1929, pp. 4-5.

<sup>425</sup> Idem.

Contudo, esse autor ressaltava que o resultado das medidas de esterilização não seria imediato, e só se fariam “sentir após muitos anos de uma execução perfeita e permanente”.<sup>426</sup> Renato Kehl chegou a sugerir em alguns momentos de sua trajetória - como aparecem nas páginas de “Lições de Eugenia” - a proibição de casamentos entre indivíduos por ele considerados como sendo de “raças diferentes”, principalmente entre “brancos” e “pretos”, “brancos” e “indígenas”, ou entre “brancos” e “mestiços”, já que nas concepções que passou a defender a partir do final dos anos 1920, a miscigenação levaria fatalmente a degeneração da nacionalidade.<sup>427</sup> Deste modo, como afirmava Kehl, o problema da segregação racial e da esterilização de anormais “interessa tanto aos que vivem como aos que estão para nascer. O homem precisa para o próprio bem, constituir uma humanidade de ‘bons animais’, organizando dentro dela a ‘aristocracia dos eugenizados’”.<sup>428</sup>

Ao longo da obra “Lições de Eugenia”, como podemos perceber, Renato Kehl recorreu constantemente a estes pressupostos racistas e coercitivos como sugestão para melhorar a constituição racial da população brasileira. Em muitos casos, esse autor reforçaria sua simpatia pelo modelo de “eugenia negativa” junto aos principais eugenistas europeus e norte-americanos, em especial aos eugenistas que constituíam o movimento pela “higiene racial” alemã. Aliás, no início do primeiro capítulo desta obra, como que para buscar legitimidade científica e, ao mesmo tempo, avisar para onde estava olhando, Renato Kehl destacava o “que é eugenia segundo os eugenistas alemães”:

Eugenia é a higiene das disposições hereditárias que estão contidas nas células de reprodução. É a ela que compete manter em estado hígido a unidade vital armada pela sucessão ininterrupta (Keimbahn) das células que ligam as gerações do passado, do presente e do futuro. No seu aspecto *teórico* ela se esforça por determinar em que medida a nossa civilização favorece ou dificulta a obtenção de disposições hereditárias superiores. No seu aspecto *prático* procura e promove as medidas que favoreçam a reprodução de pessoas hereditariamente sadias, e impeçam a formação e aumento de disposições inferiores. No seu aspecto *social*, procura alcançar os seus fins por meio de medidas oficiais adequadas. Do ponto de vista *individual*, visa atingir o seu escopo instruindo e educando os indivíduos em assuntos eugênicos, a fim de estabelecer a consciência eugênica.<sup>429</sup>

---

<sup>426</sup> Idem, p. 176.

<sup>427</sup> Idem, p. 190-191.

<sup>428</sup> Idem, p. 153.

<sup>429</sup> Idem, p. 06.

Essa definição sobre a eugenia alemã poderia ser, em grande medida, utilizada como uma síntese das idéias expostas em “Lições de Eugenia”. Renato Kehl ressaltava constantemente essa preocupação com as disposições hereditárias contidas nas células de reprodução e, em conseqüência, com o controle matrimonial e o progressivo aumento das “disposições hereditárias superiores”. O objetivo implícito do autor, podemos dizer, consistia numa ampla seleção racial e na produção daquilo que Renato Kehl denominava de “tipos normais” ou “superiores”. Citando uma frase de Friedrich Nietzsche, filósofo pelo qual nutria uma grande admiração, Kehl destacava sua visão pragmática sobre a importância do matrimônio: “não debes apenas reproduzir-te, porém superar-te! Serve-te para isso do jardim do matrimônio! *Matrimônio: assim denomino a vontade de dois criarem um que seja superior aos que o criaram*”.<sup>430</sup> De modo ainda mais radical, Renato Kehl previa que no futuro os matrimônios seriam controlados pelo Estado e pela ciência, “decididos constitucionalmente, como se resolvem formulas químicas”.<sup>431</sup>

No entanto, de acordo com Renato Kehl, somente o controle matrimonial, a segregação racial e a esterilização dos “inaptos” e “anormais” não seriam medidas suficientes para apressar o processo de “seleção racional” e “melhoria racial” da humanidade. Em seu livro, Kehl enumerava pelo menos 13 meios que constituiriam, no seu ponto de vista, as práticas eugênicas:

- 1) registro do pedigree das famílias; 2) segregação dos deficientes criminais;
- 3) Esterilização dos anormais e criminosos; 4) Neo-malthusianismo com os processos artificiais para evitar a concepção nos casos especiais de doença e miséria (controle do nascimento); 5) regulamentação eugênica do casamento e exame médico pré-nupcial obrigatório; 6) educação eugênica obrigatória nas escolas secundárias e superiores; 7) propaganda popular de preceitos e conceitos eugênicos; 8) luta contra os fatores disgenizantes por iniciativa privada e pelas organizações oficiais; 9) testes mentais das crianças entre 8 e 14 anos; 10) regulamentação dos filhos ilegítimos; 11) estabelecimento de cuidados pré-natais das gestantes e pensões para as mulheres pobres; 12) regulamentação da imigração sobre a base da superioridade média dos habitantes do país, estabelecidos por testes mentais; 13) estabelecimento dos

---

<sup>430</sup> NIETZSCHE, Friedrich, apud KEHL, Renato, idem, p. 155 [sem grifo no original].

<sup>431</sup> KEHL, Renato, idem, p.127.

defeitos hereditários disgênicos que impedem o matrimônio e os que podem servir de base à pleiteação do divórcio”.<sup>432</sup>

Estas medidas eugênicas, em sua maioria orientações propostas a partir da “eugenia negativa”, ajudam a compreender o distanciamento que Renato Kehl assumiu em relação aos pressupostos sanitaristas e ambientalistas que durante quase toda a década de 1920 havia marcado seu discurso. A forma radical com que passou a conceber essas práticas eugênicas provavelmente não seria a mesma que a maioria dos higienistas, sanitaristas, médicos e intelectuais brasileiros defenderia neste período. Apesar de haver intelectuais que aplaudiam tais medidas, entendemos que essas novas idéias assumidas por Renato Kehl consistiam na transposição para o Brasil de um modelo de eugenia que se formava, principalmente, na Alemanha, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Ainda que tenha sofrido algum processo de adaptação à realidade social, cultural e política brasileira, conforme comentamos anteriormente, essas concepções não perderam seu caráter radical e, muitas vezes, racista.

Em agosto de 1929, um pouco mais de um mês após o lançamento de “Lições de Eugenia”, o influente intelectual Gustavo Barroso, ou João do Norte como costumava assinar suas colunas, escreveu uma resenha no jornal *A Ordem* elogiando intensamente as idéias do eugenista brasileiro.<sup>433</sup> Nas palavras deste autor, nenhum país necessitava tanto melhorar sua raça quanto o Brasil, que em tempos passados já havia sido chamada “pela amável população do Prata” de nação formada por “símios”, “macacos” ou “macaquitos”.<sup>434</sup> Como destacava Gustavo Barroso, com a “cruzada pró-melhoramento” que o “sábio” e “bandeirante” Renato Kehl vinha a mais de quinze anos empreendendo com a divulgação da eugenia, os brasileiros passavam a se interessar “pelos problemas vitais de toda a ordem”, sobretudo o problema do melhoramento da nacionalidade. Em

---

<sup>432</sup> Idem, p. 155-156.

<sup>433</sup> Gustavo Barroso foi jornalista, escritor, historiador e deputado federal entre 1915 a 1918. Além de dirigir a Revista Fon-Fon e o Museu Histórico Nacional, publicou dezenas de obras que o levaram a Academia Brasileira de Letras, da qual foi eleito presidente, em 1923. Durante os anos 1930, Gustavo Barroso participou ativamente como militante da Ação Integralista Brasileira, partido fundado por Plínio Salgado, em 1932. Declaradamente anti-semite, foi responsável pela existência de um movimento discriminatório contra os judeus no Brasil, sobretudo durante os anos 1930 (Sobre o pensamento de Gustavo Barroso ver MAIO, Marcos Chor. *Nem Rothschild nem Trotsky: o pensamento antisemita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro, Editora Imago, 1992).

<sup>434</sup> NORTE, João do (Gustavo Barroso). Lições de Eugenia. *Jornal A Ordem*. Rio de Janeiro, 04 ago. 1929 (Recorte Avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC). Esta resenha foi publicada também no Boletim de Eugenia, sob o título “O Brasil e a Raça”. Boletim de Eugenia. Rio. Agosto de 1929, ano 1, nº 8, p. 04.

suas palavras, “Lições de Eugenia” se resumia num “livro de patriotismo e de ciência, livro necessário, imprescindível mesmo a todos quanto queiram estudar e conhecer os nossos problemas para se abaterem pela sua solução”.<sup>435</sup>

No entanto, como argumentamos anteriormente, as idéias contidas na obra de Renato Kehl foram recepcionadas entre seus pares com muita polêmica. Durante o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, o livro de Renato Kehl foi motivo de discussões entre os participantes, sobretudo nas seções em que discutiram os problemas antropológicos e a imigração no Brasil. Ao contrário das palavras de elogios que alguns intelectuais e a própria imprensa vinha apresentando, o antropólogo Álvaro Fróes da Fonseca, pesquisador do Museu Nacional do Rio de Janeiro, atacou abertamente as idéias “preconceituosas” e “doutrinárias” que Renato Kehl defendia em “Lições de Eugenia”. Infelizmente, ressaltava Fróes da Fonseca com veemência,

Enquanto vai a ciência abrindo penosamente o seu caminho, segue-lhe os passos dos aproveitadores do momento, dos que, à sombra do seu prestígio, fazem de hipóteses dadas como fatos, de afirmações transfiguradas em documentos, de fragmentos doutrinários torcidos e ajeitados a qualquer tese e tudo bem vestido de eloquência, a obra que se populariza por que não combate senão favônios preconceitos reinantes (...). E mais que tudo, é lamentável que tais coisas façam prosélitos e encontrem repetidores que querem a viva força criar o preconceito racial, com toda a gravidade dos seus problemas, onde ele é, mercê de Deus, praticamente melhor. Tal é o caso infelizmente do livro que acaba de ser distribuído, por ocasião deste congresso, pelo Dr. Renato Kehl, sob o título ‘Lições de Eugenia’.<sup>436</sup>

De acordo com as palavras deste antropólogo, as idéias do Doutor Renato Kehl se resumiam em ideologias doutrinárias, em teses e afirmações preconceituosamente “torcidas e “ajeitadas” conforme seus interesses. Aos olhos de Fróes da Fonseca, portanto, o autor de “Lições de Eugenia” não fazia ciência, espalhava preconceitos. Era preciso ressaltar, dizia ele, que a ciência antropológica não compartilhava e não tinha nenhuma responsabilidade pelos erros ou pelas “afirmações transfiguradas” que essa obra irresponsavelmente apresentava.<sup>437</sup> Sua lamentação era ainda maior quando constatava que a falsa ciência

---

<sup>435</sup> Idem.

<sup>436</sup> FONSECA, Álvaro Fróes da. Os Grandes Problemas da Antropologia. In: *Actas e Trabalhos ...* op. cit., 1929, p. 78.

<sup>437</sup> Idem.

construída por Renato Kehl vinha encontrando “prosélitos” e “repetidores”, muitos deles dispostos a anunciarem esses preconceitos entre os intelectuais e o público brasileiro.

De certo modo, as posições diametralmente opostas que aparecem nos textos de Gustavo Barroso e Fróes da Fonseca, sintetizam a maneira como os intelectuais brasileiros ficaram divididos entre a simpatia e a recusa às idéias eugênicas divulgadas por Renato Kehl em “Lições de Eugenia”. É possível dizer que as discussões científicas que surgiram fortemente neste período, sobretudo após a realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, consistiam tanto em expressar o pensamento intelectual e os sentimentos destes personagens em relação a realidade brasileira, quanto num jogo de forças travado para decidir sobre as posições dentro deste campo científico. De maneira geral, entendemos que as divergências e os conflitos na disputa pela autoridade científica, a aproximação e o distanciamento em relação a algumas concepções que passaram a demarcar o debate eugenista brasileiro, ajudavam a definir, acima de tudo, qual modelo de eugenia assumiria a hegemonia no interior deste campo.

O conhecimento antropológico que Fróes da Fonseca acionava para desarticular as convicções científicas de Renato Kehl, tinha origem num discurso científico muito mais institucionalizado do que aquele pelo qual se apoiava o autor de “Lições de Eugenia”. De certo modo, a ciência antropológica produzida no Museu Nacional apresentava-se como um campo científico mais autônomo, já que estava vinculada aos estudos antropológicos que remontava a uma tradição científica formada ainda no século XIX pelos antropólogos do próprio Museu.<sup>438</sup> Podemos dizer que ao acusar Renato Kehl de se aproveitar de seu “prestígio” para legitimar “afirmações transfiguradas” e “ajeitadas a qualquer tese”, Fróes da Fonseca se referia ao reconhecimento que este eugenista havia conquistado nos últimos anos fora do campo científico. Apesar do caráter heterônomo desse campo, o prestígio público que Kehl havia adquirido em seu trabalho de divulgação da eugenia parecia não se converter em crédito científico entre um grupo importante de intelectuais brasileiros, sobretudo dos pares-concorrentes que tentavam impor um “modelo” de ciência alternativo àquele divulgado por Kehl. Na concepção de Fróes da Fonseca, a obra “Lições de Eugenia” não deveria ser reconhecida como um trabalho legitimamente científico, já que o

---

<sup>438</sup> Sobre a tradição da Antropologia Física no interior do Museu Nacional ver CASTRO-FARIA, Luís de. Pesquisas de antropologia física no Brasil. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, nº 13, 1952, pp. 1-106; SANTOS, Ricardo Ventura. op. cit., 2002.



autor deste livro se caracterizava como divulgador de “favônios preconceitos” e de ideologias oriundas de uma “ciência transfigurada”. Neste sentido, o que estava em jogo nesta disputa, além de todas as conseqüências políticas e sociais, era a definição mais apropriada de conceitos e argumentos científicos que permitissem a estes intelectuais ocupar legitimamente uma posição dominante no campo científico.

Sintomaticamente, apesar das críticas formuladas por alguns intelectuais brasileiros, vários eugenistas da América Latina, da Europa e dos Estados Unidos saudaram o livro de Renato Kehl com bastante entusiasmo. Em agosto de 1929, o cientista alemão Eugen Fischer, por exemplo, cujos trabalhos antropológicos se caracterizaram por um pensamento marcadamente arianista,<sup>439</sup> agradecia através de correspondência escrita a Renato Kehl pela remessa “do belo livro” que acabava de ser publicado pelo eugenista brasileiro. Segundo Fischer, “Lições de Eugenia” prestava um grande serviço em prol da campanha pela eugenia, “especialmente num país como o Brasil”, se referindo provavelmente as questões eugênicas relacionadas à miscigenação racial brasileira.<sup>440</sup> Dos Estados Unidos, o eugenista E. S. Gosney parabenizou Renato Kehl pela publicação de um “trabalho tão compreensível e bem equilibrado para aqueles que lêem em língua portuguesa”. Em suas palavras, as idéias defendidas por Kehl, sobretudo aquelas relativas à esterilização, “parecem muito legítimas e convincentes, sendo que muito influirão, dado o peso de sua autoridade na matéria”.<sup>441</sup> Como que para incentivar a campanha de Renato Kehl em defesa da esterilização dos indivíduos “inaptos”, Gosney destacava que “embora os países latinos sejam relutantes para aceitar a esterilização compulsória, é bem possível que uma

---

<sup>439</sup> Eugen Fischer foi um dos principais entusiastas do arianismo germânico, responsável por reavivar as teses raciais na Alemanha dos anos 1920. Através da ênfase no conceito de *rassenkunde* (ciência da raça), divulgou o que ele chamava de antropobiologia, compilando a partir de gráficos e tabelas, a “evolução” de determinados caracteres físicos do “povo alemão”. Com a ascensão do Partido Nacional Socialista ao poder, em 1933, e com a morte do mais eminente cientista alemão, Rudolf Martin, Fischer assumiu a reitoria da renomada Universidade de Berlim, o que o possibilitou assessorar instituições ligadas a “higiene racial” e a educação. Nos anos seguintes, juntamente com Ploetz, Lenz e outros eugenistas, transforma-se num dos principais nomes a participar da “Corte de Higiene Racial”, responsável pelas práticas de esterilização compulsória e extermínio empreendida pelos nazistas. Ao longo de sua trajetória, Fischer exerceu uma influência permanente numa grande geração de médicos, biólogos, eugenistas e antropólogos de vários países, inclusive na América Latina (CUNHA, Olívia Maria Gomes da. op. cit., 1999, p. 301).

<sup>440</sup> Correspondência de Eugen Fischer a Renato Kehl. Berlim, 16 ago 1929 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC). Como forma de fazer publicidade do sua própria obra, essa correspondência foi traduzida para o português e publicado no Boletim de Eugenia. A Propósito de um livro. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano 1, nº 9, set 1929, p. 2.

<sup>441</sup> Correspondência de E. S. Gosney a Renato Kehl. Califórnia, 15 nov. 1929, (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

larga propaganda de esterilização voluntária seja recebida com aprovação”.<sup>442</sup> Para o eugenista argentino Victor Delfino - conforme destacava no *El Siglo Médico*, de Buenos Aires -, o livro “Lições de Eugenia” reafirmava a posição de Renato Kehl como um dos principais eugenistas da América. Em seu ponto de vista, a recente obra publicada por Kehl sintetiza de “forma notável” “as numerosas questões que envolvem o problema eugênicos, que é o problema da raça”. Ao contrário das palavras de Fróes da Fonseca, para Victor Delfino, “o livro do Dr. Kehl está metodicamente tratado e com informações científicas das mais sérias”, escrito por um “grande espírito”, um homem “apaixonado pela ciência”.<sup>443</sup>

Neste sentido, se por um lado à divulgação e as controvérsias da obra “Lições de Eugenia” geraram um certo desconforto entre um grupo de intelectuais brasileiros - o que transformou o nome de Kehl numa personalidade polêmica -, por outro, o reconhecimento de importantes eugenistas estrangeiros foi fundamental para que aumentasse o seu prestígio e legitimidade fora do Brasil. Aliás, podemos afirmar que as constantes referências que Renato Kehl passou a fazer aos pressupostos da “eugenia negativa”, especialmente aqueles defendidos por eugenistas como Eugen Fischer, Alfred Grotjahn, Herman Lundborg, Leonard Darwin e Charles Davenport, transformaram-se num meio pelo qual Renato Kehl procurou definir uma posição diferenciada no interior do campo científico brasileiro, o que o afastou consideravelmente das concepções mais correntes que permeavam o pensamento eugênico nacional.

No próximo capítulo, procurarei explorar mais precisamente o modelo de eugenia que Renato Kehl passou a defender após essa ruptura que marcou seu pensamento intelectual. Por outro lado, interessa-me, ainda, analisar as polêmicas e os confrontos que os eugenistas brasileiros travaram para definir suas idéias eugênicas e o espaço que ocupariam neste heterônimo campo científico, especialmente durante o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia.

---

<sup>442</sup> Idem.

<sup>443</sup> DELFINO, Victor. A propósito de um livro sobre eugenia. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano II, nº 21, set 1929, p. 4 (Este artigo foi publicado inicialmente no Jornal argentino *El Siglo Médico*, de Buenos Aires, na edição de 18 maio de 1930).

#### **CAPÍTULO IV – “QUEM É BOM JÁ NASCE FEITO”: AS CONSEQUÊNCIAS DA “EUGENIA NEGATIVA” NO PENSAMENTO DE RENATO KEHL (1928-1932)**

No final dos anos 1920, conforme enfatizei no capítulo anterior, o projeto eugênico de Renato Kehl ganharia progressivamente um novo tom, caracterizado pela sua aproximação em relação ao movimento eugenista alemão e norte-americano. Alguns dos pressupostos eugênicos mais radicais começavam a ser ressaltados com intensidade, sobretudo as concepções oriundas da “eugenia negativa”. Os argumentos em defesa de uma rigorosa seleção imigratória, do controle matrimonial, da intervenção na reprodução humana e da esterilização dos indivíduos “inaptos”, criminosos e portadores de doenças hereditárias - que até o final dos anos 1920 permaneceram nublados devido a sua estreita relação com o movimento sanitarista -, ganhavam nesta época contornos que se manifestavam de forma bem definida.

Após a publicação de “Lições de Eugenia”, Renato Kehl manteve seus esforços no sentido de estreitar seu contato com os programas eugênicos que vinham sendo construídos fora das fronteiras nacionais. Contudo, apesar da forte influência que eugenia alemã e norte-americana exercia sobre o pensamento deste autor, é preciso ressaltar que isso não significou uma dependência teórica de um modelo científico simplesmente transposto para a ciência eugênica brasileira. Os programas eugênicos mais radicais, como o da higiene racial alemã, por exemplo, foram apropriados por Renato Kehl porque, para ele, apresentavam alternativas satisfatórias e bem reais para enfrentar os problemas nacionais, em especial o da formação racial brasileira.

Por outro lado, a ruptura que ocorreu no pensamento de Renato Kehl reconfigurou as próprias discussões do movimento eugenista brasileiro. Sua aproximação em relação aos programas eugênicos de cunho mais autoritários, não consistia exatamente em manter um distanciamento do pensamento médico-sanitarista brasileiro, mas, antes de tudo, em distinguir-se deste movimento como forma de construir um espaço de legitimidade para a ciência eugênica. Tal estratégia visava, por um lado, ampliar o poder social e o reconhecimento de Renato Kehl entre seus pares e, por outro, o de manter o domínio sobre a autoridade científica - aquilo que Pierre Bourdieu chamou de “monopólio da competência científica”, compreendida enquanto capacidade de falar e agir legitimamente.<sup>444</sup>

Todavia, como demonstramos anteriormente, apesar do prestígio que Renato Kehl vinha conquistando, sua autoridade científica neste campo estava longe de se transformar num monopólio. As críticas emitidas por Fróes da Fonseca, por exemplo, explicitavam a falta de consenso que as idéias de Kehl apresentavam entre seus pares. De maneira geral, as concepções dos médicos, higienistas, educadores e antropólogos eram mais compatíveis com os paradigmas vividos por este campo científico no Brasil, do que as asserções radicais defendidas por Renato Kehl.

De maneira geral, meu objetivo neste capítulo consistirá em investigar como a própria consolidação do movimento eugênico brasileiro, aliado aos crescentes debates sobre os estatutos científicos que constituíam esse saber, conduziram a uma série de polêmicas levantadas por Renato Kehl quanto à especificidade da eugenia e da “correta” aplicação de suas práticas. Assim, procurarei compreender o significado da distinção que este autor passou a fazer entre eugenia e higiene, ou “eugenismo”, o que o distanciava da grande maioria dos eugenistas brasileiros. Por outro lado, pretendendo analisar de que maneira, exatamente num período de calorosas discussões sobre o que deveria ser a eugenia, Renato Kehl procurou definir um conceito menos amplo para essa ciência, o que em sua concepção possibilitaria ocupar um espaço de exclusividade e maior legitimidade no interior do campo científico.

---

<sup>444</sup> BOURDIEU, Pierre. op. cit., 1983, p. 123-124.

Por último, tratarei, aqui, de investigar as idéias e o posicionamento de Renato Kehl quanto ao debate sobre a questão racial brasileira e a formação da nacionalidade. A partir do final dos anos 1920, esta seria uma preocupação constante que aparecia em seus escritos, como em sua obra “Lições de Eugenia” e nos artigos publicados na imprensa nacional ou através do *Boletim de Eugenia*. Meu objetivo consistirá em apreender o distanciamento que o pessimismo de Renato Kehl assumiu em relação a outros eugenistas brasileiros que, em sua maioria, consideravam a miscigenação nacional como uma “mestiçagem eugênica”, conforme definia o antropólogo Roquette-Pinto durante o congresso de eugenia de 1929. Procurarei ressaltar o racismo biológico de Renato Kehl e os seus argumentos que afirmavam, de maneira geral, ser a miscigenação e o homem mestiço os principais entraves para regeneração e a civilização do Brasil.

## 1. Eugenia não é “eugenismo”

Ao longo de sua trajetória intelectual, Renato Kehl elaborou constantes sínteses sobre o desenvolvimento e a história do movimento eugenista brasileiro, ressaltando sempre a sua atuação como líder desse movimento e como o principal propagandista do pensamento eugênico no Brasil. Em sua conferência pronunciada durante o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado em julho de 1929, na cidade do Rio de Janeiro, Renato Kehl destacou que até 1917, quando assumiu a divulgação da “ciência de Galton” no Estado de São Paulo, o movimento eugenista ainda não havia se formado. Até aquele momento, destacava esse autor, a eugenia teve como “cultores-propagandistas” somente alguns “articulistas”.<sup>445</sup> Em suas palavras, as idéias eugênicas parecem que não haviam interessado “os nossos homens de ciência”, os jornalistas e estudiosos. “A doutrina teria, talvez, sido mal compreendida”, como explicava aos participantes do congresso, “e muito pouco do que se passava no estrangeiro se tornava conhecido, *porque o maior esforço era feito em países onde se falava o inglês e o alemão*”. Contudo, concluía Renato Kehl com entusiasmo, “chegou, afinal, o dia de iniciar a minha propaganda”.<sup>446</sup>

---

<sup>445</sup> KEHL, Renato. A Eugenia no Brasil... In: *Actas e Trabalhos ...* op. cit., 1929, p. 53 [sem grifo no original].

<sup>446</sup> Idem.

Estas palavras, ditas em 1929, mais precisamente durante o maior congresso de eugenia realizado até então na América Latina, apresentavam alguns significados especiais. Por um lado, Renato Kehl enfatizava aos seus pares que a organização do movimento eugênico tinha sido um esforço, acima de tudo, dele próprio, tendo em vista que o sucesso da campanha teria dependido da propaganda eugênica iniciada em 1917. Por outro, destacava o desconhecimento dos intelectuais brasileiros em relação aos estudos eugênicos produzidos nos países de língua inglesa e alemã, onde, segundo ele, era feito o maior esforço em prol da ciência eugênica. Curiosamente, Renato Kehl fazia essas afirmações exatamente num momento em que sua atenção se deslocava insistentemente em direção às idéias mais radicais que fervilhavam no norte da Europa e nos Estados Unidos. Enquanto a maioria dos eugenistas brasileiros permaneciam atrelados às concepções da eugenia latina – caracterizada por um modelo de eugenia mais “suave”<sup>447</sup> –, Renato Kehl acreditava que o foco dos eugenistas deveria se deslocar para os programas eugênicos que eram desenvolvidos nos países como a Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. De maneira geral, as críticas lançadas contra Kehl originavam-se exatamente deste distanciamento que ele vinha demarcando em relação à eugenia latina, tendo em vista que esse era o paradigma que norteava as preocupações dos “nossos homens de ciência”.

Como destacamos anteriormente, o livro “Lições de Eugenia” se caracterizou pela afirmação de uma mudança que já vinha ocorrendo no pensamento deste autor, especialmente em relação a uma aproximação mais clara com os pressupostos da “eugenia negativa”. O modelo de eugenia “preventiva”, que no Brasil se confundia com o papel que a educação, a higiene e a medicina social deveriam desempenhar, passava a ser questionado por Renato Kehl como a forma de intervenção eugênica mais adequada para melhorar as qualidades raciais da população. Conforme ressaltava durante o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, apesar da educação representar um importante instrumento para o progresso social, é na aplicação das leis da hereditariedade que se encontra a alavanca mestra do progresso biológico. Em seu ponto de vista, os fatos históricos demonstravam que a educação e as mudanças do ambiente

(...) não bastam para moderar as paixões, para tornar a humanidade melhor, mais equilibrada... Isto porque *o homem continuou escravo de sua natureza*

---

<sup>447</sup> STEPAN, Nancy. op. cit., 2005.

*particularíssima (...), preso a uma força que o subjuga biologicamente, que lhe imprime o temperamento, o caráter, de modo inexorável, - a hereditariedade*<sup>448</sup> [sem grifo no original]

Segundo este autor, “fazer homens bons ou maus”, torná-los “eugenicamente superiores”, não dependeria da alimentação, do clima, da religião e da cultura, dependeria antes da “alavanca mestra do progresso biológico que é a aplicação das leis da hereditariedade, segundo os preceitos da eugenia”.<sup>449</sup> Deste modo, assumindo um ponto de vista do determinismo biológico,<sup>450</sup> e distanciando-se dos preceitos da medicina social que ele próprio havia defendido durante os anos 1920, Renato Kehl afirmava que “enquanto o problema da regeneração humana não for encarado sob o ponto de vista biológico”, não deixariam de existir “os contrastes sociais e individuais, as crises e ameaças à paz na família, na sociedade e entre as nações”.<sup>451</sup> Esta concepção determinista decorria de uma visão biológica obsessiva sobre as diferenças entre os indivíduos, centrada acima de tudo nos princípios da hereditariedade enquanto paradigma eugênico. Ao final de sua conferência, Renato Kehl lembrava aos eugenistas presentes nesse congresso que era preciso trabalhar com vistas à “por moldura digna no grande quadro da natureza”.<sup>452</sup>

A conferência de Renato Kehl, assim como vinha acontecendo com a maioria de seus trabalhos científicos, despertou a atenção até mesmo de intelectuais que não participavam diretamente das discussões eugênicas. Após ler a conferência deste autor, Monteiro Lobato saudaria a coragem e o entusiasmo de seu amigo, que, em sua expressão, parecia um “D. Quixote científico” pregando com grande entusiasmo à “uma legião de Panças”.<sup>453</sup> Como destacava através de correspondência enviada a Renato Kehl,

---

<sup>448</sup> KEHL, Renato. A Eugenia no Brasil... In: *Actas e Trabalhos ...* op. cit., 1929, p. 47.

<sup>449</sup> Idem.

<sup>450</sup> Segundo Marcos Chor Maio o determinismo biológico pode ser entendido como um “conjunto de idéias que parte do pressuposto que normas comportamentais compartilhadas, e diferenças econômicas e sociais entre grupos humanos, surgem de distinções inatas herdadas. Em outras palavras, concebe a sociedade como um reflexo preciso dos condicionantes biológicos” (MAIO, Marcos Chor. “A nação no microscópio”: intelectuais médicos e ordem social no Brasil. *Siglo XIX – Revista de História*. México, nº 12, jul. – dez. 1992, pp. 41-62).

<sup>451</sup> Idem, p. 48.

<sup>452</sup> Idem, p. 58.

<sup>453</sup> Correspondência de Monteiro Lobato a Renato Kehl. Nova York, 09 out 1929 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

O que dizes é o que há de sensato, de sábio, de útil, de interessante, mas haverá quem te ouça? Haverá quem acorde? O nosso pobre país dorme o sono da lambança mais completa e sórdida. Não vê nada, não quer ver nada, procura iludir-se com um milhão de mentiras e só recompensa aos que lhe mentem e lhe lisonjeiam as fraquezas<sup>454</sup>.

Segundo Monteiro Lobato, Kehl deveria tomar cuidado com as “idéias verdadeiras” que vinha defendendo com tão grande empenho. Em sua concepção, a “legião de Panças”, referindo-se aos intelectuais que participaram do congresso de eugenia, poderiam não compreender as palavras “sensatas” e “interessantes” que Renato Kehl divulgava. Lobato chamava a atenção de seu amigo para a maneira como a recente publicação da obra “Retrato do Brasil”, publicada em 1928 por Paulo Prado, vinha sendo recebida entre os brasileiros. Nas palavras de Monteiro Lobato,

O livro do Prado é terrível, é retrato fidelíssimo. Prado portanto deve estar muito mal visto. Falar a verdade passou a ser crime entre nós. Você vai-lhe nas águas. Diz tudo que é preciso dizer. Cuidado! Eles acabam te linchando. Nossa gente quer dopes, cocaínas – ilusão. Está apodrecendo e em vez de curar-se, perfuma-se. É vivendo num país como este que se pode alcançar toda a sua extensão e miséria econômica, física, biológica e moral da nossa pobre terra. Rasgue esta incontinente, meu caro, antes que alguém meta o nariz nela. Tudo que te digo é estritamente confidencial e só pode ser dito a um espírito superior como o teu<sup>455</sup> [grifo no original].

Compartilhando com Renato Kehl de um ponto de vista bastante pessimista, Monteiro Lobato parecia - assim como ocorreu com Kehl - ter mudado suas concepções intelectuais sobre a realidade brasileira. Se no final dos anos 1910 esse autor apresentava-se otimista com o discurso sanitarista que prometia regenerar o seu “Jeca-Tatu”, agora, no final dos anos 1920, seu pessimismo aparecia marcado por um forte preconceito contra, o que ele mesmo definiu, de a “entorpecida” e “miserável” população brasileira.

De maneira semelhante às idéias contidas em “Lições de Eugenia”, a conferência pronunciada durante o congresso de 1929 se caracterizou pelas muitas referências à eugenia européia e norte-americana, chegando, inclusive, a citar o eugenista Hans Krauss em alemão. Nas palavras de Kehl, este autor demonstrou que “toda a nossa política deve aproveitar-se, mais que tudo, dos dados da evolução, bem como da higiene racial”, o que

---

<sup>454</sup> Idem.

<sup>455</sup> Idem.



justificava afirmar que a “ordem social” deveria ser constituída a partir de “fundamentos fisiológicos”, e que toda política deveria “ser essencialmente uma política do futuro, uma política biológica”.<sup>456</sup>

Fortemente seduzido pelas concepções da eugenia alemã, Renato Kehl passou a se referir com muita frequência às teorias desenvolvidas no final do século XIX pelo biólogo e eugenista August Weismann, professor de zoologia da Universidade de Freiburg.<sup>457</sup> A teoria weismaniana exerceu um papel essencial tanto sobre a noção de hereditariedade, quanto do próprio conceito de eugenia que Renato Kehl assumiu nesta época. Contrapondo-se a tradição ambientalista de Jean Baptiste Lamarck, que supunha a herança dos caracteres adquiridos, Weismann afirmava que o plasma germinativo seria totalmente independente da célula da reprodução, o “somoplasma”, sendo transmitido de uma geração para a seguinte sem alterações influenciadas pelo meio externo. Suas “ousadas” considerações acerca da evolução e da hereditariedade humana, principalmente em relação a sua rejeição às convicções lamarckianas, foram os motivos principais que despertaram o entusiasmo do pensamento biológico na passagem do século XIX para o XX.<sup>458</sup>

No início do século XX, com a redescoberta das leis de Gregor Mendel sobre a recombinação de caracteres hereditários em plantas, as idéias de Weismann e Mendel acabaram formando uma síntese em relação à compreensão que biólogos e eugenistas passaram a desenvolver sobre o funcionamento da hereditariedade humana. Segundo Nancy Stepan, a demonstração quanto a estabilidade dos caracteres mendelianos durante os cruzamentos genéticos, que ressurgiam inalterados nas gerações subsequentes, “parecia confirmar a noção de Weismann sobre a autonomia e a inviolabilidade do plasma germinativo em que o material hereditário era transportado”.<sup>459</sup> Essa associação entre mendelismo e weismanismo, sobretudo no que diz respeito a independência das unidades hereditárias em relação às influências do meio ambiente, foram fundamentais para que os

---

<sup>456</sup> KRAUSS, Hans. Apud KEHL, Renato. Esboço histórico e bibliográfico..., op. cit., 1929, p. 49-50.

<sup>457</sup> Em relação à obra de August Weismann, e em especial às suas concepções evolucionistas sobre a continuidade do plasma germinativo, ver MARTINS, Lílian Al-Chueyr Pereira. August Weismann e a Evolução: os diferentes níveis de seleção. *Revista da Sociedade Brasileira de História das Ciências*. Rio de Janeiro, nº 1, 2003, pp. 53-75; CASTAÑEDA, Luzia Aurélia. op. cit., 1998.

<sup>458</sup> STEPAN, Nancy. Op. Cit., 2005, p. 32-33.

<sup>459</sup> Idem, p. 33.

eugenistas concluíssem que a hereditariedade seria formada por características eminentemente associada a linhagem biológica dos indivíduos, e não a vida social.<sup>460</sup>

Em “Lições de Eugenia”, Renato Kehl dedicou um capítulo de suas 12 lições para discutir o pensamento de August Weismann e sua contribuição para o “aprimoramento” das idéias eugênicas. Nas palavras de Kehl, Weismann era responsável, ao lado de Darwin e Mendel, pelo conhecimento atual dos fenômenos da reprodução humana, dos conceitos da hereditariedade e da eugenia.<sup>461</sup> Distanciando-se das concepções neolamarckistas que predominavam no pensamento eugênico brasileiro e latino-americano, Renato Kehl explicava que “as objeções contra a hereditariedade dos caracteres adquiridos tornam-se, cada vez, mais incisivas”, ressaltando que “quase todos os argumentos empregados em prol da idéia lamarckiana, servem, unicamente, para demonstrar que *há caracteres que se adquirem, mas não existem caracteres que se transmitam hereditariamente*”.<sup>462</sup> Como explicava esse autor, a hereditariedade deveria ser compreendida da seguinte maneira:

No nosso modo de pensar, [a hereditariedade] *é a disposição particularíssima da “matéria-viva” de conservar íntegra a sua constituição específica (forma e função) através de gerações sucessivas*. Equivale em outras palavras, à fixidez, à tendência inata, peculiar aos seres vivos, de manterem sempre a mesma morfologia, sempre a mesma fisiologia, a despeito das influências do meio e de outras circunstâncias que atuam, benéfica ou maleficamente, sobre eles.

A hereditariedade consiste, em suma, num complexo bio-conservador que resiste à tendência evolutiva sem, entretanto, se mostrar absolutamente incompatível com uma lenta evolução dos organismos.<sup>463</sup>

A noção de que a hereditariedade era constituída a partir de tendências “inatas” e “fixas”, que independia das influências do meio, distanciava-o consideravelmente das concepções neolamarckistas e, em contrapartida, o aproximava das teorias deterministas de Weismann. Na verdade, Renato Kehl conhecia parte significativa das idéias de August Weismann desde sua passagem pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, quando teve seus primeiros contatos com a obra deste autor. Todavia, as novas idéias de Weismann

---

<sup>460</sup> Idem, p. 35.

<sup>461</sup> KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. op. cit., 1929, p. 51.

<sup>462</sup> Idem, p. 128 [grifo no original].

<sup>463</sup> Idem, p. 69 [grifo no original].

sobre hereditariedade, que durante muito tempo foram amplamente utilizadas pelos eugenistas alemães, passaram a despertar maior atenção no pensamento de Renato Kehl a partir do final da década de 1920. Pautada por uma visão biologicamente determinista sobre a constituição humana, os pressupostos weismanianos colaboraram profundamente para formar conceitos mais “duros” sobre o modelo de eugenia ao qual Renato Kehl vinha se apropriando. Deste modo, entendemos que a simpatia que o eugenista brasileiro nutria pelas medidas eugênicas mais radicais, como a esterilização, o controle da reprodução humana e dos matrimônios, restrição à imigração, além da segregação racial, estavam diretamente associados aos pressupostos oriundos das teorias sobre a hereditariedade weismaniana.

Estas discussões sobre as práticas eugênicas e os fundamentos que constituíam essa ciência - entre um ponto de vista mais ambientalista e sociológico e outro estritamente biológico - também seriam motivos de polêmicas e conflitos entre os eugenistas que participavam do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Logo na abertura deste evento, o diretor do Museu Nacional, o antropólogo Edgar Roquette-Pinto, cujo nome havia sido escolhido para presidir o congresso, destacava que apesar de valorizar a higiene e a medicina social como forma de restaurar a saúde racial, era necessário, acima de tudo, “melhorar o patrimônio biológico do nosso povo”.<sup>464</sup> Com os olhos voltados para os pressupostos da genética mendeliana, Roquette-Pinto frisava que durante muito tempo se supôs “que o meio dominava os organismos, e que, portanto, a medicina e a higiene resolveriam o problema da saúde; mas a ciência demonstrou haver alguma coisa que independe da higiene: é a semente, a herança, que depende da eugenia”.<sup>465</sup> Embora acreditasse que o meio só poderia modificar os caracteres somáticos, este antropólogo entendia que a qualidade da “combinação racial” formada pela herança mendeliana, conjugada à uma política social de combate às doenças e às péssimas condições de vida da população nacional, determinariam a qualidade racial dos “tipos brasileiros”.<sup>466</sup>

Vale destacar que o antropólogo Roquette-Pinto já havia defendido os pressupostos mendelianos em sua obra “Seixos Rolados - estudos brasileiros”, livro de ensaios

---

<sup>464</sup> ROQUETTE-PINTO, Edgar. Discurso de abertura do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. op. cit., 1929, p. 11.

<sup>465</sup> Idem.

<sup>466</sup> CUNHA, Olivia Maria Gomes da. Op. cit., 1999, p. 291.

publicado em 1927.<sup>467</sup> Nesta obra, como destaca Nancy Stepan, Roquete-Pinto “definira a eugenia como um método de seleção artificial da hereditariedade humana baseado em três componentes das modernas genética-citologia, biometria e biologia experimental.”<sup>468</sup> Contudo, mesmo compartilhando das noções eugênicas oriundas das discussões sobre a hereditariedade mendeliana e weismaniana, próximas daquelas defendidas por Renato Kehl, Roquette-Pinto procurava se distanciar das medidas eugênicas mais “duras” e racistas, como a segregação racial e a esterilização. Na verdade, o antropólogo do Museu Nacional continuaria a enfatizar medidas sanitárias e higiênicas, não para o melhoramento genético da população, mas das condições atuais de vida.

O geneticista André Dreyfus, que viria a ser um dos pioneiros da genética mendeliana no Brasil,<sup>469</sup> especialmente após a Fundação da Universidade de São Paulo, apresentou durante o congresso de eugenia um trabalho intitulado “O estado atual do problema da hereditariedade”, no qual destacou a importância das leis de Gregor Mendel para a pesquisa genética moderna. Em suas palavras, os eugenistas que ainda acreditavam que ambiente favorável, instrução e boa alimentação “seriam capazes de influenciar o patrimônio hereditário”, precisariam abandonar seus pressupostos científicos, já que a teoria mendeliana havia provado o contrário, ou seja, que a hereditariedade era uma função dos caracteres biológicos inatos.<sup>470</sup>

No entanto, o ataque às concepções neolamarckistas não inibiram muitos dos médicos, educadores, higienistas e eugenista que compartilhavam destes pressupostos ambientalistas. O melhor exemplo pode ser encontrado na conferência que o médico Levi Carneiro - que presidiu a seção sobre “Educação e Legislação” - realizou durante o congresso de eugenia. Carneiro ressaltava que apesar dos avanços das pesquisas sobre hereditariedade, não era concebível que o meio ambiente, a educação e outras leis sociais

---

<sup>467</sup> ROQUETTE-PINTO, Edgar. *Seixos rolados – estudos brasileiros*. Rio de Janeiro. Editora Mendonça, Machado e Co., 1927.

<sup>468</sup> STEPAN, Nancy. Op. cit., 2005, p. 101.

<sup>469</sup> É necessário destacar que os trabalhos sobre genética mendeliana no Brasil, especialmente a partir do final dos anos 1920, ganharam um forte impulso de cientistas envolvidos com as pesquisas agrícolas. Um exemplo disso pode ser observado pelos nomes de geneticistas como Octávio Domingues e Toledo de Piza Júnior, ambos da Escola Agrícola Luiz de Queiroz, da cidade de Piracicaba, interior de São Paulo, os quais participaram também como propagandistas da eugenia no Brasil.

<sup>470</sup> DREYFUS, André. O estado actual do problema da hereditariedade. In: *Actas e Trabalhos ... op. cit.*, pp. 87-97.

não fossem consideradas fundamentais para o melhoramento racial da humanidade. Em suas palavras, a educação deve ser compreendida como “o corretivo necessário da hereditariedade em cada indivíduo”, cabendo a ela a “educação moral”, “a ação corretiva, reparadora, saneadora”,<sup>471</sup> Ao final da conferência, Levi Carneiro insistia na importante relação que existia entre a eugenia, a educação e a hereditariedade:

O ensinamento da eugenia é, afinal, o mesmo da educação; a defesa da raça depende, como a do indivíduo – da educação. Só a educação completa a obra estrita da Eugenia. Dá à semente o campo, ambiente em que se desenvolva, floresça e frutifique. A eugenia é uma colaboradora da educação, não uma adversária. Aproveitamos-nos dela”.<sup>472</sup>

No ponto de vista de Levi Carneiro, assim como entendiam muitos dos eugenistas, médicos, educadores e sanitaristas brasileiros, as leis sociais, a higiene e a educação em muito poderiam contribuir para as práticas eugênicas regeneradoras, transformando os homens “amolentados” em “tenazes e intrépidos”, os “feios” em “rijos”, os “incultos” em “sagazes e inteligentes”; enfim, um “povo verdadeiramente digno de seu habitat”.<sup>473</sup> Opinião semelhante apresentou o antropólogo Fróes da Fonseca, para quem as qualidades físicas e morais da população brasileira dependeria das boas condições de saúde e de um ambiente favorável, o que seria suficiente para “encarar com otimismo o futuro”.<sup>474</sup> Para este antropólogo, respondendo contra os pressupostos pessimistas de eugenistas como Renato Kehl, o problema eugênico do Brasil não era a questão racial ou a qualidade dos imigrantes que aqui aportavam, o “problema fundamental é o da educação em geral e o da higiene em especial”.<sup>475</sup>

Dos mais de 50 trabalhos apresentados durante o congresso, a maioria deles estavam relacionados às discussões que compunham os temas tradicionais da medicina social e da educação em geral. O conceito de hereditariedade eugênica permanecia, mesmo a contragosto de alguns eugenistas mendelianos ou weismanianos, estreitamente associado ao meio ambiente - à higiene, ao saneamento, a moral, a alimentação e a prática da

---

<sup>471</sup> CARNEIRO, Levi. Educação e Eugenia. op. cit., p. 111.

<sup>472</sup> Idem, p. 116.

<sup>473</sup> Idem.

<sup>474</sup> FONSECA, Álvaro Fróes. Op. Cit. , p. 79.

<sup>475</sup> Idem.

educação física. Estas divergências intelectuais que se constituíram durante o congresso de eugenia podem ser definidas, em primeiro lugar, como uma luta de interesses pela definição das práticas e das concepções que prevaleceriam como hegemônicas no interior do campo eugênico brasileiro e, em segundo lugar, como defesa ideológica e nacionalista de diferentes projetos de políticas públicas voltados para a resolução dos problemas nacionais. Em grande medida, acreditamos que a tradição do pensamento médico ambientalista desejava que a eugenia - vista como uma “ciência moderna” - continuasse compartilhando do ideário reformista e das políticas públicas dirigidas à ação médico-sanitária e da educação. Num outro ponto de vista, alguns eugenistas, sobretudo Renato Kehl, procuravam construir um conceito de eugenia restrito, que definisse um espaço mais claro sobre a atuação desta ciência enquanto ferramenta de intervenção pública. O confronto e as polêmicas em torno do significado da eugenia, portanto, não dizia respeito apenas às discussões sobre a defesa de conceitos científicos, era, antes de tudo, um conflito ideológico pela definição de projetos nacionais, uma luta de poder para estabelecer concepções legítimas dentro do campo científico.

Poucas semanas após o congresso, Renato Kehl passou a julgar que estaria ocorrendo “uma grande confusão em torno da eugenia”, tanto entre os intelectuais como entre o público brasileiro em geral. A partir do mês de agosto de 1929, Kehl começou a publicar uma série de artigos no *Boletim de Eugenia* e na imprensa diária, com o objetivo de esclarecer os leitores quanto o “verdadeiro” significado da ciência eugênica. Em artigo intitulado “Eugenia e Eugenismo”, Kehl lembrava que para muitas pessoas, “mesmo as cultas”, a eugenia “é considerada uma doutrina sem fronteiras, envolvendo tudo quanto se refere ao melhoramento do gênero humano”.<sup>476</sup> O próprio Renato Kehl, reforçando a mudança que havia ocorrido em suas concepções a partir do final dos anos 1920, confessava não ter feito “no início da campanha de propaganda em prol dessa ciência” uma delimitação mais clara quanto suas bases e seus propósitos.<sup>477</sup> Como ele mesmo frisava:

(...) visando despertar a atenção pública para o assunto, inteiramente novo e, portanto, desconhecido no nosso meio, dissemos, muitas vezes, que ‘educar é eugenizar’, ‘sanear é eugenizar’, sem esclarecer a razão dessas afirmativas

---

<sup>476</sup> KEHL, Renato. Eugenia e Eugenismo. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano 1, nº 8, ago 1929, p. 1.

<sup>477</sup> Idem.

breves e incisivas. Atualmente, porém, já é tempo de colocar os termos nos seus devidos lugares, evitando que se repitam confusões inconfessáveis.<sup>478</sup>

A ruptura que vinha ocorrendo em seu pensamento não o permitia mais aceitar os pressupostos básicos defendidos durante os primeiros anos de sua campanha eugênica, entre 1917 a 1927. Educar e sanear, como ele fazia questão de ressaltar, não mais corresponderia a praticar a eugenia. Para Renato Kehl, a eugenia deveria ser compreendida como “uma ciência de fronteiras perfeitamente delimitadas”, tendo como finalidade melhorar e proteger a espécie humana, em especial a “proteção das boas sementes”, “das células germinais”, e de “seus portadores”. Em suas palavras,

Poder-se-á definir Eugenia como sendo a ciência que tem por fim preservar e favorecer as boas disposições hereditárias do plasma germinativo. Ela corresponde à higiene específica das células de reprodução ou higiene da hereditariedade. Em outras palavras: Eugenia é a ciência da proteção e da seleção das sementes humanas. A sua finalidade, em relação às sementes, é a defesa da espécie pela manutenção e multiplicação das boas linhagens. No seu ponto de vista prático constitui uma verdadeira arte ou hominicultura, que se propõe a cultivar os bons espécimes, segundo as regras da hereditariedade.<sup>479</sup>

Seus conceitos científicos estavam, portanto, atravessados pelas noções da hereditariedade weismaniana e pelas concepções sobre a continuidade do plasma germinativo. A eugenia aparecia descrita neste momento como uma prática caracterizada pelo controle da reprodução humana, pela preservação das “boas linhagens” e pela valorização daquilo que Renato Kehl considerava como “qualidades inatas”. Por outro lado, ao referir-se a “higiene das células de reprodução” e a “higiene da hereditariedade”, termos empregados pelos eugenistas alemães, Renato Kehl indicava o modelo de eugenia ao qual estava se apropriando para construir o seu próprio conceito de eugenia.

Em sua compreensão, apesar da importância moral e civilizadora que a educação, o saneamento, a higiene, o esporte e a legislação poderiam apresentar para beneficiar a humanidade, estas práticas não deveriam ser incluídas nos propósitos da eugenia. Segundo Renato Kehl, as medidas sociais e ambientais, que não interferiam nas células da reprodução ou no valor da hereditariedade, corresponderiam de maneira geral ao

---

<sup>478</sup> Idem.

<sup>479</sup> Idem.

“eugenismo”. Em outras palavras, o “eugenismo” consistiria na aplicação da higiene, da educação e da medicina social, cujo objetivo consistia tão somente em “proteger e favorecer o indivíduo em relação a si próprio e ao meio que o cerca”, e não em relação à célula da reprodução e da descendência.<sup>480</sup>

No mês seguinte, em setembro de 1929, Renato Kehl publicou outro artigo no *Boletim de Eugenia* visando esclarecer as diferenças existentes entre a educação e a eugenia. Os horizontes da educação, em seu ponto de vista, seriam sempre limitados e impotentes porque esbarravam nas características biológicas inatas que constituíam o comportamento dos indivíduos, “não conseguindo domesticar”, por exemplo, um indivíduo “indócil”, cuja constituição mental seria resultante de um “processo hereditário irremovível”.<sup>481</sup> Renato Kehl acreditava que tanto “a individualidade, como a personalidade, - o modo de sentir, de agir, as tendências, os costumes, a capacidade intelectual ou física são reflexos desses caracteres inatos”.<sup>482</sup> Assim, tendo em vista que em sua concepção determinista “*quem é bom já nasce feito*”, este eugenista entendia que não haveria outro caminho para o melhoramento genético e racial da humanidade além da aplicação de um “recurso certo e radical”, o “recurso eugênico”. “Tudo o mais” - higiene, educação, conforto, progresso material -, concluía ele, “são apenas subsídios para a realização do grande ideal”.<sup>483</sup>

Ao definir mais precisamente o seu conceito de eugenia, e de dissociá-lo da higiene, da medicina social e da educação, o que Renato Kehl ambicionava, em suma, era reforçar a sua própria autoridade científica neste assunto, já que desatrelava a ciência eugênica de outras ciências onde ele não possuía uma posição hegemônica. Por outro lado, ao estabelecer um espaço disciplinar mais específico para a ciência eugênica, Renato Kehl buscava conquistar, para si próprio, maior legitimidade no interior do campo científico brasileiro. Em outras palavras, podemos afirmar que ao determinar o lugar da eugenia no discurso científico, Renato Kehl almejava encontrar o seu próprio lugar no mundo da ciência.

---

<sup>480</sup> Idem.

<sup>481</sup> KEHL, Renato. Educação e Eugenia. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano 1, nº 9, set 1929, p. 1.

<sup>482</sup> Idem.

<sup>483</sup> Idem.



Contudo, as condições de Renato Kehl neste jogo de disputas pela autoridade científica não eram muito favoráveis. Ao mesmo tempo em que desejava investir seus novos conhecimentos eugênicos para definir o espaço de exclusividade que a eugenia deveria ocupar no concerto das ciências, ele precisava também manter seu prestígio e sua legitimidade sem afastar antigos e importantes aliados, sobretudo os intelectuais ligados ao movimento médico-sanitarista. Sua ousadia em definir um conceito de eugenia mais radical, voltado para as discussões sobre reprodução humana e hereditariedade, e sua prudência em nomear as práticas da medicina social e da educação como pertencentes ao “eugenismo”, converteram-se numa estratégia bastante lucrativa para Renato Kehl, já que não romperia totalmente sua relação com os adeptos da medicina social. Aliás, é preciso ressaltar que toda escolha realizada no interior de um campo científico faz parte de uma estratégia política de investimento dirigida para a maximização do capital científico, isto é, para o reconhecimento dos pares-competidores.<sup>484</sup>

Apesar da distinção conceitual que Renato Kehl definiu entre a “eugenia” e “eugenismo”, é preciso ressaltar que a educação e a medicina social permaneceram, de alguma forma, como medidas auxiliares da eugenia, enquanto os sanitaristas e educadores continuaram como aliados dos eugenistas. Neste sentido, em resposta a esses incisivos artigos escritos por Renato Kehl, o sanitarista Belisário Penna resolveu contribuir para a discussão ao publicar, também no *Boletim de Eugenia*, um artigo sobre as concepções de eugenia e eugenismo. Nas palavras de Belisário, Renato Kehl deve ser considerado o “campeão da eugenia” no Brasil, tendo em vista que a ele se deve “a glória de haver despertado e estimulado a consciência nacional para os problemas de higiene da raça”.<sup>485</sup> Contudo, mesmo concordando com a distinção que Renato Kehl fazia entre eugenia e eugenismo, Belisário Penna entendia que a medicina social e a educação não deveriam ser consideradas apenas como práticas auxiliares da eugenia. Antes da aplicação dos preceitos de eugenia, enfatizava ele, “é indispensável praticar o eugenismo, isto é, preparar o

---

<sup>484</sup> HOCHMAN, Gilberto. A ciência entre a Comunidade e o Mercado: Leituras de Kuhn, Bourdieu, Latour e Knorr-Cetina. In: PORTOCARRERO, Vera. *Filosofia, História e Sociologia das Ciências: Abordagens Contemporâneas*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002, p. 210.

<sup>485</sup> PENNA, Belisário. Eugenia e Eugenismo. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, out 1929, ano I, nº 10, p. 3.

ambiente e o indivíduo para a boa geração, para a procriação de filhos física e psiquicamente hígidos”.<sup>486</sup>

Ao contrário de Renato Kehl, o sanitarista Belisário Penna procurava manter os pressupostos sociais e ambientais como práticas que deveriam anteceder a qualquer outra medida eugênica. Segundo seu ponto de vista, sem o saneamento, a higiene, a medicina social e a educação, a eugenia perderia seus alicerces, sem os quais ela não poderia ser praticada “se não de modo deficiente, em ambiente muito limitado”.<sup>487</sup> Para identificar os problemas que “degradam a nossa gente e degeneram a raça”, enfatizava Belisário Penna, era preciso “perscrutar os fatores sociais que criaram, mantêm e incrementam esses flagelos”.<sup>488</sup> É por isso que caberia aos higienistas, de acordo com suas palavras,

(...) o papel de indicar as medidas profiláticas e técnicas de prevenção e combate às doenças e aos vícios, e o de propagar ensinamentos de higiene e eugenia, mas sobretudo o de perscrutar os fatores sociais, que fertilizam ou esterilizam o terreno, tornando-o refratário ou propício ao desenvolvimento de pragas e ervas daninhas.<sup>489</sup>

Enquanto que para Renato Kehl os indivíduos estavam “presos” a sua constituição racial, às qualidades hereditárias inatas e irremovíveis, Belisário Penna entendia que os fatores sociais exerciam “muito maior influência na mentalidade e nos costumes do povo, produzindo saúde, vitalidade e bem estar, ou doença, vícios e decadência, do que a raça e as condições naturais”.<sup>490</sup> Em seu pensamento político e sociológico, invertendo o quadro pessimista pintado pelas concepções de Renato Kehl, Belisário Penna entendia que o estado de “higidez” ou de “morbidez” dos indivíduos dependeria não das condições biológicas, mas sim das “boas” ou “mas” condições sociais e econômica da família e da coletividade nacional.<sup>491</sup>

De qualquer modo, apesar dessas divergências intelectuais, Belisário Penna continuaria um importante aliado de Renato Kehl na divulgação das idéias eugênicas,

---

<sup>486</sup> Idem.

<sup>487</sup> Idem.

<sup>488</sup> Idem, p. 3-4.

<sup>489</sup> Idem, p. 4.

<sup>490</sup> Idem, p. 4.

<sup>491</sup> Idem.

sobretudo ao longo dos anos 1930. O conflito de idéias significava, antes de tudo, a manutenção de suas posições no cenário intelectual e político brasileiro. Curiosamente, ambos procuravam reafirmar suas lideranças nos movimentos intelectuais que haviam fundado durante a década de 1910. Por um lado, Belisário Penna se esforçava para preservar a hegemonia do pensamento sanitarista e de sua autoridade como o grande líder deste movimento reformista, enquanto Renato Kehl, por outro, buscava ocupar um espaço político legítimo ao qual pudesse abrigar as suas concepções eugênicas mais radicais no interior do campo eugênico.

Ao longo dos anos 1930, Renato Kehl continuaria a divulgação de suas concepções mais extremadas, o que o conduziu por um caminho de aproximação cada vez mais intenso com o modelo de “eugenia negativa”. Em artigo publicado no jornal *Correio da Manhã*, onde mantinha uma coluna semanal intitulada “Aparas Médicas”, Renato Kehl voltava a se referir sobre a incapacidade que as ações do meio social teriam em contribuir para mudar a constituição física e intelectual dos indivíduos.<sup>492</sup> Em sua concepção, “cada indivíduo é escravo da constituição que lhe coube por herança” e, ao contrário do que ocorria com as folhagens de uma planta ou as ogivas de uma catedral, o homem não poderia jamais corrigir o seu caráter e seus instintos pelas simples forças do meio em que vivia.<sup>493</sup> Segundo as palavras deste autor,

Há um determinismo (...) que é verdadeiro, indiscutível, - é o determinismo biológico. Os estudos modernos sobre hereditariedade, constituição e temperamento demonstram a evidência de que todos nós estamos presos a uma fatalidade orgânica e psíquica, à qual não podemos fugir, e que os nossos atos dependem, essencialmente, da nossa constituição, de nosso temperamento e não da simples influência do meio e de circunstâncias mais ou menos imprevistas.<sup>494</sup>

Deste modo, se para Renato Kehl as influências do meio pouco ou nada poderiam fazer para mudar a “constituição orgânica” e o “temperamento psíquico” dos indivíduos, seria somente a partir do controle da reprodução humana que se poderia interferir no futuro

---

<sup>492</sup> KEHL, Renato. Aparas Médicas: os homens no ano 2030. *Jornal Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 09 ago 1930. (Recorte Avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>493</sup> Idem.

<sup>494</sup> KEHL, Renato. Aparas Médicas: criminalidade como destino. *Correio da Manhã*. 19 ago 1930 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

da hereditariedade racial da nacionalidade. Conforme frisava através do *Boletim de Eugenia*, o nascimento e a preservação de “tipos fortes, belos e moralizados de homem” seriam “frutos de uniões matrimoniais entre indivíduos sadios, portadores, portanto, de sementes eugenizadas”.<sup>495</sup> Em suas palavras,

(...) nunca serão resolvidos os problemas dos crimes, dos males sociais, enquanto não for cuidado, em primeiro lugar, a questão da profilaxia matrimonial. As prisões, as penitenciárias, os manicômios só serão despovoados, quando os homens e as mulheres compreenderem a verdadeira significação do casamento, quando todos, enfim, compreenderem a monstruosidade representada pela procriação de enfermiços, de imbecis, de alienados e de criminosos. As bases do melhoramento dos homens não se assentam em leis, nem em medidas de ordem paliativa, mas no terreno sólido da hereditariedade. Melhorando a hereditariedade, melhoramos a comunidade.<sup>496</sup>

No ponto de vista defendido por Renato Kehl, a “ordem social” estaria assentada, em grande medida, na profilaxia matrimonial. Todo indivíduo que pretender se casar, lembrava ele, deve se preocupar em “escolher a sua ‘metade’ dentro do círculo de sua comunidade, tendo em mente garantir não só a felicidade do casal como o futuro nível intelectual e social da prole”.<sup>497</sup> De maneira explícita, este autor indicava a segregação racial e social como medida eugênica, já que em sua concepção, os “indivíduos eugenizados”, principalmente aqueles de “grandes mentalidades”, não seriam encontrados entre as “classes inferiores”. Comentando sobre a relação existente entre hereditariedade e inteligência, Renato Kehl argumentava:

Acha-se estabelecido em ciência, que o nível intelectual de um indivíduo é determinado em primeiro lugar pelas suas disposições hereditárias. Peters [cientista norte-americano] reuniu as fichas escolares de mais de 1.000 crianças e as comparou com a de seus pais e avós. As crianças de pais ‘bem dotados’, apresentaram, igualmente, aptidões superiores, enquanto que as de pais ‘menos dotados’ revelaram na escola aptidões inferiores à média. Kretschmer, prof. de psiquiatria da Universidade de Marburg [Alemanha], declara que as inteligências superiores não surgem acidentalmente senão num pequeno número de casos, em que elas se acham fixadas

---

<sup>495</sup> KEHL, Renato. Crescei e multiplicai-vos. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano II, nº 18, jun 1930, p. 02.

<sup>496</sup> Idem.

<sup>497</sup> KEHL, Renato. Hereditariedade e inteligência. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, vol. I, nº 6-7, jun-jul. 1929, p. 8.

hereditariamente em consequência de um casamento feito sem escolhas, sendo um dos cônjuges pertencente à classe cultivada e o outro à plebe.

Os exemplos de grandes mentalidades, que se registram num meio inferior, bem pesquisados demonstram simplesmente ‘acidentes’ amorosos com individualidades de classes superiores. De quantas notabilidades é ignorada a paternidade?<sup>498</sup>

Assim, segundo este autor, os gênios provindos da “camadas inferiores” da sociedade só seriam possíveis nos casos em que houvesse “acidentes amorosos” envolvendo indivíduos das “camadas superiores”. A capacidade intelectual da prole, portanto, dependeria essencialmente da escolha matrimonial feita estritamente entre os indivíduos das classes sociais economicamente privilegiadas. Assim, é possível dizer que a eugenia de Renato Kehl orientava-se tanto por (pré)conceitos raciais quanto de classes, atitudes que não eram estranhas, por exemplo, para muitos dos eugenistas alemães, ingleses e norte-americanos.<sup>499</sup>

De maneira geral, os eugenistas atribuíam a mulher um papel essencial no processo de reprodução humana, sendo ela responsável pelo “futuro da raça” e pela preservação dos “bons matrimônios”. No final dos anos 1920, Renato Kehl argumentava através do jornal carioca *A Ordem* que, “em relação à biologia humana”, a mulher representava 75% da determinação sobre a constituição da prole, ao passo que a influência do homem era de 25%.<sup>500</sup> Por outro lado, na concepção patriarcalista desse autor, enquanto o homem representava o “elemento evolucionista por excelência”, a mulher era vista como “a garantia da espécie contra a degeneração, visto ser ela o verdadeiro reservatório conservador das energias biológicas”.<sup>501</sup> Para Renato Kehl, as políticas eugênicas deveriam, portanto, desenvolver a “consciência de responsabilidade” que recaía sobre a mulher em relação à preservação da descendência, já que, em seu ponto de vista, “são as mulheres fortes que fazem uma raça forte; - são as mulheres belas que garantem a beleza de uma raça forte”.<sup>502</sup>

---

<sup>498</sup> Idem.

<sup>499</sup> Este ponto de vista é defendido por KEVLES, Daniel, op.cit., 1995.

<sup>500</sup> KEHL, Renato. A moça mais sadia. *Jornal A Ordem*. Rio de Janeiro, 26 mai 1929 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>501</sup> Idem.

<sup>502</sup> Idem.

No entanto, o controle matrimonial ou da reprodução humana não incluíam apenas medidas eugênicas consideradas “positivas”, como a educação sexual e outras orientações conjugais de caráter eugênico. Em seu ponto de vista, os eugenistas, médicos e as autoridades públicas responsáveis pelo “futuro da raça” deveriam lançar mão dos métodos considerados “negativos”. Além da obrigatoriedade do exame médico pré-nupcial (antiga reivindicação dos eugenistas brasileiros), do controle matrimonial e da esterilização dos indivíduos considerados “perigosos à nacionalidade”, dever-se-ia, ainda, aplicar outras medidas para impedir a procriação dos “indesejáveis”, como faziam os eugenistas ingleses, alemães e norte-americanos em relação ao “birth-control” (controle dos nascimentos).<sup>503</sup> Conforme ressaltava nas páginas de “Lições de Eugenia”, a política eugênica deveria visar, em primeiro lugar, a qualidade dos indivíduos, “para só depois se preocupar com a quantidade”, tendo em vista que “o poder de uma nação não se aquilata pelo número, mas pela valia de seus habitantes”.<sup>504</sup>

No início da década de 1930, apesar da resistência que estas idéias encontravam para penetrar no meio intelectual brasileiro, sobretudo devido aos valores do catolicismo nacional, parte do movimento eugenista tendia a seguir a radicalização imposta por seu líder, Renato Kehl. Entretanto, o movimento seguia dividido entre aqueles que, como Belisário Penna, defendiam um modelo de eugenia mais “suave”, ao estilo da “eugenia preventiva”, e aqueles que se sentiam seduzidos pelas medidas mais radicais propostas pelos simpatizantes da “eugenia negativa”.

Os principais aliados de Renato Kehl neste período se caracterizaram por compartilhar de um ponto de vista mais extremado sobre as medidas eugênicas, em especial os higienistas mentais representantes da Liga Brasileira de Higiene Mental.<sup>505</sup> De acordo com o historiador José R. F. Reis, muitos dos psiquiatras associados à LBHM abraçaram com bastante simpatia as medidas eugênicas mais radicais, em especial a esterilização compulsória dos “degenerados”, o controle matrimonial e a proibição para

---

<sup>503</sup> KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. op. cit., p. 201.

<sup>504</sup> Idem, p. 184.

<sup>505</sup> Pamela Block destaca que, ao lado de Renato Kehl, muitos dos higienistas mentais brasileiros defenderam medidas eugênicas extremadas como a esterilização de indivíduos portadores de “deficiências mentais”, especialmente em mulheres. Segundo esta autora, estes intelectuais foram fortemente influenciados pelas concepções eugênicas oriundas dos Estados Unidos, da Alemanha e da Inglaterra (BLOCK, Pamela. Sexuality, parenthood, and cognitive disability in Brazil. *Sexuality and Disability*, vol. 20, nº 1, mar. 2002).

entrada de “imigrantes indesejáveis”.<sup>506</sup> Do mesmo modo que Renato Kehl, higienistas mentais como Cunha Lopes, Pacheco e Silva, Henrique Roxo, entre outros, também se referiam constantemente ao modelo de higiene racial desenvolvido tanto pela eugenia quanto pela psiquiatria alemã, em especial às idéias e concepções propostas por Ernest Rudin, diretor do afamado Instituto Alemão de Pesquisas Psiquiátricas.<sup>507</sup>

Em 1931, com o objetivo de consolidar a institucionalização da eugenia no Brasil, Renato Kehl anunciava a recente fundação da Comissão Central Brasileira de Eugenia (CCBE). Em suas palavras, após acompanhar “o movimento mundial em torno dos problemas de regeneração eugênica do homem” e de ter mantido “intensa correspondência com as principais associações que existem na Europa e na América do Norte”, convenceu-se de que havia chegado à hora de criar uma “entidade científica” voltada para a “regeneração integral” da nacionalidade.<sup>508</sup> Filiada a Federação Internacional das Associações Eugênicas, a CCBE, assim como deveria acontecer com almejado Instituto Brasileiro de Eugenia,<sup>509</sup> tinha por modelo a Sociedade Alemã para a Higiene da Raça.

Dentre outras funções, conforme destacava o próprio Renato Kehl, a CCBE dispunha-se não somente “ao estudo e propaganda das questões de caráter eugênico, como

---

<sup>506</sup> REIS, José Roberto Franco. op cit., 1994, pp. 282-286.

<sup>507</sup> Segundo José R. F. Reis, os principais psiquiatras da Liga Brasileira de Higiene Mental conheceram pessoalmente Rudin e o Instituto de Psiquiatria que ele dirigia na cidade de Munique, na Alemanha. Cunha Lopes, por exemplo, em uma de suas viagens à Alemanha, havia inclusive estagiado na seção de psiquiatria dirigida por este professor alemão (Idem, p. 288-289). Para Reis, a psiquiatria alemã, de vocação autoritária e totalizante como propunha Rudin, “foi capaz de obter eco, porque veio de encontro às ambições políticas antigas da medicina mental brasileira, tal qual a de se constituir enquanto obra regeneradora, social e racial, da nação (idem, p. 291). De maneira semelhante, Jurandir Freire Costa destaca que o sucesso da psiquiatria alemã e do discurso eugenista junto a LBHM ocorreu devido as funções críticas que estas possibilitavam fazer em relação aos problemas que os psiquiatras brasileiros enfrentavam naquele momento, sobretudo quanto aos impasses raciais e a formação da nacionalidade (COSTA, Jurandir Freire. op. cit., 1989, p. 52).

<sup>508</sup> KEHL, Renato. Porque se fundou a C.C.B.E.. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano III, nº 27, mar 1931, p. 02.

<sup>509</sup> Vale ressaltar que a criação de um Instituto Brasileiro de Eugenia, capaz de promover efetivamente as pesquisas eugênicas, era um dos principais projetos idealizados por Renato Kehl ao longo dos anos 1930. Em 1939, dois anos após a instalação do Estado Novo - e exatamente no mesmo ano em que a política nazista para a “higiene racial” se intensificaria na Alemanha com o início da Segunda Guerra Mundial -, Kehl argumentava que era imprescindível que o governo brasileiro começasse pensar na criação de um Instituto de Eugenia, “como os que existem na Alemanha, na Noruega e na Suécia”. Para esse eugenista, era inconcebível pensar nos problemas nacionais como o da imigração, da colonização e do “cruzamento racial”, “sem um programa de biologia humana, isto é, sem um programa eugênico” seriamente desenvolvido e controlado por um instituto científico (KEHL, Renato. Pais, médicos e mestres. Rio de Janeiro. Editora Livraria Francisco Alves, 1939, pp. 96-98). Contudo, apesar da intensa propaganda realizada por Renato Kehl ao longo dos anos 1930, o Instituto Brasileiro de Eugenia jamais viria a se concretizar.

se prontifica a colaborar em qualquer projeto governamental que vise interesses eugênicos ou para-eugênicos”, como os assuntos relacionados à imigração, ao povoamento, ao saneamento, a educação sexual, “às exigências modernas pré-matrimoniais” e a “fundação de estabelecimentos ou laboratórios para estudos galtonianos”.<sup>510</sup> A função da CCBE consistiria, desta maneira, em contribuir efetivamente para a elaboração de políticas públicas governamentais que visassem o aperfeiçoamento racial da população. Em outras palavras, a eugenia era concebida como uma ciência a serviço da nação. Com a criação desta associação, Kehl objetivava reunir tanto os interesses dos segmentos mais radicais do movimento eugenista, quanto à atenção dos intelectuais e das autoridades públicas ligadas ao movimento sanitarista. Entre os membros da Comissão apareciam os nomes de Ernani Lopes e Porto Carrero, respectivamente presidente e vice-presidente da LBHM; o psiquiatra e eugenista Cunha Lopes, da Assistência a Psicopatas do Rio de Janeiro; os eugenistas Toledo de Piza Junior e Octávio Domingues, ambos professores da Escola Agrícola Luiz de Queiroz; e o higienista Achilles Lisbôa. A comissão era formada também por intelectuais e autoridades diretamente ligados ao DNSP, como Gustavo Lessa, Caetano Coutinho e o próprio Belisário Penna, nomeado semanas antes pelo Presidente Getúlio Vargas para dirigir o referido Departamento.<sup>511</sup>

Apesar de dividido em diferentes tendências, o discurso eugenista chegava aos anos 1930 a plenos pulmões, sustentado em grande medida por sua condição institucional. Além da importância do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia e da fundação do Boletim de Eugenia em 1929, a CCBE vinha reafirmar a consistência que Renato Kehl procurava imprimir às suas idéias e ao movimento eugenista brasileiro. A força institucional que a eugenia havia adquirido neste período possibilitou que as próprias idéias mais radicais defendidas por Renato Kehl – mesmo considerando a falta de consenso entre os próprios eugenistas - encontrassem interlocutores tanto dentro como fora do movimento eugênico. Para alguns intelectuais brasileiros, como afirmava o jornalista Humberto Campos em

---

<sup>510</sup> KEHL, Renato. Uma nova entidade científica que aparece - A Comissão Central Brasileira de Eugenia. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano III, nº 27, mar 1931, p. 01.

<sup>511</sup> Idem.



1932, Renato Kehl deveria ser visto como o “campeão da eugenia”, cujo “apostolado” era incansavelmente dedicado ao “aperfeiçoamento da raça ou da sub-raça brasileira”.<sup>512</sup>

De certo modo, é possível afirmar que a simpatia que a eugenia mais extremada vinha conquistando entre alguns intelectuais, ou mesmo entre parte das autoridades políticas, relacionava-se a dois fatores principais. Em primeiro lugar, era o efeito de uma certa “crise do pensamento liberal” que atingia o mundo ocidental após a derrocada econômica e social de 1929.<sup>513</sup> Por outro lado, dizia respeito aos próprios problemas nacionais relacionados em grande parte as discussões sobre a entrada de imigrantes, a formação da nação e a definição da identidade nacional, temas que passaram a mobilizar parte das elites políticas e intelectuais brasileiras.

De fato, mesmo considerando as fortes críticas recebidas durante o Primeiro Congresso de Eugenia, no início da década de 1930 o projeto eugênico de Renato Kehl chegou a lograr alguns sucessos. Em 1932, através de correspondência enviada ao eugenista Octávio Domingues, Renato Kehl chamava a atenção para o projeto político que o Partido Republicano Paulista vinha formulando, no qual constava “um artigo especial sobre o problema eugênico”.<sup>514</sup> Nas palavras de Kehl, “a entrada desse artigo é uma vitória estupenda para a nossa campanha, porque é o mais antigo e mais poderoso partido político que pela primeira vez inclui a eugenia no seu programa”.<sup>515</sup> Em tom de comemoração Kehl destacava que, finalmente, “à consciência eugênica parece ter se firmado no espírito de nossa elite política”.<sup>516</sup> Neste mesmo ano, Renato Kehl fora convidado, juntamente com Oliveira Vianna e Roquette-Pinto, para integrar a comissão responsável por elaborar o projeto de imigração e povoamento do governo Vargas. Em 1935, através de uma emenda parlamentar à Constituição de 1934, o projeto final acabaria sendo aprovado pelo Congresso Nacional, cujas concepções se baseavam, em parte, nos pressupostos

---

<sup>512</sup> CAMPOS, Humberto. O apostolado do Dr. Renato Kehl. *Jornal Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 12 mai 1932 (Recorte Avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, Caixa, DAD-COC).

<sup>513</sup> Sobre a crise do pensamento liberal na passagem dos anos 1920 aos anos 1930 ver HOBBSAWM, Eric. A queda do liberalismo. In: \_\_\_\_\_. *A era dos extremos: o breve século XX -1914-1991*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1995, pp. 113-143.

<sup>514</sup> Correspondência de Renato Kehl a Octávio Domingues. Rio de Janeiro, 13 jun 1932 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>515</sup> Idem.

<sup>516</sup> Idem.

defendidos pelos eugenistas brasileiros.<sup>517</sup> Vale ressaltar que antigos integrantes do movimento eugenista e defensores das políticas de restrição à imigração, como Miguel Couto e Xavier de Oliveira, fizeram parte da Câmara Federal que aprovou a nova lei de imigração seletiva.<sup>518</sup>

Contudo, apesar da legitimidade que o nome de Renato Kehl havia adquirido no campo científico e político nacional, muitos dos conceitos e das concepções por ele defendidas continuariam causando polêmicas e levantando protestos entre seus pares. As discussões propostas por ele em relação à imigração, miscigenação e segregação racial, por exemplo, se radicalizariam a partir do final dos anos 1920 sempre em direção às posições mais coercitivas e racistas, reforçadas por um ponto de vista pessimista sobre o futuro racial brasileiro e da inserção do Brasil no cenário das nações civilizadas. Cabe investigar um pouco mais detidamente estas questões.

## **2. Raça, miscigenação e imigração em debate**

A eugenia brasileira se caracterizou a partir do final da década de 1920 pela ampliação das discussões que envolviam diretamente as questões raciais. Nas palavras de Nancy Stepan, “em nenhum lugar a mudança para uma eugenia mais pessimista e negativa foi mais notável que na questão de raça”. Ao invés de referências à “nossa raça” ou à “raça brasileira”, como comumente acontecia, alguns eugenistas passaram a empregar termos

---

<sup>517</sup> Através de uma missiva enviada a Oliveira Vianna em 1935, Renato Kehl argumentava estar satisfeito com o resultado final produzido pela comissão responsável por elaborar o “anteprojeto da lei de imigração”. Após ler o relatório final preparado por Oliveira Vianna, Kehl afirmava: “Pelo que pude apreender, o referido trabalho condensou, de maneira feliz, muitas das idéias apresentadas e discutidas nas diversas reuniões da comissão sob a ilustre presidência de V. Excia. (...) Faço votos que seja aprovada pela câmara ainda na presente legislatura (...). O principal já está feito: uma obra simples, clara, concisa e viável. Acredito que, a sua aprovação, ter-se-ão, com relativa facilidade, recursos para por em prática a seleção eugênica a fim de melhorar o povoamento do país por parte dos elementos que aqui aportam como imigrantes” (Correspondência de Renato Kehl a Oliveira Vianna. Rio de Janeiro, 11 nov. 1935 – Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>518</sup> Segundo Nancy Stepan, as cláusulas de restrição à imigração aprovada da Constituição de 1934 - que seriam mantidas pela constituição autoritária de 1937 – estabeleceu cotas raciais de 2% da população total para cada nacionalidade, afetando principalmente a entrada de japoneses e judeus (STEPAN, Nancy. op. cit., 2005, p. 175-176).

como raças “branca”, “negra” ou “amarela”.<sup>519</sup> Entretanto, ao mesmo tempo em que eugenistas mais radicais, como Renato Kehl, Ernani Lopes, Pacheco e Silva, Azevedo Amaral, Xavier de Oliveira, entre outros, defendiam o programa de uma “eugenia negativa” e racista, ao estilo alemão e norte americano, outros pintavam com tonalidades mais brandas o grande quadro racial brasileiro, especialmente os antropólogos do Museu Nacional e a maioria dos intelectuais ligados ao movimento sanitarista. De maneira geral, estas posições diametralmente opostas disputariam ao longo dos anos 1930 a hegemonia entre os debates intelectuais sobre raça e identidade nacional.

Durante as décadas de 1910 e 1920, o pensamento racial de Renato Kehl se definiu por uma posição intelectual ambígua, mas caracteristicamente marcado pela aceitação da miscigenação como um caminho “positivo” que conduziria ao branqueamento da nacionalidade<sup>520</sup>. Suas idéias, na verdade, eram estreitamente compartilhadas com alguns intelectuais, médicos e cientistas nacionais, cuja tradição remontava ao pensamento racial brasileiro do último quartel do século XIX.<sup>521</sup> No entanto, a partir do final dos anos 1920, Renato Kehl passara a conceber de maneira pessimista o processo de miscigenação que vinha ocorrendo no Brasil. Ao invés do tão almejado branqueamento, esse autor temia que a “mistura racial” levasse, ao contrário, a progressiva degeneração.

Essa ruptura que começava a aparecer em seu pensamento desde a metade da década de 1920, ganhava formas mais intensas após a publicação da obra “Lições de Eugenia”. Em grande medida, a nova leitura que Renato Kehl passara a defender em relação ao problema racial brasileiro, ligava-se diretamente ao movimento mais amplo que marcou o processo de radicalização de suas idéias eugênicas. Seu encantamento com os

---

<sup>519</sup> STEPAN, Nancy. Op. cit., 2004, p. 368.

<sup>520</sup> Sobre as discussões que envolvem a teoria do branqueamento no Brasil, consultar SKIDMORE, Thomas. op. cit., 1976.

<sup>521</sup> Nas palavras de Ricardo V. Santos e Marcos Chor Maio, Silvio Romero é o primeiro intelectual de expressão nacional “a formular um discurso científico sobre a sociedade brasileira com base na análise do conjunto de interações raciais específicas”. Silvio Romero teria exercido, assim, um papel central no pensamento social brasileiro deste período, abrindo um caminho por meio do qual muitos autores nacionais seguiriam. Nas palavras destes autores, como forma de escapar ao desconforto causado pelas interpretações pessimistas de pensadores europeus como Agassiz e Gobineau, Silvio Romero produziu a fórmula da “ideologia do branqueamento”, pela qual o problema da “falta de coesão nacional” seria resolvido por longo processo de fusão e seleção racial em que a superioridade branca triunfaria (SANTOS, Ricardo Ventura; MAIO, Marcos Chor. Injetando Sangue no Mito da Democracia Racial? Genética, Relações Raciais e Política no Brasil Contemporâneo. In: PENA, Sérgio (org). op. cit, 2002, p. 179-180.

programas mais autoritários de eugenia o conduzia, por um lado, às discussões sobre os pressupostos eugênicos que condenavam a prática da miscigenação racial, como ocorria, por exemplo, com a eugenia mendeliana norte-americana. Por outro, reforçava as antigas concepções ideológicas racialistas que compunham seu pensamento intelectual, como a crença na existência de hierarquias raciais.

No último capítulo do livro “Lições de Eugenia”, intitulado “Política Eugênica”, Renato Kehl dedicou inteiramente sua atenção às questões sobre o problema racial brasileiro, em especial à miscigenação e a imigração. Destas páginas, seu autor fez emergir um cenário pessimista quanto à formação racial no Brasil, marcado por descrições racistas contra o “homem mestiço”. Devido ao processo de “larga miscigenação racial”, o Brasil representava aos olhos desse autor “um grande laboratório de elementos diversos”, onde se processava, segundo ele, “uma química morosa e complexa”.<sup>522</sup> Em suas palavras,

Entre nós, os legítimos representantes da raça etíope e da silvícola acham-se um pouco reduzidos, difundindo-se a maioria numa heterogênea mescla racial com tonalidade cromática caprichosamente variada. Existem brancos, pretos, pardos, cabras, cabrochas, fulos, cafusos, cabo-verdes, caribocas, caboclos, zambos, mazombos, mamelucos, caborés, matutos.... Tão variáveis são as cores da cútis, como os demais caracteres antropomórficos, numa confusa promiscuidade de temperamentos psíquicos.<sup>523</sup>

De acordo com suas concepções, essa heterogeneidade racial produzia não somente a “promiscuidade de temperamentos”, como seria responsável também pela “índole indefinida, a mentalidade imprecisa e inconstante e os vícios políticos e sociais de nossa gente”.<sup>524</sup> A miscigenação racial, entendia Kehl, produzia indivíduos híbridos que, devido a “incompatibilidade dos genos”, causavam o “atavismo”, doenças e vícios que “pertenciam aos ascendentes de má conformação”.<sup>525</sup> Para esse autor, os caracteres definidos entre os “cruzamentos raciais” são tão incompatíveis que acabam por resultar numa “sub-raça”, “um produto não consolidado, fraco, meio caminho dos dois elementos que o constituíram”. Assim, devido ao “conflito de caracteres”, Renato Kehl entendia que

---

<sup>522</sup> KEHL, Renato. Lições de Eugenia. op. cit., p. 188.

<sup>523</sup> Idem.

<sup>524</sup> Idem.

<sup>525</sup> Idem, p. 73.

os “tipos mestiços” brasileiros davam origem a “tipos plasticamente feios”, “elementos perturbadores da evolução natural”.<sup>526</sup>

Apoiado nos pressupostos segregacionistas da “ciência eugênica” mendeliana - em especial ao modelo que se desenvolvia nos Estados Unidos<sup>527</sup> - Renato Kehl afirmava nas páginas de seu livro “Lições de Eugenia” que as uniões matrimoniais “entre indivíduos de raça branca com a negra, da branca com a selvagem, da branca com a amarela, e assim por diante”, eram contra indicadas em todos os casos, já que não constituiria “um meio de aperfeiçoamento étnico”.<sup>528</sup> Através das páginas do *Jornal do Comércio*, cuja circulação atingia um grande público, Renato Kehl escancarava sua visão racista e sua contrariedade ao matrimônio realizado entre indivíduos de “raças diversas”:

Entendemos que a mestiçagem é dissolvente, desmoralizadora e degradante, prejudicando, portanto, o espírito superior visado pela procriação eugênica. É indiscutível o antagonismo e mesmo a repulsa sexual existente entre os indivíduos de raças diversas. Só motivos acidentais ou aberrações mórbidas fazem unir-se um homem branco com uma negra ou vice-versa. E o produto deste conúbio nasce estigmatizado não só pela sociedade, como, sobretudo, pela natureza; está hoje provado, não obstante o grito de alguns cientistas suspeitos, que o mestiço é um produto não consolidado, fraco, um elemento perturbador da evolução nacional.<sup>529</sup>

Como forma de desqualificar pontos de vistas divergentes, Renato Kehl frisava que os cientistas “que sustentam o contrário não o fazem com fundamento científico”, pois os mestiços, quando “colocados em paralelo com os representantes de raças não cruzadas, sem mesclas, não resistem em termos de comparação; só a falsa visão poderá aceitar a sua igualdade ou a sua superioridade”.<sup>530</sup> Como estas palavras foram proferidas em 1932, é provável que a provocação de Kehl era dirigida aos críticos que, como Fróes da Fonseca e

---

<sup>526</sup> Idem, p. 191.

<sup>527</sup> De maneira geral, as leis mendelianas foram utilizadas por médicos, geneticistas, biólogos e eugenistas norte-americanos como forma de justificar o racismo biológico e o segregacionismo racial contra os negros, mestiços e os imigrantes considerados “indesejáveis”, sobretudo na primeira metade do século XX. (Sobre estas questões, ver WAILOO, Keith. Detecting “Negro Blood”: Black and Identities and the Reconstruction of Sickle Cell Anemia. In: \_\_\_\_\_. *Drawing Blood: Technology and Disease Identity in Twentieth-Century America*. Baltimore & London: The Johns Hopkins University Press. 1997, pp. 134-161; KEVLES, Daniel. op. cit., 1995).

<sup>528</sup> KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. op. cit., p. 191.

<sup>529</sup> KEHL, Renato. Pelas Gerações Futuras: Esboço de um programa avançado de eugenia nacional. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 21 abr. 1932 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>530</sup> Idem.

Roquette-Pinto, vinham combatendo severamente, desde o congresso de 1929, os trabalhos que condenavam de forma preconceituosa o processo de miscigenação brasileiro. Ao passo que Fróes da Fonseca considerava os conceitos do autor de “Lições de Eugenia” como “fatos ajeitados” de acordo com seus “favônios preconceitos”, Kehl defendia-se ressaltando que as concepções contrárias às suas não deveriam ser respeitadas por não possuírem “fundamentos científicos”. Deste modo, é possível afirmar que a mútua desqualificação que ambas as partes procuravam elaborar contra seus adversários, como já destacamos neste capítulo, visava definir quais seriam os pressupostos científicos e os projetos nacionais dominantes no cenário intelectual brasileiro.

A partir do final da década de 1920 e ao longo dos anos 1930, Renato Kehl iniciou várias campanhas, sobretudo no Boletim de Eugenia, pelo aumento da imigração europeia para o Brasil e a proibição da entrada de imigrantes indesejáveis, como os japoneses, chineses, árabes e negros. Além disso, Kehl entendia que era preciso incentivar a limitação da natalidade entre os “grupos inferiorizados”. Em seu ponto de vista, a “desabalada procriação” que existe entre “esses parasitas”, “negros”, “mestiços” e “indígenas”, precisava ser controlada para não “contaminar” as “classes verdadeiramente produtoras e úteis do país”, ou seja, a elite nacional branca.<sup>531</sup> De acordo com o autor, o recenseamento de 1872 demonstrava que havia no Brasil 8.419.675 habitantes livres e 1.510.896 escravos, cuja minoria era formada pela população de “raça branca”, e uma “grande camada” de indivíduos provenientes da “raça africana”, “americana” (indígenas) e, sobretudo, de “mestiços e mulatos”.<sup>532</sup> Assim, de acordo com o ponto de vista de Kehl, considerando o “fraco valor eugênico” da população brasileira, fazia-se necessário uma ampla “propaganda de limitação da natalidade” entre os “indivíduos inferiorizados” e o aumento da procriação entre aqueles de “boa estirpe”.<sup>533</sup>

Em suas palavras, devido à “constituição biológica inferior”, os “mestiços”, “negros” e “indígenas” seriam presas fáceis de diversas doenças e vícios sociais, como a tuberculose, a sífilis e o alcoolismo.<sup>534</sup> A tuberculose, por exemplo, apesar de não ser considerada por Renato Kehl como uma doença hereditária, deveria ser compreendida como

---

<sup>531</sup> KEHL, Renato. Limitação da Natalidade. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano I, nº. 12, dez 1929, p.1.

<sup>532</sup> Idem.

<sup>533</sup> Idem.

<sup>534</sup> KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. op. cit., 1929, p.119-121.

uma “doença dos fracos”, para ele, doença que atingia acima de tudo os “negros” e “mestiços”.<sup>535</sup> Em “Lições de Eugenia”, este autor fazia uma clara apologia à capacidade selecionadora desta doença:

A tuberculose poderia ser considerada, pelos amigos de preposições arrojadas, uma doença eminentemente selecionadora, cujo alfanje está sempre afiado para a eliminação implacável dos fracos. É doença dos intemperantes, dos desregrados, dos débeis, dos deserdados em potencias orgânicos (...).

A tuberculose, perdoem-nos, talvez, o paradoxo, é uma doença, até certo ponto misericordiosa, porque abrevia a vida sofredora de incapazes e defende a espécie da sua influência debilitadora. Não fosse ela, e estaríamos esmagados pela massa colossal de monstruosidades: - ter-se-ia criado uma sub-raça cacoplástica (...).

A tuberculose é uma doença de caráter mais social do que, propriamente, de caráter individual. Ela tem sido um terrível fator de sofrimento e de mortes. (...) Não podemos negar, porém, ter sido cruel, mas ‘útil’ flagelo selecionador, o único que tem resistido a todos os beneméritos esforços de milhares de instituições humanitárias que, não obstante, prejudicam a seleção natural.<sup>536</sup>

Contudo, Renato Kehl entendia que a eugenia não poderia contar apenas com esses “auxiliares selecionadores”. Apesar de a natureza vir cumprindo a sua tarefa de selecionar os “melhores”, era preciso administrar e racionalizar esse processo biológico, apressando a seleção natural através da ciência eugênica. Neste aspecto, do mesmo modo que já vinha acontecendo em alguns países europeus, Kehl almejava que o Estado brasileiro assumisse o gerenciamento racional da população, transformando toda a política, conforme se referia durante o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, numa “política do futuro, numa política biológica”.<sup>537</sup>

Por outro lado, Kehl entendia que mesmo sendo o controle da natalidade uma medida eugênica eficaz, sem uma política imigratória diretamente controlada pela “política eugênica”, dificilmente o Brasil poderia melhorar sua condição racial. Em sua opinião, o Brasil deveria financiar, através dos “cofres públicos”, a entrada maciça de “imigração ariana”, de “homens ativos e pertinazes” que poderiam cooperar para melhorar o “estoque

---

<sup>535</sup> Idem, p. 125.

<sup>536</sup> Idem, p. 119-120.

<sup>537</sup> KEHL, Renato. A eugenia no Brasil ... op. cit, 1929, p. 50.

genético” da nacionalidade. Com a entrada permanente destes imigrantes, Renato Kehl acreditava que os “negros” e “índios”, “e do mesmo modo os produtos proveniente desta mestiçagem”, tenderiam a desaparecer das terras brasileiras. “A nacionalidade embranquecerá à custa de muito sabão de coco ariano”, enfatizava ele com otimismo.<sup>538</sup> Em seu livro “Lições de Eugenia”, Kehl explicava que

(...) o problema da imigração é de grande importância eugênica. Merece ser tido em alta conta pelos nossos dirigentes. Precisamos de leis severas que estipulem as condições para a entrada de alienígenas no país. Não basta a simples verificação do estado de saúde e da aptidão para o trabalho. Faz-se mister considerar o valor étnico. Há povos que nos convém, e outros que devemos evitar. *O nosso representa verdadeira salada de raças incompatíveis.* A nacionalidade está em estado de cólicas: o metabolismo processa-se, irregularmente; os órgãos excretórios não apresentam capacidade para a desassimilação; cada dia são absorvidos novos elementos inconciliáveis<sup>539</sup> [grifo no original].

Para Renato Kehl, o governo deveria, portanto, proibir que “elementos inassimiláveis” tivessem entrada franca em solo brasileiro, principalmente os indivíduos “negros” e “amarelos”, ou os “cretinos” e “mentecaptos”, como ele chamava. Do mesmo modo que vinha ocorrendo nos Estados Unidos, Kehl sugeria a aprovação de “leis severas” que estipulassem uma política de cotas raciais para a entrada de imigrantes no país. Para este eugenista, as autoridades públicas não poderiam deixar de lançar mão de rigoroso sistema de fiscalização dos portos nacionais, analisando atentamente as características físicas, a saúde e os aspectos psicológicos dos imigrantes, sobretudo os fatores mentais, a inteligência, a emotividade e “outros pontos importantes ao rendimento social”. “Basta uma laranja estragada para apodrecer um cento delas”, concluía ele.<sup>540</sup>

Acreditamos que a explícita contrariedade de Renato Kehl em relação aos “cruzamentos raciais”, encontravam justificativas nas referências que esse autor buscava numa série de intelectuais tanto do final do século XIX, como Paul Broca, Lapouge e Agassiz, quanto em seus contemporâneos, sobretudo em Charles Davenport, Eugen

---

<sup>538</sup> KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. op. cit., p. 188.

<sup>539</sup> Idem, p. 187.

<sup>540</sup> Idem, 193.



Fischer, John A. Mjöen e Herman Lundborg.<sup>541</sup> Esses pensadores são alguns dos nomes que aparecem citados ao longo do seu livro “Lições de Eugenia”, ou mesmo em artigos publicados no *Boletim de Eugenia* e na imprensa diária. Suas noções eugênicas sobre “mistura racial” eram informadas em grande medida pelos pressupostos mendelianos defendidos por eugenistas como o próprio Davenport e Lundborg, assim como dos biólogos Werner Simens, De Vries e Julius Bauer.<sup>542</sup> Em “Lições de Eugenia”, por exemplo, as idéias mendelianas, sobretudo a noção de “hibridismo” e da “hereditariedade mendeliana no homem”, foram longamente discutidas por Renato Kehl, inclusive com a apresentação de gráficos e diagramas demonstrando os princípios fundamentais da hereditariedade mendeliana.<sup>543</sup> De maneira geral, é possível afirmar que Renato Kehl - assim como vários outros eugenistas de sua época - conciliava imprudentemente as teorias mendelianas com suas antigas crenças racistas contra as populações não-brancas.<sup>544</sup>

Em fevereiro de 1931, Renato Kehl publicou no *Boletim de Eugenia* um artigo intitulado “Tal pai, tal filho”, em que empregava as leis mendelianas para explicar o funcionamento da recessividade e da dominância de “fatores hereditários”<sup>545</sup>. Neste mesmo artigo, Kehl se referia, ainda, o livro “Body-Build and its inheritance”, do eugenista Charles Davenport, pelo qual procurava demonstrar a importância das leis mendelianas para a análise da combinação genética entre os indivíduos que pretendiam “avaliar” a

---

<sup>541</sup> Entre os artigos destes e outros autores estrangeiros que é possível localizar no *Boletim de Eugenia*, destacamos os seguintes: MJOEN, John Alfred. Cruzamento de Raças. *Boletim de Eugenia*, Rio de Janeiro, ano III, nº 32, pp. 1-6, ago. 1931; LUNDBORG, Herman. Cruzamentos de raças. *Boletim de Eugenia*, Rio de Janeiro, ano III, nº 34, pp. 1-3, out. 1931.

<sup>542</sup> O *Boletim de Eugenia* publicou, por exemplo, entre novembro de 1930 a janeiro de 1931, três longos artigos do eugenista Julius Bauer, da Faculdade de Medicina de Viena, em que comentava detalhadamente as leis mendelianas (BAUER, Julius. As leis mendelianas. *Boletim de Eugenia*, Rio de Janeiro, ano II, nº 23, nov. 1930, pp. 1-3; BAUER, Julius. As leis de Mendel em relação aos homens. *Boletim de Eugenia*, Rio de Janeiro, ano II, nº 24, dez. 1930, pp. 9-10; BAUER, Julius. As leis mendelianas – fatores pleiotropos. *Boletim de Eugenia*, Rio de Janeiro, ano III, nº 25, jan. 1931, pp. 5-7).

<sup>543</sup> As discussões sobre a teoria mendeliana aparecem sobretudo nos capítulos 6 e 10 desta obra (KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. op. cit., 1929, pp. 76-81; 133-140).

<sup>544</sup> Em 1933, Renato Kehl fazia a seguinte afirmação em relação as suas convicções mendelianas: “O ‘rigorismo mendeliano’ é facilmente defensável e, como verão, reforça o nosso ponto de vista contra tais cruzamentos. Começaremos por dizer que é possível prever as possibilidades hereditárias de um cruzamento humano, tão bem, dentro das naturais exceções, como dentro de um cruzamento animal. Tudo depende, naturalmente, do exame do ‘pedigree’ dos genitores. (...) Está aceito pelos cientistas, geneticistas e genealogistas, como Ruedin, Siemes, Lentz, que de tais conúbios, tais serão as conseqüências, tendo em vista caracteres dominantes ou recessivos. Á primeira vista parece, entretanto, que na mistura de indivíduos pretos com brancos, a regra mendeliana falha. Puro engano”. (KEHL, Renato. *Aparas eugênicas – Sexo e civilização*. op. cit., 1933, pp. 202-203).

<sup>545</sup> KEHL, Renato. Tal pai, tal filho. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano III, nº 26, fev. 1931, pp. 2.

“escolha matrimonial”. Segundo Renato Kehl, as leis mendelianas possibilitariam que os jovens casais pudessem “prever com certa precisão” como seria a sua descendência, evitando o nascimento de “proles indesejáveis”.<sup>546</sup>

Deste modo, antes de ser um defensor das idéias neolamarckianas, como sugere a historiadora Nancy Stepan,<sup>547</sup> a eugenia de Renato Kehl foi profundamente influenciada tanto pelos pressupostos de August Weismann quanto pela teoria da hibridização de Gregor Mendel. Todo suporte científico mobilizado por esse autor para construir suas concepções eugênicas, especialmente após a metade da década de 1920, são encontrados, portanto, nesta dualidade teórica entre o weismanismo e o mendelismo. Em nosso ponto de vista, seu contato com a teoria de Weismann sobre a continuidade do plasma germinativo o aproximou de Mendel, ao mesmo tempo em que o distanciou significativamente das noções ambientalistas que postulavam a hereditariedade dos caracteres adquiridos.<sup>548</sup>

Seguindo esta tendência teórica, Renato Kehl passara, a partir do final dos anos 1920, a manter um contato mais estreito com os principais eugenistas mendelianos do norte da Europa e dos Estados Unidos. A grande maioria destes intelectuais compartilhavam de pontos de vistas comuns sobre as questões raciais, principalmente em relação às concepções “negativas” quanto ao valor eugênico dos “cruzamentos raciais”. Em muitas das correspondências encaminhadas a Kehl é possível perceber um grande interesse dos eugenistas estrangeiros em conhecer os estudos sobre os “cruzamentos raciais” brasileiros e, até mesmo, de outros países da América Latina, considerados como países amplamente

---

<sup>546</sup> Idem, p. 3.

<sup>547</sup> STEPAN, Nancy, op. cit., 2004, pp. 365-369; ibidem, op. cit., 2005, pp. 104-105.

<sup>548</sup> De todo modo, essa é uma discussão que ainda permanece em aberto e que merece a atenção dos pesquisadores interessados pela história das ciências biomédicas. Acreditamos que a tese da historiadora Nancy Stepan sobre a predominância do neolamarckismo no pensamento eugênico latino-americano acabou encobrendo uma reflexão mais ampla sobre a influência de Weismann e Mendel entre os eugenistas da América Latina. Alguns trabalhos mais recentes realizados no México e em Cuba demonstram a força destas idéias entre os eugenistas, sobretudo nas discussões sobre raça e miscigenação racial. Entre estes trabalhos, ver STERN, Alexandra Minna. Mestizofilia, biotipologia y eugenesia em el México post-revolucionario: hacia una historia de la ciencia y el Estado, 1920-1960. In: ARMUS, Diego (org). *Avatares de la medicalización em América Latina (1870-1970)*. Buenos Aires: Editora Lugar Editorial, 2004, pp. 275-304; GONZÁLEZ, Armando García. Darwinismo, eugenesia y mendelismo em la enseñanza de la biología em Cuba: 1900-1959. In: GLICK Thomas F. et. al (orgs). *El darwinismo em Espanha e Iberoamérica*. México, 1999, pp. 199-214.

miscigenados.<sup>549</sup> Neste período, esses eugenistas fizeram um grande esforço para criar uma rede internacional, se assim podemos conceituar, com o objetivo de trocar informações sobre as realidades raciais das diferentes nações onde havia movimentos eugênicos organizados. Essa cooperação internacional na qual Renato Kehl se inseria, e da qual participavam os principais líderes do movimento eugênico mundial, elevou o reconhecimento do seu nome como uma das principais lideranças do movimento eugenista na América Latina. Por outro lado, essa rede o colocou num amplo campo de discussões sobre a questão racial, um tema premente no circuito científico internacional deste período.<sup>550</sup>

Contudo, a despeito do seu contato intelectual com eugenistas europeus e norte-americanos, era no meio intelectual brasileiro que as idéias de Renato Kehl causaram maior ressonância. Se durante o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia os diferentes pressupostos científicos sobre o significado da ciência eugênica suscitaram divergências, não seria diferente em relação às questões raciais. De maneira geral, os participantes do congresso dividiram-se entre os que comungavam das idéias racialistas defendidas por Kehl, e aqueles que, como Roquette-Pinto, Fróes da Fonseca e Belisário Penna, opunham-se às posições eugênicas mais radicais.

A conferência do antropólogo Álvaro Fróes da Fonseca, intitulada “Os grandes problemas da antropologia”, opôs-se de forma contundente a visão racista de Renato Kehl.

---

<sup>549</sup> Em 1929, por exemplo, Charles Davenport, Presidente da Federação Internacional de Organizações Eugênicas, solicitava a Renato Kehl o envio de relatório informando: 1) sobre os “cruzamentos raciais” sob o ponto de vista brasileiro; 2) “as raças envolvidas (europeus e negros, europeus e americanos, chineses e malaios, europeus do norte e do sul”); 3) “o número de gerações durante os quais a hibridização tem ganhado uma escala significativa”. Davenport solicitava, ainda, que o eugenista brasileiro lhe encaminhasse “fotografias de raças ou raças híbridas” dos tipos nacionais. (Correspondência de Charles Davenport a Renato Kehl. Nova York, 28 fev 1929, Fundo Pessoal Renato Kehl). O texto com a resposta do eugenista brasileiro foi publicado em “Questões de Raça”. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano I, nº 6-7, p. 3-4, jun. – jul. 1929.

<sup>550</sup> Vale lembrar que essa rede internacional de eugenistas possibilitou a realização do Terceiro Congresso Internacional de Eugenia, que ocorreu em 1932, na cidade de Nova York. O congresso foi organizado pela Federação Internacional de Organizações Eugênicas e presidida por Charles Davenport. Com um grande número de participantes de várias partes do mundo, as sessões foram dominadas pelos eugenistas mais extremados, destacando-se as discussões sobre os problemas da hibridização racial e o controle internacional sobre as imigrações (STEPAN, Nancy, op. cit., 2005, p. 197). Apesar de não comparecer a este congresso, já que no período encontrava-se em viagem pela Europa, Renato Kehl enviou um trabalho sobre “Política Eugênica”, que foi lido ao público pelo próprio Davenport. O mesmo texto seria, inclusive, apresentado em 1932 na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, em Portugal, à convite do antropólogo Mendes Correa, Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (KEHL, Renato. *Pais, Médicos e Mestres*. op. cit., 1939, p. 102).

Segundo esse autor, o livro “Lições de Eugenia” representava um ponto de vista racista e distorcido sobre a questão racial brasileira, do qual a “ciência antropológica” não compartilhava. Ao contrário de Kehl, Fróes da Fonseca explicava que a miscigenação racial e os “tipos mestiços” brasileiros não constituíam um problema nacional, mas antes as condições de saúde e de ambiente desfavoráveis em que estes viviam.<sup>551</sup> De acordo com suas palavras:

(...) podemos ter como definitivamente assentado que a mestiçagem não nos cria nenhuma condição de inferioridade e não nos oferece nenhum problema insolúvel. Em meios estritamente científicos não se tomam a sério as fantasias dos pregoeiros do *sangue ariano* e a pretensa inferioridade das raças negra e vermelha<sup>552</sup>[grifo no original].

Ao referir-se aos “pregoeiros do sangue ariano”, Fróes da Fonseca endereçava sua provocação científica diretamente a Renato Kehl e seus seguidores que participavam do congresso. Para o antropólogo do Museu Nacional, seria um absurdo pensar numa intervenção selecionadora, e arianista, que conduzisse “uma população mestiça a um estado de purificação homogeneizante, à formação de um tipo humano padrão”.<sup>553</sup> Fróes da Fonseca questionava, ainda, se poderia haver algum tipo de bem para a humanidade ao se praticar a purificação racial. “Cremos, e muito sinceramente, que não”, concluía ele enfaticamente.<sup>554</sup>

O trabalho apresentado por Roquette-Pinto, “Notas sobre os tipos antropológicos do Brasil”, seguia a mesma direção dos argumentos defendidos por seu colega do Museu Nacional. Para esses antropólogos, fazia-se necessário desconstruir as concepções eugênicas que preconceituosamente condenavam os “tipos raciais brasileiros” à

---

<sup>551</sup> FONSECA, Álvaro Fróes da. Os grandes problemas da antropologia. In: Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso... op.cit., p. 79.

<sup>552</sup> Idem.

<sup>553</sup> Idem.

<sup>554</sup> Idem.

inferioridade.<sup>555</sup> Utilizando-se da “ciência antropológica”, Roquette-Pinto afirmava que “nenhum dos tipos da população brasileira apresenta qualquer estigma de degeneração antropológica”. Ao contrário, explicava ele, “as características de todos eles são as melhores que se poderiam desejar”.<sup>556</sup> Os “mestiços brasileiros” - que os defensores de “idéias pré-concebidas” consideravam como degenerados -, argumentava Roquette-Pinto, são na verdade “mestiços” sem instrução, doentes, debilitados pelas situações patológicas em vivem, por “questão de política sanitária e educativa”.<sup>557</sup>

Referindo-se ao questionário que alguns antropólogos norte-americanos (Porteus e Babcock) apresentaram sobre a caracterização psicológica das raças do Hawaí, Roquette-Pinto destacava o brilhantismo dos japoneses em todos os aspectos físicos e mentais, o que contrariava os cientistas que “maldiziam os cruzamentos raciais” com estes povos que, assim como os brasileiros, também foram formados a partir de uma miscigenação diversa.<sup>558</sup> Deste modo, ao mesmo tempo em que atacava os eugenistas brasileiros que faziam campanhas contra a imigração japonesa- como Renato Kehl, Miguel Couto e Xavier de Oliveira - Roquette-Pinto negava os supostos efeitos negativos que derivariam da miscigenação racial. Apoiado nos pressupostos da herança mendeliana, esse autor frisava que a própria expressão “*mistura de raças*” constituiria um “absurdo”, pois “a mestiçagem é antes combinação”, assim como acontece com certas reações químicas.<sup>559</sup> Como já destacamos, Roquette-Pinto foi fortemente influenciado pelos trabalhos mendelianos desenvolvidos nos Estados Unidos. Em “Notas Sobre os Tipos

---

<sup>555</sup> Apesar de destacar a prevalência do meio sobre os atributos biológicos das diversas raças, conforme explica Ricardo Ventura Santos, “isso não quer dizer que ele [Roquette-Pinto] acreditasse numa completa desigualdade de atributos biológicos (...) entre as raças humanas ou na ausência de predisposição biológica para certos comportamentos”, como é possível perceber em seu livro “Seixos Rolados”. Para Ricardo Ventura Santos, o pensamento de Roquette-Pinto quanto a estes aspectos eram bastante ambíguos, tendo em vista que ao mesmo tempo em que acreditava nas desigualdades entre as raças humanas, negava, por outro lado, a possibilidade de se estabelecer hierarquizações (SANTOS, Ricardo Ventura. Op. cit, 2002, p. 125-126). Segundo esse autor, as ambigüidades que existiam na antropologia física continuaram sendo praticadas pelos antropólogos mesmo após a Segunda Guerra Mundial, quando a categoria “raça” passou a ser substituída pelo conceito de cultura, ou melhor, pelo conceito de “genética de populações” (SANTOS, Ricardo Ventura. Da Morfologia às moléculas, de raça a população: trajetórias conceituais em antropologia física no século XX. In: MAIO, Marcos Chor & SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996, pp. 125-138).

<sup>556</sup> ROQUETTE-PINTO, Edgar. Notas sobre os tipos antropológicos do Brasil. In: Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso ... op.cit., p. 145.

<sup>557</sup> Idem, p. 146.

<sup>558</sup> Idem, p.143.

<sup>559</sup> ROQUETTE-PINTO, Edgar. Notas sobre os tipos antropológicos do Brasil. In: Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso ... op.cit., p. 146.

Antropológicos do Brasil”, esse autor se referia aos trabalhos do eugenista norte-americano Charles Davenport - um dos pioneiros nos estudos sobre herança mendeliana - para confirmar a importância das leis de Mendel nos estudos sobre a constituição hereditária dos “tipos antropológicos”. Roquette-Pinto chegou a afirmar que, entre as explicações de Davenport sobre “a herança mendeliana na espécie humana” e a contestação feita pelo antropólogo Franz Boas (de formação neolamarquista), suas observações o levavam a preferir a primeira.<sup>560</sup> Entretanto, é preciso destacar que apesar das constantes referências às pesquisas de Charles Davenport, Roquette-Pinto não compartilhava do pessimismo racista expresso no pensamento do eugenista norte-americano.<sup>561</sup>

Neste sentido, contrariando as interpretações da grande maioria dos cientistas mendelianos, sobretudo os eugenistas norte-americanos, ingleses e alemães, o pensamento mendeliano de Roquette-Pinto apresentava consequência diferentes quando empregado na análise sobre o processo de miscigenação racial brasileiro. Em sua concepção, os “cruzamentos raciais” que vinham se processando no Brasil, longe de ser uma “fusão” ou “caldeamento”, seguiram “leis biológicas”, não podendo ser considerada como um “fator disgênico”<sup>562</sup>. A própria antropologia, dizia Roquette-Pinto aos eugenistas que defendiam um rigoroso controle da imigração, “prova que o homem, no Brasil, precisa ser educado e não substituído”. Para o antropólogo do Museu Nacional, “o processo geral de adaptação das raças aos diferentes meios brasileiros segue de acordo com que a ciência pode desejar. A antropologia do Brasil desmente e desmoraliza os pessimistas”.<sup>563</sup>

As críticas lançadas por Roquette-Pinto tinham como alvo, portanto, as interpretações “equivocadas” de eugenistas como Renato Kehl, para quem o atraso, a incivilidade, as doenças e as degenerações deviam-se a “desmoralizante miscigenação” praticada no Brasil. Ao invés da substituição dos nacionais através de políticas imigratórias, Roquette-Pinto procurava convencer os eugenistas brasileiros que a erradicação dos problemas nacionais encontrava-se na “correção” e na “cura” dos males sociais e políticos. Em grande medida, é possível afirmar que o discurso científico desse

---

<sup>560</sup> Idem, p. 139.

<sup>561</sup> Sobre esse e outros aspectos que envolvem o pensamento de Roquette-Pinto, ver SANTOS, Ricardo Ventura. op. cit., 2002, pp. 113-129; CUNHA, Olívia Maria Gomes da. op. cit., 1999.

<sup>562</sup> Idem, p. 145.

<sup>563</sup> Idem, p.147.

antropólogo se caracterizava por um nacionalismo apaixonado que, assim como outros intelectuais deste período, visava redimir tanto o “homem brasileiro” quanto a própria nação. Através da antropologia física, explica o antropólogo Ricardo Ventura Santos, Roquette-Pinto acreditava que seria possível não somente “pensar os rumos do Brasil enquanto nação, como também atuar diretamente, através da ciência e da técnica, em busca de soluções para problemas nacionais concretos”.<sup>564</sup>

Neste sentido, tanto Roquette-Pinto quanto Fróes da Fonseca buscavam reforçar uma *identidade nacional* que se distanciasse daquela que Renato Kehl e outros eugenistas brasileiros visavam traçar. Por outro lado, a sintonia com que estes antropólogos afinavam seus discursos, permite pensar na existência de um projeto político e intelectual que consistia em legitimar e reafirmar a ciência antropológica no cenário científico nacional. Os conflitos que colocavam frente a frente concepções eugênicas radicais e conceitos antropológicos mais “suaves”, devem ser vistos, ainda, como parte das lutas de poder que ocorriam neste período no interior deste campo científico, cujo objetivo consistia em monopolizar a autoridade científica ou a capacidade legítima de falar. Na verdade, como ressalta Olívia M. Gomes da Cunha, os antropólogos do Museu Nacional almejavam definir o papel da antropologia dentro do projeto eugênico, sobretudo o de popularizar os conhecimentos que deveriam ser os verdadeiros ideais da nação: as reformas sanitárias e a educação.<sup>565</sup>

Como ficou explícito durante o congresso de eugenia, a antropologia se apropriava dos discursos médicos-sanitaristas com o intuito de reforçar suas convicções políticas e científicas sobre a realidade nacional. Por outro lado, o discurso antropológico, especialmente o que se formou entre os cientistas do Museu Nacional, acabava realimentando, ao mesmo tempo, os próprios ideais assumidos por médicos, higienistas, sanitaristas e educadores. Irmanados pelos mesmos objetivos, a ciência antropológica e o sanitarismo procuravam afinar suas concepções científicas como forma de construir um modelo de eugenia que se opusesse diametralmente à eugenia coercitiva de Renato Kehl e seus aliados mais radicais.

---

<sup>564</sup> SANTOS, Ricardo Ventura. op. cit., 2002, p. 118.

<sup>565</sup> CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Op. cit., 1999, p. 295.

Entretanto, apesar das críticas levantadas contra esse modelo de “eugenia negativa”, as idéias racistas e extremadas encontrariam, ainda, outros ouvintes. Semelhantes aos discursos eugênicos de Renato Kehl, as idéias defendidas por Azevedo Amaral em seu trabalho “O Problema Eugênico da Imigração”, proporcionaram um amplo debate e uma clara divisão ideológica. Azevedo Amaral, que além de deputado, era médico e jornalista bastante respeitado pela *intelligentsia* nacional<sup>566</sup>, entendia que devido a importância da imigração para o melhoramento da nacionalidade, a preocupação eugênica deveria “visar muito mais a seleção mental dos imigrantes do que a sua escolha por um critério meramente físico”.<sup>567</sup> Os imigrantes da Europa Setentrional, especialmente da Alemanha e dos países da Escandinávia, seriam para esse autor os mais desejáveis, já que se definiam por uma “herança satisfatória”. Em seu ponto de vista, a seleção eugênica deveria ser realizada a partir de um “exame rigoroso dos casos individuais” e não simplesmente dos grupos étnicos.<sup>568</sup>

A conferência de Azevedo Amaral colocava as discussões raciais e antropológicas do congresso em pleno alvoroço ideológico. Sua tese sugeria, em suma, que somente os imigrantes brancos, e de boa constituição hereditária, poderiam ser autorizados a habitar o território brasileiro. Essa concepção, apesar de encontrar fervorosos aliados, feria as convicções de muitos dos eugenistas presentes nesta sessão, em especial aqueles que eram contrários à restrição da imigração por critérios raciais. Azevedo Amaral teria como aliados para defesa de suas idéias o próprio Renato Kehl, além de intelectuais como Miguel Couto, Xavier de Oliveira, Oscar Fontenele e Ernani Lopes, entre outros. A oposição a essa tese era liderada por Roquette-Pinto, seguido por Belisário Penna, Levi Carneiro, Fernando da Silveira, Fróes da Fonseca, Fernando Magalhães, entre outros intelectuais bastante prestigiados dentro do próprio movimento eugênico.

Durante a sessão, o debate fora aberto de uma forma que todos os participantes pudessem manifestar seus diferentes pontos de vista. Levi Carneiro, por exemplo, argumentava que a tese de Azevedo Amaral deveria ser prontamente recusada, já que

---

<sup>566</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. Autoridade Política: o pensamento de Azevedo Amaral. In: GOMES, Ângela de Castro; OLIVEIRA, Lúcia Lippi de; VELOSO, Mônica Veloso. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1982, pp. 48-70.

<sup>567</sup> AMARAL, Azevedo. O problema eugênico da imigração. In: *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. op. cit, p. 333.

<sup>568</sup> *Idem*, 338.



aprová-la significava “negar todas as conquistas laboriosamente feitas pelos brasileiros no desbravamento e na ocupação de sua terra”. O Brasil, frisava ele, “não é uma vã e sentimental expressão verbal. É uma realidade. É um fato”.<sup>569</sup> Nas palavras de Fernando Magalhães, as restrições a determinadas correntes de imigrantes consistiria numa injustiça e num suicídio, “porque todos somos mestiços e assim nos excluimos”.<sup>570</sup> Fernando da Silveira concordava, destacando que não havia “raças superiores ou inferiores”, e que os governos deveriam aceitar a entrada de todos os imigrantes que quisessem espontaneamente contribuir para o progresso do Brasil.<sup>571</sup>

Segundo Oscar Fontenele, integrante da LBHM, o debate sobre imigração deveria ser levado mais a sério, pois, em sua opinião, o Brasil já havia sofrido bastante por “essa questão de raça”, em especial com o “cruzamento de raças diversas”.<sup>572</sup> Xavier de Oliveira também pensava desta maneira e entendia que a política imigratória deveria privilegiar os imigrantes anglo-saxões, impedindo, por outro lado, a entrada de asiáticos, árabes e negros.<sup>573</sup> Referindo-se aos trabalhos realizados pela Liga Brasileira de Higiene Mental, Ernani Lopes frisava que era necessário, também, impedir a entrada de indivíduos cegos, loucos, paralíticos e portadores de moléstias contagiosas.<sup>574</sup>

Por outro lado, opondo-se a tese de Azevedo Amaral, Belisário Penna procurava explicar que a imigração não deveria ser vista como uma questão de raça, mas sim como um “problema político e social”. Segundo ele, apesar de reconhecer a importância da imigração italiana e alemã para o progresso de alguns estados brasileiros, como no Rio Grande do Sul, por exemplo, sugeria que estas questões fossem melhor analisadas, já que esses grupos formavam “quistos sociais” que não se misturavam “à raça brasileira”.<sup>575</sup> Do mesmo modo, Roquette-Pinto entendia que a questão não deveria ser discutida como se o problema fosse racial, afinal “todo o progresso do Brasil foi feito por essa gente

---

<sup>569</sup> CARNEIRO, Levi. In: Actas e Trabalhos ... op. cit., 1929, p. 16-17.

<sup>570</sup> MAGALHÃES, Fernando. Idem, p. 20.

<sup>571</sup> SILVEIRA, Fernando. Idem, p. 21.

<sup>572</sup> FONTENELE, Oscar. Idem.

<sup>573</sup> OLIVEIRA, Xavier de. Idem, p. 23.

<sup>574</sup> LOPES, Ernani. Idem, p. 24.

<sup>575</sup> PENNA, Belisario. Idem, p.18.

proveniente de cruzamentos, ora taxados de inferiores”. Ao invés de raça, dever-se-ia entender doença; “é uma questão de higiene”, concluía ele.<sup>576</sup>

O debate se prolongou de forma acalorada no segundo e no terceiro dia do congresso. Ao final da sessão, a tese de Azevedo Amaral recebeu reformulações e foi posta em votação separada. O resultado foi 17 votos a favor e 20 contra. Ou seja, as concepções eugênicas “mais suaves”, favoráveis a uma política imigratória que não levasse em consideração os fatores raciais, acabaram predominando. Entretanto, a pequena margem de diferença entre uma opção e outra, demonstrava como essas discussões eram bastante controversas no interior do próprio movimento eugênico.

Mesmo considerando as divergências que à tese de Azevedo Amaral causou entre os eugenistas presentes no congresso, é preciso ressaltar que as críticas mais intensas foram dirigidas mesmo às concepções de Renato Kehl. O livro “Lições de Eugenia”, como já comentamos, foi aplaudido, mas também fortemente contestado. Taxada por alguns como uma obra de cunho “racista” e “preconceituoso”, cujo conteúdo se definiu por uma ciência “distorcida” e “ajeitada” em nome de princípios ideológicos,<sup>577</sup> “Lições de Eugenia” foi o trabalho que encontrou maior número de admiradores e adversários, apesar de ter sido produzida “fora” do congresso.

Renato Kehl parece ter saído do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia bastante perturbado com as críticas a ele dirigidas, principalmente em relação aos ataques lançados por Roquette-Pinto e Fróes da Fonseca. Dez dias após o encerramento do congresso, Kehl recebeu uma correspondência de seu irmão Wladimir Kehl, com quem parece ter confidenciado sua mágoa sobre os acontecimentos que ocorreram durante o referido evento. Nesta correspondência, Wladimir Kehl procurava animar seu irmão relativizando o poder das críticas a ele dirigidas:

Você faz muito bem não dando importância à atitude injusta e inamistosa dos tais ‘negróides’. Penso que nesse particular (Eugenia) você pode e deve estar perfeitamente tranqüilo: todo mundo (...) reconhece que você é o campeão desse jogo no Brasil. Disso eu tenho prova – e quem não tem? – por maior referências elogiosas de pessoas de classes sociais *mais diversas*,

---

<sup>576</sup> ROQUETTE-PINTO, Edgar. *idem*, p. 20.

<sup>577</sup> FONSECA, Álvaro Fróes da. *Os grandes problemas ... op. cit.*, 1929, p. 79.

não falando dos meios mais cultos. O único prêmio, portanto, que você pode esperar dos seus trabalhos – o reconhecimento pela sociedade dos serviços prestados com a divulgação e pregação dos princípios da Eugenia – esse tem-no você garantido por todo este Brasil. E basta-te isso. Li há poucos dias, não sei se na ‘Ordem’ ou no ‘Diário Nacional’ um artigo do Rq. No qual esse doutor de tal modo se desmancha em elogios e gratidões ao C., que me senti envergonhado! Alias, não escapa a ninguém que lê os artigos desse autor sobre questão racial no Brasil, e coisas afins, que ele, como ‘negróide’, está sempre a batalhar ‘*pro domo sua*’. Explica-se, pois o caso; e como explicar é perdoar...<sup>578</sup>

Apesar de não existir vestígios mais precisos, o “negróide” que preconceituosamente se referia Wladimir Kehl, assim como as iniciais “Rq”, provavelmente se dirigiam à Roquette-Pinto (de origem mestiça), um dos principais críticos do racismo biológico de Renato Kehl. De qualquer modo, essa correspondência ajuda a compreender a dimensão pessoal e política que os ataques dirigidos aos pressupostos eugênicos de Renato Kehl ganharam neste período. Na verdade, essa luta travada em nome da autoridade científica deixaria cicatrizes e acirraria ainda mais o confronto entre Renato Kehl e seus opositores. As divergências e as disputas em torno destas questões representavam, ainda, a posição que estes eugenistas procuravam ocupar no interior deste campo científico. Roquette-Pinto, Fróes da Fonseca e Belisário Penna, entre outros intelectuais que compartilhavam de um nacionalismo otimista, almejavam consolidar suas antigas concepções científicas e políticas sobre a realidade antropológica e social brasileira. Por outro lado, juntamente com Renato Kehl, um outro grupo de intelectuais esforçava-se no sentido endossar um modelo de eugenia mais radical que, em suma, representava posições ideológicas que ainda habitavam o imaginário político e intelectual de parte das elites brasileiras.

Em 1932, após uma nova viagem de seis meses à Europa, Renato Kehl radicalizaria ainda mais sua campanha em prol da aplicação de medidas eugênicas mais “duras”. Suas posições contrárias à imigração de asiáticos, negros e árabes, seu pessimismo em relação ao processo de miscigenação, bem como a sua propaganda pelo controle matrimonial e em defesa da esterilização dos indivíduos “anormais”, ganharia consistência ideológica com a ascensão que as idéias eugênicas mais autoritárias vinham conquistando no cenário internacional. Estas concepções apareciam com cores fortes em seu livro “Sexo e

---

<sup>578</sup> Correspondência de Wladimir Kehl a Renato Kehl. Limeira, 20 jul 1929 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

Civilização – Aparas Eugênicas”,<sup>579</sup> publicado em 1933, poucos meses após o retorno da viagem que fizera à Europa. Exatamente neste ano, o chanceler Adolf Hitler chegava ao poder na Alemanha utilizando-se de um discurso nacionalista que se afirmava pela defesa do arianismo germânico e do racismo biológico, o que possibilitou que as idéias eugênicas ganhassem destaque junto ao governo nazi-fascista.

Contudo, os pressupostos da “eugenia negativa” passariam, neste período, a perder fôlego entre os intelectuais e a autoridades públicas brasileiras. No mesmo ano em que Kehl lançou seu novo livro, apareceu no Brasil a obra “Casa-grande e Senzala”, do sociólogo e ensaísta Gilberto Freyre,<sup>580</sup> cuja leitura sobre a realidade racial brasileira fazia coro com as idéias defendidas por Roquette-Pinto e Fróes da Fonseca durante o congresso de eugenia de 1929. Juntos, estes autores colocavam por terra as teses racistas de Renato Kehl e de outros eugenistas que compartilhavam de pontos de vistas pessimistas sobre o futuro racial brasileiro. Assim, ao mesmo tempo em que Renato Kehl reafirmava sua simpatia por uma eugenia mais extremada, ao estilo da eugenia nazista, crescia o número de intelectuais que, ao lado de Gilberto Freyre e dos antropólogos Roquette-Pinto e Artur Ramos, introduziam análises mais sociológicas sobre a diversidade racial e cultural brasileira.

---

<sup>579</sup> KEHL, Renato. *Sexo e civilização – Aparas Eugênicas*. op. cit., 1933.

<sup>580</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala: formação da família Brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1933.

## CONCLUSÃO

Nesta dissertação, procurei realizar uma história intelectual do médico e eugenista Renato Ferraz Kehl entre 1917 a 1932. Enfatizei a atuação deste personagem na divulgação e organização do movimento eugênico brasileiro, bem como as idéias e concepções que moldaram seu projeto intelectual e político. Por outro lado, analisei as redes de contatos, pessoais e institucionais, nas quais Renato Kehl se inseriu, tanto entre cientistas e instituições nacionais quanto estrangeiras, como forma de mobilizar interesses e esforços em torno da propaganda eugênica. Ao mesmo tempo, busquei traçar paralelamente a própria história da eugenia no Brasil, descortinando outros personagens e as polêmicas que estruturaram a formação deste campo científico.

Como demonstrei ao longo deste trabalho, as idéias eugênicas foram introduzidas no Brasil num período histórico marcado pela expansão do sentimento nacionalista. Após a Primeira Guerra Mundial, conforme ressaltou Nancy Stepan, o discurso político e intelectual brasileiro se caracterizou pela ânsia em compreender a nação em seus próprios termos, de encontrar soluções viáveis e bem reais para os problemas que impediam o progresso e a inserção do Brasil no concerto das nações civilizadas.<sup>581</sup> Foi neste contexto que, em 1918, Renato Kehl e um grupo importante de médicos e autoridades públicas fundaram a Sociedade Eugênica de São Paulo, a primeira deste gênero em toda América Latina. Sintonizada ao discurso sanitário e da medicina social como um todo, mas também às questões que envolviam a formação racial brasileira, a Sociedade Eugênica

---

<sup>581</sup> STEPAN, Nancy. op. cit., 2004, p. 335.

apresentava-se como uma organização científica que visava contribuir para as ações de saúde pública, intervindo diretamente no tão almejado processo de regeneração nacional.

Apreendida como símbolo de modernidade cultural, as idéias eugênicas fascinaram os “homens de ciências” de tal maneira que muitos passaram a considerá-la como a “nova religião da humanidade”, a “ciência do corpo e do espírito”. Intimamente articulada ao discurso médico-sanitarista, a eugenia foi vista como um poderoso instrumento de engenharia e reforma do ambiente social. Entretanto, diferentemente dos programas eugênicos mais “duros” como os que se desenvolveram nos Estados Unidos e no norte da Europa, o discurso eugenista brasileiro foi marcado, especialmente nos anos 1920, por um modelo mais “suave” de eugenia, muito mais preocupada com as reformas sociais do que propriamente biológicas.<sup>582</sup> Segundo Nancy Stepan, orientada pelas discussões neolamarckistas sobre a herança dos caracteres adquiridos, a grande maioria dos eugenistas brasileiros entendiam que mudanças no ambiente externo poderiam acarretar em melhorias raciais que seriam herdadas pelas futuras gerações.<sup>583</sup> Esta caracterização científica da eugenia local acabava por reforçar o sentimento de que os problemas nacionais não seriam eternos e irremovíveis, mas que poderiam ser paulatinamente resolvidos com o simples melhoramento das condições de vida da população.

Como o principal ideólogo do movimento eugenista, Renato Kehl fez uma ampla campanha de divulgação da eugenia no cenário nacional, especialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, os principais centros urbanos e industriais do país naquele momento. Utilizando-se da força comunicativa da imprensa diária, ou mesmo de periódicos e revistas científicas, Kehl procurou mobilizar a atenção de intelectuais, cientistas, políticos e do público mais amplo, quanto à força reformadora que as idéias eugênicas apresentavam para regenerar a saúde física, moral e intelectual do homem brasileiro. Demonstrei no segundo capítulo que as redes de contato que este autor manteve com outros “prosélitos da eugenia” possibilitaram a expansão da propaganda eugênica não apenas no Brasil como na América Latina. Juntamente com os eugenistas Victor Delfino, da Argentina, e Carlos Henrique de Paz Soldan, do Peru, Renato Kehl contribuiu para mobilizar os movimentos eugênicos em outros países latino-americanos, como na Argentina, no Peru, na Venezuela e no Paraguai.

---

<sup>582</sup> Vale ressaltar que, segundo Nancy Stepan, esta foi uma característica que marcou o discurso eugênico em toda América Latina e nos países europeus como a França, Itália e Espanha (STEPAN, Nancy. op. cit., 2005).

<sup>583</sup> STEPAN, Nancy. op. cit., 2004, p. 345-355.

É importante ressaltar, ainda, que estes contatos com eugenistas de outros países colaboraram para aumentar o prestígio de Kehl em seu próprio país.

No final dos anos 1910, seu nome já era conhecido como o “pai da eugenia no Brasil”, o que lhe garantiu prestígio e reconhecimento no interior do campo científico. Na verdade, ao assumir a divulgação da eugenia como a sua “missão intelectual”, é possível concluir que o próprio Renato Kehl almejava estabelecer uma estreita identidade entre o seu nome e a ciência eugênica, definindo o seu lugar no mundo da ciência. Neste sentido, o capital simbólico acumulado por este intelectual possibilitou não apenas a sua liderança dentro deste movimento, mas também a legitimação de sua autoridade científica entre seus pares.

Entre 1917 a 1927, Renato Kehl assumiu uma estreita relação com os intelectuais ligados ao discurso sanitarista, sobretudo após a sua entrada no Departamento Nacional de Saúde Pública, em 1920, onde ficou responsável pelos serviços de educação e propaganda higiênica e antivenérea. Neste período, realizou várias campanhas de orientação médico-sanitária, chamando a atenção do público em geral para o perigo que as doenças venéreas, o alcoolismo, a tuberculose e os “ambientes disgênicos” representavam para a “saúde da raça”. De maneira semelhante ao que pensava a grande maioria dos eugenistas nacionais, este autor destacava em seus livros, artigos e conferências, que sanear e educar representava o mesmo que eugenzar. Defendendo um modelo de eugenia diretamente associado à medicina social, ao estilo da “eugenia preventiva”, Renato Kehl acreditava que as reformas sociais e do meio ambiente contribuiriam eficazmente para melhorar as qualidades físicas e intelectuais da população brasileira. Do mesmo modo, previa que o aumento no grau de instrução e as próprias mudanças que ocorriam nos hábitos sociais relacionados à higiene e ao saneamento contribuiriam para reformar o comportamento moral da população e, em consequência, para elevar os valores da civilização nacional.

Além da inconfundível associação com os pressupostos da medicina social, a eugenia brasileira esteve intimamente ligada tanto ao discurso da higiene mental, representado pelos psiquiatras da Liga Brasileira de Higiene Mental, quanto das concepções defendidas pela medicina legal, lideradas pelos trabalhos de Afrânio Peixoto, Souza Lima e Leonídio Ribeiro. De maneira geral, estas três vias do pensamento científico e intelectual brasileiro estruturavam o complexo campo eugênico nacional, formado por

aquilo que o próprio Renato Kehl denominou de “ciência bio-social”. Para os eugenistas brasileiros, a eugenia era compreendida como uma ciência sem fronteiras delimitadas, o que lhe possibilitava servir aos mais diferentes saberes, como a medicina social, a psiquiatria e a medicina legal, sendo apropriada inclusive nas formulações de diversos projetos de construção da nação. Apesar de não possuir um espaço exclusivo de atuação e de ser, ao mesmo tempo, um movimento científico e social, a força do movimento eugênico ganhava destaque exatamente devido a esta capacidade camaleônica de servir aos diferentes saberes “bio-sociais”.

Assim, utilizando-me do conceito de Pierre Bourdieu sobre a noção de campo científico pouco autônomo, destaquei o caráter polimorfo e multifacetado do campo eugênico no Brasil. Todavia, ao contrário do conceito clássico de campo científico, no qual é possível perceber as regras próprias de funcionamento, o campo heterônomo da eugenia se estruturava a partir de complexas relações de força, num jogo em que as demandas sociais externas interferiam diretamente nas disputas pela definição da autoridade científica e da imposição de um modelo dominante de ciência. Como procurei demonstrar ao longo do segundo capítulo, a rede formada por Renato Kehl junto aos médicos, sanitaristas, higienistas mentais e intelectuais ligados à medicina legal, foi fundamental para definir um grupo de aliados que, de maneira geral, legitimaram a eugenia e a própria posição de Kehl como a principal liderança neste campo. Por outro lado, levando em consideração que a eugenia se constituía como um campo científico pouco autônomo, o reconhecimento do seu nome na arena pública também lhe rendeu um importante crédito científico entre os pares-concorrentes.

No terceiro e no quarto capítulo procurei desenvolver os argumentos centrais desta dissertação. Destaquei que apesar da intensa ligação de Renato Kehl com esse modelo polimorfo de eugenia, a partir do final dos anos 1920 seu pensamento passou por um processo de ruptura que o afastou significativamente dos paradigmas eugênicos dominante no Brasil e na América Latina. Em meu ponto de vista, três fatores principais contribuíram para essa mudança radical que ocorreu no projeto eugênico de Renato Kehl: a própria expansão do movimento eugênico nacional e internacional; sua saída do Departamento Nacional de Saúde Pública, em 1927; e sua viagem de cinco meses ao norte da Europa, sobretudo à Alemanha, em 1928. Enfatizei que o contato deste eugenista com os pressupostos da “higiene racial” alemã despertou sua atenção e simpatia para um amplo



conjunto de idéias radicais que vinham se desenvolvendo nos países de língua alemã e inglesa.

Deste modo, ao invés da “eugenia preventiva”, foram as medidas mais extremadas e coercitivas da “eugenia negativa” que contagiaram o pensamento deste autor a partir do final dos anos 1920. Seu livro “Lições de Eugenia”, lançado em 1929, assim como muitos dos artigos publicados no *Boletim de Eugenia* e na imprensa diária, foram fundamentais para perceber o significado desta ruptura. Neste período, ao mesmo tempo em que questionava a capacidade regeneradora das reformas sociais e do meio ambiente, Renato Kehl passara a acreditar que a verdadeira eugenia seria realizada efetivamente a partir de medidas mais “duras”, como o controle matrimonial e da reprodução humana, a restrição da imigração, a segregação racial e a esterilização dos indivíduos considerados “inaptos” para a “boa geração”. Seus contatos intelectuais que até então haviam se definido com vistas à formação de uma rede latino-americana de eugenia, se estenderam progressivamente no sentido de uma maior aproximação com os eugenistas alemães, escandinavos e norte-americanos. Além da correspondência que passou a manter com eugenistas como Eugen Fischer, Herman Lundborg, Hans Haustein, Hermann Muckermann e Charles Davenport, artigos destes e outros eugenistas estrangeiros eram citados freqüentemente em suas obras ou, então, traduzidos no *Boletim de Eugenia*, dirigido pelo próprio Renato Kehl no período entre 1929 a 1933.

A partir do final da década de 1920, Renato Kehl passou a delimitar o conceito e a área de atuação em que a ciência eugênica deveria intervir. Argumentando que os conhecimentos eugênicos não eram corretamente utilizados pelos intelectuais brasileiros, este autor explicava que a eugenia era uma ciência com fronteiras perfeitamente delimitadas, contrariando um ponto de vista que até então ele mesmo havia sustentado. Vale ressaltar que, ao definir um conceito mais restrito para a eugenia, Kehl buscava autonomizar esta ciência em relação a outros saberes. Para este autor, eugenia e eugenismo, ou higiene, deveriam ser corretamente distinguidos. A primeira era responsável pela preservação da hereditariedade, das células da reprodução; enquanto o segundo deveria restringir-se aos cuidados com o meio externo em geral, com as medidas que, apesar de não interferir nas futuras gerações, se constituíam como um auxiliar da eugenia. Sintonizado com os argumentos de August Weismann sobre a continuidade do plasma germinativo, Renato Kehl definia a hereditariedade humana como características

biológicas inatas e fixas que se encontravam nas células da reprodução. Assim, contrariando as concepções da hereditariedade neolamarckista, Kehl alertava que os caracteres do meio poderiam ser herdados, mas não transmitidos hereditariamente à descendência.

As próprias discussões sobre raça, miscigenação racial e imigração também ganharam um tom mais radical e racista no pensamento de Renato Kehl. Se durante os anos 1910 e 1920 este autor apresentava, de maneira geral, uma concepção otimista e assimilacionista sobre a questão racial brasileira - já que acreditava que o processo de miscigenação conduziria ao branqueamento da nacionalidade -, a partir do final dos anos 1920 seus pressupostos eugênicos se caracterizariam por um certo pessimismo quanto ao futuro racial da nação, chegando a contrariar veementemente o processo de miscigenação. Em suas palavras, a “mistura racial” entre indivíduos de “raças diversas”, sobretudo entre a “raça branca” e a “raça negra”, era desmoralizante e inaceitável, pois formava uma prole mestiça, híbrida e degenerada.<sup>584</sup> Para ele, o principal problema nacional se concentrava exatamente na miscigenação racial que historicamente vinha ocorrendo no Brasil.

Assim, preso ao determinismo biológico radical, Renato Kehl ressaltava que não haveria solução para os grandes problemas nacionais sem um programa eugênico voltado para a “política biológica”.<sup>585</sup> Este eugenista entendia que cabia ao estado não somente o controle da natalidade e da mortalidade, mas também a criação de uma política eugênica que pudesse intervir para evitar os matrimônios não aconselháveis e a reprodução dos “anormais”, além da restrição à entrada de imigrantes considerados eugênicamente indesejáveis. De maneira geral, Renato Kehl visualizava a nação e a população nacional como um grande corpo biológico que deveria ser guiado de maneira racional tanto pelas forças políticas do Estado quanto pelo saber científico. Deste modo, é possível dizer que essa forma de administração da saúde racial, da natalidade, da imigração, do matrimônio e da reprodução humana, representava, em extremo, aquilo que Michel Foucault chamou de

---

<sup>584</sup> KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. op. cit., 1929, p. 191.

<sup>585</sup> KEHL, Renato. *Esboço histórico e bibliográfico...*, op. cit., 1929, p. 49.

biopolítica, ou seja, a prática governamental que visava o gerenciamento efetivo da vida orgânica das populações nacionais.<sup>586</sup>

Como procurei ressaltar, o modelo extremado de eugenia defendido por Renato Kehl, somado às suas concepções sobre a questão racial, suscitaram grandes polêmicas entre os intelectuais brasileiros, principalmente após o lançamento do seu livro “Lições de Eugenia” e da realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Ao mesmo tempo em que formou um grupo de aliados que legitimavam suas idéias mais radicais, o projeto eugênico de Renato Kehl encontrou uma forte oposição mesmo no interior do campo eugênico, como as severas críticas levantadas pelos antropólogos Roquette-Pinto e Fróes da Fonseca. Para estes e outros intelectuais ligados ao movimento eugênico, os problemas da nação não estavam relacionados à questão racial e ao “estoque genético” da população - já que os “tipos brasileiros” seriam formados a partir de uma “miscigenação eugênica” -, mas sim as péssimas condições de vida em que se encontrava a grande maioria dos brasileiros.

Desta maneira, apesar da reputação e do reconhecimento que havia adquirido junto a um grupo de eugenistas nacionais e estrangeiros, o projeto da “eugenia negativa” proposto por Renato Kehl não teve força suficiente para se impor como um modelo dominante no interior do campo eugênico. Ao contrário, as idéias extremadas e racistas foram duramente rejeitadas pela maioria dos intelectuais e das autoridades públicas brasileiras que, de maneira geral, continuaram centralizando suas preocupações nas reformas sociais mais amplas, como da saúde pública e da educação. Do mesmo modo, considerando os argumentos mobilizados por seus contendores durante o congresso de 1929, é possível afirmar que ao mesmo tempo em que Renato Kehl procurava autonomizar a ciência eugênica, eram outros saberes científicos que estavam de fato se autonomizando. É neste sentido que poderíamos ler, por exemplo, as críticas lançadas por Fróes da Fonseca contra as concepções científicas de Renato Kehl. Por outro lado, é preciso destacar, ainda, a própria refutação de Fróes da Fonseca em relação ao prestígio que Kehl havia adquirido

---

<sup>586</sup> Para Foucault, a biopolítica foi uma importante ferramenta utilizada pelo Estado a partir do século XVIII para manter a homogeneidade nacional, a ordem social e o controle mais efetivo sobre as forças produtivas das populações. Sobre o conceito de biopolítica, ver FOUCAULT, Michel, *Direito de morte e poder sobre a vida*. In: \_\_\_\_\_. *A história da sexualidade: a vontade de saber* – vol. I. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1997, pp. 125-149; FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. In: \_\_\_\_\_. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1997 pp. 89-97.

entre o público mais amplo. Naquele momento, o reconhecimento fora do campo científico não apenas o desqualificava enquanto cientista, como depunha contra ele.

Em 1933, meses depois de sua segunda viagem à Alemanha, Renato Kehl lançou o livro “Sexo e Civilização – Aparas eugênicas”, onde explicitava de forma ainda mais intensa sua aproximação com as idéias eugênicas autoritárias e racistas, ao estilo da “higiene racial” alemã. Nesta obra, Kehl manteria sua crença no pressuposto de que o “*grande mal do Brasil é um mal de raça*”.<sup>587</sup> Assim, fortemente influenciado pelo racismo biológico, este autor afirmava:

Os cruzamentos heterogêneos (entre raças diferentes, por exemplo, entre indivíduos brancos e pretos, entre pretos e amarelos ou bronze, etc), são responsáveis pelo aparecimento de excessivas variações que representam *desvios da norma genética. A vida numa sociedade é tanto mais intensa, desordenada, prenhe de vicissitudes, de crimes, de degeneração, quanto mais heterozigotos os elementos que a compõem*”.<sup>588</sup>

Por outro lado, enquanto para Renato Kehl os problemas nacionais eram compreendidos como sendo de origem eminentemente racial, o sociólogo Gilberto Freyre apresentava no prefácio da obra “Casa-grande e Senzala”, publicada também em 1933, uma outra interpretação a esta mesma questão:

Vi uma vez, depois de quase três anos de ausência do Brasil, um bando de marinheiros nacionais – mulatos e cafuzos – descendo não me lembro se do *São Paulo* ou do *Minas* pela neve mole do Brooklyn. Deram-me a impressão de caricaturas de homens. E veio-me à lembrança a frase de um livro de viajante americano que acabara de ler sobre o Brasil, *‘the fearfully mongrel aspect of population’*. A miscigenação resultava naquilo. Faltou-me quem me dissesse então, como em 1929 Roquette-Pinto aos arianistas do Congresso Brasileiro de Eugenia, que não eram simplesmente mulatos ou cafusos os indivíduos que eu julgava representarem o Brasil, mas cafusos e mulatos doentes.<sup>589</sup>

Para Gilberto Freyre, os males que haviam formado aquelas “caricaturas de homens” que ele havia visto andando sobre a neve mole do Brooklyn não deveriam ser atribuídos à raça ou a miscigenação racial, mas ao estado patológico e as péssimas

---

<sup>587</sup> KEHL, Renato. *Sexo e Civilização...* op. cit., 1933, p. 204 [sem grifo no original].

<sup>588</sup> Idem., p. 44.

<sup>589</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala...* op. cit., 1946 [1933], pp. 17-18.

condições sociais e econômicas em que vivia a grande maioria da população nacional. Influenciado pelos argumentos do movimento sanitarista e pelas concepções da antropologia cultural de Franz Boas, Gilberto Freyre fazia uma forte oposição às análises racistas como aquelas defendidas por Renato Kehl.<sup>590</sup> De maneira geral, o autor de “Casa-grande e Senzala” pode ser visto como um certo antípoda de Renato Kehl, como um dos intelectuais brasileiros que, ao lado de Roquette-Pinto e Fróes da Fonseca, opuseram-se diametralmente ao projeto radical e racista defendido por este eugenista.

---

<sup>590</sup> Sobre a influência de Franz Boas e do pensamento neolamarckista na obra de Gilberto Freyre, ver ARAÚJO, Ricardo Benzaquem de. *Guerra e Paz: “Casa-grande & Senzala”* e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30: Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

## BIBLIOGRAFIA

### 1. Referências bibliográficas

ADAMS, Mark B. Toward a comparative history of eugenics. In: \_\_\_\_\_ (org.). *The Wellborn Science*. Eugenics in Germany, France, Brazil e Russia. New York: Oxford University Press, 1990, pp. 217-231.

ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. *Medicina, leis e moral: Pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquem de. *Guerra e Paz: “Casa-grande & Senzala” e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

AZEVEDO, Célia Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites – século XIX*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1999.

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Dos micróbios aos mosquitos: Febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / UFRJ, 1999.

BLOCK, Pamela. Sexuality, parenthood, and cognitive disability in Brazil. *Sexuality and Disability*, Nova York, vol. 20, nº 1, mar. 2002, pp. 07-28.

BOARINI, Maria Lucia (org). *Higiene e raça como projetos: higienismo e eugenismo no Brasil*. Maringá: Editora Eduem, 2003.

BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In: ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1983, pp. 122-155.

\_\_\_\_\_. Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe. In: \_\_\_\_\_. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001, pp. 183-202.

\_\_\_\_\_. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

CARRARA, Sérgio. *Tributo a Vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, na passagem do século aos anos 40*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996.

\_\_\_\_\_. Estratégias Anticoloniais: sífilis, raça e identidade nacional no Brasil do entre-guerras. In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (orgs). *Cuidar, Controlar, Curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, pp. 428-453.

CARVALHO, José Murilo. Brasil 1870-1914: A força da tradição. In: \_\_\_\_\_. *Pontos e Bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998, pp. 107-129.

CASTAÑEDA, Luiza Aurélia. Apontamentos historiográficos sobre a fundamentação biológica da eugenia. *Revista Episteme*, Porto Alegre, vol. 3, nº 5, 1998, pp. 23-48.

CASTRO SANTOS, Luiz Antonio de. O pensamento sanitaria na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade. Rio de Janeiro: *Dados – Revista de Ciências Sociais*, vol. 28, nº 2, 1985, pp. 137-276.

COSTA, Jurandir Freire. *História da Psiquiatria no Brasil*. Um corte ideológico. Rio de Janeiro: Editora Xenon, 1989.

COUTINHO, Afrânio. *Brasil e Brasileiros de hoje*. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1961.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. *Intenção e Gesto: Pessoa, cor e a produção cotidiana da (in)diferença no Rio de Janeiro, 1927-1942*. Rio de Janeiro. Editora Arquivo Nacional, 1999.

DIWAN, Pietra. *O Espetáculo do Feio: práticas discursivas e redes de poder no eugenismo de Renato Kehl*. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2003.

FERREIRA, Luis Otávio. *O Nascimento de uma Instituição Científica: o periódico médico brasileiro da metade do século XIX*. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. 1996.

FOUCAULT, Michel. Nascimento da biopolítica. In: \_\_\_\_\_. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1997 pp.89-97.

\_\_\_\_\_. Direito de morte e poder sobre a vida. In: \_\_\_\_\_. *A história da sexualidade: a vontade de saber – vol. I*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1997, pp.125-49.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: \_\_\_\_\_. (org). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2004. pp. 07-24.

GONZÁLEZ, Armando García. Darwinismo, eugenesia y mendelismo em la enseñanza de la biología em Cuba: 1900-1959. In: GLICK Thomas F.; RUIZ, Rosaura; PUIG-SAMPER, Miguel Ángel (orgs). *El darwinismo em Espanha e Iberoamérica*. México, 1999, pp. 199-214.

GOULD, Steven Jay. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

HERSCHMANN, Micael M.; PEREIRA, Carlos Alberto M. O imaginário moderno no Brasil. In: \_\_\_\_\_ (orgs). *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20 – 30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, pp.09-42.

HOBSBAWM, Eric. A queda do liberalismo. In: \_\_\_\_\_. *A era dos extremos: o breve século XX -1914-1991*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1995, pp. 113-143.

\_\_\_\_\_. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1998.

HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. São Paulo: Editora Hucitec/Anpocs, 1998.

\_\_\_\_\_. A ciência entre a Comunidade e o Mercado: Leituras de Kuhn, Bourdieu, Latour e Knorr-Cetina. In: PORTOCARRERO, Vera. *Filosofia, História e Sociologia das Ciências: Abordagens Contemporâneas*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002, pp. 199-231.

KEVLES, Daniel. *In the name of eugenics. Genetic and the uses of human heredity*. Nova York: Editora Knopf, 1995.

LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil: Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro. Editora Revan, 1999.

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República. In: MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura. *Raça Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996. pp. 23-40.

\_\_\_\_\_. Pouca saúde e muita saúde: sanitarismo, interpretações do país e ciências sociais. In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego. *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, pp. 493-533.

LUCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento antisemita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1992.

\_\_\_\_\_. “A nação no microscópio”: intelectuais médicos e ordem social no Brasil. *Siglo XIX – Revista de História*. México, nº 12, jul. – dez. 1992, pp. 41-62.

\_\_\_\_\_. Raça, doença e Saúde Pública no Brasil: um debate sobre o pensamento higienista do século XIX. In: MONTEIRO, Simone & SANSONE, Livio (Orgs.). *Etnicidade na América: um debate sobre raça, saúde e direitos reprodutivos*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004. pp.15-44.



MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A Medicalização da raça: médicos, educadores e discurso Eugênico*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1994.

MARTINS, Lílian Al-Chueyr Pereira. August Weismann e a Evolução: os diferentes níveis de seleção. *Revista da SBHC*. Rio de Janeiro, nº 1, 2003, pp. 53-75.

MELO, Luis Correia. *Dicionário de autores Paulistas*. São Paulo: Editora Gráfica Irmãos Andrioli, 1954.

NALLI, Marcos. *O gene educado: a antropologia eugênica de Renato Kehl e a educação*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2000.

NARI, Marcela M. A.. La Eugenesia em Argentina, 1890-1940. *Quipu - Revista Latino Americana da História das Ciências e da Tecnologia*. México, vol.12, nº 3, set.-dez. 1999, pp.275-304.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. Autoridade Política: o pensamento de Azevedo Amaral. In: GOMES, Ângela de Castro; OLIVEIRA, Lucia Lipi de; VELOSO, Mônica (orgs). *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1982, pp. 48-70.

\_\_\_\_\_. *A questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

PÉCAULT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil*. Entre o povo e a nação. São Paulo: Editora Ática, 1990.

REIS, José Roberto Franco. *Higiene Mental e Eugenia*. O projeto de regeneração nacional da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-30). Dissertação (Mestrado em História) - Unicamp, Campinas, 1994.

\_\_\_\_\_. Raça, imigração e eugenia: o projeto de “regeneração nacional” da Liga Brasileira de Higiene Mental. *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, nº 36, dez. 1999, pp. 29-55.

ROMERO, Mariza. *Medicalização da saúde e exclusão social: São Paulo – 1889-1930*. Bauru, SP: Editora Edusc, 2002.

SANTOS, Ricardo Ventura. Da morfologia às moléculas, de raça à população: trajetórias conceituais em antropologia física no século XX. In: MAIO, Marcos Chor & SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996, pp. 125-138.

\_\_\_\_\_. Mestiçagem, Degeneração e a Viabilidade de uma Nação: Debates em Antropologia Física no Brasil (1870-1930). In: PENNA, Sérgio D. J. (org.). *Homo Brasilis: Aspectos genéticos, lingüísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro*. São Paulo: Editora Funpec, 2002, pp. 113-129.

SANTOS, Ricardo Ventura & MAIO, Marcos Chor. Injetando Sangue no Mito da Democracia Racial? Genética, Relações Raciais e Política no Brasil Contemporâneo. In: PENA, Sérgio D. J. (org). *Homo Brasilis: Aspectos genéticos, lingüísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro*. São Paulo: Editora Funpec, 2002, pp. 175-192.

SCHNEIDER, William H. The eugenics movement in France 1890-1940. In: ADAMS, Mark, B. (org). *The Wellborn Science. Eugenics in Germany, France, Brazil e Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, pp. 69-109.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. *A Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco: Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976.

\_\_\_\_\_. Racial ideas and social policy in Brazil – 1870-1940. In: GRAHAM, R. (org). *The Idea of race in Latin America – 1870-1940*. Austin: University of Texas Press, 1990.

STEPAN, Nancy. *Gênese e Evolução da Ciência Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1976.

\_\_\_\_\_. A Eugenia no Brasil – 1917 a 1940. In: HOCHMAN, Gilberto. & ARMUS, Diego (orgs). *Cuidar, Controlar, Curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio: Editora Fiocruz, 2004, pp. 331-391.

\_\_\_\_\_. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

STERN, Alexandra Minna. Mestizofilia, biotipologia y eugenesia em el México post-revolucionario: hacia una historia de la ciência y el Estado, 1920-1960. In: ARMUS, Diego (org). *Avatares de la medicalización em América Ltina (1870-1970)*. Buenos Aires: Editora Lugar Editorial, 2004, pp. 275-304.

THIELEN, Eduardo Vilela e SANTOS, Ricardo Augusto dos. Belisário Penna: notas fotobiográficas. *Revista História, Ciência, Saúde: Manguinhos*. Rio de Janeiro, maio/ago. 2002, vol. 9, nº 2, p.387-404.

VALLADARES, Licia. A gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 15, nº 44, out 2000, pp. 11-34

VENANCIO, Ana Teresa; FACCHINETTI, Cristiana. “Gentes provindas de outras terras” – ciência psiquiátrica, imigração e nação brasileira. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. Rio de Janeiro, ano VIII, nº 2, jun. 2005, pp. 356-363

VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2000.

WAILOO, Keith. Detecting “Negro Blood”: Black and Identities and the Reconstruction of Sickle Cell Anemia. In: \_\_\_\_\_. *Drawing Blood: Technology and Disease Identity in Twentieth-Century America*. Baltimore & London: The Johns Hopkins University Press, 1997, pp. 134-161.

WEISS, Sheila Faith. The Race Hygiene Movement In Germany 1904-1945. In: ADAMS, Mark B. (org.). *The Wellborn Science. Eugenics in Germany, France, Brazil e Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, pp. 08-68.

## **2. Fontes Primárias**

### **Arquivos e bibliotecas pesquisados**

Fundo Pessoal Renato Kehl – DAC-COC, Fiocruz  
Biblioteca da Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz  
Biblioteca Nacional – Sessão de Obras Gerais  
Biblioteca de Obras Raras de Manguinhos  
Biblioteca de Manguinhos – Sessão de Periódicos  
Biblioteca Geral do Museu Nacional - UFRJ

### **Livros, teses, artigos e folhetos**

AMARAL, Amadeu. Cuidar da Infância. *Revista do Brasil*. São Paulo, v.16, n. 162, fev. de 1921, pp. 140-41.

AMARAL, Azevedo. O problema eugênico da imigração. In: *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, 1929, pp. 327-340.

ARMINSTRONG, Charles W. *Melhoremos a nossa raça*. Rio de Janeiro: Editora Imprensa Inglesa, 1916.

AZEVEDO, Fernando. Meninas feias e meninas bonitas: eugenia e plástica. In: *Annaes de Eugenia* (Sociedade Eugênica de São Paulo). São Paulo: Editora da Revista do Brasil, 1919, pp. 148-153.

\_\_\_\_\_. O segredo de Marathona. In: *Annaes de Eugenia* (Sociedade Eugênica de São Paulo). São Paulo: Editora da Revista do Brasil, 1919, pp. 115-135.

BAUER, Julius. As leis mendelianas. *Boletim de Eugenia*, Rio de Janeiro, ano II, nº 23, nov. 1930, pp. 1-3.

\_\_\_\_\_. As leis de Mendel em relação aos homens. *Boletim de Eugenia*, Rio de Janeiro, ano II, nº 24, dez. 1930, pp. 9-10.

\_\_\_\_\_. As leis mendelianas – fatores pleiotropos. *Boletim de Eugenia*, Rio de Janeiro, ano III, nº 25, jan. 1931, pp. 5-7.

BARRETO, Luis Pereira. Eugenia. São Paulo: *Revista do Brasil*. São Paulo, vol. 07, nº 28, abr. 1918, p. 415-417.

BARRETO, Castro. O médico e o culto da raça. *Revista Brazil-Médico*, Rio de Janeiro, ano XXXVI, vol. 11, 02 out. 1922, p. 208-209.

BONFIN, Manoel. *América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Editora H. Garnier, Livreiro-editor, 1938 [1905].

CAMPOS, Humberto. O apostolado do Dr. Renato Kehl. *Jornal Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 12 mai 1932.

CARNEIRO, Levi. Educação e Eugenia. In: *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, 1929, pp. 107-116.

COELHO NETO, H. M. Aviso. *Revista do Brasil*, São Paulo, vol. 12, nº 48, dez. 1918, p. 376-377.

COUTO, Miguel. *A seleção social*. Rio de Janeiro. Irmão Pongetti Editores, 1942.

DELFINO, Victor. A propósito de um livro sobre eugenia. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano II, nº 21, set 1929, p. 4.

DOMINGUES, Octávio. Vamos receber o pioneiro da eugenia no Brasil. *Jornal O movimento*, Piracicaba, 20 jun. 1931.

DREYFUS, André. O estado actual do problema da hereditariedade. In: *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, 1929, pp. 87-97.

FARANI, Alberto. Como evitar as proles degeneradas? Resposta as objeções da Encíclica Casti-connubi. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano III, nº 34, out. 1931, pp. 3-7.

FONSECA, Álvaro Fróes da. Os Grandes problemas da Antropologia. In: *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro. 1929, pp. 63-86.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1933.

HENRIQUE, João. *Do conceito eugênico do habitat brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Tipografia Besnard Frères, 1917.

HUERTA, Luis. *Hombres Nuevos. Jornal Adelante Madrid*. Madrid, s/d, 1932.

KEHL, Renato Ferraz; MONTEIRO, Eduardo. *O Médico do lar*; dicionário popular de medicina de urgência. São Paulo: Editora Weiszflog Irmãos, 1919.

KEHL, Renato Ferraz. *Blastomicose*. Tese de Medicina- Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Tipografia do Jornal do Comércio, 1915.

\_\_\_\_\_. Movimento Associativo. *Jornal O Estado de São Paulo*: São Paulo, 07 set. 1918.

\_\_\_\_\_. O que é eugenia. *Revista do Brasil*. São Paulo, vol. 9, nº 35, nov. de 1918, pp. 304-305.

\_\_\_\_\_. Saneamento Rural. *Revista Chácaras e Quintaes*. São Paulo, vol. 18, nº 03, set. 1918, pp. 209-211.

\_\_\_\_\_. Conferência de Propaganda Eugênica. *Annaes de Eugenia - Sociedade Eugênica de São Paulo*. São Paulo: Editora da Revista do Brasil, 1919, pp. 67-79.

\_\_\_\_\_. Darwinismo Social e Eugenia. In: *Annaes de Eugenia – sociedade Eugênica de São Paulo*. São Paulo: Editora da Revista do Brasil, 1919, pp. 177-183.

\_\_\_\_\_. Sociedade Eugênica de São Paulo. *Jornal do Comércio*. São Paulo, 04 abr. 1919.

\_\_\_\_\_. As Associações Eugênicas. *Diário Popular*: São Paulo, 5 abril 1919.

\_\_\_\_\_. O casamento Consangüíneo em face da Eugenia. São Paulo: *Revista do Brasil*, v.11, nº 42, jun. de 1919, p. 189-190.

\_\_\_\_\_. Eugenia. *Diário de Barbacena*. Barbacena, 9 out. 1919.

\_\_\_\_\_. *Povo São e Povo Doente*. Rio de Janeiro. Editora Revista do Brasil, 1920.

\_\_\_\_\_. Eugenia ou Eugênica: a luta contra as degenerações. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 06 fev 1920.

\_\_\_\_\_. Os problemas da Regeneração das Raças. *Jornal A Noite*. Rio de Janeiro, 03 jul. 1920.

\_\_\_\_\_. O primeiro movimento eugenista. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 10 maio 1921.

\_\_\_\_\_. O papel da Eugenia na restauração das raças. Rio de Janeiro: *Correio da Manhã*, 16 jun. 1921.

\_\_\_\_\_. As questões de raça. *Gazeta do Povo*, Curitiba, out. 1921.

\_\_\_\_\_. A cura da Fealdade. *Revista do Brasil*. São Paulo, vol. 20, nº 78, jun 1922, p. 179.

- \_\_\_\_\_. *A Cura da Fealdade*. São Paulo: Editora Monteiro Lobato & Co, 1923.
- \_\_\_\_\_. *Fada Hygia*. Rio de Janeiro: Editora Livraria Francisco Alves, 1923.
- \_\_\_\_\_. O problema do casamento. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 10 abr 1923.
- \_\_\_\_\_. O homem puro-sangue: a possibilidade de sua criação. *Jornal Gazeta de Notícias*. 13 de abr. 1923.
- \_\_\_\_\_. A Infância. *Jornal Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. 08 jun 1923.
- \_\_\_\_\_. O ensino da higiene nas escolas primárias. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 14 jul. 1923.
- \_\_\_\_\_. Higiene Rural. *Revista Saúde Pública*. Rio de Janeiro, ago. 1923.
- \_\_\_\_\_. Filhos de Luéticos. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 17 out. 1923.
- \_\_\_\_\_. O cupin da Raça. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 21 out. 1923.
- \_\_\_\_\_. A Sífilis e o Matrimônio. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 19 out. 1923.
- \_\_\_\_\_. Educação e Instrução. *Revista Nacional*. Rio de Janeiro, 1923, pp. 716-721.
- \_\_\_\_\_. *O perigo venéreo*. Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Saúde Pública, 1924 [1921].
- \_\_\_\_\_. Os efeitos do alcoolismo. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 12 mar. 1924.
- \_\_\_\_\_. Da eugenia e o futuro do Brasil. In: *Theses Oficiais, memórias e conclusões do Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica Editora, 1925[1922], pp. 870-884.
- \_\_\_\_\_. A consangüinidade e a surdo-mudez. *Revista de Higiene e Saúde*. Rio de Janeiro, jun. 1925.
- \_\_\_\_\_. *Bíblia de Saúde*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1926.
- \_\_\_\_\_. *Formulário de beleza – fórmulas escolhidas*. Rio de Janeiro: Editora Livraria Francisco Alves, 1927.
- \_\_\_\_\_. O problema da Educação Sexual (Tese apresentada na Conferencia Nacional de Educação – 1927). *A Folha Médica*. Rio de Janeiro, 15 março de 1928.
- \_\_\_\_\_. A Eugenia na Europa e no Brasil (entrevista com o eugenista Renato Kehl). *O Jornal*. Rio de Janeiro, 18 set. 1928.
- \_\_\_\_\_. *Lições de Eugenia*. Rio de Janeiro: Editora Livraria Francisco Alves, 1929.

\_\_\_\_\_. A Eugenia no Brasil: esboço histórico e bibliográfico. In: *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, vol. I, 1929, pp. 45-62.

\_\_\_\_\_. O Nosso Boletim. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, vol. 01, nº 01, jan. 1929, p. 01.

\_\_\_\_\_. Kleine Nachrichten. *Boletim de Eugenia*, Rio de Janeiro, vol. 01, nº 01, jan 1929, p. 4.

\_\_\_\_\_. Discurso na Associação Brasileira de Farmacêutico. *Revista Mundo Novo*. Rio de Janeiro, jan. de 1929.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Eugenia. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, vol. 1, nº 02, fev. 1929, p. 01-02.

\_\_\_\_\_. Pelo aperfeiçoamento da nacionalidade. Rio de Janeiro: *Boletim de Eugenia*, v.1, nº 5, mai. 1929, pp. 01-02.

\_\_\_\_\_. Campanha da Raça. *Jornal A Pátria*. Rio de Janeiro, 12 jun. 1929.

\_\_\_\_\_. Hereditariedade e inteligência. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, vol. I, nº 6-7, jun-jul. 1929, p. 8.

\_\_\_\_\_. Eugenia e Eugenismo. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano 1, nº 8, ago 1929, p. 01.

\_\_\_\_\_. Educação e Eugenia. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano 1, nº 9, set 1929, pp. 01-02.

\_\_\_\_\_. Limitação da Natalidade. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano I, nº. 12, dez 1929.

\_\_\_\_\_. Galton: sábio construtor. *Jornal Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 07 fev. 1930.

\_\_\_\_\_. Aparas Médicas: os homens no ano 2030. *Jornal Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 09 ago 1930.

\_\_\_\_\_. Aparas Médicas: criminalidade como destino. *Correio da Manhã*. 19 ago 1930.

\_\_\_\_\_. Crescei e multiplicai-vos. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano II, nº 18, jun 1930, pp. 01-02.

\_\_\_\_\_. Tal pai, tal filho. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano III, nº 26, fev. 1931, pp.2-4.

\_\_\_\_\_. Uma nova entidade científica que aparece - A Comissão Central Brasileira de Eugenia. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano III, nº 27, mar 1931, pp. 01-02.

\_\_\_\_\_. Porque se fundou a C.C.B.E.. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano III, nº 27, mar 1931, p. 02.

\_\_\_\_\_. Brazilian Central Committee for the study and propaganda of eugenics. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano III, nº 28, abr. 1931, pp. 05-06.

\_\_\_\_\_. Pelas Gerações Futuras: Esboço de um programa avançado de eugenia nacional. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 21 abr. 1932.

\_\_\_\_\_. *Sexo e Civilização* - aparas eugênicas. Rio de Janeiro: Editora Livraria Francisco Alves, 1933.

\_\_\_\_\_. *Posse do novo acadêmico* - Academia Nacional de Medicina. Rio de Janeiro: Tipografia América, 1933.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas de Monteiro Lobato* - 1º série, literatura geral. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957 [1914].

LOBATO, Monteiro. O problema vital. In: \_\_\_\_\_. *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1964 [1918].

LUNDBORG, Herman. Cruzamentos de raças. *Boletim de Eugenia*, Rio de Janeiro, ano III, nº 34, out. 1931, pp. 1-3.

MAGALHÃES, Alfredo Ferreira. *Pró Eugenismo*. Bahia: Editora Tipografia de São Francisco, 1913.

MAGALHÃES, Bernardo de. Eugenia: seus fins – fatores disgênicos à combater. In: *Annaes de Eugenia* (Sociedade Eugênica de São Paulo). São Paulo: Editora da Revista do Brasil, 1919.

MEIRA, Rubião. Fatores de degeneração de nossa raça: meios de combatê-los. In: *Annaes de Eugenia* (Sociedade Eugênica de São Paulo). São Paulo: Editora da Revista do Brasil, 1919, pp. 49-64.

MENDES, Alcides. Um Benfeitor da Humanidade. *Gazeta de Notícias*. Fortaleza, jan. 1929.

MJOEN, John Alfred. Cruzamento de Raças. *Boletim de eugenia*, Rio de Janeiro, ano III, nº 32, ago. 1931, pp. 1-6.

MOREIRA, Juliano. A seleção individual de immigranes no programa da hygiene mental. *Archivos Brasileiros de Higiene Mental*, Rio de Janeiro, ano I, nº 1, mar. 1925, pp. 109-115.



MOURA, Olegário de. Saneamento-Eugenia-Civilização. In: *Annaes de Eugenia* (Sociedade Eugênica de São Paulo). São Paulo: Editora da Revista do Brasil, 1919, pp. 80-92.

\_\_\_\_\_. Discurso de inauguração da Sociedade Eugênica de São Paulo. In: *Annaes de Eugenia* (Sociedade Eugênica de São Paulo). São Paulo: Editora da Revista do Brasil, 1919, pp. 07-12.

MUCKERMAN, Hermann. Eugenia e Catolicismo. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano I, nº 4, abr. 1929, pp. 2-3.

NORTE, João do (Gustavo Barroso). Lições de Eugenia. *Jornal A Ordem*. Rio de Janeiro, 04 ago. 1929.

PACHECO E SILVA, A. C. Imigração e Criminalidade. *Archivos Brasileiro de Higiene Mental*. Rio de Janeiro, ano I, nº 2, dez. 1925, pp. 27-35.

PEIXOTO, Afrânio. As doenças evitáveis. *Revista Brazil-Médico*. Rio de Janeiro. 05 jan. 1924. Ano XXXVIII, vol. I, nº 1, p. 3-5.

PENNA, Belisário; NEIVA, Arthur. Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 30, pp 74-224, 1916 [1912].

PENNA, Belisario. *Saneamento do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora dos Tribunais, 1918.

\_\_\_\_\_. *Exército e Saneamento*. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunaes. 1920.

\_\_\_\_\_. A Luta contra o alcoolismo. *Revista Brazil-Médico*. Rio de Janeiro, ano XXXVI, vol. 11, out. 1922, p. 212-214.

\_\_\_\_\_. Eugenia e Eugenismo. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, out. 1929, ano I, nº 10, p. 3-4.

PINHEIRO, Xavier. A Fada Hygia. *Jornal O Malho*. Rio de Janeiro, 13 dez. 1924.

RIBEIRO, João. Questiuículas. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano I, nº 2, fev. 1929.

\_\_\_\_\_. Resenha da obra Lições de Eugenia de Renato Kehl. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 17 jul. 1929.

ROCHA, Franco da. Alcoolismo e Loucura. *Revista do Brasil*. São Paulo, vol. 8, nº 32, ago. 1918, p. 495-96.

ROQUETTE-PINTO, Edgar. *Seixos rolados – estudos brasileiros*. Rio de Janeiro. Editora Mendonça, Machado e Co., 1927.

\_\_\_\_\_. Notas sobre os tipos antropológicos do Brasil. In: *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, 1929, pp. 119-147.

\_\_\_\_\_. Discurso de abertura do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. In: *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, 1929, pp. 07-12.

ROXO, Henrique. Higiene Mental. *Archivos Brasileiro de Higiene Mental*. Rio de Janeiro, ano 1, n°. 2, dez. 1925, pp. 01-09.

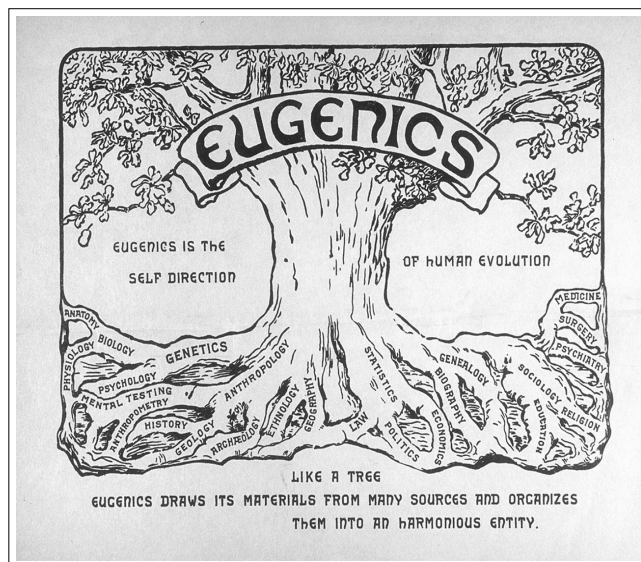
SOUZA, João Prudêncio de. *Syphilis e Eugenia*. Tese de medicina, Faculdade de Medicina da Bahia. Bahia, 1923.

TEPEDINO, Alexandre. *Eugenia*. Rio de Janeiro. Tese de Medicina, Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1914.

TORRES, Alberto. *O problema Nacional: introdução a um programa de organização nacional*. São Paulo: Editora Nacional, 1982 [1913].

**ANEXOS**  
**(ICONOGRAFIA)**

ICONOGRAFIAS



A árvore da eugenia. Criada pela *Eugenics Record Office*, de Nova York, esta imagem foi amplamente utilizada pelos eugenistas para expressar a posição que a eugenia almejava ocupar entre os diversos conhecimentos científicos. Apresentada durante o Segundo Congresso Internacional de Eugenia, realizado em 1921, nos Estados Unidos, a figura tornou-se símbolo do movimento eugênico mundial.

Fonte: DAD-COC.